

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA SOCIAL

MATHEUS DE MESQUITA E PONTES

**LUIZ CARLOS PRESTES E OLGA BENARIO: CONSTRUÇÕES
IDENTITÁRIAS ATRAVÉS DA HISTÓRIA E DA LITERATURA**

UBERLÂNDIA (MG)
2008

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA SOCIAL

MATHEUS DE MESQUITA E PONTES

**LUIZ CARLOS PRESTES E OLGA BENARIO: CONSTRUÇÕES
IDENTITÁRIAS ATRAVÉS DA HISTÓRIA E DA LITERATURA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História, Mestrado em História Social, do Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre.

Área de concentração: História Social.

Linha de pesquisa: Política e Imaginário

Orientadora: Prof. Dra. Jacy Alves de Seixas

UBERLÂNDIA (MG)

2008

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

P814L Pontes, Matheus de Mesquita e, 1982-
Luiz Carlos Prestes e Olga Benario: construções
identitárias através da história e da literatura / Matheus de
Mesquita e Pontes.
Uberlândia, 2008.
167 f.

Orientador: Jacy Alves de Seixas.
Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Uberlândia,
Programa de Pós-Graduação em História.
Inclui bibliografia.

1. História social - Teses. 2. Prestes, Luiz Carlos, 1898-199
Crítica e interpretação - Teses. 3. Prestes, Olga Benario, 190
1942 -
Crítica e interpretação - Teses. I. Seixas, Jacy Alves.
Universidade
Federal de Uberlândia. Programa de Pós-Graduação
História.
III. Título.

CDU: 930.2:316

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA SOCIAL

MATHEUS DE MESQUITA E PONTES

**LUIZ CARLOS PRESTES E OLGA BENARIO: CONSTRUÇÕES
IDENTITÁRIAS ATRAVÉS DA HISTÓRIA E DA LITERATURA**

BANCA EXAMINADORA

Dr^a. Jacy Alves de Seixas (Orientadora)

Dr^a. Virgínia Célia Camilotti - Unimep

Dr^a. Regma Maria dos Santos - UFG

*Aos meus pais, Maria de Jesus Mesquita
e Heleno de Paula Pontes. Os grandes
incentivadores.*

AGRADECIMENTOS

À Dr^a. Jacy Alves de Seixas pelas orientações e pela abertura de novas perspectivas interpretativas na História.

Ao corpo docente da Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Uberlândia pelo engajamento em garantir a qualidade do ensino e da pesquisa. Em especial, quero agradecer aos docentes da linha de pesquisa Política e Imaginário, Dr^a. Cristina S. R. Lopreato, Dr. Guilherme Amaral Luz, Dr. João Marcos Alem e Dr^a. Karla A. Martins Bessa, por contribuírem com esse trabalho através de suas disciplinas ministradas durante o curso.

Aos membros do Núcleo de Estudos e Pesquisas em História Política (NEPHISPO) da UFU que me abriram novas perspectivas de estudo.

À professora, Dr^a. Joana L. Muylaert de Araújo pelas contribuições dadas na qualificação desta dissertação e pelo conhecimento oferecido no transcorrer da disciplina cursada no Mestrado de Teoria Literária.

À professora Dr^a. Virgínia Célia Camilotti por aceitar o convite e desafio de participar da banca de defesa.

À professora e amiga Dr^a. Regma Maria dos Santos, pelo incentivo, orientação e atenção dada nestes últimos seis anos.

Aos professores de História da Universidade Federal de Goiás Campus Catalão, em especial aos docentes, Dr. Getúlio Nascentes e Dr. Valdeci Rezende Borges pela indicação e empréstimo de bibliografias.

Aos colegas de pós-graduação, em especial aos amigos(as) Radamés Vieira Nunes, Leonardo Oliveira e a Ms. Riciele Pombo pela troca de idéias e aflições.

Ao grande amigo, Ms. Marcelo Venâncio, companheiro de primeira ordem em diversos momentos.

Aos colegas que me acolheram em Uberlândia em 2006, os futuros engenheiros Vinicius Pinto e Ezequiel Lima.

À Gisele Alves grande incentivadora no início da minha vida acadêmica e revisora do texto de qualificação.

À Ibrantina Maria (Branca) pela revisão do texto final.

Aos companheiros de militância de Uberlândia e Triângulo Mineiro, do Partido Socialismo e Liberdade (PSOL), da Coordenação Nacional de Lutas (CONLUTAS), da Associação de Pós-Graduandos (APG/UFU), do Diretório Central dos Estudantes

(DCE/UFU) e do movimento de luta pela terra (MTL-DI e MPRA), com os quais compartilhamos diversas lutas, derrotas e vitórias nesses anos de 2006 a 2008.

Agradecimento especial à Agnes Aparecida dos Santos, por ter me ajudado, incentivado e me acompanhado na maioria das angústias, tristezas e alegrias vividas nesses últimos dois anos. Também agradeço a atenção e carinho de sua mãe e avó.

Aos grandes amigos e colegas de Catalão pela preocupação e atenção dada nesses últimos anos, em especial ao amigo/compadre Lucas José de Melo que sempre esteve presente.

Ao meu grande irmão Samuel Pontes, que me deu assistência em diversos momentos cruciais.

Aos meus familiares, em especial ao meu tio João Pontes, pelo grande incentivo dado nesses anos de curso em Uberlândia.

O Cavaleiro da Esperança
Taiquara (MPB-1999)

Quem só espera não alcança
Mas quem não sabe esperar
erra demais, feito criança
Cai. E até se entrega ou trai.
E cansa de lutar

O Cavaleiro da Esperança
faz a hora acontecer
Faz punho armado
Faz punjança
Mas combate pela paz
pro povo não morrer

Pois Ogum Guerreiro não morre
prestes a encontrar
uma estrela d'alva para nos guiar

É soldado alerta. É São Jorge
prestes a enfrentar
o dragão do mal
que quer nos matar

**Luiz Carlos Prestes – O Cavaleiro da
Esperança**

Acadêmicos do Grande Rio (Samba Enredo -
1998)

Desperta, nasceu
Cem anos nos pampas, que herança!
Coração Vermelho a palpitar
Cavaleiro da Esperança
Luiz do proletário carleando a Nação
Enfrentou adversários
Fez do Verbo o seu canhão
Sonhos de P de coragem
Cheio de C de paixão

Pelas trilhas destas terras, destas terras
Explosão de arte e guerra, não se encerra
Igualdade em seu pensar (bis)
Bolívia, Rússia, China um exílio que ensina
Proporciona um novo lar

Fruto de sua batalha
Fez-se a tropicália
E no Senado ascender
E a Coluna vai embora
Prestes soube e fez a hora
Esperar é perceber...
Hoje de cara pintada
Grande Rio irmanada, com imenso prazer
Tocantins se manifesta, a hora é essa
Prestes a acontecer

Ah! eu tô maluco, amor!
Ah! quero reformas já (bis)
Ah! quero paz e amar
Sou Caxias, vou marchar

O CAVALEIRO DA ESPERANÇA

Banda Subversivos (Rock-2004)

O cavaleiro da esperança,
o povo guarda o seu lugar,
um militante espartano,
Prestes a retornar!

Um comunista indomável,
contra um fascismo servil,
líder rebelde em 35,
Prestes a salvar o Brasil!

DE NORTE A SUL, DE LESTE A OESTE!
O POVO TODO GRITA: LUÍS CARLOS PRESTES!

Insurgindo a sua Coluna,
e a Aliança a avançar!
Sua justa guerra no Senado,
Prestes a triunfar!

O velho líder é convicto,
e sua luta há de vencer!
Vê a justeza da sua causa,
Prestes a florescer!

Quando as balas viram rosas,
de ternura nos fuzis,
onde as rugas se afastam,
em um Prestes a ressurgir!

O Velho não partiu.
A sua espada a brilhar
nas mãos de seus camaradas,
Prestes a sempre lutar!

RESUMO

Falar das imagens construídas de Luiz Carlos Prestes e Olga Benario, esse é o objetivo primordial dessa pesquisa. As biografias *O Cavaleiro da Esperança: a vida de Luiz Carlos Prestes*, escrita por Jorge Amado, e *Olga*, escrita por Fernando Morais, são as principais fontes que, aliadas a outros livros literários de Amado e a diversos documentos, completam a lista de fontes usadas nessa pesquisa. Estruturado em seis partes, incluindo as considerações iniciais e finais, o texto dissertativo aborda quatro temáticas. A primeira abordagem reflete sobre as imagens representativas de Prestes e Olga na contemporaneidade, o olhar da denominada esquerda brasileira e da filha do casal e historiadora, Anita Leocadia Prestes, além de situar e analisar as diversas interpretações historiográficas sobre os personagens. A segunda, terceira e quarta abordagens se voltam especificamente às representações realizadas através das biografias citadas. A segunda aborda o panorama dos biógrafos, situando as obras estudadas como marcos na vida literária dos mesmos e a importância política dada aos textos devido à conjuntura vivida na época de suas produções; posteriormente, abordam-se as fronteiras entre História e Literatura, considerando as especificidades do gênero biográfico e a sua reivindicação de narrativa verídica que, no caso dos escritores abordados, expressa um projeto de poder. A terceira temática se volta à análise das memórias, interpretando como as subjetividades/afetividades são postas de forma racionalizada na escrita das biografias. Por último, adentramos no debate da identidade, observando que tanto Amado como Morais detêm semelhanças com literatos e intérpretes da identidade nacional brasileira e, posteriormente, analisando as elaborações nostálgicas dos biografados, com o intuito de estimular o leitor a (re)elaborar a imagem ou características identitárias do povo brasileiro.

Palavras chaves: História, Literatura, Memória e Identidade.

ABSTRACT

To talk about the constructed images of Luiz Carlos Prestes and Olga Benario is the main reason of this research. The biographies *O Cavaleiro da Esperança: a vida de Luiz Carlos Prestes*, written by Jorge Amado and Olga, written by Fernando Morais are the main sources that joined by other literary works from Amado and several documents complete the sources for this research. Organized in six parts including the initial and final considerations the whole text is composed by four themes. The first part reflects the representative images about Prestes and Olga in the contemporary age seen by the named 'Brazilian left' and by the couple's daughter Anita Leocadia Prestes. Besides it includes and analyses the several historical interpretations already concluded about the characters. The second, third and fourth approach refer specially to the representations done through the biographies already mentioned. The second approach reflects at first the biographers' outlook having the analyzed works as important marks in the literary life of the writers. Furthermore, the political relevance credited to the texts due to the historical moment of their productions is also studied. Afterwards the limits between history and literature are mentioned checking the details of the biographic gender and its claiming of true narrative that in the case of the approached writers is the expression of a power project. The third theme turns into analyze about memories understanding how the subjective reasons / affectivities are streamlined at the biographies written. Finally we debate identity observing at first place that Amado and Morais hold common similarities within the literary writers and interpreters of the Brazilian national identity and afterwards analyzing the nostalgic elaborations of the characters viewing stimulate the readers to (re)elaborate the image of the identity characteristics of the Brazilian people.

Key words: History, Literature, Memory and Identity.

SUMÁRIO

CONSIDERAÇÕES INICIAIS: Caminhos tomados pelo historiador.....	12
Capítulo I - LUIZ CARLOS PRESTES E OLGA BENARIO: imagens e imaginário (na contemporaneidade e na historiografia).....	19
1.1. Representações da esquerda brasileira	20
1.2. Representações alimentadas por Anita Leocadia Prestes	24
1.3. A historiografia e a elaboração das imagens de Prestes e Olga: fatos e contextos.....	29
1.3.1. A Primeira Guerra Mundial e a Revolução Russa.....	29
1.3.2. O pós-guerra: o prestígio e poder do Partido Comunista a <i>serviço</i> da Revolução mundial.....	33
1.3.3. A luta dos comunistas brasileiros contra o movimento anarquista e a tática da construção da <i>Frente Ampla</i>	37
1.3.4. A construção do prestígio de Prestes: do Movimento Tenentista ao Partido Comunista.....	39
1.3.5. A ascensão do movimento fascista e a formação das Frentes Populares: Olga Benario entra em cena.....	51
Capítulo II - ENTRE A HISTÓRIA E A LITERATURA: caminhos e estratégias de Jorge Amado e Fernando Moraes.....	65
2.1. Caminhos de Jorge Amado: da Literatura engajada à Literatura militante de partido.....	66
2.2. Caminhos de Fernando Moraes: um jornalista literato que reivindica o socialismo.....	80
2.3. A verdade e a imaginação: na História e na Literatura.....	85
2.4. A representação retórica: a verdade que constrói e busca o poder.....	92
Capítulo III - MEMÓRIA E SENTIMENTOS: seus usos na produção biográfica.....	97
3.1. Razão voluntária e imaginação afetiva: a construção das imagens de Luiz Carlos Prestes e Olga Benario em seus livros biográficos.....	99
3.2. Humilhação e ressentimentos: memória afetiva a serviço da construção de um projeto de poder.....	107

Capítulo IV - PRESTES E OLGA: modelo identitário para o povo brasileiro.....	114
4.1. Sentimentos em comum: Jorge Amado, Fernando Morais e os intérpretes da identidade nacional.....	114
4.1.1. A Literatura e sua contribuição inicial para a identidade nacional.....	115
4.1.2. Tristeza, miséria, exploração e repressão: olhares sobre a elaboração da identidade brasileira.....	122
4.1.3. Elaboraões e disputas por uma identidade: o Brasil é o país do futuro.....	126
4.2. A identidade revolucionária: as nostálgicas imagens de Prestes e Olga.....	133
4.2.1. Acreditar e amar: Olga e Prestes.....	133
4.2.2. As origens do biografado.....	135
4.2.3. Momentos de provação revolucionária.....	139
4.2.4. O proletariado, o Partido Comunista e a construção da moral revolucionária.....	142
4.2.5. Os traidores.....	147
4.2.6. O inimigo.....	150
4.2.7. Diferenças entre os gêneros na moral do Partido operário.....	153
4.2.8. A fracassada insurreição, o sofrimento e o futuro promissor.....	155
 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	 158
 FONTES.....	 160
 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	 161
 REFERÊNCIAS ELETRÔNICAS.....	 167

CONSIDERAÇÕES INICIAIS: Caminhos tomados pelo historiador.

“Para essa geração, sobretudo os que, embora jovens, viveram os anos de levante, a revolução foi o acontecimento de suas vidas; os dias de capitalismo estavam inevitavelmente contados”¹.
(Eric Hobsbawm. *Era dos Extremos*, 2000).

“Desde a minha tenra idade, foi-me mostrado o exemplo de meus pais, dois comunistas que passaram por indescritíveis sofrimentos em nome de uma causa maior, a causa da emancipação da humanidade”.
(Anita Leocadia Prestes. *Olga: minha mãe*, 1995).

O exemplo dos meus pais me levou a sentir *atração pela esquerda*. Funcionários públicos e com certa idade, eles resolveram cursar o ensino superior. Assim, sempre os ouvia falar em greve e mobilizações da juventude universitária. Com apenas dez anos, lembro-me, acompanhei meu pai nas manifestações do “Fora Collor”, carregando um cartaz desenhado pela minha mãe.

“Rebelde”, desde o princípio da adolescência, me neguei a continuar os estudos no colégio privado no qual me alfabetizei. Por implicância, passei meu último ano do Ensino Fundamental sem trocar uma palavra com colegas de sala. Cursando o ensino médio na rede pública, realizei dois cursos em colégios distintos: o de contabilidade e o colegial. E, foi nessa mudança desejada que descobri a militância, o movimento estudantil e os partidos de esquerda. Uma dinâmica de vida que me fascinou.

E, é sob essa atração que senti a necessidade de ter um exemplo que norteasse a minha vida política. Em uma das conversas com meu pai me foi apresentado Luiz Carlos Prestes, “o grande líder das esquerdas brasileiras” e, por coincidência, no mesmo período de lançamento do filme documentário *O Velho: a história de Luís Carlos Prestes*. Foi paixão à primeira vista, encontrei a “imagem perfeita”, bastava apenas me apropriar e seguir o exemplo.

¹ Eric Hobsbawm, ao se referir a Olga Benario e demais jovens que dedicaram suas vidas à causa revolucionária.

O *imaginário distorcido* de que todo historiador é de esquerda e a vontade de conhecer mais a vida de Prestes e o período em que ele viveu me fizeram optar por ser um historiador, isto é, cursar o ensino superior em História. A partir da ingenuidade de um jovem militante, fiz uma opção de vida que se tornou prazerosa.

Em 2004, o filme de Jayme Monjardim, *Olga*, me acendeu um novo desejo, agora acadêmico: ler as duas biografias (de Prestes e de Olga) e tentar realizar pesquisas no campo transdisciplinar entre a História e a Literatura. Uma parte desse propósito se concretizou em um texto monográfico no final do curso de Especialização em História do Brasil e, o outro, é essa pesquisa, apresentada nesse texto dissertativo.

O próprio ofício de historiador e as decisões políticas que fui tomando ao longo dos anos desmistificaram a imagem exemplar que eu tinha de Prestes e de parte significativa da esquerda brasileira. Mas, duas heranças de Prestes ficaram neste historiador: o exemplo persistente de lutar por dias melhores e o desejo inflamado de pesquisar e conhecer cada vez mais as imagens, as identidades e a história do próprio Prestes, as crenças dos militantes de esquerda e de suas organizações.

* * *

A primeira metade do século XX foi um período que abalou as estruturas do mundo. Nele, construíram-se, refizeram-se e reafirmaram-se identidades e imaginários. Nas disputas pelos espaços de poder, emergiu um “novo” homem, sobre a velha, mas repensada, economia de mercado. As duas grandes guerras bélicas, aliadas ao sonho frustrado de uma nova experiência de poder através dos *soviets*, sufocado, em grande parte, por uma burocracia parasitária, geraram em parte significativas dos homens, um sentimento de derrota que indicava a inexistência de alternativas.

Apesar do atual esforço de construção de uma *vida líquida* na economia neoliberal do século XXI, que nos convida a entrar na nuvem negra do esquecimento para que possamos “viver felizes” nas múltiplas relações sociais “possíveis”, a (re)afirmação dos engajamentos, humilhações e (re)sentimentos reivindica espaços de perfis sólidos e constrói, de forma racionalizada ou não, o dever e o direito de preservação da memória e das identidades. É um contraponto, uma disputa que não segue a trama de um roteiro já concluso. Uma resistência que abre campo para repensar e construir um novo modelo de sociedade.

É nesse complexo contexto histórico que se encontram nosso objeto de estudo e o sentido desta pesquisa, pois as imagens de Prestes e Olga surgem em período de intensas disputas, como exemplos a serem glorificados e seguidos pelos partidários de seus ideais. Mas, posteriormente aos anos de guerra, o lembrar, o esquecer e a reconstrução das imagens desses personagens sofreram mutações que se seguem até os dias atuais.

Os diversos olhares sobre Luiz Carlos Prestes e Olga Benário constituem a intenção dissertativa deste estudo. Olhares estes voltados, majoritariamente, para o campo das racionalidades e afetividades/sentimentos, sendo a Literatura o subsídio prioritário para o desenvolvimento da análise a que esta pesquisa se propõe. Dois romances são aqui tomados como fontes principais: *O Cavaleiro da Esperança: a vida de Luiz Carlos Prestes*, de Jorge Amado, escrito no princípio dos anos de 1940, e *Olga*, de Fernando Morais, escrito no começo dos anos de 1980.

Além dos livros supracitados, outros livros de Jorge Amado serão explorados para fundamentar as análises propostas: *Cacau*, *Suor*, *Jubiabá*, *ABC de Castro Alves*, *Seara Vermelha*, *Os Subterrâneos da Liberdade* e *Farda Fardão Camisola de Dormir: fábula para acender uma esperança*². Apesar de a maioria desses livros não tratarem ou citarem Prestes e Olga, eles tecem uma reflexão em torno do período histórico, do projeto de poder e da identidade dos grupos sociais em que estão inseridos Prestes e Olga: os comunistas com seu partido, o PCB, a III Internacional Comunista e, conseqüentemente, seus organismos de massa. Far-se-á também o uso de diversas entrevistas de Prestes, sejam estas impressas em livros, revistas ou filmadas em documentários e manifestos.

No desenrolar da presente pesquisa, Jorge Amado será mais evocado do que o escritor Fernando Morais, em virtude, principalmente, do envolvimento do primeiro com o movimento comunista do período estudado.

Não será estabelecido um recorte temporal rígido para a análise proposta. Porém, o período 1917 a 1945 será tratado com maior ênfase, visto que os literatos abordam Olga e Prestes, especificamente, nesse espaço de tempo.

Excetuando-se a literatura proposta, percebe-se uma grande diferença nas possibilidades de opção documental para compreender os personagens selecionados. Sobre a vida de Olga, são poucos os documentos e aqueles encontrados fornecem informações pouco densas e análises superficiais, restringindo-se a relatar sua militância na juventude comunista, sua formação militar, sua relação afetiva com a filha e Prestes e, principalmente, o sofrimento

² AMADO, Jorge. **Farda, Fardão e Camisola de Dormir**: fábula para acender uma esperança. Rio de Janeiro: Editora Record, 1979.

em campo de concentração nazista³. Por outro lado, a respeito de Prestes, a gama de documentos e pesquisas é mais ampla. Da participação no movimento tenentista, no princípio da década de 1920, até a campanha à eleição presidencial de 1989 conferem a Prestes quase setenta anos de envolvimento com a política brasileira enquanto *quadro* partidário/dirigente, diferentemente de Olga, que morreu bastante jovem e é apontada, em vários momentos da história, somente como “a mulher de Prestes”.

A dissertação se desenvolve em quatro eixos/capítulos: I - as imagens de Prestes e Olga construídas na contemporaneidade e pela historiografia; II - a relação entre História e Literatura; III - a questão dos usos da memória; e, por último a (re)formulação das identidades (IV).

As imagens de Prestes e Olga na contemporaneidade são enfocadas em dois ângulos: pelas agremiações e organizações denominadas de esquerda existentes no Brasil e pela historiadora e única filha do casal, Dra. Anita Leocádia Prestes. Posteriormente, ainda no primeiro capítulo, apontamos para uma narrativa de *fundo comum* que constrói as imagens destes personagens na historiografia brasileira.

A relação entre os gêneros literário e histórico será desenvolvida em quatro momentos específicos. Primeiramente, a análise de aspectos da figura do literato Amado e, a seguir, Fernando Morais. Esse esforço inicial é uma tentativa de compreender a ligação do autor com o teor de suas obras, isto é, analisar o período da escrita, as relações e visões de mundo dos literatos com a sociedade e as mensagens centrais dos textos ao leitor. Posteriormente, o debate sobre os campos da História e da Literatura entra em cena: existe uma fronteira entre os gêneros? As produções de Amado e de Morais, identificadas como obras biográficas, devem ter um tratamento especial em suas abordagens?

As respostas ou reflexões sobre estes temas devem ser consideradas para a compreensão da questão relativa à *verdade* e ao *poder*. Tanto Amado como Morais reivindicam a veracidade histórica para as tramas narradas sobre seus personagens, como também para o momento histórico abordado. Engajados e bem situados em relação as elaborações construídas pelos seus grupos sociais na época da escrita de seus livros, os literatos se colocam à disposição da luta pelo(s) poder(es), diretamente ou de forma subliminar, tendo no discurso da verdade histórica uma das principais armas de convencimento do leitor para sua(s) causa(s).

³ Percebe-se que após o lançamento do livro de Fernando Morais, *Olga*, houve um aumento de biografias, artigos e ensaios sobre a personagem.

As elaborações da *memória* e, conseqüentemente, do *esquecimento* constituem o terceiro eixo deste trabalho. Para construir suas narrativas, os literatos partem do uso deliberado da memória, mas não das lembranças de seus biografados, pois nenhum dos dois escritores teve contato anterior com os mesmos, apenas com terceiros, tais como familiares, militantes e com suas próprias memórias⁴.

Este terceiro eixo será dividido em três partes. A primeira destinar-se-á ao debate sobre os percursos da memória e do esquecimento, o caráter voluntário e racionalizado "versus" as lembranças involuntárias atreladas à espontaneidade afetiva. Para isso, Maurice Halbwachs, Friedrich Nietzsche, Michel Proust e Henri Bergson, através das interpretações e formulações feitas por Jacy Alves Seixas, serão nossas matrizes teóricas.

As interpretações possíveis do surgimento da memória são apresentadas inicialmente como uma polarização. No entanto, a análise da utilização da memória pela Literatura e a conseqüente produção de efeito no leitor levam à defesa da idéia de que os usos que são feitos da memória se entrecruzam, voluntária ou involuntariamente. O esquecimento será tratado de forma semelhante, apesar de o texto apontar que parte significativa das estratégias de (des)construção forçadas (humilhação, repressão etc.) provocam efeito contrário, (re)afirmando ou (re)elaborando as lembranças com uma carga de rancor. Nesta primeira parte, objetiva-se construir olhares, sustentados em contribuições teóricas, que possam elucidar as estratégias adotadas pelos literatos na construção de suas narrativas e na apresentação de seus biografados perante o público leitor.

Num momento posterior, objetiva-se compreender as memórias afetivas baseadas no sentimento de rancor, retomando os conceitos de *humilhação* e *ressentimento*, (re)elaborados por Pierre Ansart, bem como o conceito de *ódio social*, discutido por Cornelius Castoriadis. O relato dos sofrimentos e humilhações de que eram vítimas as figuras de Prestes, Olga e demais comunistas da Era Vargas, constitui, por parte dos literatos, a intenção em conclamar os leitores a nutrir ressentimento(s) e ódio social pelos repressores. Assim, além de buscar as construções biográficas de seus personagens, Morais e Amado tentam definir conceitos de certo e errado, de bem e mal, delimitando, assim, o perfil dos grupos sociais e de indivíduos existentes nas tramas.

No último capítulo, abordo a questão da(s) identidade(s), exposta em duas partes. A primeira parte é voltada à análise de diversos intérpretes nacionais de matizes diversas: Joaquim Nabuco, Oliveira Vianna, Paulo Prado, Caio Prado Júnior, Gilberto Freyre

⁴ Neste último caso, principalmente Amado.

etc. Por ser um quantitativo significativo de autores a serem trabalhados, haverá a tentativa de compreender suas teses em comum sobre o Brasil e observar como Amado e Moraes absorvem esses paradigmas em suas análises⁵.

Tais teses teriam dois *fundos em comum*. A primeira, a de um povo brasileiro sofredor, devido às matrizes identitárias sustentadas na colonização, na escravidão e na repressão e que deixam suas seqüelas maléficas nos dias atuais: a tristeza, a exploração, a ditadura, a tortura etc. A segunda é que o Brasil é o país do futuro, uma terra que possui o legado do amanhã promissor.

A seguir, discuto a escrita de Amado e Moraes referente às propostas de construção identitária. Os biografados são apresentados como exemplos dignos de serem seguidos pelos leitores. Em contrapartida, também são apresentados os sujeitos denominados de *traidores e inimigos*, postos como antíteses às imagens *nostálgicas* dos biografados.

Esta dissertação discute, ainda, a fidelidade dos biografados à ética do proletariado e de seu Partido revolucionário, as questões distintivas entre os gêneros, as origens e provações revolucionárias de Prestes e Olga, que lhes concedem *honrosamente* as imagens de exemplos *dignos* a serem seguidos pela militância e pelo povo brasileiro.

Uma nova ética e uma concepção de mundo. Reflexões estas constantes nos livros de Jorge Amado e Fernando Moraes. Apesar de o Brasil estar decadente e abalado por regimes ditatoriais, o sonho da democracia, da liberdade de expressão e da transformação do país em uma nação progressista, constituem as esperanças dos literatos, expressas nas lutas e sofrimentos de Prestes e Olga.

Tem-se uma proposta dissertativa ampla e aparentemente fragmentada. Mas, é por esse viés que se afirma o objetivo da pesquisa em analisar os possíveis olhares sobre Luiz Carlos Prestes e Olga Benário. A vida de ambos, interpretada pela Literatura, aliando-se à formulação das memórias e identidades, abre um leque múltiplo de interpretações. Esta pesquisa se reveste de um tom especial devido à relação estreita entre a Política e o campo das afetividades, dando margem para (re)pensarmos e, conseqüentemente, (re)escrevermos a História.

⁵ Será realizada neste momento do texto a apropriação das idéias de Maria Stella Martins Bresciani, encontradas no livro: *O Charme da Ciência e a Sedução da Objetividade* (2005).

1 - LUIZ CARLOS PRESTES E OLGA BENARIO: imagens e imaginário (na contemporaneidade e na historiografia).

“Desde cedo, aprendi com a vida de meus pais, com o exemplo de minha avó e, em especial, com o martírio de Olga, que vale a pena lutar por um mundo melhor, mais belo e mais justo, que vale a pena ter esperança num futuro melhor para toda humanidade”. (Anita Leocádia Prestes. *Olga: minha mãe*, 1995).

“O herói, o revolucionário, o patriota, o comunista convicto são silenciados, para se criar a imagem de um Prestes inofensivo para os dominadores e exploradores de hoje”. (Anita Leocádia Prestes. *Luiz Carlos Prestes: patriota, revolucionário, comunista*, 2006).

As construções das imagens de Prestes e de Olga não seguem caminhos simultâneos nos dias atuais. Não existe dependência construtiva de um personagem em relação ao outro, apesar de que, a princípio, Olga indentifique-se apenas com a imagem de “mulher de Prestes”; representação que a narrativa de Jorge Amado, em *O Cavaleiro da Esperança*, ajudou a construir.

Mas um dia, numa cidade da Europa, ele viu uma moça alemã. E compreendeu que a sua esposa chegara, aquela que seria dona do seu coração, mãe de seus filhos, que velaria por ele, em cujo ombro ele repousaria do seu cansaço, junto a quem ele trabalharia pelo Brasil, recebendo dela o calor de sua solidariedade de esposa meiga e compreensiva⁶.

A partir do livro biográfico escrito por Fernando Morais, *Olga*⁷, a biografada ganha uma imagem independente que foge ao reducionismo de ser apenas a “mulher de Prestes”. A partir do lançamento do filme homônimo de Jayme Monjardim, que se

⁶ AMADO, Jorge. *O Cavaleiro da Esperança: a vida de Luiz Carlos Prestes*. Rio de Janeiro: Record, 1987, p. 240.

⁷ MORAIS, Fernando. *Olga*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

baseia no livro de Moraes, Olga passa a ter uma imagem de referência superior a Prestes, no que se refere aos imaginários coletivos.

As comemorações, em 2005, dos sessenta anos do fim da Segunda Guerra Mundial, o ressurgimento de movimentos de cunho nacional-xenófobos e o constante apelo para que sejam (re)lembrados as atrocidades cometidas durante a Guerra contra as minorias, principalmente os judeus, fizeram com que as reelaborações das imagens de Olga ganhassem força e chegassem ao conhecimento de sujeitos que antes desconheciam a sua trajetória. Agora, no senso comum, parece que a imagem de Prestes fica à margem, tendo tornado-se ele apenas “o marido de Olga Benario”. Prestes que durante sua intensa e longa vida política foi referência aos militantes da esquerda, hoje vive no limbo do esquecimento e do desprezo político de diversas organizações brasileiras que reivindicam o marxismo e o socialismo.

1.1. Representações da esquerda brasileira.

O “Cavaleiro da Esperança” morreu em março de 1990, aos noventa e dois anos de idade, filiado no Partido Democrático Trabalhista (PDT), agremiação que reivindica o “Trabalhismo Varguista”. Prestes, num primeiro momento, foi posto como Presidente de Honra desta organização.

O seu funeral foi “digno de herói”, com a presença de milhares de militantes e simpatizantes da esquerda, com discursos no momento do sepultamento, como os das principais figuras públicas, denominadas de esquerda, que disputaram as eleições presidenciais de 1989: o líder do Partido dos Trabalhadores (PT) e atual Presidente da República, Luis Inácio Lula da Silva, e do próprio presidente do PDT, Leonel Brizola, que disse que Prestes sempre lutou pela unificação das esquerdas mantendo sua coerência com os interesses nacionais e populares⁸.

Um ano antes de sua morte, em 1989, Prestes atuou ativamente nas eleições para Presidente da República participando de comícios e de outros atos públicos. A princípio, no primeiro turno, pediu votos para Brizola, posteriormente, no segundo turno, passou a ser cabo eleitoral de Lula contra o candidato Fernando Collor, eleito no pleito. Até esse momento, a imagem de Prestes ainda era usada como referência da esquerda brasileira, que a

⁸ Brizola durante o sepultamento de Prestes afirmou em seu discurso que “a unidade das esquerdas é importante não apenas para preservar o espaço dos progressistas, mas é essencial, sobretudo, para assegurar ao povo brasileiro a construção de uma alternativa política” (*Cadernos do Terceiro Mundo* n° 129, ano XII, 1990, p. 53).

credenciava assim, a continuar as lutas e tradições do movimento revolucionário ou de perfil progressista no país.

Hoje, nenhum partido político institucionalizado no Brasil reivindica a imagem de Prestes como exemplo a ser seguido pela sua militância. O título que ele detinha, de “Presidente de Honra” do PDT, foi-lhe “tomado” após a morte de Leonel Brizola, que ficou com o posto. Ao visitar o endereço virtual da agremiação trabalhista⁹, percebe-se que o nome de Prestes é deixado de lado, pois no quadro/link destinado a *cultuar* a personalidade de suas principais figuras públicas, denominado “Nossos Líderes”, existem referências à Getúlio Vargas, posto como “patriarca” da agremiação e do trabalhismo no Brasil, à Leonel Brizola, o grande líder do Partido, e às figuras do ex-presidente João Goulart e do intelectual Darcy Ribeiro, mas não há nenhuma referência ao “Cavaleiro da Esperança”¹⁰.

Caminho semelhante foi trilhado pelo Partido Popular Socialista (PPS), o ex-Partido Comunista Brasileiro (PCB), que alterou o nome e o programa do Partido, em 1992. O atual PPS não nega que sua origem é o PCB, mas deixa claro o seu distanciamento programático com o “velho” PCB e suas “idéias superadas”, defendendo assim, um “novo” projeto de esquerda no Brasil e no mundo:

A renovação interna que o Partido vinha discutindo ganha uma dinâmica maior com a queda do Muro de Berlim e a derrocada do “socialismo real” no leste europeu [...] rompendo com as concepções dogmáticas e superadas pela realidade¹¹.

A imagem de Prestes, como a dos demais militantes que não aceitavam as alterações dentro do Partido, significava para a nova direção do PPS, uma corrente/setor conservador, que não compreendia a conjuntura atual e as “idéias renovadoras” das forças progressistas existentes no Brasil¹². Na prática, Prestes já havia rompido com a direção do PCB há mais de uma década, através de um texto dirigido à militância, denominado, *Carta aos Comunistas*, em que acusa a falta de postura revolucionária e a passividade política existente na direção do PCB. Segue-se abaixo um trecho da carta:

[...] a orientação política do PCB está superada e não corresponde à realidade do movimento operário e popular do momento que hoje atravessamos. Estamos atrasados no que diz respeito à análise da realidade brasileira e não

⁹ <http://www.pdt.org.br>

¹⁰ Cf. <http://pdt12.localweb.com.br/paginasmenu.asp?id=8>. Acesso em dezembro de 2007.

¹¹ Cf. http://www.pps.org.br/2005/index.asp?opcao=partido&inc_partido=historia&portl=. Acesso em dezembro de 2007.

¹² Idem.

temos respostas para os novos e complexos problemas que nos são apresentados pela própria vida, o que vem sendo refletido na passividade, falta de iniciativa e, inclusive, ausência dos comunistas a vida política nacional hoje.

[...]

É necessário lutar por um outro tipo de direção, inteiramente diferente da atual, com gente nova, com comunistas que efetivamente possuam as qualidades morais indispensáveis aos dirigentes de um partido revolucionário¹³.

Prestes, apesar do seu afastamento do PCB e posterior filiação ao PDT, defendia a reorganização do Partido Comunista como principal agente da vanguarda revolucionária no seio da classe trabalhadora, agremiação essa, que “deve ter como tarefa principal educar as massas operárias, elevar seu nível de consciência”¹⁴.

Apesar de oficialmente o PCB ter se tornado PPS, no princípio da década de 1990, o grupo derrotado reorganiza o partido, mantendo a nomenclatura de Partido Comunista Brasileiro e os ditos princípios de cunho marxista-leninista. Apesar das diversas críticas às posturas políticas de Prestes, ao longo de sua vida, o “novo” PCB não se desvincula da imagem do “Cavaleiro da Esperança” e sua importância histórica de luta no movimento comunista brasileiro. Porém, sua imagem não é mais cultuada como o grande líder político e muito menos posta como marco de referência à militância.

Atualmente, no Brasil, apenas um agrupamento reivindica a imagem de Prestes, como principal referência política a ser seguida pela sua militância: a Corrente Comunista Luiz Carlos Prestes (CCLCP), que possui a maioria de seus militantes na Região sul do país, mas sem possuir uma inserção significativa nos movimentos sociais.

Desde novembro de 2005, a CCLCP, o PCB e um outro agrupamento denominado “Refundação Comunista”, constituíram o “Fórum de Unidade dos Comunistas”, no intuito de construir ações conjuntas e estimular uma possível fusão entre as três agremiações. Para as organizações supracitadas, o debate entre elas, Fórum de Unidade, é de fundamental importância, “diante da necessidade histórica de buscar soluções para a crise social do nosso tempo [...], um instrumento para avançar na direção da construção da unidade de ação dos comunistas em nosso país”¹⁵. Para isso, os comunistas alegam a necessidade de

¹³ PRESTES, Luiz Carlos. Carta aos Comunistas. In: BOGO, Ademar (org.). **Teoria da Organização Política**. São Paulo: Expressão Popular. vol. II 2006, pp.87-91.

¹⁴ **Prestes o Futuro do Socialismo**: a última entrevista. Boa Vista, Manaus: Cadernos do Terceiro Mundo n° 129, ano XII, 1990, p. 51.

¹⁵ **Jornal do Fórum de Unidade dos Comunistas**. Rio de Janeiro, janeiro de 2006, p. 01.

reavaliar as concepções e os *erros históricos* cometidos pelos comunistas, além de resgatar a identidade marxista-leninista do movimento.

Ao final do jornal, que expressa o manifesto/programa e resoluções do Fórum de Unidade dos Comunistas, encontram-se a foto de Prestes, ao lado das fotos do Presidente da Venezuela, Hugo Chaves, do Chefe de Estado de Cuba, Fidel Castro e do revolucionário Ernesto Che Guevara¹⁶. Isso significa, que o Fórum e suas organizações vêem Prestes como um “líder do povo brasileiro” e/ou um revolucionário, cuja imagem é referência para unificação do movimento.

Para compreender a rejeição e o esquecimento gradativo de Prestes no campo das organizações de esquerda, é preciso analisar suas posturas ao longo de sua vida, principalmente as atitudes do final de sua vida.

Nenhum partido institucionalizado no Brasil, que afirma ter o marxismo como política norteadora, reivindica as posturas tomadas por Stálin ou as ações de Gorbachev - a *glasnost* e *perestroika*. Prestes, ao contrário, sempre foi um árduo defensor da União Soviética e dos respectivos líderes políticos que estiveram à frente daquele país. Até o XX Congresso do PCUSS (Partido Comunista da URSS), em 1956, Prestes e o PCB foram defensores de Stálin. Essa postura se alterou após a denúncia de seus diversos crimes políticos. Mesmo negando o *stalinismo*, Prestes, ao final de sua vida, considerava que Stálin foi um “dirigente de prestígio” e que seu problema esteve na “concepção dialética que era sectária, extremista, que via o socialismo como negação absoluta do período capitalista, quando não é isto”¹⁷.

Diante de tal situação polêmica, o “Cavaleiro da Esperança” fazia questão de não citar os milhares de assassinatos, os campos de concentração na URSS e os diversos erros políticos cometidos por Stálin que parte significativa da esquerda brasileira e mundial repudiava.

Por outro lado, Prestes reivindicava as linhas reformistas de Gorbachev, julgando-as como prática dialética e leninista, pois, para ele, “o socialismo prevê o aproveitamento de uma parte do capitalismo, a parte boa do capitalismo”, além de afirmar que “só agora, com Gorbachev, se retoma aquela política de Lênin”¹⁸. Prestes, novamente não se sintoniza com o repúdio da maioria da esquerda brasileira aos projetos de Gorbachev. Além disso, ele não percebe, ou finge não perceber, os sinais da derrocada do “socialismo real” na

¹⁶ Idem, p. 04.

¹⁷ **Prestes o Futuro do Socialismo**: a última entrevista. Boa Vista, Manaus: Cadernos do Terceiro Mundo n° 129, ano XII, 1990, p. 48.

¹⁸ Idem, pp. 48-49.

União Soviética e nos países do Leste Europeu. Segundo ele, “não há perigo de um retorno ao capitalismo, pois todos aqueles países querem seguir adiante na construção do socialismo, corrigindo os erros e resolvendo os problemas de acordo com suas respectivas realidades objetivas”¹⁹.

Além das polêmicas, Prestes se colocava como um crítico ferrenho dos denominados partidos de esquerda no Brasil. Em sua última entrevista, concedida dias antes do seu falecimento, ele não poupou as denúncias, atacou várias agremiações e alguns líderes partidários, inclusive as do próprio partido a que ele era filiado, o PDT.

Disse que Brizola tinha perfil de caudilho e que não se preocupava com a organização do PDT, por “medo do partido passar por cima dele”; afirmou que o PCB - posteriormente PPS - estava longe das massas e que ninguém conhecia o seu presidente. Alegou que João Amazonas, dirigente do Partido Comunista do Brasil (PCdoB), era “um cabeça parada”, educado pelo sectarismo do PCB dos anos de 1951-52 e, por último, disse que o PT abrigava uma ala de “inimigos do marxismo”, que eram os trotsquistas da Convergência Socialista²⁰. Nem o movimento sindical foi perdoado. De acordo com ele, as centrais sindicais, em especial a Central Única dos Trabalhadores (CUT), passavam meses sem qualquer luta para melhorar o padrão de vida dos trabalhadores, além de não incentivarem os operários a se filiarem nos sindicatos²¹.

A recusa da esquerda contemporânea à imagem de Prestes, não explica, por si só, o esquecimento que vem se erguendo em torno deste personagem lendário. As conseqüências políticas e sócio-afetivas da queda do Muro de Berlim, a falência das ditas experiências socialistas ocorridas no mundo e a reorganização constante do sistema capitalista vêm gerando um sentimento de derrota e de impossibilidade de mudanças. Esse sentimento de incapacidade de transformação revolucionária leva à desconstrução e, conseqüentemente, ao esquecimento das imagens dos personagens identificados como revolucionários, pois seus exemplos de vida não constroem nexos com a realidade e os sentimentos presentes nos indivíduos.

A representação de Olga elaborada pelos partidos de esquerda no Brasil não muda muito em relação à forma de tratamento dada a Prestes, pois sua imagem se liga ao “marido”, ao movimento stalinista - devido a ela ser do quadro profissional da III IC - e aos

¹⁹ Idem, p. 49.

²⁰ Parte da Convergência Socialista foi expulsa do PT e constituiu o Partido Socialista dos Trabalhadores Unificados (PSTU), em 1994, a outra parte saiu posteriormente, em 2003, para ajudar na construção do Partido Socialismo e Liberdade (PSOL). Nenhuma dessas duas agremiações faz referência a Prestes em seus endereços eletrônicos e, não encontramos nenhuma citação em seus materiais impressos mais recentes.

²¹ Idem, p. 50-51.

erros de organização dos levantes armados de 1935. Mas, diferentemente das agremiações partidárias, a imagem de Olga é bastante explorada por outros setores da sociedade, que a vêem como vítima do nazismo, não explorando, prioritariamente, o seu aspecto de militante comunista, mas sua origem judaica.

1.2. Representações alimentadas por Anita Leocadia Prestes.

Anita Leocadia Prestes, filha única do relacionamento de Prestes e Olga, se tornou uma das maiores pesquisadoras e divulgadoras da vida de seus pais. Anita, a princípio, formou-se em Química e conseguiu o título de Mestre em Química Orgânica. Posteriormente, com a repressão dos militares ela se exilou, juntamente com o seu pai e sua nova família, na antiga URSS. Em Moscou, conseguiu o título de Doutora em Economia. Com o processo de anistia aos perseguidos políticos no Regime Militar, Anita retorna ao Brasil e inicia pesquisa referente à Coluna Prestes²², que lhe dará o título de Doutora em História pela Universidade Federal Fluminense (UFF).

A partir da opção de se tornar historiadora, Anita passa a ser docente da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), tornando-se pesquisadora e principal guardiã da(s) memória(s) do pai e da mãe. Com o pai ainda vivo, a historiadora possuía uma fonte rica para suas pesquisas, que se situam, prioritariamente, entre a formação da Coluna Prestes e o final da Segunda Guerra Mundial (1920-1945).

Autora e organizadora de diversos livros, artigos e ensaios, sobre a biografia ou trajetória dos seus pais, Anita sempre foi uma defensora de uma imagem sensível e revolucionária de Prestes e Olga. Para não *comprometer* seu trabalho como historiadora e seu *compromisso com a verdade*, raramente ela cita em suas narrativas seu vínculo de filha, mantendo, assim, uma aparente distância afetiva de seus personagens/pais objetos.

Às vésperas das comemorações dos cinquenta anos do fim da Segunda Guerra Mundial, em 1995, Anita, juntamente com outros pesquisadores, organizou o livro *Não olhe nos olhos do inimigo*²³, que reivindica o dever de memória às vítimas do movimento fascista no mundo, em especial, daqueles que morreram pelas mãos do nazismo alemão. Tendo como referências as personalidades de Olga Benario e Anne Frank, o livro citado perpassa pelas dificuldades em se defender a imagem das vítimas do holocausto, alegando que

²² PRESTES, Anita Leocádia. **A Coluna Prestes**. São Paulo: Paz e Terra, 1997.

²³ PRESTES, Anita Leocadia (et al). **Não Olhe nos Olhos do Inimigo**. São Paulo: Paz e Terra, 1995.

a ordem capitalista contemporânea prefere apaziguar e esquecer os ressentimentos oriundos do passado em detrimento de uma nova ordem.

Além da defesa do dever da memória, o livro busca realizar a revisão das imagens das vítimas do fascismo ao demonstrar indivíduos esperançosos e dispostos a resistir. Nesse movimento, a imagem de Olga é enfatizada de forma especial, na tentativa de afirmar sua autonomia perante a figura de Prestes. Na prática, esse movimento de afirmação já havia sido iniciado com Fernando Morais, uma década antes. Seguindo esse contexto, um dos capítulos do referido livro é o roteiro do filme *Olga*, escrito por Rita de Cássia Buzzar e baseado no livro homônimo de Morais, que era para ser gravado e dirigido, a princípio, pelo cineasta Sérgio Toledo. Essa iniciativa não se concretizou devido à falta de recursos. Somente em 2004, quase uma década depois, é que o roteiro de Buzzar tornou-se um filme nas mãos da “Globo Filmes”, através do cineasta e diretor Jayme Monjardim.

Em *Não olhe nos olhos do inimigo* encontra-se um dos poucos textos em que Anita se coloca como filha de Olga e Prestes. O próprio nome do capítulo demonstra essa linha: “Olga Benario Prestes, minha mãe”. Em sua escrita, a autora (re)afirma que a imagem de perseguida política existente em sua mãe era superior à questão anti-semita: “Minha mãe foi deportada para a Alemanha nazista porque era comunista. A condição de judia constituiu apenas um agravante em sua situação”²⁴. Tudo isso tem o intuito de supervalorizar a atuação política da mãe. Além disso, Anita afirma que o exemplo dos pais, em especial a mãe, foi fundamental para sua construção moral identitária e sua compreensão de mundo enquanto historiadora.

Desde a mais tenra idade, foi-me mostrado o exemplo de meus pais - dois revolucionários comunistas que passaram por indescritíveis sofrimentos em nome de uma causa maior, a causa da emancipação da humanidade [...]

Desde cedo, aprendi com a vida de meus pais, com o exemplo de minha avó e, em especial, com o martírio de Olga, que vale a pena lutar por um mundo melhor, mais belo e mais justo, que vale a pena ter esperança num futuro melhor para toda humanidade. Aprendi que não devemos compactuar com a injustiça, que é necessário lutar contra ela [...] Hoje na qualidade de historiadora que sou, entendo que esses ensinamentos recebidos na infância são verdadeiros: a história da humanidade nos mostra que o progresso é a tendência geral das sociedades humanas, embora se realize através de múltiplos e imprevisíveis retrocessos momentâneos [...] ²⁵.

A identidade reivindicada em sua formação é a utopia almejada pela autora: um futuro promissor que não tarda a chegar. Nesse sentido, é necessário garantir as memórias

²⁴ Idem, p. 16.

²⁵ Idem, p. 14.

dos pais, a imagem de pessoas revolucionárias comprometidas com o futuro da humanidade, *versus/*contra aqueles sujeitos retrógrados que querem frear a “roda progressiva” da humanidade e, conseqüentemente, estimularem o esquecimento ou mudança do perfil da imagem revolucionária de seus pais.

Um mês antes de estrear o filme *Olga*, em julho de 2004, Anita lança artigo defendendo a imagem revolucionária de sua mãe. Escreve: “Olga jamais se entregou ao desespero nem ao conformismo, lutou até o último momento de sua curta vida, infundindo coragem e confiança no futuro em todos aqueles que a rodeavam”²⁶. O artigo, que possui o título “Revolucionária, sem Perder a Ternura” estimula um complemento à imagem de Olga: a de mulher, esposa e mãe sensível, preocupada com os entes próximos e com os rumos indefinidos da humanidade ameaçada pelo avanço fascista. Nesse sentido, Anita expõe trechos das correspondências - ativa e passiva - de Olga, levando o leitor a conhecer a coletânea de cartas de Prestes durante seus anos de prisão, entre 1936 e 1945, reunidas no livro *Anos Tormentosos*²⁷.

Às vésperas do centenário de nascimento de Prestes, em 1998, o cineasta Toni Venturi gravou o documentário: *O Velho: A História de Luiz Carlos Prestes*, que gerou grande polêmica entre Anita e os produtores do filme. Em resposta imediata ao documentário, que ainda não tinha chegado ao público, Anita publicou o artigo: “Uma estratégia da direita: acabar com os “mitos” da esquerda (A propósito do filme documentário “O Velho - A História de Luiz Carlos Prestes”)”²⁸.

Anita alega que, nos dias atuais - pós-guerra fria -, dois mecanismos são usados para destruir a imagem dos “mitos” da esquerda: o silêncio e a deturpação, sendo, que este último argumento é dirigido ao documentário²⁹. A autora afirma que após a morte de Prestes, uma série de calúnias e acusações foram realizadas contra seu pai, dentre elas: a do jurista Saulo Ramos, quanto às supostas prisões de militantes facilitadas por Prestes em 1964; as do jornalista Willian Waack, no livro *Camaradas*, que se referem aos levantes de 1935 e as da pesquisadora, e também jornalista, Eliane Brum, referindo-se a fatos da Coluna na década de 20. Ainda em relação ao filme, a filha se indigna com a imagem construída de seu pai: um homem “puro e ingênuo”, honesto, bom pai de família, amante das flores e cultivador de

²⁶ PRESTES, Anita Leocadia. **Revolucionária sem Perder a Ternura**. In: Nossa História, 2004, pp. 14-21.

²⁷ PRESTES, Anita Leocadia & Prestes, Lygia. (Orgs). **Anos Tormentosos**. Luiz Carlos Prestes: correspondência da prisão (1936-1945). 3 vol. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

²⁸ PRESTES, Anita Leocadia. Uma estratégia da direita: acabar com os “mitos” da esquerda (A propósito do filme documentário “O Velho - A História de Luiz Carlos Prestes”). In: Cultura Vozes. **Imagem, a Arte do Simulacro**. Petrópolis: n° 4. Julho-Agosto, 1997, pp. 50-62.

²⁹ Idem, 53.

roseiras, porém, um militar rígido e sujeito incapaz de compreender as nuances políticas³⁰.

Segundo ela:

Desta forma, é “fabricada” uma imagem “domesticada” ou “pasteurizada” de Luiz Carlos Prestes - a de uma personalidade que merece muito mais compaixão pelos sofrimentos por que passou do que admiração pelo seu heroísmo, pela dedicação sem limites à causa da libertação do seu povo de todo tipo de dominação e exploração, pela firmeza na defesa das convicções revolucionárias assumidas³¹.

O filme teve a contribuição, através de depoimentos e da facilitação ao acesso de documentos, dos outros oito irmãos de Anita e da segunda esposa de Prestes. Além disso, Toni Venturi conseguiu depoimentos de militantes e pesquisadores identificados à esquerda brasileira: Oscar Niemeyer, Ferreira Gullar, Nelson Werneck Sodré, Marly Vianna e Fernando Moraes, que, além de seu depoimento, cedeu imagens de entrevistas dele com Prestes, que, certamente, foram usadas como material para a narrativa de *Olga*, livro que, segundo Anita, comove e imortaliza “Olga Benario Prestes - personagem heróica das esquerdas, tanto no Brasil quanto no cenário mundial”³².

Apesar de sua luta ser quase solitária, Anita possui razão no que tange ao sentimento de derrotismo apresentado no filme, referente à imagem e ideologia defendida por seu pai. No princípio do documentário podemos sentir essa postura: o filme inicia-se com as imagens da Queda do Muro de Berlim e os seguintes dizeres, narrados na voz do ator Paulo José: “Quando se põe abaixo um pedaço da História, não se tem idéia de como tudo começou”. Isso significa, de forma subliminar, que a ideologia defendida por Prestes foi derrotada com a Queda do Muro. O próprio nome do documentário já demonstra essa perspectiva. Nele, o adjetivo dado a Prestes durante sua vida política pública, “O Cavaleiro da Esperança”, foi substituído por um adjetivo que lhe foi atribuído no final de sua vida, e usado apenas por pessoas íntimas, ligadas à vida privada de Prestes, “O Velho”. Isso sugere dizer que a imagem de Prestes e suas idéias foram superadas. Significa coisa “velha”, “arcaica”, que deve ser vista como passado, revista apenas pela historiografia.

A “guerra” pela imagem de Prestes ganha fôlego no ano do centenário de seu nascimento, em 1998, momento em que o documentário vai a público e que a Editora Vozes publica mais dois artigos, sendo um do próprio Prestes - escrito na década de 1970 e

³⁰ Idem, 56.

³¹ Idem, 57.

³² Idem, p. 62.

inédito no Brasil -, contando como ele chegou ao comunismo, e outro retoma à polêmica do documentário *versus* as posições de Anita e partidário da posição da historiadora.

O artigo de Prestes constitui-se dos relatos de sua vida, entre o levante armado dos “18 do Forte de Copacabana” e os preparativos da insurreição armada em 1935. Este artigo foi publicado primeiramente na Revista Internacional, em 1973, na Tchecoslováquia, em comemoração ao 75º aniversário de seu nascimento. O próprio Prestes explicita o objetivo de expressar suas memórias:

Trata-se enfim de uma experiência, que talvez possa ser hoje útil à juventude revolucionária que, como eu então, busca o caminho para participar de maneira ativa e conseqüente na luta pelo progresso social e o futuro feliz de seu povo³³.

O outro artigo editado pela Vozes é do historiador Edgar Leite, docente da Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ), que engrossa o coro contra o documentário de Toni Venturi: “O filme é ruim e inverídico, repugnante mesmo em sua escancarada manipulação e falsificação de fatos”³⁴.

Numa defesa militante da imagem do “Cavaleiro da Esperança”, o autor defende que os possíveis erros políticos existentes na vida de Prestes não são as posições que ele tomou sozinho, mas sustentadas nas avaliações de seu grupo e movimento político. Leite alega que o ataque à imagem do líder comunista deve-se à sua recusa de ser agente conciliador na política brasileira; por assim, ele denuncia o oportunismo de Venturi que aproxima a imagem de Prestes à de Fernando Henrique Cardoso, o então Presidente da República.

A sua última imagem [no documentário] nos mostra Prestes diante de um bolo, tendo ao seu lado o atual presidente, Fernando Henrique Cardoso. Com isso, ele [Venturi] talvez queira dizer que Prestes, identificando-se com o metamorfo pensador neoliberal, no fundo lhe é simpático só o seu suposto primarismo, o seu rancor, a sua imaturidade é que lhe empurraram para a oposição, na qual morreu, segundo o filme, sozinho³⁵.

Para concluir seu texto, Leite afirma que o Brasil ainda vive a “triste infância” da exploração e que, no dia em que as forças transformadoras impulsionarem a

³³ PRESTES, Luiz Carlos. “**Como Cheguei ao Comunismo**”. In: Cultura Vozes. Petrópolis: n° 2. Março-Abril, 1998, p. 139.

³⁴ LEITE, Edgar. **Luiz Carlos Prestes e Nosso Acerto com a História**. In: Cultura Vozes. Petrópolis: n° 2. Março-Abril, 1998, p. 106.

³⁵ Idem, p. 110.

ruptura contra a ordem vigente, a imagem de “Luiz Carlos Prestes ressurgirá como um exemplo revolucionário, como o primeiro a manifestar-se, com toda a sua força, caráter incorruptível e consciência, contra essa realidade”³⁶.

A guerra pela imagem de Prestes não finda no período do centenário de seu nascimento. Em 2006, Anita lança, pela editora Expressão Popular³⁷, a biografia de bolso de seu pai e volta a atacar a *direita*, alegando que a falta de memória histórica do povo brasileiro é culpa das elites.

Num país em que praticamente inexistente uma memória histórica, em que os donos do poder sempre tiveram força suficiente para impedir que essa memória histórica fosse cultivada, presenciamos um esforço sutil, mas constante, desenvolvido através de modernos e possantes meios de comunicação, de dificultar às novas gerações o conhecimento da vida e da luta de homens como Luiz Carlos Prestes, cujo passado pode servir de exemplo para os jovens de hoje³⁸.

O que se pode constatar é que a única filha de Prestes e Olga tomou para si a incumbência de ser defensora da imagem revolucionária dos pais, já que a maioria esmagadora da esquerda brasileira, após a morte de Prestes, preferiu renegar ou combater o exemplo de militância de seu pai, enquanto que Olga nunca nem mesmo chegou a ser cultuada como um exemplo para seus militantes.

1.3. A historiografia e a elaboração das imagens de Prestes e Olga: fatos e contexto.

1.3.1. A Primeira Guerra Mundial e a Revolução Russa.

Para iniciar o estudo sobre a vida dos protagonistas Olga e Prestes, na fase de atuação política de ambos conjuntamente, é necessário tecer um panorama introdutório sobre o período anterior: a Primeira Guerra Mundial e a Revolução Russa, entre os anos de 1915 e 1917.

Ao se iniciar a análise de alguns fatores que impulsionaram a Primeira Guerra, percebe-se que, entre a segunda metade do século XIX e a primeira década do século

³⁶ Idem, p. 111.

³⁷ Anita, ao publicar pela Expressão Popular, recusou a receber os direitos autorais da referida biografia, sob o intuito de facilitar o acesso à memória de seu pai.

³⁸ PRESTES, Anita Leocadia. **Luiz Carlos Prestes**: patriota, revolucionário, comunista. São Paulo: Expressão Popular, 2006, p. 68.

XX, o “velho mundo” e suas principais potências não enfrentavam situação de conflito bélico entre Estados-Nações. Esse período foi nomeado por Eric Hobsbawm como “Era dos Impérios”³⁹, uma época de “paz”, em que as grandes nações capitalistas queriam manter seu sistema, através da expansão e da dominação econômica. Um período em que o avanço da transformação do capital influenciou diretamente as relações humanas, reerguendo novas concepções de mundo.

O desenvolvimento dos meios de comunicação, o avanço da tecnologia dos transportes (o avião e, principalmente, a expansão das malhas férreas), a industrialização voltada à produção de bens de consumo e os novos meios de entretenimento, tais como o rádio e o cinema, foram fatores primordiais para a construção de um novo perfil de homem. As guerras, os nacionalismos, o fascismo, a revolução dos diversos projetos de uma nova sociedade, as novas formas de humilhação humana, os ressentimentos e os novos ódios sociais vividos até meados da metade do século XX possuem raízes nessa época de avanço dos “capitais imperiais”.

Segundo diversos historiadores, principalmente os marxistas economicistas, o período de crescimento acelerado do capital só poderia culminar em uma guerra, para se garantir os interesses particulares de cada potência e se destruir o capital acumulado, a fim *oxigenar* a economia. Mesmo antes de ser deflagrada a Primeira Guerra de perfil mundial, vários Estados já se preparavam militarmente treinando homens e fabricando armas.

Apesar de a maioria dos Estados Nacionais do “velho mundo” terem se encaminhado para a guerra, pode-se deduzir que aquela geração de homens não imaginava os significados de uma guerra de grande proporção travada com as novas tecnologias.

Antes de 1914, as tropas militares atuavam nas invasões territoriais imperialistas e a serviço das repressões internas. A inserção no serviço militar significava a fuga do desemprego, uma carreira e uma estabilidade econômica. Apesar de estar no Brasil, é nesse perfil que se enquadra Luís Carlos Prestes, filho de um ex-militar, cuja família sobrevivia com a pensão deixada pelo póstumo patriarca, logo, a melhor alternativa para o jovem Prestes era ingressar na mesma carreira do pai.

O serviço militar não era obrigatório em muitos países e a nova classe trabalhadora não foi instigada a nutrir o sentimento de patriotismo através das armas na conquista de novos territórios. O número de mortos nesses conflitos era irrisório frente à carnificina gerada pelas duas Grandes Guerras modernas. De acordo com Hobsbawm, morria

³⁹ HOBBSAWM, Eric. **A Era dos Impérios**. São Paulo: Paz e Terra, 2003.

mais gente com epidemias e doenças tropicais do que em combates, fator que levou ao investimento em pesquisa para produção de vacinas com o intuito de evitar gastos e vidas humanas⁴⁰. O risco de morte que se corria em determinadas áreas de trabalho, como nas minas e na construção de ferrovias, era semelhante ou superior ao corrido por homens em combate.

A Primeira Guerra Mundial levou o homem a refletir sobre o significado afetivo da morte e da destruição em massa. Um conflito que gerou, de acordo com várias estimativas, cerca de vinte milhões de vítimas militares, mortos ou feridos, além de um número incalculável de civis que morreram pelos desdobramentos da guerra: miséria, fome, deslocamentos em massa, suicídios etc. Uma guerra que destruiu diversos centros urbanos europeus. Beligerância desgastante por ter sido travada, em sua maior parte, através do modelo de trincheiras.

De um lado, o civil e o medo constante de ver seu lar destruído, sua família e sua vida ameaçada; por outro lado, soldados dentro de suas trincheiras durante semanas ou meses, numa lenta, mas violenta guerra de estratégias. Pode-se deduzir, diante de tal situação, o grau de ressentimento que ficou na sociedade no pós-guerra. Certamente a maioria dos envolvidos no conflito, direta ou indiretamente, perdeu a confiança na humanidade. Possivelmente, o homem virou um ser mais amargo e rancoroso com o seu próximo.

A estratégia/modelo de guerra de trincheiras, posteriormente, foi trazida para os militares brasileiros por intermédio de militares franceses na Escola Militar da Praia Vermelha e do Realengo. É nessa lógica militar que os futuros revoltosos Tenentistas, incluindo Luís Carlos Prestes, serão educados.

Por ironia, ou graças à carga de experiência, será a falida guerra de trincheiras usada pelas forças de repressão contra os Tenentistas, durante as ações do movimento da década de 1920, que dará fôlego aos tenentes para praticarem uma guerra de movimento, também denominada guerra de guerrilha. A ousadia dos Tenentistas, aliada ao carisma e à liderança de Prestes, vai conferir a este último o adjetivo de “O Cavaleiro da Esperança”⁴¹.

No início da Primeira Guerra Mundial, a jovem classe trabalhadora, que estava distante dos sentimentos patrióticos, apesar de sustentar nos ombros o crescimento

⁴⁰ Idem, p. 422.

⁴¹ O modelo de guerra de trincheira no Brasil mostrou sua inoperância frente às táticas construídas pelos Tenentistas durante a Marcha da Coluna Prestes que percorreu entre 25 mil a 30 mil quilômetros pelo interior do Brasil. Percebendo a ineficácia das forças regulares, o Governo Federal e as administrações locais preferiram financiar grupos de jagunços para combater a Coluna. Existem rumores que até o grupo de Lampião recebeu dinheiro do Governo, através de Padre Cícero, para lutar contra Prestes e os revoltosos, apesar de não existir relatos de batalhas entre os mesmos.

econômico dos Estados europeus, foi chamada à guerra. Diversos movimentos surgidos no seu seio (trabalhistas, socialistas, sociais democratas etc.), apesar de antes do início do conflito ser opostos à militarização em curso e à guerra, vacilaram, e, em sua grande maioria, atenderam de primeira ordem ao chamado para as armas e patriotismo⁴².

A Primeira Guerra, além de provocar a falta de esperança no futuro da humanidade, fomentou um dos maiores, senão o maior, evento político do século XX: a Revolução Russa, que serviu como resposta ao desespero. Uma alternativa de poder político, um novo modelo social e econômico, em contraponto às trevas oferecidas pela Guerra e pelo capital. A Revolução Russa, segundo os comunistas da época, “foi feita não para proporcionar liberdade e socialismo à Rússia, mas para trazer a revolução do proletariado mundial”⁴³.

A Rússia czarista, certamente, era o elo mais fraco da Guerra. Mesmo fragilizada desde 1904-05, com a derrota militar para o pequeno Japão e com a fraca representatividade de poder do Czar frente às massas, a Rússia sustentava a posição de um “Império” *pró-industrial liberal-capitalista*, tanto antes quanto durante o desenrolar do conflito.

A Guerra retirou a maquiagem, fomentou o ressentimento que já era presente na sociedade, e levou os bolcheviques, liderados por Lênin, a tomarem o poder num Estado industrialmente atrasado com uma minoria de operários e com uma grande massa de camponeses. Nenhum discípulo de Marx esperava a revolução na Rússia nessas condições, nem os bolcheviques. De acordo com Hobsbawm: “A onda radicalizada de seus seguidores inevitavelmente empurrou os bolcheviques para a tomada do poder”⁴⁴.

A revolução de 1917 retira a Rússia da Guerra. Abala as estruturas do mundo. É a “pá de cal” que leva ao fim a Primeira Guerra. Gera desespero nas elites que temem que o péssimo exemplo se alastre para o resto do mundo. Por outro lado, faz renascer a esperança em outros setores. Nasce o país dos *soviets*, isto é, estruturado em conselhos, mantendo as experiências das identidades construídas pelas comunidades aldeãs russas auto governadas, que, agora, eram entidades políticas que aglutinavam delegados nomeados por assembleias dos meios operário, camponês e de entre soldados⁴⁵. É sob o embalo dos impactos da Revolução Russa que encontraremos a militância de Olga e Prestes anos depois.

⁴² Segundo Trotsky (1989, p. 04), em conferência intitulada *A Revolução Russa*, realizada para estudantes social-democratas em Copenhague (1932), a unidade dos bolcheviques russos com a social democracia se findou quando os mesmos na Alemanha se colocaram a favor dos créditos de guerra. Para o revolucionário russo iniciava ali uma intransigente luta do bolchevismo contra a social democracia.

⁴³ HOBBSAWM, Eric. **Era dos Extremos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005, p. 63.

⁴⁴ Idem, p. 68.

⁴⁵ Os soviets nesse molde já existiam desde a Revolução de 1905.

1.3.2. O pós-guerra: o prestígio e poder do Partido Comunista a *serviço* da Revolução mundial.

O Pacto de Versalhes que, segundo frisa a historiografia, teve o objetivo de punir e culpar a Alemanha como pivô da Guerra, teve outra função política: preparar as hostilidades ao novo governo russo, que inspirava revolucionários por diversos cantos do mundo. Tais influências já haviam assustado os chefes de Estado e as elites nacionais européias com ondas de greves e várias manifestações antiguerra. A revolta social contra a guerra foi declarada com ênfase no Pós-Revolução. Com o findar do conflito bélico, era necessário evitar o alastramento da revolução em escala internacional. O combate era para que o *slogan* “Pão, Paz e Terra”, que serviu de propaganda de agitação bolchevique, não avançasse na simpatia dos povos de uma Europa flagelada pela guerra.

A Literatura, como não podia se eximir, sente os impactos da Primeira Guerra e do contagiante movimento revolucionário. Benoît Denis mostra que o planeta vivia às sombras da falta de perspectivas positivas para a humanidade, sendo que o único “raio de luz” para o mundo era a sociedade dos soviets. O novo modelo atiça as esperanças de vários literatos que querem edificar um novo mundo, preocupados com a vida humana, com os valores éticos e morais, com a justiça e a liberdade, com a organização do Estado e, opondo-se assim, aos poderes constituídos em busca da construção de uma nova ordem⁴⁶.

É a “literatura engajada” desse período que fomentará uma grande politização e radicalidade e se encaminhará, nas próximas décadas, para a “literatura militante”. Muitos literários serão captados e direcionados pela linha política das teses da III IC e suas seções partidárias. É nessa conjuntura que encontraremos Jorge Amado, entre a década de 1930 e o XX Congresso do Partido Comunista Soviético em 1956.

O exemplo revolucionário atravessou o Atlântico, chegou às Américas e, em específico, ao Brasil, onde se concentrava um proletariado jovem sob forte influência do movimento anarquista. Um micro congresso de nove delegados de alguns centros urbanos do país constituiria o PCB (Partido Comunista do Brasil) em março de 1922, mas o reconhecimento da III IC, enquanto uma seção brasileira, só viria dois anos depois.

Sobre isso, ressalta Ítalo Tronca:

⁴⁶ DENIS, Benoît. **Literatura e Engajamento**. Bauru-SP: EDUSC, 2002, p. 17-22.

Não é demais recordar que, desde o início do século até os anos vinte, o anarco-sindicalismo constitui-se na principal corrente doutrinária a influenciar o movimento operário brasileiro. Entretanto, o endurecimento da repressão durante o governo de Artur Bernardes (1922-1926), de um lado, e a hostilidade do recém-fundado PCB, que ostentava a legenda da vitoriosa Revolução Russa de 1917, de outubro, contribuíram para o enfraquecimento da presença anarquista⁴⁷.

Pode-se deduzir que o “alvará de licença” por parte da IC levou certo tempo para ser emitido devido ao grande número de ex-anarquistas que compunham a direção da nova agremiação. O próprio Primeiro Secretário Geral do partido, Astrogildo Pereira, provinha do movimento anarquista. Como diria o estudioso e militante anarquista, o português Edgar Rodrigues, o Partido Comunista do Brasil “nasceu pelas mãos dos anarquistas”⁴⁸.

A partir da situação exposta acima pode-se levantar uma questão: qual é o fator que proporcionou a um pequeno aglomerado de militantes comunistas ter tal poder político de dirigir uma grande massa de indivíduos em diversas partes do mundo? Possivelmente, a resposta esteja no modo de organização dos bolcheviques russos, que, posteriormente, serviu como modelo a ser usado, majoritariamente, pelos partidos comunistas do mundo todo. A organização proposta por Lênin, o centralismo democrático, durante o processo revolucionário, baseado na orientação de uma vanguarda, a qual Hobsbawm vê criticamente como “uma formidável inovação de engenharia social do século XX, comparável à invenção das ordens monásticas cristãs e outras na Idade Média”⁴⁹, é que garante o sucesso inicial dos comunistas.

Não há aqui a pretensão de se afirmar que a proposta organizativa de Lênin para o partido revolucionário foi tomada de forma homogeneizada no Brasil ou em outras partes do mundo. As várias (re)interpretações do significado do termo “centralismo democrático” empolga debates acalorados no seio da esquerda, da Revolução Russa até os dias atuais.

No período estudado, no qual se situa Prestes e Olga, observa-se a plena (re)construção dessa concepção de partido, proposta pelo líder do movimento comunista internacional, Joseph Stálin, que se denominará em várias partes desse texto como uma prática de cunho *stalinista*. Em caráter particularizado, os impactos desse perfil de

⁴⁷ TRONCA, Ítalo. **Revolução de 30: a dominação oculta**. São Paulo: Brasiliense, 1982, p. 16.

⁴⁸ Entrevista de Edgar Rodrigues a Revista Utopia # 5 de Portugal. Cf. <http://www.nodo50.org/insurgentes/textos/brasil/11edgarentrevista.htm>. Acesso em julho de 2007.

⁴⁹ HOBBSAWM, Eric. **Era dos Extremos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005, p. 83.

“centralismo democrático” serão trabalhados no último capítulo desta dissertação, quando serão observados seus efeitos na formação da identidade dos indivíduos que militavam ou simpatizavam com a agremiação partidária.

Vários marxistas, os que rejeitam as práticas “leninistas” de um partido de vanguarda orientado pelo centralismo democrático, aliados aos socialistas, anarquistas, social-democratas etc., vão acusar os bolcheviques de oportunistas por terem usado o prestígio da Revolução Russa para promover uma divisão permanente do movimento trabalhista internacional e por difundirem, a todo custo, seus métodos de partido e tomada de poder para o restante do mundo. O descrédito e a fragmentação da II Internacional, causados pela Primeira Guerra, levaram os prestigiados bolcheviques a criarem a III Internacional, em 1919, sob o intuito de conformar um forte corpo de ativistas em seus partidos de vanguarda, comprometidos e disciplinados, numa espécie de organismo responsável por organizar e implementar a luta global revolucionária, até a vitória final.

Um Partido Comunista, quando reivindicava sua inserção na III IC, tinha que aceitar vinte e um requisitos para ser considerado uma seção da mesma. Dentre estes, o 12º estabelece que:

[...] o Partido Comunista só poderá desempenhar seu papel se estiver organizado de modo mais centralizado possível, se for mantida uma disciplina de ferro, quase militar, e se seu organismo central estiver munido de amplos poderes, exercer uma autoridade inquestionável e contar com a confiança unânime dos militantes⁵⁰.

Todas as decisões congressuais da III IC, assim como aquelas advindas do seu Comitê Executivo, eram deliberações obrigatórias para os partidos filiados - suas seções - e, conseqüentemente, para o conjunto dos sujeitos filiados. Posteriormente, após a metade da década de 1920, percebe-se um maior radicalismo na centralização, além da construção da mitificação em torno das figuras centrais do movimento, principalmente, de Stálin, o “legítimo herdeiro de Marx e Lênin”.

A busca pela centralização também acontecia no campo sindical. Em julho de 1921, no 3º Congresso da Internacional Comunista, foi aprovada uma resolução voltada à atuação da Internacional Sindical Vermelha, com a seguinte intitulação: *A Internacional Comunista e a Internacional Sindical Vermelha: a luta contra a Internacional Amarela de Amsterdã*. Este documento tinha o objetivo de travar um combate contra os ditos sindicatos

⁵⁰ **Los Cuatro Primeros Congressos de la Internacional Comunista**. Primeira Parte. Córdoba, Cuadernos de Pasado y Presente, Siglo XXI, 1973, p. 43.

“neutros” e “apolíticos”, que seguiam orientação da II Internacional, de cunho ideológico social-democrata. Outro objetivo da citada resolução era centralizar os sindicatos “vermelhos”. Segundo o movimento comunista, os sindicatos “amarelos” se negavam a ter uma posição conjunta à dos Partidos Comunistas operários, sendo, dessa maneira, indiferentes à luta política e, não contribuindo, portanto, para a luta de classes e, conseqüentemente, com a libertação da classe trabalhadora da opressão capitalista.

Por isso, em tom de denúncia, o documento da III IC aponta que:

Quando começou a carnificina imperialista [Primeira Guerra Mundial], os antigos chefes sindicais foram obrigados a tirar a máscara da neutralidade e caminhar ao lado da “sua” burguesia.

Durante a guerra imperialista todos os social-democratas e sindicalistas, que tinham passado anos a pregar a indiferença política, colocaram esses sindicatos a serviço da mais sangrenta e mais vil política dos partidos burgueses⁵¹.

Nesse contexto, os sindicatos verdadeiramente revolucionários, de acordo com os comunistas, deveriam organizar a luta das massas trabalhadoras contra o capital, tendo em vista a revolução proletária. Para alcançar êxito, seria necessário que os sindicatos andassem de mãos dadas com o partido, isso é, o Partido Comunista de seu país, seção da III IC. A este respeito, discute-se que:

[...] os sindicatos devem sustentar sua vanguarda, o Partido Comunista, que dirige a luta proletária em todas as suas etapas. Para isso, os comunistas e os elementos simpatizantes devem constituir no interior dos sindicatos grupos comunistas inteiramente subordinados ao Partido Comunista em seu conjunto⁵².

Num primeiro momento, a III IC afirmava que não possuía a intenção de centralizar diretamente os sindicatos, tendo em vista a autonomia destes sindicatos frente ao Partido. A relação, sindicato e partido, que, no início, seria de confiança, somente passaria a ter caráter de junção com a atividade orgânica dos militantes partidários no seio do sindicato.

Apenas por um trabalho contínuo, firme e devotado dos núcleos comunistas no seio dos sindicatos é que o Partido pode chegar a criar um estado de

⁵¹ **A Internacional Comunista e a Internacional Sindical Vermelha:** a luta contra a Internacional Amarela de Amsterdã. Cadernos de Formação Marxista nº 3, Brasil Debates Editora, 2006, p. 02-3. Disponível em: Cf. <http://www.marxists.org/portugues/tematica/1921/07/3-cong-3-internacional/int-sindical-vermelha.htm>. Acesso em julho de 2006.

⁵² Idem. p, 06.

coisas tal que os sindicatos seguirão voluntariamente, com prazer, os conselhos do partido⁵³.

Apesar da dita autonomia dos sindicatos, a luta contra o capitalismo e a construção da revolução está, por todos os caminhos, associada à ligação orgânica entre os Partidos Comunistas e os sindicatos, com estes subordinados àqueles. Na interpretação dos comunistas, a unidade de ação entre ambos é condição preliminar para a vitória.

1.3.3. A luta dos comunistas brasileiros contra o movimento anarquista e a tática da construção da *Frente Ampla*.

Seja na Europa, contra os “amarelos” sociais democratas, ou no Brasil, na disputa com o movimento anarquista, a afirmação de que somente a vanguarda comunista seria capaz de conduzir os trabalhadores ao poder sempre foi peça-chave, para desgastantes e violentos debates no interior do movimento operário. Mas, a estratégia dos comunistas não findava com a condição categórica de únicos agentes capazes de conduzir a revolução. O chamado para a construção da *unidade* com as demais forças do movimento e com setores ditos “pequeno-burgueses” serviu para aumentar o grau das desconfianças e desavenças.

No caso brasileiro, o PCB, em seus materiais impressos, principalmente de 1924 a 1927, não fazia questão de esconder suas diferenças com os anarquistas, atacando-os e taxando-os de meros “dissidentes políticos”, “inimigos dos trabalhadores”, uma doutrina que só possui impacto em países atrasados economicamente, como o Brasil, Espanha e Portugal etc. Apesar das mais diferentes acusações aos anarquistas, o PCB mantinha a linha política da III IC: por um lado, auto proclamava-se enquanto a única vanguarda revolucionária capaz de realizar a tomada do poder e, por outro, chamava as outras correntes para compor uma *frente única* na luta contra o capital e sua burguesia.

Segundo Ítalo Tronca, a grande preocupação do PCB consistia no enfraquecimento das corporações profissionais que, devido à ação dos mecanismos de produção capitalista, ocasionavam a fragmentação do trabalho em diversas frentes de serviço e dificultavam a organização dos trabalhadores na busca de seus interesses coletivos⁵⁴.

Nesse caso, a forma de organização do anarquismo, baseada na espontaneidade, na descentralização das decisões sindicais e na autogestão organizativa dos

⁵³ Idem. p, 07.

⁵⁴ TRONCA, Ítalo. **Revolução de 1930**: a dominação oculta. São Paulo: Brasiliense, 1982, p. 20.

trabalhadores, de nada contribuía na evolução da luta de classes e só poderia estar a serviço do patronato. Como mecanismo estratégico para “desmascarar” os anarquistas frente aos trabalhadores, apresenta-se a necessidade de compor uma *frente única*, sendo que esta voltava-se exclusivamente para um “terreno neutro”: a luta econômica dos trabalhadores por melhores condições de vida. Evidentemente, os anarquistas se negaram a participar da tal frente única, por considerá-la uma armadilha política dos comunistas.

Por volta do final da década de 1920, os comunistas já eram corrente majoritária no movimento operário brasileiro, porém a política de construção da frente única não acabou. Os anarquistas foram deixados de lado, já não era preocupação primordial. O interesse do Partido Comunista era envolver os movimentos de perfil *pequeno-burguês* e, em especial, os Tenentes, na construção da frente única.

A tentativa de aliança com setores não proletários se fundamentava nas interpretações de Lênin sobre a Revolução Russa, que deveriam ser consideradas na possível construção revolucionária no Brasil. Enxergavam-se semelhanças entre a Rússia czarista e o Brasil dirigido pela elite cafeeira paulista. Ambos os países eram atrasados industrialmente, possuíam uma pequena classe operária e suas economias eram agrárias, não rompendo, por completo, os seus traços feudais. Frente àquela situação, os comunistas acreditavam que era necessária uma revolução *democrático-burguesa* que desenvolvesse as condições econômicas no Brasil para que, posteriormente, o proletariado, através de sua vanguarda revolucionária, cumprisse sua missão histórica: levar a revolução rumo à consolidação de uma nação socialista.

Nesse período, a frente única caracterizava-se pela inserção nos espaços de disputa parlamentar. Com a vitória sobre os anarquistas, os comunistas, cujo partido encontrava-se na clandestinidade devido ao fechamento promovido pelo governo de Washington Luiz (1927-28), convergem suas forças para a construção do Bloco Operário e Camponês (BOC), objetivando substituir a agremiação nas atividades públicas.

Por assim, as reivindicações do PCB e, conseqüentemente, do BOC, reafirmavam os propósitos da revolução democrático-burguesa: garantia de direitos sociais aos operários e reformas modernizadoras na estrutura do Estado e do sistema eleitoral. Tais medidas estariam voltadas à construção de propostas que representassem o proletariado no parlamento burguês.

Para os comunistas era o momento da aliança entre o BOC, o Partido Democrático e os militares revoltosos do movimento Tenentista, para combater o arcaico Partido Republicano Paulista (PRP), representante do latifúndio e agente da manutenção

daquele modelo de estrutura estatal feudal existente no Brasil. Já a emergente burguesia industrial brasileira não poderia ser chamada a colaborar em tal tarefa em conjunto com as demais organizações, pois os comunistas pensavam que esta classe burguesa deveria ser combatida, dada sua debilidade e indiferença quanto ao processo de industrialização do país, além do fato de ser ligada, economicamente, ao imperialismo norte-americano e francês, bem como ao latifúndio brasileiro.

Edgar De Decca, que analisa as táticas do BOC e dos comunistas, faz, sobre o assunto, o seguinte comentário:

[...] de revolução democrático-burguesa, a industrialização transforma-se na questão estratégica, uma vez que apenas com a constituição do mercado interior do capitalismo pela destruição das “velhas super-estruturas” pode o capital se transformar numa potência social pelo livre desenvolvimento das forças produtivas⁵⁵.

Nesse sentido, as formulações do BOC, propunham uma *revolução evolutiva*, que impulsionasse o desenvolvimento de um mercado interior para o capitalismo. Um processo de industrialização e de desenvolvimento do capital que excluísse a limitada burguesia industrial.

A fim de avançar em suas estratégias, tanto o BOC quanto o PCB aceitavam com “bons olhos” a simpatia do povo pelos Tenentistas, já que estes, em sua grande marcha pelo interior brasileiro, cumpriam as tarefas revolucionárias de denunciar a situação agrária no país e lutar contra o feudalismo. A isso, acrescenta-se o fato de os comunistas enfatizarem a liderança de Luiz Carlos Prestes e contribuírem, desde o início, para a formação de sua imagem mitológica.

1.3.4. A construção do prestígio de Prestes: do Movimento Tenentista ao Partido Comunista.

O despreparo do exército brasileiro, voltado unicamente para uma guerra de trincheira, foi o primeiro fator a contribuir para a formação do mito de Luiz Carlos Prestes. A historiadora e filha de Prestes e Olga Benario vai (re)afirmar:

Quando Luiz Carlos Prestes, à frente da Coluna que mais tarde tomou seu nome, inaugurou uma nova tática - a “guerra de movimento” -, até então desconhecida por militares brasileiros, os generais a serviço do governo

⁵⁵ DE DECCA, Edgar. 1930. **O Silêncio dos Vencidos**. São Paulo: Brasiliense, 1981, p. 119.

ficaram perplexos, desnorteados e sem saber agir. Seus conhecimentos de arte militar não lhe permitiam defrontar com êxito as novas formas das investidas rebeldes, de suas manobras e emboscadas. Apesar de sua superioridade em armamento, efetivos militares e apoio logístico, as forças da “lealdade”, não conseguiam derrotar a Coluna Prestes, que partiria invicta para o exílio⁵⁶.

Mas o que levou os Tenentes a se revoltarem contra o governo brasileiro? Por que os Tenentes tinham respaldo popular? Existem dois fatores cruciais: um econômico, ligado ao fim do conflito da Primeira Guerra e outro interno, ligado aos desgastes do alicerce da dita “República Velha”.

O primeiro fator está ligado à posição do Brasil na economia mundial enquanto uma nação agro-exportadora de produtos primários para os países centrais, isto é, para o “velho mundo”. Com o fim da Primeira Guerra, os “esforços/necessidade” de reerguer uma Europa destruída fazem com que ocorram oscilações dos preços e da demanda de produtos. Os EUA, não atingido pelos impactos materiais frente ao conflito bélico, se torna, conseqüentemente, a maior potência econômica do mundo. Financiam, através de seus bancos, parte significativa da reconstrução da Europa e, em relação ao Brasil, no final da década de 1910 e princípio dos anos 20, absorve cerca de 40% das exportações. Mas, logo em seguida, ocorre um período de recessão na economia norte-americana e, também, na inglesa, outra grande compradora de produtos brasileiros. O principal produto brasileiro a sofrer com os reflexos da economia mundial foi o café, que, paradoxalmente, batia recordes de produção. O estopim desta situação serão os impactos da quebra da Bolsa de Nova Iorque, em 1929, o que culminará na Revolução de 1930, no Brasil.

A queda do preço do café, em meados dos anos 1920, gera dissidência no seio da elite brasileira. O poderoso PRP desestrutura-se e surge o Partido Democrático. A “política dos governadores”, instaurada desde o final do século XIX, que atendia aos interesses das oligarquias regionais, começa a se tornar frágil. A alternância de poder entre São Paulo e Minas Gerais, a denominada “política do café com leite”, já não possuía mais tanto vigor. Por outro lado, percebe-se o aumento do desemprego e da miséria, as angústias de uma classe operária a exigir mais direitos sociais e melhores condições de vida e uma emergente classe média a reivindicar mais participação política nos rumos da vida pública do Brasil⁵⁷. Todos esses casos configuram o agravamento da crise estrutural e moral que solapava os alicerces da “Velha República”.

⁵⁶ PRESTES, Anita Leocádia. **A Coluna Prestes**. São Paulo: Brasiliense, 1990, p. 84.

⁵⁷ Pode-se situar os Tenentes como parte integrante desse setor na sociedade.

Anita Prestes, com o objetivo de valorizar as ações do movimento Tenentista, afirma que, dentre todos os movimentos e setores oposicionistas existentes no Brasil, somente os militares - os jovens oficiais / tenentes - apresentavam condições de enfrentar as oligarquias que estavam no poder. Para a autora, o movimento operário, embora tenha crescido, ainda comportava, numericamente, um setor muito restrito da população e a repressão ao movimento impedia seu fortalecimento político perante as massas. As oligarquias dissidentes não queriam se comprometer com uma possível radicalização do movimento. A nascente burguesia industrial possuía interesses próprios e capitulava ante as posições políticas da oligarquia no poder.

Em contrapartida, a população rural, a maior parte da população brasileira, estava sob o domínio da política coronelística implementada pelas oligarquias, de forma que o sujeito era totalmente dependente do chefe político local. Sendo assim, só sobravam as classes médias urbanas, que, segundo a historiadora, era o setor mais sensível às influências do clima revolucionário do momento, à vanguarda oposicionista, isto é, aos Tenentes.

Anita Prestes vai além: afirma que os Tenentes substituíram os inexistentes partidos de oposição ao governo, pois não é possível negar-se que as mobilizações realizadas por estes compõem o processo de lutas de classe nesse país; apesar dos tenentes serem uma corporação militar pertencente ao Estado nacional e possuindo interesses próprios, os militares em sua maioria, eram oriundos de setores paupérrimos da sociedade, mantendo assim, um estreito contato com as populações civis e com a vida nacional / política da época⁵⁸.

As teses da aludida historiadora, como se percebe, assemelham-se às estratégias esboçadas pelo BOC. Os comunistas acreditavam que os Tenentes haviam cumprido seu papel de vanguarda no campo, durante a Marcha, jogando as sementes da “revolução agrária”. Logo, os militares seriam para as massas urbanas o exemplo a ser seguido na busca por reformas nas estruturas do Estado⁵⁹.

Para entender o engajamento dos Tenentes, faz-se necessário lembrar o caráter golpista das Forças Armadas Brasileiras. A República foi fundada num golpe impulsionado pelos militares. Não era assegurada aos civis a condição de agentes na ação armada. Os militares se intitulavam os guardiões de uma moral frente ao Estado e à sociedade, cabendo a eles a “missão técnica” de depor ou constituir um novo governo que se enquadrasse aos padrões desejáveis.

⁵⁸ PRESTES, Anita Leocádia. **A Coluna Prestes**. São Paulo: Brasiliense, 1990, p. 71,72,73.

⁵⁹ TRONCA, Ítalo. **Revolução de 1930: a dominação oculta**. São Paulo: Brasiliense, 1982, p. 66.

Na prática, os Tenentes comungavam da mesma visão da elite e dos governos europeus no período Pré-Primeira Guerra. Jorge Amado critica a visão de um dos líderes do Movimento Tenentista em São Paulo, afirmando que a “incompreensão de Isidoro Dias acerca do apoio que lhe poderia trazer a massa operária paulista, o seu receio de entregar armas ao povo, vieram impedir que os contingentes revolucionários crescessem”⁶⁰.

Nesse contexto de sentimento vanguardista por parte dos militares e com respaldo político nas demais forças, Luís Carlos Prestes era a liderança comum para todos os oposicionistas. Porém, Prestes não participou do levante armado, o marco inicial do Movimento Tenentista, denominado os “18 do Forte Copacabana” no Rio de Janeiro, ocorrido em 5 de julho de 1922. Doente, com tifo, o jovem militar, que havia participado do início das conspirações, não pega em armas. Antes assim, porque dos “dezoito”⁶¹ que participaram da marcha suicida apenas dois sobreviveram: Siqueira Campos e Eduardo Gomes.

Como resultado do conflito, vários militares envolvidos na revolta, seja de forma direta ou indireta, ou apenas suspeitos de conspiração foram remanejados para o interior do país, incluindo Prestes, que, curado da doença, foi enviado à sua província para fiscalizar a construção de novos quartéis e, posteriormente, uma estrada-de-ferro.

Jorge Amado, louvando a ética e a moral de Prestes, afirma que mesmo tendo sido transferido, o jovem militar não se amedronta. Mostra que o jovem oficial passa a ter contato com a corrupção dentro do Estado, ao perceber que as verbas destinadas para as obras que ele fiscalizava eram desviadas pelos políticos.

[...] havia uma comilança geral, que envolvia políticos, fiscais e engenheiros. O engenheiro-fiscal Luiz Carlos Prestes denuncia uma, duas três vezes, o vergonhoso desvio de dinheiro, de materiais, as trapaças inúmeras a que a construção dos quartéis, agora sob sua fiscalização dava margem⁶².

Posteriormente, Prestes é mandado ao quartel de Santo Ângelo - RS, com a incumbência de dirigir a construção de um trecho da estrada-de-ferro de Santo Ângelo a Comandaí. Não há evidências concretas para afirmar se a transferência de Prestes foi uma retaliação às suas denúncias. Para Amado, tal hipótese é inegável: foi uma punição.

⁶⁰ AMADO, Jorge. **O Cavaleiro da Esperança**: a vida de Luiz Carlos Prestes. Rio de Janeiro: Record, 1987, p. 103.

⁶¹ Dentre os “18 do Forte Copacabana” havia um civil, Otávio Correia, que durante o trajeto da marcha se juntou aos Tenentes. Aproximando-se da linha do BOC e da interpretação de Anita Prestes, Jorge Amado romanceia situação afirmando que “agora são milhares, são milhões, porque agora a massa de povo se uniu nesse civil aos soldados” (*O Cavaleiro da Esperança*, 1987, p. 92).

⁶² AMADO, Jorge. **O Cavaleiro da Esperança**: a vida de Luiz Carlos Prestes. Rio de Janeiro: Record, 1987, p. 100.

O núcleo da agitação e conspiração Tenentista muda do Rio de Janeiro para a capital paulista. No dia 5 de julho de 1924, dois anos após o fato dos “18 do Forte”, os Tenentes vão sublevar-se em vários quartéis do estado de São Paulo. A capital é tomada pelos revoltosos durante dois dias, sendo São Paulo bombardeada e sitiada. Em seguida, os Tenentes batem em retirada para o interior do Estado. A notícia se esparrama pelos meios militares e diversos quartéis de norte a sul do país se levantam para fortalecer o movimento iniciado em São Paulo.

Em Manaus e suas adjacências, os rebeldes assumiram o poder da capital por mais de um mês, chegando a promover medidas de caráter social e nacionalista. Criaram um imposto denominado “tributo da redenção”, visando tributar os ricos para remunerar os pobres, além de confiscar os bens que estavam nas mãos de uma companhia inglesa, o mercado municipal e um matadouro⁶³.

No Rio Grande do Sul, várias guarnições se levantam. Prestes não tardou e, logo que chegou o chamado para compor o movimento, tomou a frente no levante do quartel de Santo Ângelo e lançou um manifesto à população local pedindo apoio ao movimento.

POVO DE SANTO ÂNGELO.

É chegada a hora solene de contribuirmos com o nosso valoroso auxílio para a grande causa nacional.

Há 4 meses a fio que os heróis de São Paulo vêm se debatendo heroicamente para derrubar o governo de ódios e de perseguições que só tem servido para dividir a família brasileira, lançando irmãos contra irmãos como inimigos encarniçados.

[...]

E o Povo Gaúcho, altaneiro e altivo, de grandes tradições a zelar, sempre o pioneiro de grandes causas nacionais, levanta-se hoje como um só homem

[...]

São convocados todos os reservistas do Exército a se apresentarem ao quartel do 1º Batalhão Ferroviário, e fica aberto o voluntariado.

Todos os possuidores de automóveis, carroças, cavalos deverão imediatamente pô-los à disposição do 1º Batalhão Ferroviário e serão em todos os seus direitos respeitados.

[...]

Pelo Governo Revolucionário no Brasil.

CAP. LUIZ CARLOS PRESTES⁶⁴

Em questão de poucos dias, os levantes gaúchos, embora apoiados pelos caudilhos locais, estavam quase esfacelados pelo exército legalista. Muitos morreram, outros

⁶³ PONTES, M.M.e. **Luiz Carlos Prestes Através do Romance “O Cavaleiro da Esperança” de Jorge Amado**. 2005, 90f. Monografia (Graduação em História) Universidade Federal de Goiás - Campus de Catalão, 2005, p. 45.

⁶⁴ PRESTES, Luiz Carlos. **Povo de Santo Ângelo**. Manifesto dos militares rebelados em Santo Ângelo (RS), distribuído em 29/10/1924.

foram presos e a grande maioria se exilou no Uruguai. Aqueles que conseguiram fugir ao cerco, como as tropas de Prestes, que tinham cerca de dois mil homens, seguiram rumo ao sudoeste do Paraná, em Foz do Iguaçu, ao encontro das tropas paulistas.

O encontro das tropas gaúchas com as paulistas foi marcado por um sentimento duplo. Por parte dos paulistas, que vinham lutando desde julho e sendo empurrados, através das derrotas para a região sul do país, um sentimento de derrotismo; já para os gaúchos, que entraram posteriormente no movimento e, que derrotaram o cerco das tropas legalistas que buscavam impedir o encontro das duas marchas, um sentimento de empolgação. A vibração dos gaúchos, reforçada pela interferência de Prestes frente aos demais líderes Tenentistas, garantiu a continuidade do movimento.

Prestes e os gaúchos, além de garantirem a fusão e a permanência da luta, também conseguiram implementar sua estratégia militar no restante do conjunto. Os paulistas abandonaram a guerra de trincheira ou de posição em favor da tática da guerra de guerrilha adotada pelos gaúchos.

Apesar de os levantes armados terem resistido apenas por um breve período, sua conseqüência, a Coluna Prestes, foi o movimento de maior destaque do movimento Tenentista. A marcha durou dois anos e três meses, atravessou diversos estados das cinco regiões brasileiras, venceu tropas superiores em número de homens e qualitativamente bem armadas, derrotando, segundo Anita Prestes, mais de dezoito generais do Exército e jamais sendo vencida até seu exílio na Bolívia⁶⁵.

Anita Prestes ainda afirma que, embora tenha sido uma marcha impulsionada por militares, os soldados pertencentes ao movimento eram, em sua maioria, populares, principalmente homens do campo, que adentravam às fileiras da Coluna e contribuía no reconhecimento das regiões de conflito, o que certamente evitou o desbaratamento do movimento. Por isso, pode-se deduzir que a marcha foi adquirindo características de movimento popular, pois absorvia os ressentimentos e a moral das populações interioranas. Por onde a Coluna passava se defrontava com problemas sociais inimagináveis pelos militares paulistas e gaúchos, mas que faziam parte do cotidiano daqueles que a seguiam. Nesse sentido, existem diversas referências, seja nos livros de Amado ou nos escritos de Anita Prestes, de que era comum, para o movimento, destruir troncos da época dos escravos que ainda existiam e eram usados; destruir palmatórias existentes nas escolas; retirar

⁶⁵ PRESTES, Anita Leocádia. **A Coluna Prestes**. São Paulo: Brasiliense, 1990, p. 113.

das cadeias indivíduos vítimas dos coronéis locais; queimar registros de livro-caixa, destinados a cobrar impostos de meeiros ou de trabalhadores rurais etc.

No relato de suas memórias, Luiz Carlos Prestes ressalta a importância do contato com as populações interioranas para uma formação mais crítica. Eis uma parte do relato:

A coluna foi algo importantíssimo para mim. Conheci a miséria por onde passei. Vi homens passando fome, outros sem roupa e muitos sem nenhum remédio para suas doenças. Vi homens ajoelhados no chão esburacando o solo com facas de cozinha sem cabo [...] Esse quadro terrível - seguramente nunca poderei esquecer o que vi e senti - me convenceu de que não seria a simples substituição de Bernardes por outro que resolveria nossos problemas⁶⁶.

Em diversas localidades a Coluna era recebida com festa. A população acolhia e contribuía com os revoltosos. Mas isso não era regra, havia localidades em que o medo das populações levava ao abandono das residências e dos pertences. A fome e a necessidade de realizar os prazeres levavam, em diversas vezes, os integrantes da Coluna ao furto e a estupros.

Apesar das leviandades cometidas por membros da Coluna, o movimento, de forma majoritária, era visto com bons olhos pela oposição ao governo nos centros urbanos, como libertador para as populações interioranas. Prestes recebe o adjetivo de “O Cavaleiro da Esperança” durante o período da longa marcha, não por iniciativa dos jornais oposicionistas nas cidades, mas pela sua liderança e simpatia conquistada junto aos soldados e populações interioranas. A liderança oficial/formal do movimento estava com o General Miguel Costa, no campo militar, e com Assis Brasil, entre os civis, mas “a coluna tomou o nome do chefe do Estado-Maior [Coluna Prestes] pela vontade dos soldados e do povo do Brasil”⁶⁷. Segundo o próprio Prestes, a Coluna recebeu seu nome devido à atenção cotidiana que ele dava aos soldados e aos indivíduos com os quais o movimento ia tendo contato. Nesse sentido, relata:

Quando a tropa tava marchando numa região em que não havia inimigo, eu, em geral, organizava a vanguarda, a tropa saía toda, e eu chegava até à retaguarda, deixava a minha retaguarda organizada pra cobrir a cobertura da coluna, e depois como eu tinha o passo muito largo né, eu ia passando por toda a coluna, e eu falava com cada soldado, porém que eu conhecia eles todos pelo nome, pelo apelido etc. Eu era uma espécie de juiz de paz né, todas as queixas, todas as dificuldades que cada um tinha, que necessitava

⁶⁶ MORAIS, D. & VIANA, F. **Prestes: Lutas e Autocríticas**. Petrópolis-RJ: Editora Vozes, 1982, p. 37.

⁶⁷ AMADO, Jorge. **O Cavaleiro da Esperança: a vida de Luiz Carlos Prestes**. Rio de Janeiro: Record, 1987, p. 115.

era comigo que falavam. O meu nome ficou na coluna porque em qualquer lugar que chegávamos, qualquer civil ou morador que vinha falar, reclamar ou pedir qualquer coisa, o soldado mandava: “é o coronel Prestes que vai resolver”. Então todo mundo vinha me procurar e meu nome foi ficando por aí, e daí que a coluna acabou ficando com o meu nome por isso⁶⁸.

O prestígio de Prestes junto ao movimento lhe garantiu o *status* de homem legendário. Sua imagem já era então alvo de disputa pelas diversas forças opositoras ao governo. Além disso, os “revolucionários, os golpistas, [...] os apristas no Peru, os aventureiros na Bolívia, os anarquistas no Paraguai, todos o procuram. Achavam que ele era o seu chefe natural, o homem indicado para impulsionar esses movimentos em toda a América”⁶⁹.

Os comunistas brasileiros, por meio de sua política de Frente Única, mal esperaram Prestes adentrar no exílio na Bolívia para mandar Astrogildo Pereira abrir um primeiro contato com o “O Cavaleiro da Esperança”. Nesse contato, Prestes foi apresentado com o Manifesto do Partido Comunista, de Karl Marx, e com textos de Lênin, pelo líder do PCB. Leituras, que segundo Prestes, lhe deram respostas para superar as mazelas encontradas e vividas pela Coluna no interior brasileiro⁷⁰.

O Secretário-Geral do PCB, que era jornalista de A Esquerda, durante esta primeira visita, colheu entrevistas de Prestes que foram impressas e aproveitadas na ocasião da comemoração do 29º aniversário do líder tenentista. Tudo isso revelava o esforço dos comunistas em fazer de Prestes um mito a serviço da revolução.

Em 1928, Prestes e diversos outros líderes tenentistas foram para a Argentina, devido à situação política mais favorável lá. Buenos Aires se transformaria numa espécie de provisório quartel general dos dirigentes da Coluna. A proximidade com o Rio Grande do Sul facilitava a conspiração contra o Governo de Washington Luís. Getúlio Vargas, então governador gaúcho, se reúne com Prestes por duas vezes, sendo que num dos encontros o governador entrega 800 Contos de Réis para “O Cavaleiro da Esperança” fazer a revolução⁷¹. Prestes, audacioso, aceitou o dinheiro, não promoveu a revolução junto com Vargas e, posteriormente, entregou o dinheiro ao Secretariado Latino-Americano da IC.

⁶⁸ VENTURI, Toni. **O Velho**: a história de Luiz Carlos Prestes. Filme documentário, 1998.

⁶⁹ AMADO, Jorge. **O Cavaleiro da Esperança**: a vida de Luiz Carlos Prestes. Rio de Janeiro: Record, 1987, p. 216-7.

⁷⁰ VENTURI, Toni. **O Velho**: a história de Luiz Carlos Prestes. Filme documentário, 1997.

⁷¹ MORAIS, D. & VIANA, F. **Prestes**: Lutas e Autocríticas. Petrópolis-RJ: Editora Vozes, 1982, p. 49.

Antes de fazer sua “declaração de amor” ao movimento comunista, Prestes foi assediado, novamente, pelos integrantes do movimento na figura dos novos líderes, Paulo Lacerda e Leôncio Basbawm, que propuseram a concretização da Frente Única:

[...] ser candidato à presidente da República na lista do PCB e apresentou o programa do partido. Eu disse: “estou de acordo com o programa, mas não posso aceitá-lo porque devo fidelidade aos tenentes. Só depois de conversar com eles é que poderei tomar uma decisão”⁷².

Os feitos militares e políticos da Coluna fortaleceram Prestes no cenário político e engrandeceram sua imagem mitológica perante a sociedade brasileira. Apesar de ter renunciado à candidatura presidencial pelo PCB, o seu nome estava, segundo Amado, “invariavelmente em primeiro lugar nas pesquisas de opinião, à frente de Adolfo Bergamini e de três governadores”⁷³, o de Minas Gerais e dos candidatos de São Paulo e Rio Grande do Sul.

Prestes estava certo de que, naquele momento, os tenentes se voltariam à construção da candidatura de Getúlio Vargas, consolidada, posteriormente, com o apoio do Partido Democrático Paulista e das máquinas político-eleitorais de Minas Gerais, Rio Grande do Sul e Paraíba, a denominada Aliança Liberal.

Em situação oposta, o paulista Júlio Prestes é lançado como candidato pelo PRP, apoiado por dezessete dos vinte governos estaduais e pelo Presidente da República vigente até então.

A renúncia inicial do “Cavaleiro da Esperança” às eleições fez com que a Aliança Liberal utilizasse seu nome para conquistar simpatia popular. Jorge Amado coloca que a agitação em torno da campanha de Getúlio era sustentada pelos feitos - em nome - da Coluna e cita que, nos comícios e diversas atividades dos opositoristas, “não chegavam ao povo o nome de Vargas, nem como o de Antônio Carlos [Governador de Minas Gerais]. Apresentavam Luiz Carlos Prestes”⁷⁴.

O memorialista Hélio Silva reforça a discussão acima e demonstra como uma possível adesão de Prestes à campanha da Aliança Liberal alimentava expectativas.

Não desanimavam, porém, os políticos da Aliança Liberal em conseguir o seu apoio [de Prestes]. Nas caravanas democráticas que seguiam as pegadas

⁷² Idem, p. 44.

⁷³ Idem, p. 45.

⁷⁴ AMADO, Jorge. **O Cavaleiro da Esperança**: a vida de Luiz Carlos Prestes. Rio de Janeiro: Record, 1987, p. 221.

da Coluna, os oradores não esqueciam de evocar o nome lendário, sempre recebido com palmas entusiásticas. Não escaparia do astucioso urdidor da trama revolucionária a importância daquela adesão⁷⁵.

O PCB, ao final dos anos de 1920 e princípio dos anos de 1930, realiza um duplo movimento. Percebendo a falácia da proposta de Frente Única com os Tenentes e com o Partido Democrático⁷⁶, já que não conseguiam interferir diretamente nas negociações eleitorais e, posteriormente, no Golpe, a agremiação abandona a tática frentista e apela para a bolchevização ou obreirismo interno do PCB. Depois da mudança tática, a análise conjuntural das forças políticas e econômicas existentes no país toma outra configuração. Frente às eleições de 1930, o Partido interpretava que Júlio Prestes representava os interesses das oligarquias latifundiárias do café, ligadas ao imperialismo inglês, ao passo que Vargas representava o setor fomentado pelo imperialismo norte-americano.

Segundo Antonio Segatto, às vésperas do período eleitoral, o Partido tentava colocar em prática as resoluções de seu III Congresso, realizado ao final dos anos 1920, segundo o qual a economia brasileira era do tipo agrária, semifeudal e semicolonial. Postulava-se também uma transição paulatina do predomínio do imperialismo inglês para o predomínio do norte-americano, “lembrando as seculares ligações de dependência da burguesia agrária e conservadora do Brasil, em relação ao primeiro, e da burguesia industrial, pretensamente liberal, mais jovem, mais ambiciosa, mais ousada em relação ao segundo”⁷⁷.

No campo organizacional, a análise conjuntural contribuiu para a tomada de um novo rumo, isto é, a tática revolucionária de luta pelo poder não passaria mais, necessariamente, pela formação e captação da Frente com a política do PCB, mas sim, pela bolchevização do Partido, seguindo a organização dos bolcheviques russos em sua revolução. O desmembramento dessa política dificultará a filiação de Prestes à agremiação.

O conceito de bolchevização, ou de obreirismo, adotado no PCB fundamenta-se nas abordagens sobre as lutas internas do Partido Comunista da União Soviética (PCUS) e da IC e, principalmente, contra os setores “à direita” que defendiam a Frente Única com a Social Democracia alemã. A IC acreditava que o ritmo da revolução sofreria uma diminuição e a ordem do dia não estaria mais na revolução, e sim, na sua

⁷⁵ SILVA, Hélio. **1926. A Grande Marcha**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira S.A. 1971, p. 189.

⁷⁶ O Partido Democrático que a princípio contribuía com o BOC e outros opositores (inclusive personalidades de traços anarquistas, como Maria Lacerda de Moura) concedendo espaços no jornal sob sua influência, *O Combate*, passa posteriormente as vésperas das negociações das eleições de 30 a denunciar uma conspiração comunista em escala nacional e a defender uma ação repressiva contra a subversão do movimento operário.

⁷⁷ SEGATTO, Antonio. **Breve História do PCB**. Belo Horizonte - MG: Oficina de Livros, 1989, p. 26.

preparação, principalmente, a interna. Isso significou, na prática, a substituição de quadros denominados de profissionais, isto é, os intelectuais, por novos dirigentes operários⁷⁸.

Na realidade, utilizava-se o pretexto de evitar a burocratização dos Partidos Comunistas para isolar os intelectuais opositores ou linhas de pensamento divergentes, como o trotskismo e o luxemburguismo, na tentativa de eliminar as divergências internas e manter a linha política do movimento comunista nas mãos de um núcleo reduzido, cuja orientação era stalinista.

Os reflexos da bolchevização no PCB significaram ataque ao sentimento político e mitológico *prestista* e repúdio à organização que o mesmo criou em seu exílio na Argentina, a Liga de Ação Revolucionária (LAR), além da substituição dos dirigentes partidários ditos intelectuais por operários. A aplicação do obreirismo fez aumentar as debilidades ideológicas, teóricas e organizacionais do Partido, culminando na expulsão de vários integrantes, incluindo o fundador e primeiro Secretário Geral da organização, Astrolgido Pereira, que divergia com a linha imposta.

Em maio de 1930, após a derrota de Vargas na disputa pela presidência da República, Prestes lança um manifesto, através do LAR, denunciando que nenhuma das duas candidaturas que foram apresentadas viria a mudar de forma substancial a vida do povo brasileiro e que ambas foram financiadas pelo imperialismo. O manifesto alega que a Aliança Liberal tem homens - os tenentes - de bem que estavam sendo enganados⁷⁹ e defende a construção de uma revolução compromissada com os interesses populares.

Lutemos pela completa libertação dos trabalhadores agrícolas de todas as formas de exploração feudais e coloniais, pela confiscação, nacionalização e divisão das terras, pela entrega da terra gratuitamente aos que trabalham. Pela libertação do Brasil ao jugo do imperialismo, pela confiscação e nacionalização das empresas nacionais [sic] de latifúndios, concessões, vias de comunicação, serviços públicos, minas, bancos e anulação das dívidas externas.

Pela instituição de um governo realmente surgido dos trabalhadores das cidades e das fazendas, em completo entendimento com os movimentos revolucionários antiimperialistas dos países latino-americanos e capaz de esmagar os privilégios dos atuais dominadores e sustentar as reivindicações revolucionárias⁸⁰.

⁷⁸ HÁJEK, Milos. A bolchevização dos Partidos Comunistas. In: HOBBSAWM, Eric J. (org.). **História do Marxismo VI: O Marxismo na época da Terceira Internacional: da Internacional Comunista de 1919 às Frentes Populares**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985, p. 201.

⁷⁹ PRESTES, Luiz Carlos. Manifesto de 1930. Diário da Noite, São Paulo, 2ª edição, 29/05/1930. In: PRESTES, Anita Leocádia. **A Coluna Prestes**. São Paulo: Brasiliense, 1991, p. 460-463.

⁸⁰ Idem, p. 463.

As conseqüências do manifesto de 1930 consistiram no afastamento dos líderes tenentistas que o consideravam extremamente radical, e na instauração de dura crítica por parte do PCB, que acusou Prestes de “caudilho pequeno burguês”, pois seu documento pretendia “substituir o proletariado pela pequena burguesia no comando da revolução”⁸¹, isto é, substituir o PCB pelo LAR. O único grupo que tentou se aproximar de Prestes, após o manifesto de maio, foi o “Grupo Comunista Lênin”, de orientação trotskista. O líder tenentista foi convidado a escrever um artigo sobre a questão da reforma agrária no jornal do mencionado grupo comunista. Prestes negou o convite.

Por meio da constituição do LAR, Prestes visava formar um organismo técnico de preparação para que as massas oprimidas realizassem o levante. A tática do “Cavaleiro da Esperança” sustentava a crítica do PCB de que a vanguarda da revolução não deveria estar sob a tutela de Prestes, mas sob a direção do partido do proletariado brasileiro, o PCB. Além disso, alegava-se que o líder dos Tenentes era indiferente às lutas passadas e interesses históricos do proletariado brasileiro.

Apesar das severas críticas, Prestes possuía interesse em ingressar no PCB, mas seus pedidos de filiação sempre foram negados pela direção do Partido de perfil “obreirista”. Apesar das rejeições da agremiação brasileira, seus contatos com Rodolfo Ghioldi do PC argentino e com o Secretariado Latino-Americano da IC levaram-no em março de 1931, a Moscou, o quartel-general do movimento comunista internacional.

Antes de partir para Moscou a situação financeira e política de Prestes não era boa. Ele sustentava a família, mãe e as irmãs e, devido ao golpe de Estado de Uruburo na Argentina, foi preso por tecer críticas ao novo regime. Quando liberto, foi obrigado a migrar, clandestinamente, para o Uruguai, antes de partir para URSS. Logo, a situação do “Cavaleiro da Esperança” no exílio latino-americano era praticamente insustentável.

Em Moscou, Prestes faz uma autocrítica frente ao significado do movimento Tenentista e reconhece a inutilidade do LAR, aceitando, por completo, a linha do PCB e conclamando as massas a cerrar fileiras junto ao Partido. Em manifesto destinado à sociedade brasileira, Prestes escreve:

[...] a todos os revolucionários sinceros e honestos à massa trabalhadora que nesse instante de desilusão e desespero se volta para mim, só posso indicar um caminho: a revolução agrária e antiimperialista, sob a hegemonia

⁸¹ Morais, D. & VIANA, F. **Prestes: Lutas e Autocríticas**. Petrópolis-RJ: Editora Vozes, 1982 p. 51.

incontrastável do partido do proletariado, o Partido Comunista do Brasil, seção da Internacional Comunista⁸².

A chegada de Prestes a Moscou coincidiu com o fim das lutas internas do PCUS instauradas entre o bloco dirigido por Stálin e o bloco de orientação trotskista. Iniciavam-se de forma legalizada, as depurações (entende-se por depuração expulsão e até mesmo a eliminação de pessoas) nos quadros opositoristas à linha de Stálin, que se acendeu a Secretário-Geral do partido. Prestes, segundo Amado, vai trabalhar como engenheiro do Tzentrallii Soiuzstroy um truste de todas as empresas construtoras da URSS⁸³. Contudo, mesmo vivendo e trabalhando na URSS, Prestes não consegue ter a filiação aceita pelo PCB e muito menos no Partido russo devido ao clima tenso. Apesar da situação crítica, pois, naquela época, além do problema político, vivia-se um período de racionamento de alimentos que levou a população a descontentamentos com o regime, Prestes não se sentiu desanimado e ficou admirado com a “eficiência” do partido. “Foi ali que aprendi o valor do partido. Quando a crise se aguçava, os dirigentes iam para as fábricas e ganhavam a massa”⁸⁴.

O desfecho da novela da entrada de Prestes no PCB se deu em 1934, quando o Partido recebeu uma ordem direta do Comintern, através do dirigente Manuilsky, determinando a filiação do “Cavaleiro da Esperança” à agremiação. Além disso, naquele mesmo período, foi eleito um novo Secretário-Geral no PCB, Antônio Maciel Bonfim (Miranda), ex-sargento do exército, que inicia o processo de autocritica do esquerdismo obreirista no seio do partido. O poder político de Prestes se tornou tão acentuado que, em julho de 1935, no VII Congresso da IC, ele foi eleito para o Comitê Executivo, junto com Stálin.

1.3.5. A ascensão do movimento fascista e a formação das Frentes Populares: Olga Benario entra em cena.

As diretrizes deliberadas e aprovadas no VII Congresso e o prestígio de Prestes no movimento comunista internacional advêm das mudanças políticas traçadas pela IC na pós-eleição de Hitler na Alemanha, em 1933. A ascensão do fascista Benedito Mussolini na Itália, no início dos anos 1930, não chegou a exercer forte influência internacional e, muito

⁸² A Realidade Brasileira. Manifesto / panfleto, maio de 1931. In: AMADO, Jorge Amado. **O Cavaleiro da Esperança**: a vida de Luiz Carlos Prestes. Rio de Janeiro: Record, 1987, nota de rodapé, p. 225.

⁸³ Idem, p. 230.

⁸⁴ MORAIS, D. & VIANA, F. **Prestes**: Lutas e Autocríticas. Petrópolis - RJ: Editora Vozes, 1982, p. 56.

menos, causou grandes preocupações na cúpula da IC, mas a política expansionista nazi-alemã para o leste europeu, preocupava a URSS.

A princípio, não havia uma preocupação com a instauração dos regimes fascistas, mas, sim, com seu projeto expansionista. Para a IC, tal situação política sinalizava apenas uma agonia do capitalismo aliada à debilidade da burguesia local em sustentar seu sistema. Os comunistas viam na Alemanha e, posteriormente, no Japão, os precursores da guerra, apesar de os ingleses ainda se enquadrarem como os principais inimigos e organizadores da propaganda anti-soviética que poderia conduzir à guerra.

A vitória eleitoral de Hitler levou a IC e suas principais seções européias (Alemanha e França) a fazerem uma autocrítica das posições firmadas em seu último período, principalmente frente ao (não) relacionamento nas alianças eleitorais e sindicais, com a social-democracia, que era qualificada pelos comunistas como “social-fascismo”.

Em maio de 1934, a política da *Frente Única* retorna com fôlego aos debates do movimento comunista. O PC francês é o pioneiro nessa nova etapa, sendo que a proposta da frente devia ser desenvolvida “pelo alto”, isto é, através de diálogo com as cúpulas das direções partidárias social-democratas, crendo automaticamente que os trabalhadores temem e querem lutar contra a ascensão do fascismo. O projeto inicial de Frente se reduzia na construção de “chapas unitárias” nas campanhas eleitorais. Não existe, nesse instante, o apontamento para sua ampliação, tomando o caráter de Frentes Populares e, muito menos, perspectivas num governo de Frente Única⁸⁵.

O adiamento do VII Congresso da IC para 1935, cuja realização estava prevista para 1934, aponta possíveis divergências no seio da direção do movimento comunista, que tendia a mudar os rumos de sua política frente à construção do arco de alianças, principalmente, com a social-democracia, mas sem descartar a ampliação com outros setores antifascistas.

O cancelamento temporário do evento causou um fato inusitado, com desdobramentos no Brasil. Como o adiamento foi feito às pressas, não havia meios de comunicar às seções latino-americanas e caribenhas o cancelamento do Congresso, pois seus representantes já estavam viajando de navio para participar do evento na URSS. A situação levou a IC a realizar um encontro com as agremiações presentes, que ficou denominada a “Terceira Conferência dos Partidos Comunistas da América do Sul e do Caribe”.

⁸⁵ DASSÚ, Marta. Frente Única e Frente Popular: O VII Congresso da Internacional Comunista. In: HOBSBAWM, Eric J. (org.). **História do Marxismo**. O Marxismo na época da Terceira Internacional: da Internacional Comunista de 1919 às Frentes Populares. Vol. VI. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985, p. 302.

Segundo Marly de Almeida G. Vianna, nessa época, Prestes já havia sido admitido como membro do PCB e participou da Conferência, por estar em Moscou. Segundo a autora, na ocasião o novo Secretário-Geral do PCB, Miranda, “entusiasmou a direção do Kominter ao afirmar que a revolução estava para eclodir no Brasil a qualquer momento e o PCB pronto para dirigi-la”⁸⁶. Isto é, mentiu sobre a conjuntura existente no Brasil.

A situação narrada pelo dirigente contribuiu para que o responsável pela IC na América Latina, Dimitri Manuilski, desse o aval para a construção de um *movimento revolucionário* no Brasil. Determinou-se, assim, o breve retorno de Prestes ao Brasil para dirigir a *Revolução*, a transferência do Comitê Sul-Americano da IC de Buenos Aires para o Brasil, além do envio de diversos quadros experientes da IC para o Brasil. Entre esses militantes profissionais, estaria Olga que ficou responsável por trazer Prestes ao Brasil.

No período entreguerras, percebe-se uma ascensão dos movimentos comunistas e fascistas pelo mundo. Os anos 1920 foram marcados pelo avanço “democrático” em alguns Estados Nacionais. Entende-se *democracia* como realização de eleições, principalmente, em países europeus e americanos, e promulgação de constituições, o que conferiu ares de modernidade para a época. Mas, isso não significou uma *democracia plena* em todas as nações.

Apesar do avanço democrático, a quebra da Bolsa de Nova Iorque em 1929 - devido à superprodução norte-americana - aliada à Grande Depressão no início dos anos 1930 na Europa Central (em especial na Alemanha) abalou as demais economias do mundo, causando instabilidade política e social. O momento favoreceu o crescimento de uma nova direita radical, o fascismo, que nunca foi uma teoria homogênea, atraindo, por isso, os mais diversos tipos de reacionários.

O fascismo tinha por base a propaganda contra o liberalismo democrático, modelo que, segundo eles, não retirou os países da crise após a Primeira Grande Guerra, e voltava-se contra o *bolchevismo* que permeava a classe operária a fim de acentuar o medo de uma revolução social, o que, conseqüentemente, favoreceu o discurso do movimento reacionário na defesa de um nacionalismo extremado. Os fascistas acreditavam na constituição de um Estado corporativo capaz de abolir todos os conflitos de classe como peça-chave para reerguer a economia e a moral dos povos de *raça pura*.

Os fascistas encontraram seus principais adeptos na classe média que vinha se deteriorando economicamente. Também gozavam de uma forte simpatia da juventude,

⁸⁶ VIANNA, Marly de Almeida. O PCB, a ANL e as insurreições de novembro de 1935. In: FERREIRA, Jorge (org.). **Brasil Republicano**. Vol. II. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003, p. 76.

atraída pelo aspecto militarista de suas organizações, além do apoio das comunidades rurais mais tradicionais.

Para Hobsbawm, os fascistas conseguiram constituir movimentos de massas naqueles países onde a crise social era mais aguda. Segundo o autor:

[...] o ressentimento de homens comuns contra uma sociedade que os esmagava entre a grande empresa, de um lado, e os crescentes movimentos trabalhistas, de outro. Ou que, na melhor das hipóteses, os privava da posição respeitável que tinham ocupado na ordem social, e que julgavam lhes ser devida, ou o status social numa sociedade dinâmica a que achavam que tinham direitos a aspirar⁸⁷.

Através desse ressentimento, desenvolveu-se no fascismo, principalmente no alemão, o anti-semitismo, que se constituía na hostilidade às minorias e, em especial, aos judeus, acusados de serem o pivô da desordem do Estado no período da Grande Depressão. Eles seriam causadores de distúrbios nas fábricas, através das greves e agitações - os comunistas. Também seriam aqueles patrões, donos de fábricas e banqueiros que sugavam as riquezas de suas pátrias - os liberais. Apesar do movimento fascista determinar os culpados e as vítimas da crise instaurada, a matriz dos rancores possui sua origem na 1ª Guerra Mundial: (re)sentimento de vingança, orgulho ferido e vontade de revanche.

Hitler, a grande figura pública do movimento fascista internacional, é o próprio exemplo das seqüelas sentimentais deixadas pela Guerra. Do sonho adolescente de seguir carreira como pintor à sua participação no conflito, Hitler sentiu na rendição alemã o *gosto da traição* e da *humilhação*. A derrota militar mudou sua vida. A vontade de entrar na política, em conjunto com a falta de perspectivas profissionais, empurra-o a aceitar a proposta de seus superiores no exército de ministrar cursos doutrinários entre seus pares, onde defenderia a idéia de que o fracasso alemão no conflito tinha suas raízes na *traição dos interesses patrióticos* por parte dos judeus e comunistas.

Derrotados e novamente sentindo-se humilhados com o Tratado de Versalhes, determinava a Alemanha como causadora da Guerra e a responsabilizava por pagar pela reconstrução da Europa, a Alemanha ansiava por retomar seu prestígio. A vontade de reconstruir o prestígio manifestava-se através de sentimentos múltiplos no seio da sociedade. Nesse sentido, as tentativas de tomada do poder, seja à esquerda, com a ala radical do Partido Social Democrata, que tentou seguir o exemplo da Revolução Russa através de uma insurreição armada, ou à direita, com a tentativa de golpe através do pequeno Partido

⁸⁷ HOBBSAWM, Eric J. **A Era dos Extremos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000, p. 137.

Nacional-Socialista já dirigido por Hitler, demonstravam o conturbado início dos anos 1920 na Alemanha.

O perfil de Olga Benario começa a ser forjado nesse período, metade dos anos 20, marcado pela ascensão dos movimentos comunista e fascista na Alemanha. Filha de pais judeus, o exemplo de atuação política veio do seio familiar. Seu pai, Leo Benario, era jurista renomado em Munique, cidade natal de Olga, e era militante da social-democracia alemã. Devido à prática comum de advogar, de forma gratuita, para trabalhadores e desempregados, Olga foi criando *consciência crítica* e contato com a situação alemã através dos processos movidos pelo pai em benefício dos trabalhadores. Porém, o início de sua militância, aos quinze anos, não foi nos organismos da social-democracia, mas, na clandestina Juventude Comunista, num grupo denominado “Schwabing”, que atuava nos subúrbios de Munique.

Segundo Fernando Morais, Olga não era vista, a princípio, com bons olhos pelas lideranças do grupo, devido ao posicionamento político de seu pai. Além disso, a presença de uma jovem garota oriunda da classe média era uma exceção frente aos demais integrantes do grupo.

Para a maioria dos comunistas alemães, não apenas a direita era considerada inimiga. Eles colocavam no mesmo saco e tratavam com o mesmo desprezo os sociais-democratas - e o dr. Benario era um social-democrata. Para os jovens comunistas do Schwabing, filhos de operários, aquela era uma presença inusitada: nunca, até então, uma jovem da burguesia bávara tinha batido às suas portas para pedir filiação⁸⁸.

Para superar as desconfianças, Olga se destacava nas atividades a ela destinada, pregava cartazes e realizava pichações nos locais de maior fluxo de pessoas em Munique. Sua inserção a fundo nas atividades do Partido gerava constantes atritos com a família. Por outro lado é no movimento que ela inicia seu primeiro relacionamento amoroso, com Otto Braun, do quadro profissionalizado.

Seu envolvimento com Braun a leva para Berlim, local onde ela cresce na hierarquia do Partido, sendo eleita para a diretoria da Juventude Comunista da Alemanha. Aprofunda seus conhecimentos, aprendendo russo, taquigrafia e trabalhando como datilógrafa

⁸⁸ MORAIS, Fernando. **Olga**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004, p. 29.

na Representação Comercial Soviética⁸⁹. O crescente trabalho no movimento leva Olga à prisão, em outubro de 1926, juntamente com Braun, acusados de traição à pátria⁹⁰.

Olga ficaria três meses encarcerada numa solitária. Braun ficaria preso até abril de 1928, quando o Partido instruiu Olga “no sentido de selecionar meia dúzia de militantes [...] e orientá-los para uma delicada e perigosa missão, que chefiaria pessoalmente no dia 11 de abril, daí a quinze dias: um assalto armado para tirar Otto Braun da prisão”⁹¹. A ousadia dessa atividade e seu êxito darão fama a Olga. Tendo tornado-se alvo da polícia, o casal se exila em Moscou e ambos passam a receber formação para se tornarem quadros profissionais da IC, a serviço da revolução internacional.

Na Alemanha, o alto índice de desemprego que atingia cerca de 45% da população ativa, a maior da Europa, e a mega inflação que transformou o marco alemão em papel, impulsionaram a Grande Depressão no início dos anos 1930. Com isso, dez anos após a tentativa do golpe, Hitler e seu partido chegam ao poder através de eleições (1933), obtendo 37,3% dos votos para o parlamento e se tornando o maior grupo político no campo institucional. A inexistência de unidade entre comunistas e social-democratas foi o fator crucial que levou o Partido Nazista⁹² ao poder alemão.

A revogação do Tratado de Versalhes - o não pagamento das dívidas de guerra -, a reorganização e reconstrução de setores das Forças Armadas, o reerguimento da economia, o fim dos grandes índices de desemprego e a incorporação da região dos Sudetos na ex-Tchecoslováquia, de maioria de origem alemã, constituem fatores que engrandecem a figura de Hitler e empolgam movimentos de cunho fascista pelo mundo.

Hobsbawm nos aponta que, depois da Europa, o continente que mais teve influências do fascismo foi a América Latina, apesar de alguns governos com esse perfil apoiarem, posteriormente, os Aliados na 2ª Guerra Mundial, graças à boa “interferência diplomática” e contribuição econômica dos Estados Unidos. Acreditando que as Américas sempre buscaram se espelhar nos exemplos do continente colonizador para resolver seus problemas, o historiador escreve:

Mas, visto do outro lado do Atlântico, o fascismo sem dúvida parecia a história de sucesso da década. Se havia um modelo no mundo a ser imitado por políticos promissores de um continente que sempre recebera inspiração

⁸⁹ BUZZAR, Rita de Cássia. “Olga”. In: STRAUSS, Dieter. **Não Olhe Nos olhos do Inimigo**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995, p. 21.

⁹⁰ Idem.

⁹¹ MORAIS, Fernando. **Olga**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004, p. 46.

⁹² O Partido Nacional-Socialista foi tratado nas eleições como Partido Nazista. Entende-se nazismo alemão como uma variante do fascismo.

das regiões culturalmente hegemônicas, esses líderes potenciais de países sempre à espreita da receita para tornar-se modernos, ricos e grandes, esse modelo certamente podia ser encontrado em Berlim e Roma , uma vez que Londres e Paris não mais ofereciam muita inspiração política, e Washington estava fora de ação⁹³.

Vários líderes políticos latino-americanos, em especial, Vargas, no Brasil, e Perón, na Argentina, extraíram do fascismo europeu uma gama de características que marcaram seus governos: atitudes populistas, uma forte propaganda governamental que enquadrava os chefes de Estado enquanto mitos e uma severa repressão aos movimentos oposicionistas. Tais posturas conferem a Vargas e Perón, isso até os dias atuais, o *status* de personalidades com perfil dúbio em seus respectivos países. Amados por uns, odiados por outros.

No Brasil, o movimento fascista emergiu no início dos anos 1930 com a fusão de uma série de agrupamentos e partidos de extrema direita, que se aglutinaram sob a liderança de Plínio Salgado, fundando, assim, a AIB (Ação Integralista do Brasil). Com a ascensão de Hitler na Alemanha, a organização ganha força, atrai um número significativo de intelectuais que estavam dispostos a discutir o Brasil, recebe adesão de setores da classe média e da juventude, chegando, ao final do ano de 1933, a realizar um ato com 40 mil adeptos em São Paulo, lançando o nome de Miguel Reale como candidato à Assembléia Constituinte⁹⁴.

No ano de 1934, com o movimento propagado em vários estados do país, a AIB realizou o 1º Congresso que definiu seu perfil político (constituição estrutural: estatutos e organização) e elegeu Plínio Salgado como chefe supremo e perpétuo. Posteriormente em 1936, com o intuito de disputar as eleições presidenciais de 1938, a AIB torna-se partido político. Definindo a agremiação, sua representação e atuação eram baseadas em um:

[...] partido único de massa, caracterizado por forte estrutura hierárquica; ideologia centrada no culto à liderança; exacerbação dos valores da nacionalidade; recusa dos princípios que norteiam o liberalismo individual; oposição radical aos valores do socialismo e do comunismo; exaltação da colaboração de classes e a crença no ideal corporativo; atribuição de um papel central ao aparato estatal no plano econômico, social e político; domínio absoluto do Estado sobre as informações e, especialmente, os meios de comunicação de massa; eliminação de qualquer forma de pluralismo

⁹³ HOBBSAWM, Eric J. **Era dos Extremos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000, p. 137.

⁹⁴ MAIO, Marcos Chor & CYTRYNOWICZ, Roney. **Ação Integralista Brasileira: um movimento fascista no Brasil (1932-1938)**. In: FERREIRA, Jorge (org.) **Brasil Republicano**. Vol. II. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003, p. 42.

político, com o aniquilamento das oposições, embasado na violência e no terror⁹⁵.

O afastamento de vários ex-integrantes do Movimento Tenentista do Governo Vargas, uns por desavenças quanto aos rumos tomados por Getúlio, que se aproximavam da AIB, outros por terem se envolvido com o Movimento Constitucionalista em São Paulo em 1932, fez com que o quadro nacional apontasse para um acirramento dos ânimos, colaborando na construção das lutas por mais democracia no país. A resposta por parte do Estado veio em forma de repressão. A represália realizada contra o I Congresso Nacional, contra a Guerra Imperialista e o Fascismo levaram as forças oposicionistas a Vargas e aos Integralistas a constituírem um Comitê Jurídico Popular de Investigação, lançado em setembro de 1934. O Comitê, posteriormente, passaria a ser uma grande frente política antiimperialista e antiintegralista que, mais tarde, se transformou na Aliança Nacional Libertadora (ANL).

Os conflitos de rua entre fascistas e comunistas, que eram comuns na Europa e contribuíram para a formação do perfil militante da jovem Olga Benario na Alemanha dos anos 1920, passaram a ser vistos no Brasil através dos partidários da AIB *versus* os da ANL. Estas organizações foram as maiores da vida política do país nos anos 1930, com milhões de filiados e diversos núcleos esparramados pelo território brasileiro.

A política do VII Congresso da IC tinha por objetivo ampliar o leque de aliados na luta contra o fascismo internacional por meio das Frentes Populares. Dessa forma, os comunistas brasileiros apoiaram com todo fôlego a construção da ANL, em parceria com os Tenentes, sendo Prestes aclamado como o Presidente de Honra da organização. O rápido crescimento dos aliancistas, a insatisfação salarial nas Forças Armadas e as greves operárias ligadas em busca de reorganização sindical (a criação da Confederação Sindical Unitária do Brasil) demonstram uma rápida efervescência política no Brasil.

Os boatos em torno da perspectiva da realização de um golpe fizeram com que Vargas solicitasse apoio da Gestapo (Polícia Secreta Alemã) e do Secret Intelligence Service (Serviço Secreto Inglês)⁹⁶. Por outro lado, a AIB apoiava o Governo e se colocava como tropa de choque a serviço do combate contra os aliancistas / comunistas. O significativo número de militares, “tanto integralistas quanto aliancistas passou a manifestar-se

⁹⁵ SACCOMANI, Edda. Fascismo. In: BOBBIO, Norberto (et al.) **Dicionário de Política**. Brasília: UNB, 1986, p. 466.

⁹⁶ ROSE R. S. **Uma das Coisas Esquecidas**: Getúlio Vargas e controle social no Brasil / 1930-1954. São Paulo. Companhia das Letras, 2001.

politicamente e isso fortalecia a perspectiva de conflitos armados para a resolução dos problemas políticos brasileiros”⁹⁷.

A crescente insatisfação em relação ao Governo varguista leva o PCB e a IC a acreditarem que a revolução, no Brasil, está *batendo à porta*. Prestes retorna ao Brasil com a missão de garantir a unidade entre os Tenentes e comunistas e de dirigir a possível tomada de poder. Junto com ele outros componentes dos quadros políticos da IC, entre eles, Olga Benario, vieram no intuito de garantir o êxito do movimento revolucionário.

Antes de assumir a *missão brasileira*, Olga recebeu treinamento militar na URSS. Segundo Morais, ela aprendeu a pilotar avião, pára-quedismo, artilharia e cavalgada, além de iniciar o estudo de outras línguas. No final de 1931, foi enviada em sua primeira missão internacional para intervir na Juventude Comunista francesa, com o intuito de escolher novos dirigentes. Foi presa na França por participar de manifestações de rua. Colocada em liberdade rapidamente, Olga foi à Bélgica e, posteriormente, à Inglaterra, onde foi presa novamente pelo mesmo fato. Depois de fichada pelo serviço secreto inglês, Olga retorna à URSS e fica sabendo que foi eleita no V Congresso da Juventude Comunista Internacional como membro do Presidium da organização, o degrau mais alto da hierarquia do organismo⁹⁸.

Dmitri Manuilsky, dirigente da IC, o mesmo que determinou a inserção de Prestes no PCB, foi o responsável pela escolha de Olga para fazer a segurança pessoal do “Cavaleiro da Esperança” na volta ao Brasil. Toda uma situação foi tramada para que ambos entrassem clandestinamente no país: uma viagem luxuosa de navio, passaportes falsos com os nomes de Antônio Vilar e Maria Bergner e a farsa de que era um casal português recém casado, em viagem de lua-de-mel para Nova Iorque etc. Segundo Fernando Morais, a farsa revolucionária causou um fato inusitado:

A fachada obrigava Olga e Prestes a intimidades imprevistas. Um casal em lua-de-mel não apenas dorme no mesmo quarto, mas na mesma cama. Além disso, aproximava-os a afinidade intelectual e política, cada vez maior entre os dois, além do fato de serem jovens, bonitos e entusiasmados com a perspectiva de estarem às portas da revolução [...] Quando o Ville de Paris atracou no porto de Nova York, na manhã de 26 de março de 1935, o que até então fora uma ficção, montada pela Internacional Comunista, havia virado

⁹⁷ VIANNA, Marly de Almeida G. O PCB, a ANL e as insurreições de novembro de 1935. In: FERREIRA, Jorge (org.) **Brasil Republicano**. Vol. II. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003, p. 83.

Viana relata que um dos boatos foi feito pelo jornal *O Globo*, que anunciava a descoberta de um plano subversivo a ser desencadeado simultaneamente nos países do Cone-Sul de origem soviética. Uma “revolução vermelha”, rápida e violenta que sugeria o fuzilamento de oficiais militares não comunistas nas portas de suas casas (2003, p. 86).

⁹⁸ MORAIS, Fernando. **Olga**. São Paulo. Companhia das Letras, 2004, p. 51-52.

realidade: como suas personagens Antônio Vilar e Maria Berger, Prestes e Olga eram marido e mulher⁹⁹.

A notícia de que Prestes estava no Brasil era restrita apenas à cúpula do movimento comunista. Sobre a existência de Olga e seu envolvimento com Prestes, pouquíssimas pessoas tinham ciência. Somente com a detenção dos agentes da III IC, presentes no Brasil, pós-levantes armados de 1935, é que o Governo, a polícia e a população vão saber que Prestes estava casado e vivendo com Olga.

A escolha do nome de Prestes para a direção de honra da ANL, certamente, trouxe conseqüências importantes para a organização. Seu nome unificava diversos setores da sociedade brasileira e contribuía para impulsionar a formação de centenas de núcleos da organização, praticamente, em todo o país. Em contrapartida, o sucesso da ANL e o fortalecimento da figura de Prestes assustaram o Governo Vargas, que teve como primeira reação a promulgação da Lei de Segurança Nacional (LSN) em abril de 1935¹⁰⁰.

Em 05 de julho de 1935, comemorando o décimo terceiro aniversário dos “18 do Forte Copacabana”, Prestes, já no Brasil, lança um manifesto ao povo brasileiro - como se tivesse escrito o mesmo na Espanha - fazendo apologia aos líderes e às lutas travadas pelo Movimento Tenentista (1922, 1924 e a Coluna). Esboça nove pontos do programa da ANL e, no final do texto, faz um chamado para a tomada do poder:

Brasileiros!

Todos vós que estais unidos pela idéia, pelo sofrimento e pela humilhação de todo Brasil! Organizai o vosso ódio contra os dominadores transformando-o na força irresistível e invencível da Revolução brasileira! Vós que nada tendes para perder, e a riqueza imensa de todo Brasil a ganhar! Arrancai o Brasil da guerra do imperialismo e dos seus lacaios! Todos à luta para a libertação nacional do Brasil!

Abaixo o fascismo!

Abaixo o governo odioso de Vargas!

Por um governo popular nacional revolucionário!

Todo poder à Aliança Nacional Libertadora!¹⁰¹.

O polêmico e ameaçador manifesto fez com que Getúlio Vargas aplicasse a LSN. Posta na ilegalidade, a ANL sofre um esvaziamento devido à saída de diversos líderes Tenentistas, além disso, a repressão sobre a organização impossibilitava uma agitação de

⁹⁹ Idem, p. 61.

¹⁰⁰ VIANNA, Marly de Almeida G. O PCB, a ANL e as insurreições de novembro de 1935. In: FERREIRA, Jorge (org.) **Brasil Republicano**. Vol. II. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003, p. 82.

¹⁰¹ PRESTES, Luiz Carlos. Manifesto de 5 de julho da Aliança Nacional Libertadora. In: BOGO, Ademar (org.) **Teoria da Organização Política**. vol. II. São Paulo: Expressão Popular, 2006, p. 84.

massas. Apesar da situação, o PCB continua sua mobilização em torno da ANL, avaliando que a atitude de Vargas só acirrava os ânimos e que isso contribuía para a insurreição revolucionária. Por assim, “Prestes intensificou o contato com ex-camaradas, deixando clara a pretensão de continuar a luta iniciada com a coluna”¹⁰².

O clima tenso em todo o território nacional provocava, de forma constante, revoltas espontâneas nos quartéis. E é numa dessas “quarteladas”, que se inicia o levante armado de 1935.

No Rio Grande do Norte, a insatisfação popular com as eleições estaduais de outubro, com a dissolução da Guarda Civil determinada pelo novo governador e a expulsão de alguns soldados do 21º Batalhão de Caça (BC), que fizeram baderna na cidade, foram fatores que levaram a cidade à revolta. Segundo relatos de Marly de Almeida no documentário *O Velho*, em meio a vivas à ANL e a Luiz Carlos Prestes foi abolida a taxa do bonde e distribuído alimento e dinheiro à população sem critérios, a direção do PCB de Natal tentou dirigir o movimento, mas a farra, a falta de experiência e a espontaneidade do movimento lhe deram vida curta.

Em Recife, onde era sediada a direção regional do Partido, o conhecimento dos fatos ocorridos em Natal desencadeou o movimento na capital pernambucana através de uma rebelião no 29º BC. Apesar de menos espontâneo, o levante de Recife também durou pouco tempo.

Acreditando na possibilidade de vitória do movimento iniciado no Nordeste, a direção comunista determina a eclosão do movimento na cidade do Rio de Janeiro, no dia 27 de novembro de 1935, crendo que setores das Forças Armadas e populares viessem a apoiar o levante. Puro engano! Apenas o 3º Regimento de Infantaria e alguns rebeldes da Escola de Aviação Militar se levantaram ao chamado da ANL e do PCB. Nenhuma milícia popular, operária ou greve foi feita em apoio ao movimento.

A derrota na tentativa de insurreição armada custou caro ao PCB e seus aliados. O governo desencadeou uma dura repressão, milhares de pessoas foram presas e torturadas. Um a um, os enviados da III IC foram sendo capturados. A situação fez com que Vargas e membros de seu Governo se aproximassem, ainda mais, dos Integralistas e da proposta fascista. Filinto Muller, um ex-militar que foi expulso da Coluna Prestes por

¹⁰² VIANNA, Marly de Almeida G. O PCB, a ANL e as insurreições de novembro de 1935. In: FERREIRA, Jorge (org.) **Brasil Republicano**. vol. II. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003, p. 87.

corrupção, era o chefe de polícia da época e passou a ter poderes de Ministro de Estado para levar até o limite máximo a repressão aos oposicionistas.

No final da década de 1930, o governo ainda acreditava numa possível conspiração do movimento comunista. Nesse sentido, no Brasil, diversas prisões foram construídas e a criação de mais de mil colônias agrícolas para detentos e crianças abandonadas foram planejadas, aproximando-se assim, da realidade dos campos de concentração existentes na Alemanha, de Hitler.

Ainda sob o pretexto do “perigo comunista”, em 1937, Vargas suprimiu as eleições presidenciais previstas para 1938, instaurou o Estado Novo e deu o golpe dentro do golpe ao promulgar uma nova Constituição, que fechou o Congresso Nacional, fechou os partidos políticos por considerá-los obsoletos, promulgou a pena de morte e anulou os direitos civis de seus opositores. Além disso, o governo deteve poderes para afastar funcionários públicos e militares, passou com controlar mão-de-ferro os sindicatos e prolongou seu mandato presidencial até 1943.

Em relação a Prestes e Olga, foram os últimos da cúpula do movimento comunista a serem presos. Prestes amargou nove anos de cadeia, sendo liberto ao final da Segunda Guerra Mundial. De início, Olga ficou presa no Brasil e, tempos depois, foi extraditada para a Alemanha, grávida de sete meses de um filho de Prestes. A “entrega” de Olga foi concebida, tanto para Jorge Amado como por Fernando Morais, como um *prêmio* do Governo brasileiro à Alemanha de Hitler. Tal fato demonstrava a boa relação de Vargas e de vários de seus correligionários com os nazistas.

Além do possível cunho de vingança pessoal contra Prestes e dos aspectos de relação político entre Estados Nações, a questão evidencia a influência da proposta anti-semita dentro do Governo. A expulsão de Olga do país foi apenas uma ação, dentre várias, realizadas pelo regime ditatorial de Vargas contra a comunidade judaica. Jorge Amado também denuncia que uma das formas dos integralistas arrecadarem fundos era o seqüestro de judeus ricos para que as famílias pagassem a investigadores a mando dos chefes de polícia, “que oferecia a liberdade do preso em troca de muitos contos de reis”¹⁰³. O sociólogo norte-americano R. S. Rose, afirma que a prisão e as bárbaras torturas sofridas pelo casal alemão Arthur Ernst Ewert (Harry Berger) e Elisabeth Sabrowski (Elisa Ewert ou Sabo)¹⁰⁴, enviados

¹⁰³ AMADO, Jorge. **O Cavaleiro da Esperança**: a vida de Luiz Carlos Prestes. Rio de Janeiro: Record, 1987, p. 284.

¹⁰⁴ Nas biografias romaneadas de Jorge Amado e Fernando Morais, sobre Prestes e Olga, os detalhes sobre as torturas sofridas pelo casal alemão tomam espaço privilegiado nas narrativas.

pela III IC ao Brasil, demonstra a postura anti-semita da polícia brasileira na Era Vargas. Sobre essa questão o pesquisador afirma que:

Toda a histeria sobre a religião dos Ewert provinha de um estratagema. A polícia, a imprensa e o público caíram no logro. Sua reação propiciou uma lufada de anti-semitismo endêmico no país em meados da década de 30. Ewert não era judeu; nem a mulher. Ao serem levados para Polícia Central, e ainda usando o nome de Harry Berger, Ewert, quando perguntado, forneceu o nome de seus pais [...] Berger declarou que o nome de seu pai era Israel Berger. O verdadeiro nome de seu pai era Franz Ewert. O filho, Arthur, jogou o preconceito na cara do Brasil e quase ninguém percebeu¹⁰⁵.

Segundo Fernando Moraes, um ano após os frustrados levantes armados no Rio de Janeiro, Olga teve sua filha em campo de concentração nazista¹⁰⁶. Mesmo antes do nascimento da menina, a mãe de Luiz Carlos Prestes, Sra. Leocádia Prestes, iniciava uma campanha internacional pela liberdade do filho e da nora. Depois de muitos esforços e insistência com a Gestapo, a avó consegue a liberdade da neta, já com quatorze meses de vida.

Olga não foi liberta. No início dos conflitos da Segunda Guerra Mundial, Olga foi enviada a campos de trabalhos forçados em Ravensbrück, onde permaneceu até fevereiro de 1942. Submetida à câmara de gás de Bernburg, foi assassinada. No mesmo ano da morte da mãe de sua filha, Prestes, ainda prisioneiro do Estado Novo, apóia o Governo Vargas quando este rompe relações com a Alemanha e declara guerra aos países do Eixo, enviando soldados brasileiros para lutar ao lado das nações Aliadas (EUA, URSS, Inglaterra etc.).

Com a saúde abalada pelos esforços de salvar o filho e a nora das garras das ditaduras de Vargas e de Hitler, a Sra. Leocádia vem a falecer em junho de 1943, na cidade do México. Neste mesmo ano, o PCB realizou uma conferência de reorganização da agremiação, que se encontrava praticamente esfacelada pela repressão. Neste evento, Prestes, apesar de preso, é eleito Secretário Geral do Partido, reafirmando assim, a postura dos comunistas de “União Nacional”¹⁰⁷ com Vargas na luta contra o fascismo. Mesmo obtendo o apoio dos comunistas, Vargas não atendeu o pedido do ministro da Defesa do México para que Prestes pudesse ir ao velório de sua mãe¹⁰⁸.

¹⁰⁵ ROSE R. S. **Uma das Coisas Esquecidas**: Getúlio Vargas e controle social no Brasil / 1930-1954. São Paulo: Companhia das Letras, 2001, p. 99.

¹⁰⁶ MORAIS, Fernando. **Olga**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004, p. 188.

¹⁰⁷ Essa iniciativa da construção da “União Nacional” se caracterizava pela amplitude das Frentes Populares proposta por Moscou, na qual qualquer setor antifascista poderia compor.

¹⁰⁸ PRESTES, Anita Leocádia. **Luiz Carlos Prestes**: patriota, revolucionário, comunista. São Paulo: Expressão Popular, 2006, p. 38.

Prestes só tomou ciência do falecimento de Olga, após sua libertação, em 1945. Porém, tais fatos não fizeram com que ele e o Partido mudassem a postura política. Por assim, defendiam a *União Nacional* e a permanência de Vargas no poder até a realização das eleições gerais e a promulgação de uma nova Constituição, mas um golpe de Estado promovido por integrantes de sua própria gestão derrubou o Governo¹⁰⁹.

Dado o golpe e realizada as eleições, Prestes é eleito Senador, o mais bem votado nas eleições de 1945.

¹⁰⁹ PRESTES, Anita Leocádia. **Da Insurreição Armada (1935) à “União Nacional” (1938-1945): a virada tática na política do PCB**. São Paulo: Paz e Terra, 2001.

2 - ENTRE A HISTÓRIA E A LITERATURA: Caminhos e estratégias de Jorge Amado e Fernando Morais.

Jorge Amado e Fernando Morais, certamente estão entre os escritores mais lidos no Brasil no que se refere à nossa Literatura contemporânea. Além disso, diversas semelhanças aproximam os perfis dos escritores.

Ambos iniciaram sua vida no mundo das letras através do jornalismo, apesar da origem não ser nítida em Amado, mas bastante clara em Morais. Os primeiros contatos literários do escritor baiano foram frutos dos relacionamentos nas redações de jornais, sejam elas na Bahia com os modernistas na *Academia dos Rebeldes*, no final dos anos de 1920, ou no início da década de 1930, em jornais cariocas quando aparecem seus primeiros romances. Já Morais não reconhece seus trabalhos como Literatura, para ele, o tratamento estético dado ao seu texto possui um ‘perfil literário’ no intuito de garantir elegância e sedução à narrativa, ou seja, é uma estratégia para garantir uma boa fluência para o leitor como se fosse em uma obra literária¹¹⁰.

Observando o aspecto político, percebe-se que ambos militaram, utilizando muitas vezes a escrita, em movimentos e partidos políticos de caráter *frentista* contra os regimes ditatoriais no Brasil. Amado teve como inimigo primordial o governo ditatorial de Vargas (1930-1945) e o movimento fascista. Viveu e *foi crítico* do Regime Militar entre as décadas de 1960 e 1980, mas pouco utilizou sua Literatura para combatê-lo. Morais era crítico severo ao Regime Militar, repudiou como jornalista, projetos faraônicos como a Transamazônica e a construção das Usinas Nucleares de Angra dos Reis, além de apresentar Cuba como alternativa política e social para América Latina. Além disso, Morais e Amado militaram também no campo institucionalizado, sendo eleitos para o parlamento e, no caso específico de Morais, chegando a assumir cargos na administração do Governo do Estado de São Paulo.

Ao longo desse capítulo ficará claro que as biografias de Prestes e de Olga foram fundamentais para o crescimento das vidas políticas e literárias de Amado e de Morais. *O Cavaleiro da Esperança* e *Olga* são livros interligados às disputas de poder de suas épocas. São obras a serviço da disputa de memória e de um projeto que visualiza a busca por uma

¹¹⁰ Cf. http://www.cosmo.com.br/especial/cosmo_especial/conteudo/011205_especial01.shrm. Acesso em agosto de 2007.

identidade democrática para o Brasil. São narrativas que reivindicam a verdade e que negam o ficcional e o imaginário.

A intenção com o presente capítulo é apresentar inicialmente cada escritor, primeiro Jorge Amado e depois Fernando Moraes, posteriormente debater a relação Literatura e História existente nos livros biográficos e, por último, analisar como o discurso do verídico implica na construção de um projeto de poder.

2.1. Caminhos de Jorge Amado: da Literatura engajada à Literatura militante de partido.

“Stálin para mim era um deus”
(Jorge Amado, em entrevista a Alice Raillard, 1985).

“Que se danem os historiadores!”
(Jorge Amado, nota introdutória de ABC de Castro Alves, s/d).

A tomada do poder, sob iniciativa dos trabalhadores, camponeses e soldados, reacendeu as chamas de um futuro promissor. Após 1917, diversos artistas e literatos tornaram-se partidários da Revolução, com o intuito de “falar as massas” sobre uma possibilidade de superação dessa sociedade falida pela guerra e pela cobiça do capital. A transição do capitalismo para o socialismo seria a grande alternativa, sendo o proletariado o protagonista da transformação, o novo herói da humanidade.

Para Eduardo de Assis Duarte, a figura do herói estava perdida na Literatura burguesa desde o período Realista, reencarnando-se, nesse novo estilo de Literatura, por meio do heroísmo revolucionário da classe trabalhadora, que inspirava defesas do combate realizado pelo operário, camponês, agitador e dirigente partidário das massas¹¹¹. Nesta fase, as artes buscaram abandonar seu traço elitista, tentando atingir um público mais amplo. Assim, encontramos proletários e artistas agindo juntos contra a velha ordem, no sentido de construir um novo modelo de sociedade pautado na fraternidade e na justiça. Seria o delinear do socialismo.

O período Pós-Revolução Russa - o entreguerras nas décadas de 1920 e 1930 - foi de (in)tenso acontecimentos políticos e de grande politização no campo literário.

¹¹¹ DUARTE, Eduardo de Assis. **Jorge Amado**: romance em tempo de utopia. Rio de Janeiro: Record, 1996, p. 18.

Época em que aflora, novamente, o engajamento literário no mundo, estritamente associado à política e à prática da produção literária. Desse modo, parte significativa dos literatos e demais artistas acreditava na concretização de uma utopia: a construção de uma sociedade sem classes.

Emerge, nesse período, juntamente com a Literatura engajada, a Literatura de vanguarda, cujo perfil revolucionário sustenta-se na sua proposta de ruptura com as formas artísticas anteriores. Existe uma diferença entre estes dois tipos de Literatura. De um lado, o escritor engajado pretende participar, através de suas obras, do processo revolucionário ou de transformação/reforma. Por outro lado, os literatos de vanguarda assumem uma participação simbólica, propondo uma nova estrutura para a Literatura. A Literatura engajada seria (é) aquela a serviço da propaganda e da agitação, isto é, um instrumento a serviço da transformação da sociedade. Segundo Benoîte Denis, “[...] o escritor engajado é aquele que assumiu, explicitamente, uma série de compromissos com relação à coletividade, que ligou-se de alguma forma a ela por uma promessa e que joga nessa partida a sua credibilidade e sua reputação”¹¹².

O engajamento é fundamental nas relações do literato com o social¹¹³. Esse tipo de Literatura não visa retratar apenas os “bons sentimentos”, mas sim, a questão da formação de uma nova ética social, mais justa e humana. Nesse sentido, o literato engajado é fascinado pelo cotidiano popular e se solidariza com as lutas de resistência e libertação das massas.

Denis chama a atenção para a distinção de significado entre Literatura engajada e Literatura militante, sendo que a “primeira vem à política porque é nesse terreno que a visão do homem e mundo da qual ela é portadora se concretiza, enquanto a segunda já é desde o início política”¹¹⁴. Apesar da relevância de tal distinção, existe um aspecto necessário de ser apontado: na interpretação de Denis, toda literatura é uma produção política.

O engajamento ocorre quando o literato opta por contribuir para transformação do mundo através de sua produção, por mais que isso fique subliminar em sua narrativa. Ser militante, segundo a conceitualização esboçada neste trabalho, é ir além do engajamento. Significa construir uma obra acreditando na vitória, enquadrando-se, dessa forma, numa das tendências que disputam ou elaboram teses e mecanismos que almejam a

¹¹² DENIS, Benoîte. **Literatura e Engajamento**. Bauru-SP: EDUSC, 2002, p. 31.

¹¹³ Entende-se que toda obra literária possui seu grau de engajamento. Mas, nesse texto dissertativo, o termo engajamento será usado como compromissos do literato com projetos coletivos ou sociais e, em especial, com aqueles que reivindicam a transformação da sociedade, seguindo a conceitualização esboçada por Benoîte Denis.

¹¹⁴ Idem, p. 36.

transformação do mundo e do homem. O militante não atua apenas pela boa vontade de contribuir para as transformações, pois isso é engajamento. O literato militante não é espontâneo em suas narrativas e considerações, mas coerente ou centralizado numa proposta política, isto é, seu texto parte de um eixo político já existente e sua produção vem reafirmar essa linha de pensamento ou estratégia transformativa.

Assim, Jorge Amado oscila, de acordo com o período de produção de suas obras, de escritor engajado a militante e, até mesmo, vanguardista. Enquanto Fernando Morais, apesar de sua militância na produção do livro *Olga*, elabora uma Literatura engajada.

Principiando uma análise sobre Jorge Amado, sabe-se que ele era filho de fazendeiro e oriundo da classe média. Sua inserção no mundo literário iniciou-se com a participação no Movimento Modernista, cuja proposta era vanguardista, através da *Academia dos Rebeldes*, em Salvador, na Bahia, no final dos anos 1920. No plano político, tal movimento tinha como atitude dominante a rejeição ao coronelismo provinciano e a denúncia da situação de pobreza e atraso em que vivia o país, em especial, o Nordeste.

Sobre o Modernismo e Jorge Amado, Roger Bastide afirma que a Literatura brasileira manteve-se fixada nas tendências da Literatura européia até 1922, ano em que foi realizada a Semana de Arte Moderna, evento que elevou o Modernismo a um divisor de águas no que se refere à produção literária nacional.

Esta nova tendência, segundo a interpretação do citado autor, apresenta duas correntes internas neo-realistas: uma de cunho sociológico, caracterizada pela tentativa de descrever com a maior exatidão possível a realidade circundante; e outra, cuja intenção não consiste em pintar o real, mas mudá-lo em nome de uma ideologia socialista. Amado insere-se nesta última corrente, sendo seus romances concebidos como mensagens voltadas à ação revolucionária¹¹⁵.

Contrariando a análise de Bastide, em parte, o primeiro livro de Amado, *O País do Carnaval*, escrito em 1930 e editado em 1931, apesar de ser um “grito de revolta”, está longe de ser uma proposta literária que aponte para o socialismo ou para uma ação revolucionária. A obra narra a vida do fazendeiro burguês Paulo Rigger, que busca descobrir a existência e o sentido da felicidade. O texto é relativamente pequeno, confuso e bastante cético. Mas, apesar disso, Amado aborda questões históricas da época: a insatisfação com a Revolução de 1930, a relação do jornalismo com a política, o debate em torno da identidade nacional, a ascensão do fascismo e do comunismo etc.

¹¹⁵ BASTIDE, Roger. Sobre o romancista Jorge Amado. In: **Jorge Amado Povo e Terra: 40 anos de literatura**. São Paulo: Editora Martins, 1972, pp. 39-45.

Frente à polarização política da época, os personagens do escritor se mostravam indiferentes ou sarcásticos: “O movimento fascista é grande. A propaganda comunista enorme” (Jerônimo); “Eu não sou nem por um nem por outro. O Brasil não deve importar sistemas políticos. Nós até hoje temos importado tudo” (Ricardo) e “[...] eu sou comunista... O comunismo mandaria surrar os brasileiros três vezes por dia [...]. O único remédio eficaz para o brasileiro é o chicote...” (Paulo Rigger)¹¹⁶.

O próprio Amado também vê esse tom cético em seu primeiro livro e se justifica e se defende, alegando que o livro é uma exceção “[...] porque creio que em todos os meus outros livros meus personagens têm algo a ver comigo”¹¹⁷. Esse fato levou o literato a proibir a tradução da obra em vários momentos, só autorizando a tradução para o italiano no final de sua vida. Além disso, engavetou o seu segundo livro, *Rui Barbosa nº 02*, considerado por ele como continuidade de *O País do Carnaval*.

Em relação ao Movimento Modernista de 1922, Amado menciona que a influência desta nova tendência atingiu as terras baianas no ano de 1927, vindo a fomentar a *Academia dos Rebeldes*. Em discordância com Bastide e outros intérpretes literários, o escritor baiano afirma que suas obras não tiveram influência do modernismo, mas sim da Revolução de 1930. Conforme a análise de Amado, o modernismo girava em torno dos grandes proprietários de café de São Paulo e do PRP, configurando-se assim, “um movimento de classe” que nada trouxe de original, transpondo apenas diversos movimentos que surgiram na Europa pós-Primeira Guerra (cubismo, dadaísmo, surrealismo etc.)¹¹⁸. Partindo desse preceito político, Amado esquece que a Revolução de 30 foi impulsionada pela Aliança Liberal, que tinha em seu seio as oligarquias gaúcha, mineira e paraibana, além dos cafeicultores paulistas dissidentes do PRP, que constituíam o Partido Republicano. Nesse sentido, partindo dos próprios conceitos construídos por Amado, o dito “romance de 30” é também “um movimento de classe” que se aproxima daquele realizado pelos literatos paulistas.

Segundo Jorge Amado, o “romance de 30” - movimento surgido com a Revolução de 1930 - caracterizou-se como uma Literatura que tratava dos problemas sociais do povo brasileiro, sendo isso atestado numa escrita narrativa assentada na língua falada pelos setores mais populares. Nesse sentido, o romance *A Bagaceira*, de José Américo de Almeida,

¹¹⁶ AMADO, Jorge. *O País do Carnaval*. São Paulo: Editora Martins, 1961, pp. 61-62.

¹¹⁷ RAILLARD, Alice. *Conversando com Jorge Amado*. Rio de Janeiro: Record, 1990, p. 47.

¹¹⁸ Idem, p. 57.

escrito em 1928, seria um dos marcos iniciais dessa nova fase da literatura brasileira, na qual os escritores nordestinos seriam os pioneiros/vanguarda¹¹⁹.

Frente aos paulistas, Amado afirmava que eles, em sua maioria, não tinham conhecimento da vida do povo, por assim, era um movimento limitado, que teve um marco inicial - “Semana de 22” - com grande efervescência, que foi para além do modernismo, mas que posteriormente teve um breve fim em si mesmo. O resultado da falta de solidez no movimento haveria provocado diversas propostas de projetos nacionalistas, que foram da direita, como Plínio Salgado, Cassiano Ricardo, Guilherme Almeida etc., à esquerda com Raul Bopp, Patrícia Galvão e Oswald de Andrade¹²⁰.

A filiação de Amado na Juventude Comunista, em 1932, produziu reflexos em sua produção literária. Provavelmente, seu segundo romance cético não foi impresso devido à opção política tomada pelo escritor. Nos próximos romances veremos um literato engajado numa nova proposta de sociedade, denunciando as mazelas do capital no campo ou na cidade.

*Cacau*¹²¹, seu segundo romance a ser editado, em 1933, narra a biografia de seu personagem fictício, José Cordeiro, de cognome Sergipano. José Cordeiro era filho de um ex-industrial que morreu e teve as riquezas usurpadas pelo tio, ficando o personagem e a mãe relegados à miséria. Sem condições de ficar em Sergipe, José Cordeiro vai trabalhar nas fazendas de cacau em Ilhéus, local onde ouve pela primeira vez a palavra ‘greve’, e conhece na pele a exploração do trabalho desumano, quase escravo, nas fazendas do interior baiano. Emerge, assim, um *sentimento de classe* que leva o personagem a negar o amor da filha do fazendeiro e a abandonar a fazenda, na tentativa de se transformar em um operário no Rio de Janeiro, onde junto com os demais *irmãos trabalhadores*, teria a oportunidade de transformar o mundo, abolindo as explorações e desigualdades.

O romance é engajado, denuncia a exploração humana nas fazendas do sertão brasileiro e aponta para a construção de uma moral solidária entre os trabalhadores, tanto do campo como da cidade. Amado diz que tentou, em *Cacau*, escrever “um romance proletário” que almejasse a organização dos trabalhadores, já que “a consciência proletária ainda estava em formação num país que começava a se industrializar e onde não existia, propriamente, uma classe operária”¹²².

¹¹⁹ Idem, pp. 60-66.

¹²⁰ Idem, pp. 58-59.

¹²¹ AMADO, Jorge. *Cacau*. São Paulo: Editora Martins, 1961 pp. 145-283.

¹²² RAILLARD, Alice. *Conversando com Jorge Amado*. Rio de Janeiro: Record, 1990, p. 55.

Seu terceiro romance, *Suor*¹²³, lançado em 1934, migra dos ares do campo para o urbano. É um texto de linguagem mais virulenta e de fatos e descrições mais chocantes. O enredo fala do cotidiano da vida dos moradores de um cortiço na Ladeira do Pelourinho, na cidade da Bahia - denominada nos dias de hoje Salvador -, local paupérrimo onde moravam trabalhadores, desempregados, prostitutas, artistas e que também alojava migrantes da seca que alugavam seu pátio. O texto descreve a vida sofrida destes sujeitos, excomunga a exploração capitalista e visita novamente a questão da moral defendendo, de forma mais clara, a união dos trabalhadores e demais explorados.

Neste livro, Amado já inicia, de forma tímida, a defesa aos comunistas, apontando o exemplo da Revolução Russa que deveria ser seguida pelos demais trabalhadores do mundo, em especial, os brasileiros. Ao final, descreve-se a solidariedade dos moradores do cortiço com os operários, em greve, da companhia do bonde, seja durante a greve ou depois, visando à libertação dos grevistas presos. O ápice do romance é o relato da última manifestação pró-libertação dos grevistas, quando um dos moradores morre com um tiro sem concluir seu grito parafraseado de Marx: “Proletários de todas as nações...”. Apesar deste final trágico, a dor e o sofrimento são apontados como elementos essenciais para fomentar a consciência de classe e, conseqüentemente, levar as massas a concluir, na prática, a frase inacabada do morador do cortiço assassinado.

Avaliando os dois romances engajados e o início de sua militância político partidária, Amado diz: “*Cacau e Suor*, que se seguem de muito perto - 1933, 1934 -, significam meu encontro com a esquerda - é o momento em que me torno um militante da esquerda”¹²⁴.

A relação dos romances de Jorge Amado com os ideais socialistas resulta na tradução de sua produção literária para quarenta idiomas, aproximadamente, e na publicação de tais obras no estrangeiro. Conseqüentemente, o escritor baiano é referenciado na Literatura internacional, principalmente entre os antifascistas e simpatizantes do comunismo.

No final de 1934 e durante 1935, Amado reforça sua militância na Juventude Comunista, participando ativamente das atividades da ANL. Era o período de formação das Frentes Populares incentivadas pela III IC por intermédios de suas seções partidárias. As frentes eram compostas por todos aqueles setores que tinham como meta deter o avanço do fascismo. No Brasil, o sintoma do *frentismo* foi representado pela ANL, tendo à

¹²³ AMADO, Jorge. **Suor**. São Paulo: Martins, 1961, pp. 285-412.

¹²⁴ RAILLARD, Alice. **Conversando com Jorge Amado**. Rio de Janeiro: Record, 1990, p. 56.

frente da organização os militares - os ex-Tenentistas - que se decepcionaram com Getúlio Vargas e os simpatizantes e militantes comunistas ligados ao PCB.

Segundo Hobsbawm, a proposta da unidade antifascista conquistou um grande apoio popular, trazendo para suas fileiras a adesão de vários intelectuais, que temiam as hostilidades da direita ascendente “à liberdade intelectual que imediatamente expurgou das universidades alemãs um terço de seus professores”¹²⁵. Além disso, com o exemplo alemão, temiam-se os ataques e a repressão aos artistas e literatos da cultura ‘modernista’ e a eliminação e/ou queima de livros indesejáveis pelo regime. No Brasil, o Governo Vargas agia da mesma forma, chegando a proibir publicações, apreendendo e queimando livros em praça pública. Jorge Amado, como ferrenho opositor ao fascismo e a Vargas, vivenciou essas desavenças durante os anos 1930 e 1940.

Nesse contexto, o engajamento de Amado não era um fato genuinamente brasileiro. Está ligado à efervescência do período entreguerras, à ascensão e polarização entre os movimentos comunista e fascista, que fascinava uma geração de escritores que queriam opinar sobre suas posições. Para Denis¹²⁶, no campo das esquerdas, era o momento de se colocar, com toda força, o engajamento idealista em defesa dos valores universais que estavam sendo ameaçados pelo fascismo, momento no qual o intelectual colocava seu prestígio a serviço do debate e formação política, sendo que muitos renunciavam a sua independência na produção artística para se lançar numa ação política coletiva e organizada. Foi um período em que os meios/órgãos de agitação e divulgação das Frentes Populares eram movidos por esses intelectuais.

No ano de militância na ANL e dos levantes armados, Amado escreveu *Jubiabá*. Um romance mais denso e engajado em relação aos seus três livros publicados anteriormente. A obra narra a biografia do personagem fictício Antonio Balduino, um negro órfão que foi criado durante a infância pela tia numa favela e, posteriormente, por um comerciante português. Vive parte de sua adolescência na rua praticando pequenos furtos, torna-se lutador de boxe, trabalha em fazendas de plantação de fumo, em um circo, vive um tempo de trapanças e, por último, descobre seu *lugar honesto* enquanto um operário no cais do porto. É um romance que passa por lugares e situações múltiplas e que aponta a *degeneração moral* de um homem e seu (re)encontro com a ética, através do trabalho, da solidariedade e da união entre os seus pares. Balduino acreditava ser um homem livre por não trabalhar e viver vagabundo, mas descobre que a liberdade é fruto das conquistas do homem. Nisso, o trabalho,

¹²⁵ HOBSBAWM, Eric. **Era dos Extremos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005, p. 151.

¹²⁶ DENIS, Benoîte. **Literatura e Engajamento**. Bauru-SP: EDUSC, 2002, p. 236-237.

a greve e a solidariedade existente entre os trabalhadores lhe apontavam os caminhos próximos para liberdade plena.

A greve fora novamente para o negro Antonio Balduíno uma verdadeira revelação. A princípio ele a amara como uma luta; como barulho e briga, coisas de que gostava desde criança. Porém, aos poucos, a greve começou a tomar para o *ex-boxeur* um aspecto novo. Era qualquer coisa mais séria que barulho, que briga. Era uma luta dirigida para um fim, sabendo o que queria, uma luta bonita. Ali na greve todos se amavam, se defendiam e lutavam contra a escravidão¹²⁷.

A solidariedade entre os trabalhadores e a consciência de classe adquirida durante a organização de uma greve conjunta por melhores salários e condição de vida, constituíam o *sentimento semelhante* que buscava ser construído em torno da ANL. Sentimentos esses não limitados apenas à classe operária, mas que deveriam ser ampliados aos militares, intelectuais, estudantes, classes médias e a todos os setores antiimperialistas e antifascistas que almejavam um Governo Popular e Revolucionário para os brasileiros. A coesão e a vontade de vencer dos operários baianos do romance amadiano é aquilo que faltou ao policlassismo da ANL.

Jorge Amado, pensa que o romance vai além, discutindo a relação de raça e classe no Brasil.

Em Jubiabá, o problema da raça é colocado de uma forma muito violenta, a tal ponto que, no fim do livro, Balduíno compreende que o problema de raça não é a causa, mas sim a consequência do problema de classe: o problema do pobre e do rico, do escravo e do amo. Eu realmente fico feliz por Jubiabá mostrar isto, e não o caminho estreito e fechado da separação de raças, da negação da nossa realidade, e da própria experiência humanista, que é a mistura de raças¹²⁸.

Apesar de Amado analisar, no final de sua vida, que a tentativa de insurreição da ANL foi um erro, deduz-se que a experiência no movimento foi condição preliminar para aprofundar sua militância no PCB e, conseqüentemente, colocar sua literatura a serviço dos ideais do partido, tornando-se, então, um literato de escrita militante.

Antes de 1935, acentua-se na Rússia a interferência do *Partido-Estado* sobre as artes e a literatura em seus aspectos estéticos e políticos, assemelhando-se assim, às estratégias/propostas disciplinares e organizativas utilizadas pela III IC para o movimento

¹²⁷ AMADO, Jorge. **Jubiabá**. Rio de Janeiro: Editora Martins, s/d, p. 246.

¹²⁸ RAILLARD, Alice. **Conversando com Jorge Amado**. Rio de Janeiro: Record, 1990, p. 101.

sindical. Conseqüentemente essas políticas determinadas pelo Partido Russo vão ter seus reflexos nos meios literários internacionais, inclusive no Brasil, apontando Jorge Amado como o principal expoente.

Dois relevantes marcos políticos da centralização literária existente no movimento comunista foram: a criação da União dos Escritores Soviéticos da URSS em 1932, por decreto do Comitê Central do Partido Russo, e a realização do I Congresso dos Escritores Soviéticos, em 1934, momento em que se instaurou a política do “realismo socialista” para as artes e a literatura. Ambos os fatos contribuíram para a centralização dos organismos partidários frente à produção cultural ocorrida dentro e fora da Rússia. Nesse sentido, absorvendo a *ética militante bolchevique*, o militante literário que não seguisse as determinações do Partido estava sujeito a ser expulso da agremiação ou ser acusado de “traidor da pátria”, podendo até ser assassinado ou obrigado a se exilar em país estrangeiro, no caso dos artistas russos ou de nações denominadas ‘socialistas’.

Segundo Vittorio Strada, que analisa a cultura russa, a centralização do Partido quanto às questões culturais foi um crime/genocídio à diversidade e intensidade existente na literatura e nas artes daquele país. O autor aponta que a matriz dessa política centrista é fruto da concepção de Partido formulada por Lênin durante o processo revolucionário russo e que os fatos ocorridos na literatura soviética pós-30, no período stalinista, é apenas o aprofundamento de uma idéia esboçada anteriormente¹²⁹.

Apesar da simplificação e do pouco esforço em distinguir as estratégias elaboradas por Lênin na tomada do poder e as de Stálin na direção do Estado soviético em relação à cultura, Strada sinaliza uma das grandes polêmicas existente nos meios de esquerda e no pensamento marxista: como um militante deve atuar frente à cultura.

Dos anos 1930 até 1956, todas as respostas para qualquer questão emergente no movimento comunista deveriam ser pautadas pelo pensamento *marxista-leninista* interpretado pelo *stalinismo*, o “socialismo real”. Esta doutrina tornou-se oficial no Partido-Estado russo e nas demais seções partidárias ligadas a III IC. Frente a tal situação, as respostas funcionais para a cultura deveriam se basear nos escritos de Lênin do período revolucionário, uma vez que a revolução no campo cultural seria primordial para formar as

¹²⁹ STRADA, Vittorio. Da “revolução cultural” ao “realismo socialista”. In: HOBBSAWM, Eric J. (org.). **História do Marxismo**. O Marxismo na época da Terceira Internacional: da Internacional Comunista de 1919 às Frentes Populares. v. 9. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987, pp. 113-125.

bases sociais de um país inadequado economicamente à superação do capitalismo¹³⁰. Cabe ao militante a tarefa da construção de uma “cultura proletária” pensada a partir dos marcos da vanguarda revolucionária, o Partido Comunista¹³¹.

Jubiabá é um marco na obra amadiana que busca essa formação da “cultura proletária” brasileira, apesar de seu texto ter outras preocupações, como o debate sobre as matrizes raciais e seus impactos na identidade brasileira e, em especial, a cultura dos negros. Mesmo com esses aspectos supracitados, o livro não aponta as teses - leituras do PCB e III IC - que mencionam a conquista da liberdade completa e a tomada do poder por iniciativa da classe trabalhadora.

No tocante à Literatura amadiana, a discussão sobre os caminhos para o “socialismo real” será contemplada nas obras biográficas do início dos anos 40: *ABC de Castro Alves* e *O Cavaleiro da Esperança: a vida de Luiz Carlos Prestes*. Ambos os livros foram escritos no exílio, momento em que Amado demonstra toda a sua fúria contra o Governo Vargas e o fascismo, devido as prisões ocorridas no Brasil, no final dos anos 1930. Possivelmente, neste momento, Amado toma maiores contatos com a política do movimento comunista internacional.

ABC de Castro Alves foi lançado inicialmente em 1941, através de folhetins da imprensa argentina, devido à repressão no Brasil¹³². Tal obra esteve voltada a fazer um chamado aos literatos brasileiros na luta contra o autoritarismo do Governo Vargas e suas influências fascistas. A obra se preocupa com os rumos que o Brasil poderia tomar na Segunda Guerra Mundial, e realizava uma campanha pró-Aliados, em especial, à URSS. Amado esperava captar literatos brasileiros para a política de *frente ampla* contra o fascismo, podendo assim, influenciar politicamente os rumos que o Estado brasileiro poderia tomar diante da eminente guerra. Por conseguinte, o exemplo libertário do escritor Castro Alves deveria ser seguido pelos literatos brasileiros, contra um possível *retrocesso histórico* que culminaria na *escravização dos povos livres do mundo*: a vitória bélica do nazifascismo. Posteriormente, com o findar do conflito armado, em 1947, Amado reescreve a biografia de

¹³⁰ É importante observar como a visão de Amado sobre seus dois primeiros livros engajados - *Cacau* e *Suor* - já se aproxima da de Lênin: a formação cultural devia estar voltada a contribuir na superação das debilidades econômicas de um país.

¹³¹ Karl Marx e Friedrich Engels, diferentemente do movimento comunista sob influência *stalinista*, tinham receios sobre a participação do literato no Partido do proletariado, devido aos seus costumes *pequeno-burguês*, apesar de tolerá-los. Mas, quanto ao conteúdo da produção, não existe condicionantes ao literato militante. Engels, em carta à escritora Mina Kautsky, chega a defender que o “poeta não tem que dar já pronta ao leitor a solução histórica e futura dos conflitos sociais que descreve”, basta que este descreva a realidade, abalando assim, o otimismo que o mundo burguês imprime na sociedade e, conseqüentemente, no leitor. (MARX, K & ENGELS, F. Sobre Literatura e Arte, 1971, p. 193).

¹³² GOMES, Álvaro Cardoso (org.). **Jorge Amado**: Literatura Comentada. São Paulo: Editora Abril, 1981, p. 19.

Castro Alves por meio de um roteiro de peça teatral intitulada, inicialmente, de *O Amor de Castro Alves*, e alterado para *O Amor do Soldado*. Nessa nova versão, Amado mantém a linha de sua primeira biografia, exceto a crítica ao Governo Vargas.

A biografia de Prestes, que aclamava sua libertação da prisão, também saiu, inicialmente, através de folhetins em jornais argentinos. Sua primeira impressão, enquanto livro, foi feita em língua espanhola, pela Editorial Claridad de Buenos Aires. Esta obra, intitulada *A vida de Luiz Carlos Prestes: O Cavaleiro da Esperança*, foi lançada em três de janeiro de 1942, data de comemoração do quadragésimo quarto aniversário de Prestes.

Mesmo lançado na Argentina, o livro transpôs as fronteiras do Brasil de forma clandestina, através dos militantes e simpatizantes do PCB e ex-integrantes da ANL. Somente em junho de 1945, com o enfraquecimento político do Estado Novo, a biografia de Prestes é lançada definitivamente no Brasil, em língua portuguesa, pela Livraria Martins Editora, com o título *O Cavaleiro da Esperança*¹³³.

Em relação à produção do livro, Amado, no exílio, teve contato com vários exilados políticos oriundos da perseguição varguista, ex-integrantes da Coluna Prestes, aliancistas, comunistas e outros que, certamente, contribuíram com informações e documentos para a elaboração de *O Cavaleiro da Esperança*. Certamente, Amado foi o primeiro autor a descrever, em forma de livro impresso, os trajetos e façanhas da Coluna Prestes, como também o primeiro escritor a relatar as torturas e humilhações sofridas pelos comunistas estrangeiros enviados pela III IC, nas prisões brasileiras, pós-levantes armados de 1935.

Com a biografia de Prestes, Amado parte para o campo da mitificação das lideranças do movimento comunista da época. Stálin era posto como o libertador dos trabalhadores e povos oprimidos do mundo, o “homem de aço”, o único homem capaz de derrotar Hitler e o perverso movimento fascista em escala internacional, e Prestes, o “Cavaleiro da Esperança” da famosa Coluna Prestes, era colocado como o grande líder democrático brasileiro, o presidente de honra da ANL e o único capaz de derrotar o “governo odioso” de Vargas e implementar no Brasil um governo popular revolucionário.

Os livros biográficos de Amado consolidam sua literatura militante voltada às teses e palavras de ordem do partido e da III IC. *O Cavaleiro da Esperança*, além de ser um texto panfletário, tinha a função de servir como agente impulsionador da reorganização de uma Frente Popular no Brasil que exigisse de Vargas a posição de tomar o partido das nações aliadas durante a Segunda Guerra. Com essa estratégia, o PCB e, possivelmente, Amado

¹³³ TAVARES, Paulo. **O baiano Jorge Amado e sua obra**. Rio de Janeiro: Record, 1982, p. 35.

esperavam que, através da anistia de Prestes e de outros militantes comunistas, se pudesse reorganizar a agremiação que se encontrava praticamente dissolvida pela repressão.

O escritor baiano aproveita a biografia de Prestes para atacar o Movimento Modernista paulista, enquadrando-o como “movimento dos oligarcas paulistas”¹³⁴, literatos que, segundo ele, em sua maioria, não deram valor e conhecimento ao Movimento Tenentista de 1922 e à Coluna Prestes, no período de 1924 a 1927. Para o citado escritor, a Literatura brasileira tem uma dívida com Prestes, pois foi o movimento vitorioso da grande marcha que proporcionou o desenvolvimento da revolução democrático-burguesa no Brasil que, conseqüentemente, impulsionou “o Romance de 30”, “a moderna literatura brasileira” que teve seu ápice em 1935 com a ANL. Sendo assim, “Luiz Carlos Prestes foi e é a figura máxima de todos esse movimentos, chefe, condutor e general, a sua ligação com a moderna literatura brasileira é indiscutível”¹³⁵.

As biografias surtem efeitos políticos diretos na vida do escritor, como na vida do próprio biografado, Prestes. Jorge Amado, no início do ano 1945, no Congresso da Associação Brasileira dos Escritores (ABDE), é eleito para a vice-presidência da entidade, que toma como política prioritária a luta pela redemocratização do país, consumando uma das propostas contidas em *ABC de Castro Alves*. No mesmo ano, Prestes é o candidato ao Senado, sendo o mais bem votado do país e, de acordo com a constituição da época, eleito deputado federal por três estados, enquanto que Jorge Amado também foi eleito deputado federal por São Paulo com uma grande margem de votos¹³⁶. Sendo assim, *O Cavaleiro da Esperança* tanto serviu para enaltecer a vida do biografado, como colaborou para o crescimento político do escritor biógrafo.

Quando com 78 anos de idade, Jorge Amado avaliou que seus dois livros biográficos não possuem valor literário especial dentro do conjunto de sua obra, uma vez que a eles “são duas biografias, [...] trabalhadas como ficção”¹³⁷. No caso de Prestes, a intenção seria a questão da anistia e a luta contra a ditadura Vargas e, em relação a Castro Alves, a biografia é dirigida aos intelectuais, no intuito de ganhá-los para a luta contra a ditadura estado-novista e o fascismo.

A única tese do PCB que Amado não defendeu de forma objetiva, em seus livros, é o termo “Unidade Nacional” com Getúlio Vargas, apesar do termo aparecer em sua

¹³⁴ AMADO, Jorge. **O Cavaleiro da Esperança**: a vida de Luiz Carlos Prestes. Rio de Janeiro: Editora Record, 1987, p. 16.

¹³⁵ Idem, pp. 16-17.

¹³⁶ Junto com Jorge Amado, o PCB elegeu mais nove parlamentares para o Congresso Nacional, além de obter dez por cento dos votos para candidatura à Presidência da República através de Yedo Fiúza.

¹³⁷ RAILLARD, Alice. **Conversando com Jorge Amado**. Rio de Janeiro: Record, 1990, p.112.

narrativa como chamativa as forças que compunham as candidaturas de Armando Sales e José Américo para lutar contra o fascismo/integralismo e pela democracia no Brasil¹³⁸. Havia o interesse de que Vargas viesse a apoiar as nações aliadas, mas mesmo assim, ele era posto como “tirano”, “senhor feudal”, “ditador” etc.

Vale ressaltar que os livros biográficos foram escritos e publicados, primeiramente, antes do Brasil adentrar a guerra e que, mesmo após a inserção do país no conflito, Amado nunca demonstraria simpatias por Getúlio Vargas. No período em que o PCB defendeu a “Unidade Nacional”, com Vargas à frente do governo brasileiro, o escritor elaborou romances críticos à condição econômica dos povos nordestinos, repudiou o messianismo, o banditismo social - o cangaço - e o trotskismo, além de defender que o Partido Comunista era a única salvação para o país, mas sem citar Vargas¹³⁹.

Os Subterrâneos da Liberdade, escrito no princípio dos anos 1950, mas lançado somente em 1954 - época do segundo Governo Vargas e momento em que o PCB era oposição e defendia a insurreição armada - demonstra, novamente, um Jorge Amado que odiava Vargas e o fascismo. O romance é uma trilogia que aborda fatos históricos que vão desde os preparatórios do golpe do Estado Novo, em 1937, até o julgamento de Prestes em novembro de 1940. Aqui, novamente, Stálin e Prestes são postos enquanto dois grandes heróis, exemplos de dignidade e moral revolucionária a serem seguidas pelos personagens protagonistas do romance, o jovem casal comunista João e Mariana.

Certamente, *Os Subterrâneos da Liberdade* é o romance mais *stalinista* de todos os livros militantes de Jorge Amado. É um texto denso que, em seu conjunto, aponta as diversas teses e concepções do Partido. Um *resgate histórico* que reconstrói uma outra realidade do período, adequando-o às demandas/teses partidárias existentes nos anos 50. Para Amado, “quando escrevi *Os Subterrâneos da Liberdade* eu era um stalinista, realmente um stalinista”¹⁴⁰.

No período das denúncias dos crimes de Stálin, em 1956, no XX Congresso do Partido Russo, Amado abandona a agremiação, não sob a alegação desse evento, mas com o pretexto de voltar a escrever, já que, segundo o escritor, todo seu tempo era destinado à militância. Segundo Amado, as denúncias de Krushev não eram novidades.

¹³⁸ AMADO, Jorge. **O Cavaleiro da Esperança**: a vida de Luiz Carlos Prestes. Rio de Janeiro: Record, 1987, pp. 319-322.

¹³⁹ Isso fica evidente no romance *Seara Vermelha*, escrito em 1945 e lançado em 1946, momento em que o PCB defendia a permanência de Vargas no poder até a realização da eleição presidencial e da confecção de uma nova Constituição para o país.

¹⁴⁰ RAILLARD, Alice. **Conversando com Jorge Amado**. Rio de Janeiro: Record, 1990, p. 136.

Eu soube de tudo em 54, logo depois da morte de Stálin. Numa das viagens que fiz à União Soviética, fiquei sabendo de tudo... tinha começado a haver o “degelo” na União Soviética [...] Daí em diante, eu passei a pensar com minha própria cabeça. Eu era um homem que tinha vivido o stalinismo, que tinha sofrido com o stalinismo¹⁴¹.

É o adeus ao romance militante, e *Gabriela, Cravo e Canela*, o próximo romance de Amado, editado em 1958, aponta essa virada brusca na perspectiva literária amadiana. Mas, isso não significou o fim de seu engajamento social e muito menos a eliminação do seu ódio ao Governo Vargas e ao fascismo. Em *Farda, Fardão e Camisola de Dormir: fábula para ascender uma esperança*, editado em 1979, durante o enfraquecimento do Regime Militar, Amado retorna às denúncias sobre o Estado Novo, numa comparação subjetiva à ditadura em vigor. A grande diferença é que, no romance do final dos anos 1970, o escritor muda seu olhar, deixando de narrar o período sob uma perspectiva da esquerda, não reproduzindo as interpretações do PCB e muito menos louvando Prestes e Stálin. A narrativa de *Farda, Fardão e Camisola de Dormir* parte de um campo liberal, descrevendo a disputa entre fascistas e liberais por uma cadeira na Academia Brasileira de Letras, durante o contexto dos anos de ditadura e ascensão do fascismo. Amado firma sua postura: “Eu quis tomar mesmo os liberais, em vez de tomar os esquerdistas, para mostrar a amplitude da coisa”¹⁴².

Do literato cético ao engajamento em busca da transformação social, do engajamento à Literatura militante de partido, seguindo a influências do movimento comunista internacional. Esse é o Jorge Amado, escritor metamorfose, que cresceu no mundo da Literatura graças à ascensão do movimento comunista.

Observando suas transformações, o louvor a Prestes, através de *O Cavaleiro da Esperança*, teve todo um valor significativo para a consolidação de Amado na Literatura militante. Foi seu batismo de fogo, a retirada de sua credencial para o mundo das “estrelas” literárias do movimento comunista. Diante disso, em 1951, o autor em questão foi agraciado com o “Prêmio Stálin de Literatura” pelo conjunto de sua obra, a maior honraria que um militante literato comunista poderia receber. Para completar o ciclo militante, Jorge Amado dirige a Coleção Romances do Povo, que traduz e edita romances de literatos militantes internacionais no Brasil, como Boris Pelevói, Nikolai Ostrovsky, Alina Paim, Dmítri Fúrmanov etc. Uma curta iniciativa que pode ser vista como uma troca de gentilezas entre os literatos comunistas.

¹⁴¹ GOMES, Álvaro Cardoso (org). **Jorge Amado**: Literatura Comentada. São Paulo: Editora Abril, 1981, p. 28.

¹⁴² Idem, p. 19.

2.2. Caminhos de Fernando Morais: um jornalista literato que reivindica o socialismo.

“O Brasil é um país atrasado, é um país de analfabetos, não é um país de gente progressista, avançada”

Fernando Morais, em entrevista para revista *Preá*, do Rio Grande do Norte, 2005.

A história da República brasileira é marcada por governos ditatoriais que repreenderam seus opositores para legitimar, a todo custo, seu poder. Após dezenove anos do fim do regime ditatorial do Estado Novo, instaurou-se no país um Regime Militar que duraria cerca de vinte anos, entre 1964 e 1984, fruto de um novo Golpe de Estado impulsionado pela elite nacional. E é nesse contexto, de um novo regime ditatorial, que se principia a carreira literária do escritor Fernando Morais.

Morais é mineiro de Mariana. Possui livros traduzidos e publicados em cerca de vinte países e teve sua carreira literária e política principiada e desenvolvida através do jornalismo. No campo político, foi eleito, em 1978, Deputado Estadual por São Paulo, pelo Movimento Democrático Brasileiro (MDB), partido frentista que aglutinava os opositoristas ao regime. Em 1982, com a reorganização partidária no país¹⁴³, Morais é reeleito para o cargo pela mesma agremiação.

Nas eleições para a Constituinte de 1986, o escritor, novamente, é candidato, não conseguindo se eleger no pleito. Com o PMDB governando o estado paulista, Morais se tornou Secretário da Cultura, entre os anos de 1988 e 1991, e Secretário da Educação, de 1991 a 1993. Em 2002, o escritor iniciou sua campanha para Governador do Estado de São Paulo, mas, desistiu por desavenças com o candidato ao Senado e presidente do PMDB paulista Orestes Quércia. Em contrapartida, militou a favor da eleição presidencial de Luis Inácio Lula da Silva, que ocorreu naquele mesmo ano¹⁴⁴.

Quanto à vida sua literária, Morais já escreveu cerca de sete livros e deve lançar, neste próximo período, a partir de 2007, mais três¹⁴⁵. Seus livros, em grande maioria,

¹⁴³ Desde o AI-5, instaurado em 1968, até 1982, no Brasil era permitido o funcionamento apenas de dois partidos institucionalizados, a ARENA (situação) e o MDB (oposição).

¹⁴⁴ Cf. www.sescsp.org.br/sesc/revistas/revistas_link.cfm?Edicao_Id=184&Artigo_ID=2800&IDCategoria=2873 &reftype=2, em agosto de 2007.

¹⁴⁵ As biografias de Paulo Coelho, Antônio Carlos Magalhães e José Dirceu - ou a história do grupo guerrilheiro que Dirceu fez parte, Aliança de Libertação Nacional (ALN).

são biográficos ou de cunho jornalístico. Em 2003, disputou uma vaga na Academia Brasileira de Letras contra Marco Maciel, ex-Vice Presidente da República no governo de Fernando Henrique Cardoso, e foi derrotado. Tal pleito demonstrou uma clara disputa entre um literato de *'perfil de esquerda'* contra outro de *'direita'*. Recentemente, em 2005, Moraes foi vítima de uma ação judicial movida pelo Deputado Ronaldo Caiado¹⁴⁶, do Partido da Frente Liberal (PFL) - atual Democratas. Esta ação desencadeou o recolhimento de todas as edições do livro *Na toca dos leões*, que conta a trajetória da empresa de publicidade W/Brasil¹⁴⁷ e no qual consta uma declaração de Caiado, quando candidato a Presidência da República, em 1989, de que, sendo eleito, mandaria esterilizar todas as mulheres nordestinas.

Seu primeiro grande trabalho foi uma série de reportagens sobre a construção da Rodovia Transamazônica, no norte do Brasil, em 1970. Com esse trabalho, Moraes ganhou o “Prêmio Esso de Jornalismo”, além de garantir sua edição em livro pela Editora Brasiliense, em parceria com outros dois jornalistas com quem trabalhou junto na mesma matéria¹⁴⁸. Seu próximo livro, *A Ilha: um repórter brasileiro no país de Fidel Castro*, segue a linha jornalística do anterior, e aborda diversos temas da vida política, econômica, social e cultural de Cuba.

A Ilha, lançado em 1975, segundo Antonio Callado, no prefácio escrito para a primeira edição do livro, é uma série de reportagens que Moraes fez por conta própria, sem que estivesse incumbido por algum jornal ou revista¹⁴⁹. Mas, em 1977, o escritor trabalhando para a revista VEJA, retorna à Cuba e consegue uma entrevista com Fidel Castro, líder da revolução cubana, que é anexada ao livro, em suas próximas edições, como a principal reportagem: “A seguir, o resultado dessa entrevista, feita com exclusividade para a revista VEJA em junho de 1977...”¹⁵⁰.

Em nenhuma parte do livro *A Ilha*, Moraes se demonstra hostil ao novo regime instalado na América Caribenha. Pelo contrário, ele se demonstra simpatizante, destacando dados no avanço da saúde, educação, moradia, reforma agrária, democracia e, inclusive, da imprensa¹⁵¹. Certamente, sua postura profissional e política de apontar

¹⁴⁶ Ronaldo Caiado, nos anos 1980, foi fundador da União Democrática Ruralista (UDR), entidade que surgiu para fazer contrapartida ao Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST). Caiado é de família tradicional do estado de Goiás, sendo por diversas vezes eleito Deputado Federal, incluindo essa legislatura, de 2006 a 2010. O parlamentar é um dos fortes líderes da bancada ruralista no Congresso Nacional.

¹⁴⁷ MORAIS, Fernando. *Na Toca dos Leões*. São Paulo: Planeta, 2005.

¹⁴⁸ Os jornalistas são Ricardo Gontijo e Alfredo Rizutti.

¹⁴⁹ MORAIS, Fernando. *A Ilha: um repórter brasileiro no país de Fidel Castro*. São Paulo: Editora Alfa-Omega, 1981, p. XIX.

¹⁵⁰ Idem, p. 147.

¹⁵¹ Em relação à imprensa, Moraes (1981: p. 75) inicia o tópico frisando a declaração de um jornalista cubano que ele não cita o nome: “Liberdade é apenas um eufemismo burguês. Só um idiota não é capaz de ver que a

positivamente os desdobramentos da Revolução Cubana, lhe garantiram os dois mandatos parlamentares como opositor ao Regime Militar.

O livro *Olga*, lançado em 1984, foi o primeiro livro do escritor que não teve o intuito jornalístico, apesar de o escritor frisar que suas metodologias de pesquisa e escrita, incluindo a questão da imparcialidade e da verdade, eram tão rígidas como as de um honesto jornalista¹⁵². A obra é de cunho biográfico, mas vai além da abordagem da vida de sua protagonista Olga Benario. O texto descreve as barbaridades/torturas sofridas pelos emissários da III IC no Brasil, na prisão durante a ditadura do Estado Novo. O livro se assemelha a *O Cavaleiro da Esperança*, de Jorge Amado, sendo que a principal diferença de escrita entre os escritores está no tom apaixonado dado com que os biografados são tratados. Amado deseja que o leitor odeie o opressor e ame Prestes e seus companheiros, ao passo que Moraes resgata uma história triste e próxima da vida política brasileira, repudia os opressores e deseja construir um lugar de memória a Olga e seus companheiros.

Justificando suas primeiras produções - *Transamazônica a Olga* -, que tratam de assuntos e personagens polêmicos para a época, Moraes alega que “a ditadura estava acabando, portanto, estava surgindo no país uma geração que não tinha ouvido falar de nada, absolutamente nada”¹⁵³. O escritor é um inimigo declarado dos militares.

Entre a publicação dos livros *a Ilha*, em 1975 e *Olga*, em 1984, Moraes, enquanto legislador move uma Ação Popular contra o Estado brasileiro para impedir a construção de usinas nucleares no Estado de São Paulo. Este ato jurídico, juntamente com pareceres de pesquisadores de diversas áreas e um discurso pronunciado na Assembléia Legislativa paulista, resultou em um pequeno livro, denominado *Não às Usinas Nucleares*¹⁵⁴. O discurso pronunciado em vinte seis de agosto de 1980 recebeu o exótico título de “Fliperama Macabro” e não poupou críticas ao projeto nuclear - Empresas Nucleares Brasileiras S/A (NUCLEBRÁS) - e aos militares.

Remeto vossas excelências ao princípio normativo do golpe militar de primeiro de abril porque o assunto de que vou tratar hoje, a questão da energia nuclear, está impregnado desta percepção aberrante do seja o poder e de como ele deva ser exercido. É evidente que a noção militar de poder

imprensa está sempre a serviço de quem detém o poder. E aqui em Cuba quem detém o poder é o proletariado”. Moraes vai além, e afirma que a imprensa cubana foi o único setor da vida cubana que não precisou ser estatizado, pois a elite que detinha os meios de comunicação fugiu do país depois da proclamação do caráter socialista da Revolução Cubana.

¹⁵² MORAIS, Fernando. *Olga*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004, pp 9-15.

¹⁵³ Cf. www.sescsp.org.br/sesc/revistas/revistas_link.cfm?Edicao_Id=184&Artigo_ID=2800&IDCategoria=2873&reftype=2. Acesso em setembro de 2007.

¹⁵⁴ MORAIS, Fernando. *Não às Usinas Nucleares*. São Paulo: Alfa-Omega, 1980.

sempre esteve, ao longo destes anos, emboscada em todo e qualquer ato da ditadura. Seu rosto arrogante deformou as estruturas institucionais, políticas, econômicas e culturais da Nação, arrastando-a à situação em que se encontra hoje [...] Do mesmo modo que se brincou com a fome dos brasileiros desde 1964 pela via de um modelo econômico explorador a serviço de países estrangeiros, brinca-se agora com a vida de seres humanos. O povo e seus representantes nunca se cansaram de exercitar a sua oposição a um poder que não elegeram nas urnas; nunca deixaram de gritar, nos parlamentos, nas portas das fábricas, nas prisões, contra os atos deste poder destituído de legitimidade¹⁵⁵.

Seu primeiro livro, *Transamazônica*, segue a linha semelhante das denúncias proferidas ao projeto nuclear. Uma obra faraônica. Uma estrada que liga o nada ao nada. Moraes e os demais companheiros reportares enfocam a miséria das regiões percorridas pela estrada - Norte e Nordeste -, demonstrando que o empreendimento não é um investimento essencial àquelas regiões, criticando assim, a falta de saúde, moradia, educação, saneamento básico etc¹⁵⁶. Nesse sentido, pode-se afirmar que o escritor, além de ser um opositor à ditadura, era um ferrenho crítico aos grandes projetos impulsionados pelos governos militares.

Pode-se deduzir que os livros *A Ilha* e *Olga* também possuíam o intuito de denunciar os militares. O primeiro comparava o novo regime instalado em Cuba e a situação brasileira e o segundo buscava assemelhar as barbaridades cometidas durante a Era Vargas àquelas da Era dos Militares. Certamente, essa dedução possível não é tão visível para o leitor atual, mas é muito plausível para o leitor das décadas de 1970 e 1980. O escritor não faz uma comparação direta entre Cuba e Brasil, Vargas e Militares, sendo a suposição exposta sustentada nas possíveis imaginações e perspectivas dos leitores na época de contato com o livro.

Olga é o livro mais conhecido e vendido de Moraes. Em 2004, a obra serviu para dar origem ao filme de Jayme Monjardim, também intitulado *Olga*. Mesmo sendo lançado após vinte anos da primeira edição de *Olga*, o filme contribuiu para que a biografia fosse um dos livros mais lidos no princípio do século XXI, no Brasil.

Obviamente existem diferenças entre os principais eixos apontados do livro do cinema. No livro, Olga é apontada como militante disciplinada que, pelo acaso do destino, se apaixona por Prestes. As torturas na prisão possuem o enfoque de denúncia a Vargas, considerado como um *lacaio dos alemães nazistas* e, um dos principais funcionários do seu

¹⁵⁵ Idem, pp-5-6.

¹⁵⁶ MORAIS, Fernando; GONTIJO, Ricardo; RIZUTTI, Alfredo. *Transamazônica*. São Paulo: Brasiliense, s/d.

Governo, o Chefe de Polícia Filinto Müller, é colocado como um cruel fascista. Morais não se preocupou em descrever somente os sofrimentos de Olga; ele frisa bastante as torturas cometidas contra os membros da III IC, em especial o casal alemão, os Ewert. Nesse ponto, Morais segue a mesma linha de Amado em relação à biografia de Prestes. Quanto ao filme, percebemos que o enfoque central é o romance de Olga com Prestes e o drama da separação após a prisão de ambos. Nesse sentido, Vargas se torna um vilão secundário frente ao nazismo. E os sofrimentos e torturas sofridos pelos emissários da III IC constituíram apenas partes de adorno no enredo do filme.

As explicações para diferenças de enfoque entre o livro e o filme, já que o segundo se baseia no primeiro, podem ser encontradas no momento vivido em 2004, véspera do aniversário dos sessenta anos do fim da Segunda Guerra Mundial, além de ser um período de conflitos bélicos, como a Guerra do Afeganistão, a do Iraque e a questão da Palestina. Perante tal situação, é compreensível a importância dada ao fato de Olga ser judia, colocando-se em segundo plano a questão dela ser uma militante comunista.

O filme também minimiza as atrocidades da Ditadura Vargas, repassando a idéia de que comunismo e fascismo são idéias européias indiferentes à vida e cultura do povo brasileiro. Mas o filme é uma produção da Globo Filmes¹⁵⁷, empresa pertencente ao grupo Rede Globo de Televisão, e teve um dos maiores orçamentos já vistos no cinema brasileiro. Por assim, é importante ver que não seria interessante para a empresa ficar frisando a matriz comunista da personagem protagonista do filme.

Para concluir esta parte, é importante colocar que Morais é um escritor contraditório. Após sua campanha implacável contra a Ditadura Militar nos anos 1970 e 1980, utilizando a escrita como arma, o literato aposta na construção de biografias de personagens ligados à elite nacional e às Forças Armadas, como Assis Chateaubriand (*Chatô, o Rei do Brasil*, 1994) e Antonio Carlos Magalhães (a ser publicada); do militar Casimiro Montenegro Filho, fundador do Instituto Tecnológico da Aeronáutica (*Montenegro, as aventuras do Marechal que fez a revolução nos céus do Brasil*, 2006) e dos bem sucedidos publicitários Washington Olivetto, Javier L. Llussá e Gabriel Zellmeister, fundadores da milionária agência de publicidade W/Brasil (*Na Toca dos Leões*, 2006).

A contradição em relação à escolha do perfil de seus personagens biografados também pode ser percebida na sua vida política de Morais. Pediu voto para Lula

¹⁵⁷ Logo após o lançamento da edição americana do livro Olga, os direitos de filmagem da biografia foram adquiridos por um estúdio de Hollywood, quando chegou-se a especular que Al Pacino faria o papel de Prestes. Mas o projeto não foi à frente, terminando o filme nas mãos da Globo Filmes.

nas eleições de 2002, e, também em sua reeleição em 2006, mas já havia se decepcionado com o Presidente desde o primeiro mandato. Odeia o modelo capitalista e *seu representante*, o Presidente dos Estados Unidos, George W. Bush. Faz juras de amor a Cuba e a Venezuela, tem o socialismo como sua maior utopia¹⁵⁸, mas depõe na Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI), do Congresso Nacional, a favor de José Dirceu, ex-Ministro da Casa Civil, envolvido em um caso claro de corrupção e formação de quadrilha no denominado “esquema do mensalão”, referente à compra de votos de parlamentares no Congresso Nacional¹⁵⁹. Na prática, Moraes é um escritor de difícil análise, seja na sua vida literária seja na política. Seu engajamento na escrita parece variar conforme seu humor político e o lucro que pode obter com seus livros.

2.3. A verdade e a imaginação: na História e na Literatura.

“A Literatura é, pois, uma fonte para o historiador, mas privilegiada, porque lhe dará acesso especial ao imaginário, permitindo-lhe enxergar traços e pistas que outras fontes não lhe dariam”.

Sandra Jatahy Pesavento (*História e Literatura: uma velha-nova história*, 2005).

Para o historiador é necessário, entre outras atitudes, reescrever a História constantemente, discutir novas fontes documentais e usar a interdisciplinaridade, pois através deste caminho, podemos olhar o passado histórico e perceber o quanto ele está vivo. Assim, construiremos a cada narrativa, ou em cada vestígio deixado por nós historiadores, uma nova perspectiva, um novo significado que possa colaborar para a reinterpretação do passado e servir de base na construção do presente e futuro.

A opção por utilizar a Literatura como uma das principais fontes no processo de (re)construção da História delega a essa pesquisa a tarefa de compreender a existência, ou não, de fronteiras entre as duas disciplinas. Tal tarefa é polêmica e já a longa data gera debates dentro e fora da História, incluindo, evidentemente, a própria Teoria Literária.

¹⁵⁸ Cf. <http://www.pritatininga.org/artigos2005/74/fernandomorias-bafafa.html>. Acesso em agosto de 2007.

¹⁵⁹ Câmara dos Deputados. **Tomada de Depoimento de Fernando Gomes de Moraes**. Conselho de Ética e Decoro Parlamentar. Processo nº 1373/03, em 14 de setembro de 2005.

Segundo Hayden White, a História seria um tipo de produção artística¹⁶⁰ tal como a Literatura, devido ao fato de os historiadores não conseguirem analisar, a fundo, a consciência humana. Sendo assim, a História seria uma “pré-ciência”, pois os estudos da ciência e da produção artística de sua época é que vão definir as perspectivas de estudo do historiador¹⁶¹.

Defensor do diálogo do historiador com a psicanálise, White acredita que a função da História consiste em fornecer uma dimensão temporal inerente à consciência que o homem tem de si mesmo. Para obter êxito nessa proposta, o registro documentário deve exigir do historiador um exercício de imaginação especulativa.

Sob essa ótica, a Literatura e suas múltiplas facetas constituem uma fonte rica para a elaboração do conhecimento histórico. Segundo a visão de White, a História se constitui em sentido fragmentado, privilegiando as discontinuidades e imaginações, características próximas à Literatura. A disciplina histórica, nesse sentido, deveria ter a função de educar os homens para “a discontinuidade, a ruptura e o caos [pois] são o nosso destino”¹⁶².

Rejeitando os modelos de história totalizante e a busca pela objetividade e racionalidade - “o fardo da História” -, White acredita que a História deva ser produzida por narrativas que descrevam uma interpretação e elaborem imagens do processo histórico estudado. O autor aposta no uso do elemento ficcional nas narrativas históricas – característica essencial da Literatura – e não vê nisso a degradação da historiografia. Em White, o apelo para a interpretação das discontinuidades a partir do uso da imaginação faz com que não haja fronteiras estáveis - ou simplesmente que não existam - entre a História e a Literatura, sendo que “o historiador não presta nenhum bom serviço quando elabora uma continuidade especiosa entre o mundo atual e o mundo que o antecedeu”¹⁶³.

Ao (re)afirmar sua descrença no atual modelo de produção histórica seguido pela maioria dos historiadores, White diz:

A meu ver, a história enquanto disciplina vai mal atualmente porque perdeu de vista as suas origens na imaginação literária. No empenho de parecer científica e objetiva, ela reprimiu e negou a si própria sua maior fonte de vigor e renovação. Ao fazer a historiografia recuar uma vez mais até à sua íntima conexão com a sua base literária, não devemos estar apenas nos resguardando contra distorções simplesmente ideológicas; devemos fazê-lo

¹⁶⁰ WHITE, Hayden. **Trópicos do Discurso**: Ensaio sobre a crítica a Cultura. São Paulo: EDUSP, 1994 p, 39.

¹⁶¹ Idem, p. 53.

¹⁶² Idem, p. 39.

¹⁶³ Idem, p. 63.

no intuito de chegar àquela “teoria” da história sem a qual não se pode de maneira alguma considerá-la “disciplina”¹⁶⁴.

Em Sandra Jatahy e Jacques Leenhardt¹⁶⁵, percebe-se que é a abordagem sobre o “fato”/acontecimento que define a fronteira entre os gêneros. Para a História, o “fato” seria a matéria-prima a partir da qual o historiador produz sua própria interpretação, e que preexiste à construção histórica. Já a Literatura vê o “fato” como parte da criação ou momento de exaltação, podendo ser uma ficção ou parte da realidade que se sustentam num conjunto de informações ou não.

Em momento posterior, Sandra Jatahy¹⁶⁶ aponta que o grande elo que liga a Literatura à História é o imaginário. Ela não descarta a existência de fronteira entre as duas disciplinas, que é sustentada no aspecto da veracidade, o que não indica, do ponto de vista da autora, que o historiador atinja a verdade plena em sua produção intelectual. O que ele pode obter é a verossimilhança do seu estudo sobre o passado.

Analisando a Literatura, Jatahy coloca que ela registra a vida de um mundo verdadeiro, relata verdades através de representações, mesmo que essas sejam oriundas de criações fictícias. Segundo a autora, ambas as disciplinas utilizam as representações, traduzindo sentidos e significados ligados ao seu tempo. Além disso, os discursos nas narrativas, literária ou histórica, refletem formas diferentes de falar do real.

Observando as fontes específicas propostas neste trabalho, percebe-se a complexidade do tema, pois Jorge Amado e Fernando Morais reivindicam a veracidade histórica, repudiam o uso dos imaginários e negam o perfil de *romance biográfico* para seus livros. Para eles, a produção dos livros, as pesquisas desenvolvidas e o comprometimento com a veracidade nos relatos expostos nos textos cumprem as metas de trabalho de historiadores.

Quanto à veracidade de seu trabalho, Morais afirma:

A história que você vai ler agora relata fatos que aconteceram exatamente como estão descritos neste livro: a vida de Olga Benario Prestes, uma história que me fascina e me atormenta desde a adolescência¹⁶⁷.

Jorge Amado, seguindo características semelhantes, nos fala:

¹⁶⁴ Idem, p. 116.

¹⁶⁵ LEENHART, Jacques e PENSAVENTO, Sandra Jatahy. (orgs.). **Discurso Histórico e Narrativa Literária**. Campinas, SP: Ed. UNICAMP, 1998.

¹⁶⁶ PENSAVENTO, Sandra Jatahy. História e Literatura: uma velha-nova história. In: COSTA, Cléria Botelho & MACHADO, Maria Clara Tomaz. **História & Literatura: identidades e fronteiras**. Uberlândia-MG: EDUFU, 2006, pp. 11-27.

¹⁶⁷ MORAIS, Fernando. **Olga**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004, p. 09.

Todos os fatos narrados nos capítulos que se sucedem a este não são apenas absolutamente verdadeiros. São os que não podem sequer ser discutidos [...] Uma infinidade de fatos verídicos como os que narro aqui, eu não os aproveitei porque sobre eles não tinha provas imediatas. Os narrados por mim são fatos absolutamente comprovados¹⁶⁸.

Amado sobre o possível uso da imaginação na construção da verdade:

Os fatos narrados neste capítulo, como em todos os demais, nada têm de imaginário. São baseados em fontes absolutamente fidedignas. Apenas tenho certeza de que nenhuma imaginação pode descrever o que sofreram os presos políticos no Brasil¹⁶⁹.

Além das biografias, é importante perceber que os demais romances de Amado citados nesta pesquisa se dividem em dois perfis. De um lado, destacam-se os romances históricos, que partem de fatos ocorridos na historiografia, como *Os Subterrâneos da Liberdade* e *Farda Fardão e Camisola de Dormir*. Por outro lado, destacam-se os que tratam de determinados cotidianos em cortiços, fazendas e regiões, sendo que neste último aspecto, tem-se um literato com a prática de escrever *a história* de famílias (*Seara Vermelha*), indivíduos (*Jubiabá*, *Cacau*) e grupos sociais (*Suor*) que são ficcionais. Com referência a esses romances, o autor sempre afirmou que eles partem de uma realidade vivida, sendo representações fictícias de um determinado período e contexto social.

Neste trabalho, será sustentada a idéia de que a fronteira entre a Literatura e a História é existente, porém flexível. Acredita-se que os gêneros sustentam suas buscas pelo verossímil. Mas que a vertente texto biográfico é híbrida, por possuir influências e características tanto do gênero literário como do histórico¹⁷⁰.

A biografia possui suas contradições. Semelhantemente a História, ela possui seu comprometimento com o expressar a verdade, ao mesmo tempo em que recorre à Literatura, para contar os “fatos” ocorridos, podendo construir narrativas ficcionais ao redor de “fatos” verídicos, seja para preencher uma lacuna ou por estética narrativa. Também a

¹⁶⁸ AMADO, Jorge. **O Cavaleiro da Esperança**: a vida de Luiz Carlos Prestes. Rio de Janeiro: Record, 1987, p. 273.

¹⁶⁹ Idem, pg. 278.

¹⁷⁰ A defesa de que *O Cavaleiro da Esperança* e *Olga* são textos biográficos, se sustenta nas considerações feitas por Vavy Pacheco Borges no artigo “Grandezas e misérias da biografia”, que alega que uma biografia pensa o seu objeto/indivíduo “em sua trajetória, suas origens, sua personalidade e seu contexto” (2005, p. 211), características essas, almejadas e estruturas nas narrativas de Jorge Amado e Fernando Morais. Nesse sentido, pode-se afirmar que essa dissertação também é uma revisão biográfica da vida de Prestes e Olga, como também, dos escritores Morais e Amado.

segunda interpretação apontada por Jatahy, em relação ao uso do imaginário, seja pela História ou Literatura e, em especial, pela biografia, contribui, efetivamente, para a produção/compreensão desta pesquisa.

A defesa de que as principais fontes usadas no presente estudo possuem traços de natureza literária, apesar de seus autores buscarem expressar a verdade, se sustenta na maneira como os escritores abordam os fatos narrados. Existe na escrita dos literatos - cada um a seu modo - um grande esforço de construção de uma alegoria estética que usa, demasiadamente, as metáforas, no intuito de enaltecer a importância do biografado. Tal prática costuma se apresentar com maior ênfase nos momentos em que existe uma lacuna no transcorrer dos acontecimentos.

Citando alguns exemplos, percebe-se que Jorge Amado usa a ficção quando narra que Prestes fica sabendo da gravidez de Olga poucos minutos antes de ser preso, e que sua companheira, apesar de grávida, se coloca à frente das metralhadoras da polícia para evitar o fuzilamento de Prestes no ato da prisão. Segundo o relato de militantes que estiveram presas com Olga, ela só soube da gravidez dentro da prisão. Na prática, Amado representa diversos fatos de forma fictícia no intuito de enaltecer a imagem de seus protagonistas. O autor descreve:

Olga Benário Prestes salvou, para o povo do Brasil, a vida de Luiz Carlos Prestes. Na noite de sua prisão, na mesma noite em que ela disse que ia ter um filho. Quando as últimas estrelas se apagaram no céu do Brasil e a liberdade, e a democracia, e a cultura, a beleza e o amor foram encarcerados, correntes nos pés, grilhetas nas mãos. Olga impediu que matassem nesse dia a esperança de liberdade, de democracia, de cultura, de beleza e de amor sobre o Brasil. Seu corpo frágil de mulher protegendo a própria existência da Pátria¹⁷¹.

No mesmo caminho segue Moraes quando narra os pensamentos de Olga na prisão, apontando-a como uma mãe preocupada com a filha, e com o marido preso no Brasil.

Com o passar das semanas Olga voltou a se preocupar com a falta de notícias da família. Nem Dona Leocádia nem Prestes haviam escrito uma só linha nos últimos tempos e ela voltou a temer pela segurança do marido [...]. A permanência nas celas de Barnimstrasse, onde passara um ano em companhia de Anita, aumentou-lhe a saudade da filha e do marido¹⁷².

¹⁷¹ AMADO, Jorge. **O Cavaleiro da Esperança**: a vida de Luiz Carlos Prestes. Rio de Janeiro: Record, 1987, p. 291.

¹⁷² MORAIS, Fernando. **Olga**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004, p. 218.

Uma das maiores evidências do uso constante de ficção está na descrição e amostra dos “reais” sentimentos vividos pelos torturados e torturadores, repassando a idéia de que Amado e Moraes eram indivíduos íntimos de seus personagens abordados.

Em relação a Amado, percebe-se que seus romances normalmente partem de situações de vida reais, algumas que ele próprio vivenciou, ou de fatos históricos de ciência comum. No relato das torturas das prisões na Era Vargas e na demonstração de seu ódio pelo regime, o autor, de determinada forma, aponta suas angústias enquanto perseguido político, prisioneiro, em determinados momentos, ou exilado em outros. Relação semelhante ocorre quando o escritor descreve o cotidiano da vida em cortiços ou fazendas – nos livros *Cacau* e *Suor*, por exemplo. Nesses momentos, a descrição dos fatos está ligada às experiências de vida do literato em sua infância ou juventude. Por conseguinte, fica claro que o ficcional amadiano emerge das relações reais de momentos vividos.

Moraes, normalmente, não escreve seus livros se sustentando em momentos vividos por ele próprio. Mas, isso não significa que seus textos não tenham interesse em interferir na vida presente. *Transamazônica*, *A Ilha*, *Olga* e *Não às Usinas Nucleares* são textos cujo objetivo é denunciar e, conseqüentemente, derrotar o regime ditatorial militar no Brasil.

Olga é um livro que retrata parte do regime ditatorial ocorrido quase cinqüenta anos atrás em relação ao período de sua escrita, acontecimento não vivido pelo escritor. Certamente, a intenção de Moraes era que o leitor, ao ter contato com o texto, se sentisse próximo aos fatos ocorridos na Era Vargas e, especialmente, que interligasse-os àqueles vividos nos últimos anos do Regime Militar. Seria uma busca pela identificação, na tentativa de reconhecer, na vida presente, os traços característicos da *realidade passada*.

Para isso, o exemplo da vida de Olga é glorificante, pois aponta para uma mulher que lutou contra as injustiças, em busca de um mundo melhor. Apesar de ter sido assassinada, “os tiranos” - os fascistas - perderam a guerra, e a esperança de transformação social reivindicada por Olga permaneceu. Agora, o mesmo exemplo deveria ser seguido em relação ao Regime Militar, que estava em seus últimos dias; a repressão precisava ser derrotada por completo e a expectativa de dias melhores deveria ser o sentimento reinante nesses dias de angústia.

Nesse sentido, o conceito elaborado por Luiz Costa Lima, de que casos como esse o ficcional fica vetado¹⁷³, se aproxima da estratégia narrativa dos escritores

¹⁷³ LIMA, Luiz Costa. **O Controle do Imaginário**: razão e imaginação no ocidente. São Paulo: Editora Brasiliense, 1984.

abordados. Seria o compromisso do literato com a razão, sendo esta a sustentadora de um projeto social que se baseia na interferência do real: a construção do partido, a defesa do socialismo, da democracia, a mitificação do biografado, enquadrando-o como uma figura pública a ser seguida pelo seu exemplo moral etc.

Podemos concluir que a construção das biografias usadas e dos demais romances citados neste trabalho parte da realidade, e apresentam um controle rígido do imaginário. A intenção dos autores consiste em garantir a repetição/imitação dos sentidos ou palavras de ordem ditadas pelos protagonistas, em especial Olga e Prestes, seja no sentido de uma literatura engajada, comprometida com a transformação social, ou militante, seguindo a linha centralizada de um grupo social, o Partido.

O veto ao ficcional estaria a serviço da limitação da subjetividade, afirmando assim, a razão como o sentido de busca/afirmação da verdade. As diversas subjetividades encontradas nas narrativas de Amado e Moraes servem apenas como um “adorno de luxo”, *ápices na narrativa*, que embelezam os acontecimentos e dão grandiosidade aos fatos narrados pelos literatos. Para Lima, com o veto ao ficcional, “a subjetividade se apresentaria numa função de suplemento”¹⁷⁴.

A intenção de Amado e Moraes é provocar o ressentimento no leitor, tentando levá-lo à prática sócio-política, à adesão a um projeto social em que os escritores acreditam. Para isso, os autores crêem que o texto deva se apresentar de forma racional, a fim de garantir legitimidade, para que o leitor se sinta convencido e sensibilizado com a mensagem proposta na escrita.

A verdade literária de Amado e Moraes, seja através do veto ao ficcional dentro da própria ficção ou por meio das afirmações contundentes que rejeitam os imaginários, mostra o objetivo dos autores em construir uma realidade através do uso *representação* aos seus leitores. Nesse sentido, encontram-se dois fatores que serão fundamentais para o desenvolvimento da presente pesquisa, como poderá ser visto nos capítulos posteriores. São eles: a verdade literária que se insere na busca da construção de um projeto de poder a serviço da (re)elaboração da memória e a elaboração de um projeto de identidade. Na prática, esses fatores se entrecruzam enquanto projetos sociais para os escritores, apesar de, neste trabalho, haver a tentativa de detectá-los de forma separada.

¹⁷⁴ Idem, p. 13.

2.4. A representação retórica: a verdade que constrói e busca o poder.

Tanto Jorge Amado quanto Fernando Morais reivindicam, para seus livros, a verdade histórica, sendo que o comprometimento com a veracidade dos fatos narrados seria garantida através das pesquisas realizadas por ambos. Porém, vimos anteriormente, que somente isso não basta para a produção do conhecimento histórico. Apesar de ambos os escritores possuírem uma interpretação histórica do momento abordado, eles não se filiam, formalmente, em nenhum campo da historiografia¹⁷⁵.

Michel De Certeau já nos aponta, em *A Escrita da História*¹⁷⁶, que um trabalho historiográfico sem bases teóricas está fadado a cair no dogmatismo de “valores eternos”, pois a “operação histórica” se garante é através da combinação de um lugar social, de práticas “científicas” e de uma escrita.

Sob o olhar de Certeau, podemos reafirmar que falta a Amado e a Morais “as práticas científicas” para seus trabalhos serem reconhecidos como produções de conhecimento histórico. Isto é, falta a mediação de uma técnica que opera “na redistribuição do espaço e consiste, primordialmente, em se dar um lugar, pelo ‘estabelecimento das fontes’ – quer dizer, por uma ação instauradora por técnicas transformadoras”¹⁷⁷. As “análises simbólicas” e descritivas dos fatos com base num conjunto formal de relações conforme feitas pelos autores teriam que voltar-se à interpretação das subjetividades existentes, pudessem ser multiplicadas ou transformadas situações que, no entanto, lhes pareciam únicas.

Os fatos narrados pelos literatos são postos como imutáveis no campo da revisão ou não sujeitos as novas ampliações no campo da interpretação. Isso se explica pelo fato de suas próprias produções se voltarem para convencer o leitor de que tem que atender ao chamado/apelo da narrativa: a luta contra as opressões impostas pelo Estado, a busca do direito à liberdade e do dever de memória àqueles que se engajam por um “mundo melhor”, com um olhar especial sobre seus personagens protagonistas.

Esse modelo de conceito historiográfico, apresentado por nossos literatos de forma subliminar nos livros, se assemelha à tradição ciceroniana/romana ou modelo de produção dos historiadores positivistas, em que o discurso histórico e, ao mesmo tempo,

¹⁷⁵ Apesar de Amado reivindicar e defender um modelo de interpretação marxista, o autor não expõe teoricamente uma técnica de como produzir o conhecimento histórico, apenas a descrição dos fatos sob sua ótica e de seu grupo social e da emergência no transcorrer do texto de “slogans” que refletem as teses políticas da III Internacional Comunista e do PCB.

¹⁷⁶ CERTEAU, Michel de. *A Escrita da História*. Rio de Janeiro: Forence Universitária, 2000, p. 66

¹⁷⁷ Idem, p. 83

retórico, deve educar o cidadão num contexto político por meio de uma linguagem atraente e persuasiva. A diferença é que, no modelo romano, o convencimento era proposto, majoritariamente, através da oratória, enquanto os positivistas propunham pesquisas em fontes escritas oficiais (documentos estatais, religiosos etc.), que, posteriormente, eram colocadas numa narrativa de caráter seqüencial/cronológico.

Optar pela interpretação do modelo narrativo de nossos escritores é atender ao alerta feito por Certeau,¹⁷⁸ quando nos chama a atenção para as subjetividades e os jogos de interesses que movem os autores. O lugar onde se produz vincula-se a grupos e/ou subgrupos, ele circunscreve uma “doutrina” por intermédio de uma garantia institucionalizada no meio. Nesse contexto, os objetos de estudo em questão não apresentam a mínima possibilidade de cair numa categoria vulgarizada.

Os interesses dos autores, certamente estão sintonizados com as demandas do meio para o qual a narrativa está voltada. Jorge Amado e Fernando Morais são porta-vozes de seus grupos sociais; seguem interesses do contexto social de seus respectivos períodos de produção narrativa.

Amado, enquanto militante do PCB, aclama seu biografado, Prestes, como herói nacional, pondo isso na narrativa de forma objetiva; o subjetivo é a quem o discurso está voltado, a quem convencer, e seus respectivos interesses políticos. Como já foi dito anteriormente, na época de lançamento do livro *O Cavaleiro da Esperança*, o PCB se encontrava praticamente dissolvido pela repressão e, enquanto isso, a política externa estabelecida pela III Internacional buscava manter ou reorganizar as Frentes Populares contra a ofensiva fascista.

O intuito da obra amadiana seria garantir a glorificação do mito prestista, para que fosse reorganizada, novamente, uma Frente Popular no Brasil, revivendo assim, o fenômeno de 1934 e 1935 da ANL, que tinha o próprio Prestes como Presidente de Honra da organização. A ANL tinha como base política a classe média da época que sofria, economicamente, as conseqüências da “Grande Depressão” do período entreguerras. Nesse sentido, *O Cavaleiro da Esperança* se volta, especialmente, para esse público.

É claro que a narrativa amadiana, constitui uma “guerra” de interesses que visam fixar uma memória nacional através da mitologia criada sobre as figuras públicas, em que estão: de um lado o Estado, através do Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP), focalizando a imagem de Getúlio Vargas e silenciando a figura dos seus opositores; e, do

¹⁷⁸ Idem, pp-70-72.

outro, o PCB, reivindicando o dever de memória e de exaltação do líder dos Tenentes, da Coluna Prestes e da ANL, que, naquele momento, sofria as conseqüências - falta de liberdade – de um governo ditatorial.

Para os comunistas, a classe média teria como função ser a disseminadora de um imaginário “libertador” para o restante da sociedade, utilizando o modelo exemplar de Prestes. Este setor, juntamente com a classe trabalhadora, seria como que a ponta de lança no combate ao governo varguista e ao avanço fascista.

Morais, como jornalista de oposição, viveu as angústias do Regime Militar. A própria pesquisa do livro *Olga* teve que seguir as conjunturas da época, sendo que sua produção avançou somente no momento em que o país vivia a transição para o período de redemocratização.

Naquele momento, havia um apelo muito forte pela reconquista do *Estado de Direito* perdido pela sociedade civil com a ditadura. Muitos exilados políticos, incluindo o próprio Luiz Carlos Prestes, retornavam ao país; um novo modelo de sindicalismo emergia no Brasil, contra os arrochos salariais, e sacudia o ABC paulista, e as reivindicações por eleições diretas mobilizavam as massas em todos os cantos do país.

Olga foi o primeiro *best-seller* de Fernando Moraes e, certamente, esteve destinado a essa ampla clientela que sacudia o país em busca da redemocratização e de melhorias das condições de vida. A repressão ditatorial do Governo Vargas e o fascismo - as torturas, a falta de humanismo para com os presos políticos e a falta de democracia imposta à sociedade civil - são denunciadas claramente na narrativa do escritor, que serve de espelho no qual o leitor ver refletido o passado próximo: o Regime Militar.

O Cavaleiro da Esperança e *Olga* são livros que espelham um projeto de poder. Não somente um poder institucionalizado de disputa pelo aparelho estatal - apesar desse ser o enfoque primordial -, mas de uma rede de poderes que prevê a reconstrução das características sócio-culturais de um povo. Nesse sentido, a elaboração da escrita visa atender aos mais diversos interesses imaginários dos leitores e ouvintes¹⁷⁹ - prazeres, ódios, estímulo à auto-estima etc. É a afirmação da legitimidade verídica do narrado que dá credibilidade às mensagens do texto. A reivindicação da veracidade constitui um projeto de poder sócio-político.

¹⁷⁹ Jorge Amado escreve *O Cavaleiro da Esperança* como se estivesse contando a vida de Luiz Carlos Prestes a uma “negra amiga”, no cais de um país estrangeiro - Amado estava exilado -, repassando a idéia de necessidade de divulgar os fatos ali narrados. “*O povo desse cais se reunirá em torno de mim, igual o povo da Bahia [...]. E depois de ouvir a história do Herói, os homens levantarão as mãos, altearão as vozes e clamarão, sobre os mares e as montanhas, pela sua liberdade*” (1987:12).

Esse projeto de poder não é somente uma criação dos escritores, eles respondem aos interesses de seus grupos sociais. Mas, evidentemente, o grau de envolvimento do literato com o(s) projeto(s) de poder vai sendo expressos de acordo com suas opções e interesses particulares.

Jorge Amado decidiu ser militante de um partido que funcionava, internamente, num regime centralizador em todos os sentidos. Por assim, sua escrita tende a refletir de forma mais rígida os projetos de poder do PCB. Fernando Moraes atuava em uma agremiação composta por diversas tendências internas e ativistas independentes, e esta independência é estendida à figura de Moraes. O MDB era um *partido frentista* na oposição ao Regime Militar e não tinha um regime interno centralizador. Nesse sentido, a produção da biografia de Olga não precisava passar, obrigatoriamente, pelo crivo do partido, por isso responde de forma mais difusa aos interesses de poder do seu grupo social e de forma menos difusa os interesses particulares do escritor.

Mas, independentemente do grau de autonomia dos escritores, Jorge Amado e Fernando Moraes almejam o poder através dos exemplos de vida de Olga e de Prestes, não um poder para si próprio, mas para seus grupos sociais. Isso não descarta o fato de que, mediante a produção dos livros, tais escritores aspiravam ao poder dentro de seus segmentos, pois ambos se tornaram escritores famosos, além de que obtiveram espaços no mundo do poder institucionalizado, seja vencendo eleições para o parlamento e entidades representativas¹⁸⁰, ou sendo nomeados a ocupar cargos públicos, no caso de Moraes.

Quando Amado e Moraes representam de forma positiva o perfil de seus protagonistas, os escritores estão sintonizados com características da comunidade de leitores no que tange aos seus conceitos morais formulados. A aceitação do líder ou de um modelo exemplar de vida que deve/almeja ser cultuado só ocorre quando o indivíduo se identificar, nesse caso o leitor, com o protagonista. Paul Veyne, afirma que um indivíduo só consegue o *status* de líder e, conseqüentemente, poder representativo se sua moral se equivale à de seu povo¹⁸¹.

Mas, certamente os biógrafos também se identificam e comungam com a moral de Prestes e Olga. Então, a grande tarefa dos mesmos é convencer, através da escrita, o povo a amar o líder, no caso de Amado e Prestes, ou sentir o carisma e seguir o exemplo de uma militante que lutou por uma sociedade mais justa, no caso de Moraes e Olga.

¹⁸⁰ Jorge Amado foi Vice-Presidente da ABDE e Moraes foi Presidente do Sindicato dos Jornalistas. Além disso, Amado foi eleito para Academia Brasileira de Letras e Moraes aspira a mesma possibilidade.

¹⁸¹ VEYNE, Paul. O indivíduo atingido no coração pelo poder público. In: *Perspectivas do Homem. Indivíduo e Poder*. Lisboa - Portugal: Edições 70, 1987, p. 19.

A principal estratégia dos escritores certamente é a afirmação do verídico. Quando Amado e Moraes colocam que seus trabalhos são sustentados em pesquisas e depoimentos, eles querem demonstrar que possuem conhecimento sobre os fatos narrados. Assumem com toda autoridade e, prestígio pessoal, os acontecimentos descritos. Demonstram possuir saber e, conseqüentemente, obtêm o poder de garantir a legitimidade do texto e do perfil ilibado de seu biografado.

O Cavaleiro da Esperança e *Olga* são livros que podem apontar uma diversa rede de relações de poder. Relações essas, que se sustentam na afirmação de serem verídicas, mas que, também, partem de construções fragmentadas devido ao jogo das subjetividades humanas. Apesar das múltiplas teias de poder e de construção do conhecimento, não se pode perder de vista o objetivo central e racionalizado das biografias de Prestes e Olga: Amado almeja a liberdade de Prestes para garantir a derrubada de Vargas e seus aliados fascistas, seguindo rumo à *revolução democrático-burguesa* no Brasil; e Moraes, usando o exemplo de Olga, quer garantir a (re)conquista dos direitos democráticos perdidos com o Regime Militar, que, segundo o escritor, se assemelhou ao Governo Vargas e aos regimes fascistas.

3 - MEMÓRIA E SENTIMENTOS: seus usos na produção biográfica.

“Considera o rebanho que passa ao teu lado pastando: ele não sabe o que é ontem e o que é hoje; ele saltita de lá para cá, come, descansa, digere, saltita de novo; e assim de manhã até a noite, dia após dia; ligado de maneira fugaz com seu prazer e desprazer à própria estaca do instante, e, por isto, nem melancólico nem enfadado. Ver isto desgosta duramente o homem porque ele se vangloria de sua humanidade frente ao animal, embora olhe invejoso para sua felicidade - pois o homem quer apenas isso, viver como o animal, sem melancolia, sem dor; e o quer entretanto em vão, porque não quer como o animal. O homem pergunta mesmo um dia ao animal: por que não me falas sobre tua felicidade e apenas me observa? O animal quer também responder e falar, isso se deve ao fato de que sempre esquece o que queria dizer, mas também já esqueceu esta resposta e silencia: de tal modo que o homem se admira disso.

*Todavia, o homem também se admira de si mesmo por não poder aprender a esquecer e por sempre se ver novamente preso ao que passou: por mais longe e rápido que ele corra, a corrente corre junto [...] Então, o homem diz: “eu me lembro”, e inveja o animal que imediatamente esquece e vê todo instante realmente morrer imerso em névoa e noite e extinguir-se para sempre”¹⁸².
(Nietzsche. *Segunda Consideração Intempestiva*).*

Certamente, os biógrafos não pensavam em esquecer, de forma breve, aquilo que mais angustiava os contemporâneos de sua época: a ditadura, a tortura, a repressão e todos os mecanismos de humilhação usados. Mas, isso não significa que almejassem rememorar estas angústias o resto de suas vidas. Lembrar da dor e representá-la através da narrativa foi a estratégia dos literatos visando contribuir à tomada de poder por seus respectivos grupos sociais. Caso a utopia fosse alcançada, nada nos garante que estes escritores despreveriam o sofrimento de seus biografados. Possivelmente eles seriam lembrados e cultuados como exemplos de perseverança, mas sem lembrar de suas angústias. A comparação de Nietzsche só nos reafirma que o homem sempre utiliza sua inteligência para tentar racionalizar sua vida. Expressar a lembrança ou simplesmente esquecer, seja num caráter individual ou coletivo, sempre perpassa nossos interesses.

* * *

¹⁸² NIETZSCHE, Friedrich. **Segunda Consideração Intempestiva**: Da utilidade e desvantagem da história para a vida. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2003, pp. 07-8.

Os livros *O Cavaleiro da Esperança: a vida de Luiz Carlos Prestes e Olga* são biografias que retratam, respectivamente, a vida de Luiz Carlos Prestes e de Olga Benario, apontando façanhas, amores e sofrimentos vividos pelos protagonistas e por alguns de seus correligionários do movimento comunista. São biografias romanceadas. São obras que retratam as memórias. Não as narradas pelo próprio Prestes ou por Olga, mas, sim, por indivíduos pertencentes aos diversos grupos sociais com os quais os biografados tiveram algum envolvimento.

Jorge Amado, quando escreve *O Cavaleiro da Esperança*, tinha a intenção de utilizar seu livro como porta-voz dos ressentimentos políticos de seu grupo social. A mistificação do martírio da prisão de Prestes pelo Governo Vargas possuía o intuito de instigar a sociedade a uma prática social - o objetivo subliminar existente na obra. Isso significaria a liberdade de seu líder e a reorganização de uma Frente Popular dirigida pelo PCB, que viria a tomar o poder no país, afirmando-se, assim a postura do povo brasileiro contra Vargas e o fascismo.

A biografia de Olga, escrita por Moraes, também é fruto do clamor pela liberdade e pela justiça, apesar de sua publicação ocorrer em momento muito posterior, isto é, décadas após a morte da biografada. Nesse sentido, a biografia de Olga não carrega o fardo de ser o porta-voz/exemplo para a geração de Olga, diferente da proposta de Amado em relação à biografia/vida de Prestes. Por assim, a vida de Olga tenta servir de exemplo às ações de gerações futuras que estavam sentindo as amarras de um Estado ditatorial/autoritário.

A “busca” pelas memórias de Prestes e Olga possui um objetivo racional na escrita de Jorge Amado e de Fernando Moraes. Apesar das prévias perspectivas almejadas pelos escritores poderem não (cor)responder às recepções dos leitores, que estão passíveis de variações. O tempo, o espaço, as afetividades e as disputas pelo poder, além da diversidade cultural existente na sociedade, podem apontar para múltiplas leituras/interpretações das biografias.

Inclusive, os próprios biógrafos fazem o exercício de rever a “função”/razão de seus livros. Amado, por exemplo, abandonou o movimento comunista e passou a abominar o projeto *stalinista* de poder após 1956, mas acreditava ser importante a reedição de *O Cavaleiro da Esperança* durante o Regime Militar devido a ser “útil à anistia e, em certo aspecto, ao Brasil”¹⁸³. É um livro de cunho *stalinista*, uma escrita que falseia uma realidade, segundo o escritor, mas um texto importante para a redemocratização do país¹⁸⁴.

¹⁸³ GOMES, Álvaro Cardoso. (org.). **Jorge Amado**: Literatura Comentada. São Paulo: Editora Abril, 1981.

¹⁸⁴ Idem.

Características semelhantes também são perceptíveis no livro *Olga*, que após a reedição de 2004 recebe o subtítulo: *A vida de Olga Benario Prestes, judia comunista entregue a Hitler pelo Governo Vargas*; além do seguinte destaque de capa logo abaixo do subtítulo: “O livro que deu origem ao filme de Jayme Monjardim”¹⁸⁵. A inclusão do destaque de capa demonstra a tentativa de (re)elaboração da imagem de Olga, colocando-a como vítima do holocausto fascista, postura, bastante frisada no filme, deixando-se para segundo plano as tramas referentes à militância e à situação política vivida no Brasil.

A (re)construção dos sentidos das memórias de um determinado período ou referente a uma determinada pessoa, é um fato passível de revisões, que podem levar a múltiplas imagens ou interpretações, de acordo com cada indivíduo. É impossível abordarmos todas as reações dos leitores ou sentimentos comuns dos diversos grupos sociais ao longo dos anos, quando estes tiveram contatos com as biografias de Olga e de Prestes. Mas, pode-se trabalhar com hipóteses, sustentadas nos aspectos construtivos dessas memórias.

Nesse sentido, a reflexão a seguir se sustentará em dois momentos: o primeiro voltado ao debate do sentido racional, espontâneo e afetivo da memória e do esquecimento através da literatura biográfica; o segundo é referente ao uso das afetividades na elaboração das memórias em busca da construção dos jogos/projetos de poder, perpassando os conceitos de humilhação, ressentimento e ódio social.

3.1. Razão voluntária e imaginação afetiva: a construção das imagens de Luiz Carlos Prestes e Olga Benario em seus livros biográficos.

Jorge Amado, quando escreveu o *Cavaleiro da Esperança*, não conhecia pessoalmente Luiz Carlos Prestes e vivia exilado em países da América Latina, devido à perseguição promovida por Governo Vargas aos comunistas e ex-integrantes da ANL. Frente a esse raciocínio, pode-se observar que o escritor recorreu a três grupos sociais para produzir a biografia de Prestes: à família, a ex-integrantes da Coluna Prestes e a membros da Frente Popular que participaram da efervescência do movimento e dos levantes armados de 1935 e que, conseqüentemente, viveram as atrocidades da repressão, das prisões e das torturas promovidas pelo Estado Brasileiro. Todas as lembranças evocadas por esses grupos tanto são contemporâneas ao escritor quanto ao biografado. Amado era integrante do último grupo citado.

¹⁸⁵ MORAIS, Fernando. *Olga*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

As lembranças dos familiares de Prestes, a leitura das atas e das recordações textuais produzidas pelos membros Coluna Prestes e das suas memórias particulares, fazem com que Amado se sinta autorizado a escrever a biografia do “Cavaleiro da Esperança”. Aproveitando a oportunidade, o literato contextualiza a condição social, econômica e política vivida por Prestes e seus parentes próximos, desde o final da década de 1910 até os princípios dos anos 40.

Fernando Morais, em *Olga*, segue metodologia semelhante à de Amado. O escritor vai até a terra natal de Olga, procura os velhos companheiros que militaram junto com ela na Juventude Comunista alemã, levanta fontes sobre a protagonista - jornais, documentos dos partidos comunistas, documentos de Estado etc -, seja na Alemanha Oriental, na União Soviética ou no Brasil, e colhe entrevistas de prisioneiros de campos de concentração nazistas e de militantes brasileiros que tiveram contatos com ela, incluindo o próprio Prestes. Sob o mesmo prisma, Morais também se sente bastante confortável em decretar a veracidade de sua história, graças a suas fontes.

Os livros são panfletos que relatam “memórias autorizadas”, credenciando a veracidade do narrado, buscando assim, tornarem-se memórias reais dos biografados e de determinados grupos sociais: os aliancistas, os comunistas etc, ou de grupos mais amplos: a nação ou o mundo.

Amado e Morais buscam uma memória racionalizada que evite o subjetivismo. Aproximando-se da postura dos literatos, encontramos o sociólogo Maurice Halbwachs e sua obra *Memória Coletiva*, que aponta para o perfil voluntário das lembranças, ao descartar os aspectos individuais e sentimentais existentes nas mesmas.

As afetividades e os ressentimentos narradas nas memórias extraídas pelos literatos não são expostos em traços espontâneos, mas sim, em teor voluntário, servindo para justificar a ação proposta na obra para aquele momento histórico. Neste contexto, o importante para Amado e Morais e, teoricamente também defendido por Halbwachs, é compreender que não é possível reviver o passado e suas nuances, mas que podemos reconstruí-lo. Por assim, pode-se deduzir que o objetivo da seleção promovida pelos autores é tentar fixar uma memória coletiva sobre determinados fatos e construir o esquecimento para outros.

Para Halbwachs¹⁸⁶, a lembrança, como o próprio esquecimento, são frutos produzidos pelos quadros sociais da memória, isto é, quando esquecemos, houve um

¹⁸⁶ HALBWACHS, Maurice. *A Memória Coletiva*. São Paulo: Centauro, 2006, pp. 29-70.

desaparecimento ou uma transformação brusca na estrutura do grupo social responsável pela *manutenção* da memória. Segundo, Jacy Alves de Seixas¹⁸⁷, na ótica halbwachiana, a memória é social, racional, lógica e busca a unidade. A memória vem do exterior, toda memória nesse sentido é social. As lembranças individuais surgem da sociedade que as lembra, partindo sempre do momento presente e criando um sistema de idéias e representações gerais que são pontos de referência adotados pelo grupo social.

Seguindo uma visão halbwachiana, Amado e Moraes seriam os elementos intermediários na construção da memória coletiva. Sujeitos que selecionam os fatos e elaboram ou absorvem conceitos, para, posteriormente, elaborar a narrativa de forma cronológica, erguendo a memória de seus biografados e os acontecimentos que cercaram suas vidas.

Ao observar os passos trilhados por Amado, veremos que ele utiliza as lembranças dos grupos sociais em que Prestes teve inserção, para assim, construir a imagem do biografado. A família para lembrar as memórias da infância e juventude, observando o momento em que ele entra no meio militar e vive o princípio do movimento tenentista. Utiliza as lembranças e documentos produzidos pelos integrantes da Coluna Prestes para justificar a longa caminhada de 25 mil quilômetros pelo interior do país e as respectivas façanhas do movimento, principalmente, as do biografado que viria a adquirir o adjetivo “Cavaleiro da Esperança” com a repercussão do movimento.

Por último, o literato recorre às lembranças dos integrantes da Frente Popular: comunistas, os próprios tenentes e os adesistas, incluindo a si próprio, apesar de não estar cristalizado no texto, para reconstruir a entrada de Prestes no PCB. a partir dessas lembranças, destaca o sofrimento e a decepção das massas com o “tirano” Vargas no poder, o medo do fascismo, as esperanças do povo com a ANL, os levantes armados de 1935 e o sofrimento nas prisões, tudo isso aliado à busca pela liberdade na tentativa de reorganizar as lutas.

Amado, como Moraes, recorre ao uso das memórias para produzir a retórica realista de suas narrativas. A construção dos esquecimentos e a ocultação de fatos ou a reconstrução dos mesmos sobre uma outra ótica são vertentes possíveis nos jogos de poder para a elaboração da memória e do esquecimento.

¹⁸⁷ SEIXAS, Jacy Alves de. Percursos de Memórias em Terras de História: Problemas atuais. In: BRESCIANI, S., NAXARA, M. (Org.) **Memória e (res)sentimentos**: indagações sobre uma questão sensível. Campinas: Editora da Unicamp, 2001, p. 103.

Ao observar a narrativa amadiana, percebe-se a tentativa de construção proposital do esquecimento da rejeição ou medo que algumas comunidades interioranas tiveram com a passagem da Coluna. Foi reconstruída, na obra, uma memória homogênea, de apoio e entusiasmo dessas populações com a passagem dos revoltosos. Existe também o exemplo da minimização do desastre organizativo dos levantes de 1935 que serviu de argumento ao regime Vargas para endurecer a repressão - o golpe do Estado Novo, exposição comum tanto no livro de Moraes quanto no de Amado.

Diferente das estratégias racionalizadas de Amado e Moraes, Seixas¹⁸⁸ acredita que o esquecimento perpassa por caminhos subjetivos devendo o mesmo ser analisado no plural, observando seus espaços de fronteira - lugar de articulação dos afetos, desafetos, experiências e pensamentos -, em que, muitas vezes, emergem de forma inconsciente ou se encontram reprimidos e recalcados, prontos para uma possível erupção da lembrança. Segundo a autora, existe aí uma “distinção sutil e refinada” – questão a ser observada com cautela pelo historiador - entre os vários enfoques dados à relação memória e esquecimento: a noção de representação (voluntária e consciente, porém uma elaboração intelectual) e a imaginação (incorporando o involuntário e o afetivo). Isso significaria:

Compreender, igualmente, o jogo sutil que faz com que freqüentemente o esforço interessado de memória produza e projete as sombras do esquecimento; percorrer precisamente esta região fronteira, jamais rigidamente delimitada, entre memória e esquecimento¹⁸⁹.

Sendo assim, na perspectiva de Seixas, o esquecer não passaria por métodos externos ao indivíduo, mas, sim, pela espontaneidade e importância afetiva atribuída a tal lembrança. Nesse contexto, a estratégia dos literatos, de (re)construir determinadas lembranças e de ocultar no mundo do esquecimento outras, é passível de não concretização.

Amado e Moraes, quando utilizam as memórias de diversos grupos sociais para legitimar suas produções, pretendem canalizar as lembranças construídas para solidificar seus enredos, mas, em contrapartida, aliam-se também aos entendimentos e interesses dos grupos aos quais os próprios autores são integrantes ou simpatizantes. A memória nesse contexto não passa de uma representação racionalizada, que traz em si conceitos elaborados pelos grupos sociais e interesses políticos almejados para um futuro breve.

¹⁸⁸ SEIXAS, Jacy Alves de. Tênuas fronteiras de memória e esquecimento: a imagem do brasileiro jecamacunaímico. In: GUTIERREZ, Horácio; NAXARA, Márcia R. C.; LOPEZ, M. A. S. (Org.). **Fronteiras, Paisagens, Personagens, Identidades**. São Paulo: Olhos d' Água, 2003.

¹⁸⁹ Idem, pp. 126-127.

Em janeiro de 1942, quando é lançado o *Cavaleiro da Esperança*, o PCB e demais grupos de oposição encontravam-se praticamente dissolvidos graças às práticas repressivas do Estado. A poderosa máquina de propaganda estatal, o DIP (Departamento de Imprensa e Propaganda), tentava ocultar e, conseqüentemente, “apagar” da memória nacional as façanhas de Prestes, buscando, ainda, pregar o mito de Vargas como o protetor da classe trabalhadora brasileira, “o pai dos pobres”, aquele que dinamizou o país.

O PCB buscava seguir as orientações de Moscou, tentando consolidar - reconstruir, no caso brasileiro - as Frentes Populares sob orientação do partido, enfatizando a liderança de sua figura mais pública. Como já foi posto anteriormente, nessa época a Literatura e as artes produzidas pelos militantes dos Partidos Comunistas deviam seguir as linhas conceituais do *shdanovismo*, ou seja, qualquer forma de expressão usada pelos militantes intelectuais deveria seguir uma pedagogia que levasse as teses da agremiação às massas. Logo, nas entrelinhas da narrativa amadiana, encontram-se as teses do partido, buscando reorganizar um movimento de unidade nacional – a Frente Popular – para combater a ameaça fascista e seus colaboradores, como Vargas e seus chefes de gabinetes, firmando a figura do líder da agremiação que, no caso brasileiro, trata-se do mito prestista.

Retornando aos conceitos de Halbwachs, pode-se afirmar que, no princípio dos anos de 1940, existia uma disputa clara da memória coletiva nacional, firmada de forma racionalizada e objetiva por dois grupos sociais. O *Cavaleiro da Esperança* foi um dos instrumentos de luta explorado pelos comunistas e seus organismos políticos.

Pierre Nora, discípulo, contemporâneo e mais radical no uso dos princípios de seu mestre Halbwachs, alega que o mundo, nos dias atuais, através da “descontrolada aceleração da história”, provocou o fim das sociedades-memória, o fim das ideologias-memória. O que nos restaria, segundo o autor, seria apenas os *lugares de memória*, isto é, uma *memória historicizada*. Não existiria memória espontânea e nem compartilhada por parte do indivíduo. Caso existisse, não passaria de imaginação. *Os lugares de memória* estariam em um lembrar voluntário, com caráter simbólico, funcional e material, em que o esquecer faria parte do jogo. A memória se fixaria em lugares, sendo que a produção da história se basearia em acontecimentos.

Analisando os conceitos de Nora na produção literária de Amado, pode-se crer que a data do aniversário de Luiz Carlos Prestes, como momento para lançamento da obra, é uma tentativa do literato em fixar um marco, isto é, um lugar de memória a ser cultuado. Tal tentativa também ocorre quando o escritor narra de forma cronológica os fatos históricos utilizando a relação sociedade/Prestes, Prestes/sociedade, o que fixa o biografado

como parte fundamental da história brasileira. Por assim, o literato em questão produz uma memória biográfica historicizada de Prestes, “denunciando” ou “reconstruindo” a história nacional através de fatos e de lembranças.

A diferença primordial de nossos literatos - Amado e Moraes -, como de Nora e Halbwachs, está na interpretação sobre o tempo da história na qual se inserem as memórias, apesar de existir uma semelhança, por crerem em um lembrar voluntário e racionalizado.

Para Halbwachs, que absorveu os conceitos de Durkheim, o tempo histórico é artificial, e o tempo da memória está enquadrado em uma estrutura social estável na qual as permanências/continuidades falam mais forte que as mudanças e rupturas. Pode-se acreditar que Halbwachs se sente interessado pela ascensão da classe trabalhadora no período entreguerras, mas isso não significava uma ruptura com as estruturas. Por isso, explica-se a boa interação deste teórico, enquanto sociólogo, com a *nouvelle histoire* francesa.

Já Nora não fala em rupturas, mas, sim, em mudanças contínuas dentro da estrutura social moderna, ditadas pela economia de mercado, devido ao que as memórias e ideologias não se perpetuam na sociedade, havendo espaço somente para os *lugares de memória* e o uso crítico dos fatos para produção historiográfica.

Amado e Moraes propõem a interpretação das memórias expostas em sua narrativa para a ação transformadora, porém, racionalizada da história, que caminharia de forma gradativa para a ruptura do modelo estrutural. As memórias teceriam uma justificativa para a ação presente, vislumbrando um futuro próximo, isto é, para Moraes, a luta pela consolidação da democracia e o direito de memória àqueles que sofreram e lutaram por ela e, para Amado, fixação de um ressentimento negativo do Governo Vargas e dos fascistas que o apoiaram, libertação do líder/mito político que guiaria as massas, reorganização da Frente Popular sob regência da vanguarda revolucionária, o PCB, e, por último, tomada do poder e mudança dos rumos da história.

Fica claro que os literatos buscam o uso racionalizado das memórias para produzir suas narrativas, mas também é transparente no transcorrer das narrativas a existência das memórias sustentadas na irracionalidade afetiva, buscando-se sempre canalizá-las para um sentido lógico, fazendo, assim, jus ao proposto. Isso fica evidente perante aos sentimentos e afetividades apresentadas ao longo das escritas. Talvez esteja aí uma das grandes qualidades de Amado e Moraes, enquanto romancistas compromissados com a transformação social: saber interligar a irracionalidade afetiva dos sentimentos a uma vontade racionalizada dos seus grupos sociais.

Contrapondo-se ao conceito voluntário da memória, pode ser apresentado Henri Bergson, que foi mestre do rebelde Halbwachs, o literato Michael Proust e o polêmico psicanalista Freud, dentre outros. Tais teóricos crêem em uma memória involuntária que emerge de uma espontaneidade subjetiva ligada às emoções.

Quanto aos aspectos dessa memória espontânea e a os pensadores citados a cima, Seixas será usada como intérprete dos mesmos. Por assim, a autora interpreta memória involuntária como

[...] sobretudo relacionada à imagem erupção, à idéia de que somos “tomados”, assaltados e conduzidos pela memória, à imagem do rio, do fluxo ou do élan que traz “de repente” o passado, ou melhor, a representação ou representações desse passado. Retorno sem dúvida carregado de afetividade, que nos permite de alguma forma “reviver” as emoções experimentadas¹⁹⁰.

A memória, nesse sentido, é interna. O indivíduo é o “leito do rio” do qual emergem as lembranças, diferentemente da memória externa, em que o sujeito observa, “às margens do rio”, fazendo uma seleção¹⁹¹.

Amado e Moraes trazem consigo a compreensão de que, às vezes, eles são o próprio leito do rio abrindo seus (res)sentimentos, apesar da auto-fiscalização durante a escrita para não comprometê-la como o imaginário, a “ficção”. Pelo mesmo caminho seguem os indivíduos que revelaram suas memórias e também mostraram seus leitos, ao demonstrarem as afetividades e ressentimentos sobre o período lembrado e suas ligações pessoais com Prestes e Olga, não nos dando, portanto, um olhar racionalizado a partir das margens do rio.

Apesar das obras estarem escritas de forma cronológica, percebem-se as diversas digressões cometidas pelos literatos no decorrer das narrativas, na tentativa de casar uma lógica sequencial com os sentimentos emergidos. Nesse sentido, talvez para facilitar a produção narrativa, Amado fragmentou o livro cinquenta capítulos divididos em cinco partes e Moraes fez duas introduções: uma sobre a vida de Olga e outra sobre Prestes, além de outros vinte capítulos. Nos dois livros, há capítulos inteiros voltados à questão da afetividade ou do ressentimento, sejam eles individuais - do próprio escritor ou protagonista - ou de caráter coletivo.

¹⁹⁰ SEIXAS, Jacy Alves de. **Halbwachs e a Memória-Reconstrução do Passado**. História, nº20, São Paulo: UNESP, 2001, p. 104.

¹⁹¹ O uso dessa seleção da memória é a reconstrução do passado na qual está vinculado o uso da inteligência humana, diferente da memória interna que é espontânea e não exige, segundo Proust, nossa intelectualidade.

Segundo Seixas¹⁹², a memória não é estática, nem é regressiva - algo que parte do presente fixando-se no passado -, nem seu volume ou conteúdos são fixos. Segundo a autora, a memória é projetiva lançando-se em direção ao futuro, é matéria que se movimenta em diversos sentidos, estruturando-se em espiral, no espaço e no tempo, em que tudo tem seu princípio e atualização no tempo presente. Citando Proust, Seixas defende a espontaneidade da memória e que pode a mesma percorrer diversos períodos em um só momento.

Proust e também Bergson simbolizam a memória como um círculo ou espiral¹⁹³. A concepção bergsoniana é de *planos diferentes de consciência* que se iniciam na percepção presente, os quais “... abrem-se em círculos que percorrem o espaço da memória voluntária e se expandem, de forma virtualmente crescente, atingindo regiões cada vez mais amplas da memória involuntária”¹⁹⁴.

Retomando a narrativa amadiana, podemos fazer um paralelo com Bergson, quando o literato narra em caráter cronológico - voluntário/racionalizado - a instauração do Estado Novo, daí fazendo emergir, então, as lembranças, fugindo para as perspectivas sentimentais das eleições previstas de 1938.

Nessa linha de raciocínio, o literato lembra os nomes de José Américo e Armando Sales, indicados para o pleito à presidência, com uma especial “simpatia camuflada”; por Américo devido à sua origem nordestina e por ser escritor, enfatizando o sucesso de uma de suas obras engajadas, *A Bagaceira*, sobre o qual diz que “...milhares de exemplares foram devorados pela gente ansiosa em conhecer a verdade sobre a vida do Brasil”¹⁹⁵. Retornando ao eixo da narrativa, Amado canaliza suas memórias para a racionalidade utilizando o discurso de unidade nacional defendida pelo partido: “As esquerdas gritavam por união democrática como a fórmula única de salvação. Os políticos se obstinaram em manter as duas candidaturas”¹⁹⁶. Da sua lembrança/ligação afetiva com a Literatura nordestina e seu caráter engajado, o literato passa à falta de unidade entre os setores progressistas para a eleição presidencial prevista para 1938, o que, segundo ele, facilitou o golpe de 1937, que instalou o Estado Novo.

¹⁹² SEIXAS, Jacy Alves de. **Os Tempos da Memória: (des)continuidade e projeção. Uma reflexão (in)atual para a história?**, Projeção História, São Paulo: PUC/SP, 2002, p. 45.

¹⁹³ Seixas, em seu artigo *Percurso de memória em terras de História*, coloca que seria mais “legítimo” utilizarmos o conceito memória num sentido plural, “memórias [e esquecimentos] desiguais e de estatutos diversos que ocupam *lugares* diferentes nos diversos *planos* que constituem a memória em seu percurso” (2001: 45).

¹⁹⁴ SEIXAS, Jacy Alves de. **Os Tempos da Memória: (des)continuidade e projeção. Uma reflexão (in)atual para a história?**, Projeção História, São Paulo: PUC/SP, 2002, p. 45.

¹⁹⁵ AMADO, Jorge. **O Cavaleiro da Esperança: a vida de Luiz Carlos Prestes**. Rio de Janeiro: Editora Record, 1992, p. 319.

¹⁹⁶ Idem, p. 320.

Retornando ao campo teórico pode-se apontar a diferença entre Bergson, na concepção apresentada acima, e Proust, na concepção que crê que a memória se estende por planos múltiplos, não apontando créditos para existência do uso de qualquer processo da racionalidade/inteligência humana. A memória, neste caso, é pessoal, nunca está dada, depende apenas do indivíduo e dos acasos a serem percorridos nas lembranças. Nesse sentido, pode-se dizer que as obras de Amado e de Moraes possuem memórias diversas, de inesgotáveis planos da imaginária espiral de nosso passado, tanto as dos próprios escritores quanto as dos objetos/indivíduos utilizados como fontes para eles na produção das biografias.

Concluindo, as memórias-erupções juntamente com suas subjetividades são tijolos imaginários que Amado e Moraes tiveram em mãos e utilizaram de forma racional para produzir as suas narrativas biográficas sobre as vidas de Prestes e de Olga.

3.2. Humilhação e Ressentimentos: memória afetiva a serviço da construção de um projeto de poder.

Humilhados. Esta é a situação descrita por Jorge Amado e Fernando Moraes em relação aos personagens protagonistas de seus livros: Prestes, Olga, os enviados da III Internacional que vieram impulsionar a consolidação da Frente Popular brasileira e, em especial, o casal alemão Harry Berger e Auguste Berger. Prisão, torturas físicas e psíquicas, a situação de impotência do aprisionado frente ao inimigo “tirano” e “desumano”: condição desoladora dos “heróis revolucionários” retratados nas biografias.

Para Pierre Ansart, além da impotência de poder agir, a humilhação é um sofrimento extremado. Detalhando o conceito:

Ser humilhado é ser atacado em sua interioridade, ferido em seu amor próprio, desvalorizado em sua auto-imagem, é não ser respeitado. O humilhado se vê e se sente diminuído, espoliado de sua autonomia, na impossibilidade de elaborar uma resposta, atingido em seu orgulho e identidade, dilacerado entre a imagem que existe de si e a imagem desvalorizada ou difame que os outros lhe infligem¹⁹⁷.

A humilhação representada na narrativa amadiana enfoca, de forma concisa, o aspecto da agressão corporal e psíquica do(s) personagem(ns). Quando o casal Berger é detido pós-levantes armados de 1935, eles são torturados ao extremo para contarem o

¹⁹⁷ ANSART, Pierre. As Humilhações Políticas. In: MARSON, Izabel & NAXARA, Márcia (orgs.) **Sobre a Humilhação**. Uberlândia: EDUFU, 2005, p. 15

paradeiro de Prestes e de Olga. Sobre os detalhes de uma das noites de torturas, o literato descreve as ordens do Chefe da Polícia Especial:

Faz um gesto para os homens, eles despem Harry e Auguste, os dois surgem nus em frente a todos. Os policiais riem, fazem pilharias. A lua ilumina a cena. Entre socos dão uma enxada a Auguste. E mandam que ela cave a sepultura do marido¹⁹⁸.

A tortura psíquica não funciona como o esperado. O casal não conta o paradeiro de Prestes e Olga. Irritados, os torturadores se enfurecem e apelam para a humilhação da tortura corporal.

Manda que tragam Berger de junto da cova. Levam-no para perto de Auguste. E o chefe entrega a mulher aos homens como bestas. Que a usem na vista do marido [...] E novamente são as pancadas, socos, canos de borracha, culatra do fuzil. Os corpos rolam no sangue, os gemidos abafados com as gargalhadas. E depois toma de Auguste e lhe cortam os seios. E torturam Harry no sexo¹⁹⁹.

O casal não repassa nenhuma informação à polícia. Amado descreve várias outras torturas sofridas pelos Berger e outros enviados da III IC. Harry morre louco, anos após o final da guerra²⁰⁰, e Auguste morre em campo de concentração nazista sofrendo de esquizofrenia. Apesar de a narrativa contar a humilhação dos militantes torturados com bastante ênfase, Amado não aponta indícios de que esses homens nutrem esse tipo de sentimento. Eles seriam “novos homens”, “feitos de aço”, indivíduos maiores que os torturadores a mando de Vargas e do fascismo. Para os partidários do comunismo, o relevante seria a vitória do movimento, não importando a morte através de bárbaras torturas.

Morais também ressalta em *Olga* as torturas sofridas pelo casal alemão. “[...] Arthur Ewert e sua mulher Elise apanharam da polícia de Filinto Muller durante uma semana, sem que lhes fosse dirigida uma só pergunta [...] A polícia queria quebrar o moral dos presos, para depois começar os interrogatórios”²⁰¹.

¹⁹⁸ AMADO, Jorge. **O Cavaleiro da Esperança**: a vida de Luiz Carlos Prestes. Rio de Janeiro: Record, 1987, p. 279.

¹⁹⁹ Idem, p. 280.

²⁰⁰ Harry morreu liberto, na antiga Alemanha Oriental sem recobrar sua sanidade mental. Amado afirma que a loucura de Harry foi usada para torturar psicologicamente Prestes, já que com sua prisão ambos viriam a ser os únicos vizinhos de cela. “Berger fala dia e noite, rompe a cabeça contra a parede. E essa é a única presença humana que Prestes sente próximo de si” (Amado, 1997:281).

²⁰¹ MORAIS, Fernando. **Olga**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004, p. 106.

Com a continuidade das torturas, o escritor relata aos leitores a situação física e humilhante do casal:

Ele [Arthur Ewert ou Henri, seu codinome de militância] estava com o corpo coberto de hematomas produzidos pelas surras de cassetetes de borracha, a mão esquerda ainda inchada pelo golpe aplicado com o quebra-nozes, o ânus e o pênis machucados por choques elétricos e objetos introduzidos durante as sessões de tortura. Sabo [Elise] tinha as costas os seios e as pernas cobertas por minúsculas queimaduras feitas com pontas de cigarros e lanhos por todo o corpo, deixados pelas chibatadas que lhe aplicava um jovem policial alemão²⁰².

Apesar das diferenças dos detalhes descritos, os escritores enfocam a condição de degradação humana sofrida por seus personagens. O que eles almejam é a construção/representação de uma imagem de condição humana que irrite o leitor, levando-o a odiar o fascismo e os regimes ditatoriais repressivos.

Quanto aos biografados, Prestes e Olga, a tortura e o *status* de humilhação devem ser postos em graus diferenciados. Não existem relatos nas biografias ou nas próprias memórias de Prestes que apontem para tortura/agressão física contra sua pessoa, o que ocorreu foi uma tentativa de tortura psicológica colocando-se o preso em uma minúscula cela próximo de Arthur Ewert, que estava sofrendo alucinações graças às torturas. Diferentemente de Prestes, Olga sofreu diversas situações de humilhação: foi expulsa do Brasil e entregue grávida pelo Governo brasileiro ao Governo alemão; não teve o direito de ficar com a filha nos meses após o parto; foi posta a trabalhar em campos de concentração nazista; foi interrogada e agredida e, por fim, morreu assassinada em uma câmara de gás.

A humilhação dos biografados e protagonistas narrada em *O Cavaleiro da Esperança* e em *Olga*, aliada ao perfil dos personagens, postos como mártires convictos de sua causa e, conseqüentemente, a expectativa da vitória futura, é uma representação que busca gerar no leitor o sentimento de revolta frente ao Governo Vargas e ao movimento fascista. O estímulo ao ressentimento, nesse caso, pode ser considerado a fagulha para o ódio social; um chamado para o leitor tomar partido e partir para a ação.

Segundo Pierre Ansart²⁰³, Nietzsche elaborou / inaugurou a noção de ressentimento, fundamentando-se assim, no cruzamento de três abordagens: histórica, psicológica e sociopolítica. O ressentimento seria a mola propulsora que “estaria na base do

²⁰² Idem, 106.

²⁰³ ANSART, Pierre. História e Memória dos Ressentimentos. In: BRESCIANI, S., NAXARA, M. (Org.) **Memória e (res)sentimentos**: Indagações sobre uma questão sensível. Campinas: Editora da Unicamp, 2001, p. 16.

igualitarismo democrático destruidor, na raiz dos movimentos populares, socialistas e anarquistas e, em uma só palavra, na origem da decadência das sociedades ocidentais”²⁰⁴.

Ansart reconhece a importância de Nietzsche na definição conceitual de ressentimento, mas prefere utilizar este termo no sentido plural, aglutinando assim, complementos para uma definição, ao invés de aplicá-lo com traços de uma “essência universal”: a “história do ódio” baseado num niilismo nietzschiano. E afirma: “O sentimento de existir o bem e o mal é um fator importante para a solidariedade e ação de um grupo”²⁰⁵.

Ansart aponta cinco complementos para endossar a compreensão do termo. Primeiramente, os ressentimentos dos fracos e dominados e, posteriormente, os dos dominantes, que sentem a necessidade de (re)conquistar a autoridade, perdida, questionada ou simplesmente almejá-la, vingando-se assim, da humilhação experimentada²⁰⁶.

Considera-se tal questão primordial para compreender a elaboração narrativa da trama de *O Cavaleiro da Esperança*: os tenentes, ex-companheiros de Prestes na Coluna, aderem ao projeto da Aliança Liberal, vislumbrando fazer a revolução que não fizeram durante os anos de 1920. O uso dos ressentimentos do Movimento Tenentista leva Vargas ao poder. Desiludidos, posteriormente, com as posturas do governo varguista, diversos tenentes abandonam-no e preferem aliar-se ao rebelde Prestes e seus companheiros comunistas, formando, deste modo, a ANL. Vargas, sentindo sua autoridade questionada, fecha a ANL, ao passo que os comunistas, ressentidos e com medo do avanço fascista/integralista, promovem os Levantes de 1935. Vargas, novamente indignado com aqueles que utilizam as armas e o discurso em nome dos dominados, lança uma dura repressão contra os revoltosos. Por último, os ressentimentos das vítimas da repressão e das torturas servem de estímulo/razão para a produção da obra literária de Amado, que conclamava, então, os dominados e oprimidos à luta para derrubar o opressor e imprimir uma nova ordem.

O segundo complemento referido por Ansart diz respeito à interpretação da intensidade dos ressentimentos ligados às humilhações. Nesse contexto, foi analisado anteriormente, Amado e Moraes retomam as experiências/memórias reinantes no dia-a-dia no cárcere²⁰⁷, enfatizando as humilhantes torturas sofridas.

²⁰⁴ Idem, p. 17.

²⁰⁵ Idem, p. 21.

²⁰⁶ Idem, pp. 19-22.

²⁰⁷ É interessante apontar as diversas prisões e torturas promovidas pelo Governo Vargas, incluindo as do próprio literato que foi detido duas vezes.

Uma terceira colocação estaria ligada ao conteúdo das “representações, as ideologias, os imaginários, as crenças...”²⁰⁸, o que também se aproxima dos ressentimentos narrados pelos literatos.

Citando exemplo narrado por Jorge Amado²⁰⁹, destaca-se a representação imaginária feita no caso do Rio Grande do Sul. Terra libertária de onde surgiram os Farrapos, que questionaram o Império, e nasceu o *libertador*, o “Cavaleiro da Esperança” Luiz Carlos Prestes. Também terra de “fazendas feudais”, com “economia agropastoril”, de onde haveriam de florescer os “governantes patriarcais”, o tirano Getúlio Vargas. Tais representações apontam as origens dos líderes que disputam os rumos da política no Brasil - o Rio Grande do Sul: Vargas e os integralistas *versus* Prestes e os nacionalistas progressistas. A referência a estes grupos rivais parece fortalecer a crença da existência do lado do bem e do lado do mal, não importando que estes sujeitos sejam oriundos do mesmo lugar.

Outro exemplo comum que se encontra tanto em Amado quanto em Moraes é a construção representativa, a imagem, de Filinto Müller: o carrasco que comandava o aparato de repressão e tortura contra o movimento comunista. Chefe de Polícia e homem forte do Governo Vargas, além de simpatizante do movimento fascista e das nações ligadas ao Eixo, Müller foi integrante do Movimento Tenentista nos anos 1920. Um traidor vingativo, aos olhos dos literatos. Construindo suas características, Moraes coloca que havia,

[...] na verdade, dois Filinto Müller perseguindo Prestes. Um era o temido e onipotente chefe de polícia da ditadura, de quem o próprio presidente da República e seu ministro da Justiça, Vicente Rao, cobravam diariamente a prisão imediata do antigo chefe da Coluna [...] O outro Filinto que estava no encalço de Luís Carlos Prestes não era o policial caçando o comunista, mas o oficial da Coluna Prestes à procura do antigo chefe para um acerto de contas²¹⁰.

Para ambos os escritores, além de ser agente do fascismo no Brasil, Müller era ladrão, porque roubou parte dos recursos da Coluna Prestes e tentou desmobilizar parte da tropa que estava sob seu comando. Segundo eles, o ex-tenentista furtou 100 Contos de Réis da intendência da Coluna e enviou uma carta aos seus subordinados dizendo que o movimento estava fadado ao fracasso e não se responsabilizava mais pela tropa, solicitando que os mesmos abandonassem o movimento²¹¹.

²⁰⁸ Idem, p. 20.

²⁰⁹ AMADO, Jorge. **O Cavaleiro da Esperança**: a vida de Luiz Carlos Prestes. Rio de Janeiro: Record, 1987, pp. 20-23.

²¹⁰ MORAIS, Fernando. **Olga**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004, pp. 124-125.

²¹¹ Idem, 126.

Um outro enfoque sobre o ressentimento está no que Ansart chama de “provocadores de ressentimento”, papel desempenhado por indivíduos ou grupos. Amado almeja ser (é) um provocador de ressentimentos a serviço do seu grupo social, os comunistas, que utiliza a figura carismática e a liderança de Prestes para despertar o ódio da sociedade - através dos leitores de sua literatura - contra Vargas e seus aliados integralistas/fascistas. Por isso, é necessário lembrar as façanhas e lutas do “Cavaleiro da Esperança”, comparando as posturas deste com as do “tirano” Vargas. Morais também se coloca como um estimulador dos ressentimentos; narra fatos que são representados com caráter negativo no intuito de denunciar as atrocidades cometidas pelos regimes ditatoriais. O escritor utiliza do passado e seus fatos para emitir uma mensagem subliminar que estimule práticas para o presente. O exemplo de Olga, narrado por Morais, tem um sentido duplo: mostrar as atrocidades cometidas pelas ditaduras, ao apontar as humilhações sofridas pela biografada e demais personagens, e construir um modelo de identidade exemplar e de esperança, através da imagem militante e sofredora de Olga.

O último complemento abordado por Ansart no uso da interpretação dos ressentimentos é a origem de suas manifestações e suas conseqüências. Para o autor, as origens podem estar ligadas ao medo, à experiência de humilhação, ao ciúme e à inveja, dentre outros fatores. As conseqüências dos ressentimentos podem afirmar ou reconstituir a coesão de um grupo, implicando a formação de laços de cumplicidade e solidariedade em seu interior, ou até mesmo a formação ou reformulação de novos valores.

Assim é que liberdade aos presos políticos, fim das humilhações e democracia no campo eleitoral, organizativo e de expressão são eixos fundamentais nas obras panfletárias de Amado e Morais. Para esses autores, a vitória dessas bandeiras é fundamental para construir uma ordem sólida no Estado brasileiro e extinguir a agonia vivida pelo povo.

Outra interessante percepção de Ansart está no debate sobre a democracia, em especial a eleitoral, e os possíveis ressentimentos dentro do regime. Para o autor:

A ideologia liberal tem como evidente que o funcionamento da democracia deva ter como efeito moderar os ódios sociais e os ressentimentos pela legalização das oposições [...] Isolando cada eleitor, separando-o, na cabine de voto, do élan das paixões coletivas, o regime eleitoral tenderia a fragmentar os ressentimentos e, em princípio, a enfraquecê-los²¹².

²¹² ANSART, Pierre. História e Memória dos Ressentimentos. In: BRESCIANI, S., NAXARA, M. (Org.) **Memória e (res)sentimentos**: Indagações sobre uma questão sensível. Campinas: Editora da Unicamp, 2001, p. 27.

Ansart, em seu artigo, não menciona o fim dos ressentimentos, que podem ser até amenizados com o discurso ou a prática democrática, mas, nunca evitados. E alega que “deveríamos perder as ilusões sobre o fim dos ressentimentos e não esperar de uma organização política e, portanto, da democracia a erradicação das invejas, dos ciúmes e dos ódios impotentes”²¹³.

A posição de Ansart leva à reflexão de que um Estado de regime hostil, como o da Era Vargas (1930-1945), favorecia o desenvolvimento e o fortalecimento dos ressentimentos coletivos e suas representações, sobre os aspectos “construtivos” da humilhação. Isso leva a crer que houve, no período citado, uma “guerra de/pela memória” racionalizada e institucionalizada, sendo que os livros *O Cavaleiro da Esperança* e *Olga* são marcos significativos desse conflito. Jorge Amado e Fernando Morais de um lado e as ditaduras repressoras de outro. Os escritores, com seus meandros da retórica narrativa, utilizaram os (res)sentimentos para o combate.

Talvez, sem perceberem a metodologia que eles próprios criaram para a trama, os literatos utilizaram as afetividades, a humilhação e o ressentimento - principais agentes da memória imaginária e irracional - para a construção de uma memória racionalizada e coletiva.

É importante ressaltar que Amado e Morais não prevêm uma pluralidade emergida das memórias e dos esquecimentos dos indivíduos; acreditam em uma padronização das memórias e dos (res)sentimentos. Conforme tal crença construiu-se um determinismo histórico ortodoxo em que se aposta no fim dos rancores/ressentimentos com a vitória, isto é, chegada ao poder, dos seus respectivos grupos sociais. Amado, por exemplo, profetizou, prevendo um amanhã de paz, liberdade e alegria, tendo a frente Prestes dirigindo a nação com seus aliados²¹⁴.

²¹³ Idem p. 25.

²¹⁴ AMADO, Jorge. *O Cavaleiro da Esperança*: A vida de Luiz Carlos Prestes. Rio de Janeiro: Record, 1987, p. 350.

4 - PRESTES E OLGA: modelo identitário para o povo brasileiro.

Pensado em duas partes, o presente capítulo aponta primeiramente os debates sobre a identidade brasileira através de intérpretes e de nossa literatura, observando as lutas e contradições feitas pelos nossos literatos em busca de negar o mandato utópico deixado pelos nossos colonizadores e avaliando características de *fundo comum*, como os *aspectos negativos* existentes em nossa identidade, fruto de um processo histórico que acarreta, segundo diversos intérpretes conseqüências históricas (escravidão, repressão, ditaduras etc), além da idéia de que o Brasil é o país do futuro, apesar das diversas abordagens em disputa.

Num segundo momento, o texto se volta aos traços identitários de Prestes e Olga construídos pelos seus biógrafos, que são apresentados como exemplos de moral a serem seguidos. A conclusão da tarefa revolucionária dos biografados significa o fim das mazelas do Brasil e do mundo, além do cumprimento do legado anunciado pelos intérpretes: o Brasil como um país de futuro próspero.

4.1. Sentimentos em comum: Jorge Amado, Fernando Morais e os intérpretes da identidade nacional.

*“Por esse povo já gafado do germe de
decadência [português] começa a ser
colonizado o Brasil”*

[...]

*“A história do Brasil é o desenvolvimento
desordenado dessas obsessões [luxúria e
cobiça] subjugando o espírito e corpo de suas
vítimas”.*

(Paulo Prado. *Retratos do Brasil*).

*“Toda comparação com a Europa de nada
vale. A Europa possui muitíssimo mais
tradição e menos futuro, o Brasil tem menos
passado e mais porvir”.*

(Stefan Zweig. *Brasil país do futuro*, 1941).

4.1.1. A Literatura e sua contribuição inicial para a identidade nacional.

A questão da identidade nacional está fortemente presente no cotidiano da vida política pública, e constitui um espaço de conflito permanente entre aqueles que querem determinar seu fundamento e seu conteúdo. Reflexo de lutas e embates promovidos ao longo da história, a identidade nacional é um trabalho presente na construção de nossas representações sociais que nos faz abrir os olhos para compreender as elaborações estratégicas que permeiam a dimensão cultural de determinada sociedade e, que é (re)elaborada ou afirmada conforme o momento histórico vivido.

Octavio Souza coloca que a Literatura brasileira, em sua essência, sempre nomeia uma série de atributos que qualificam o que deve ser posto como verdadeiro em nossa constituição enquanto nação²¹⁵. Existe por detrás dessa intenção uma ambição de suprir a carência dos brasileiros, que se colocam enquanto agentes da construção de seu próprio destino, isto é, construir o amanhã de sua nação, não aceitando a posição de dependência, seja ela cultural, política e, para alguns literatos, até mesmo econômica.

Os conceitos iniciais de Souza refletem as estratégias postas por Amado e Moraes: A busca da superação das carências deixadas pela elite e por seus regimes ditatoriais através da repressão. O exemplo de seus biografados incentiva o leitor a construir um norte de ação, elaborando um novo sentido e sentimento de nação.

O que nossos literatos propõem não é uma atitude somente da nossa Literatura contemporânea nacional. Segundo Souza, isso se fez presente desde o princípio da formação de nossa Literatura: uma escrita empenhada em construir um Brasil enquanto nação. Uma Literatura que tem por objetivo Uma identidade baseada no desenraizamento da matriz colonizadora que aponta para a superação do *status quo*.

Os “primórdios” da Literatura brasileira propõem a liberdade do filho perante o pai conquistador, e mantêm uma relação ambígua com os personagens que vão constituir a nova cara do Brasil. Não negam o branco europeu que aqui se instala e nem eleva o nativo enquanto detentor natural de nossa identidade. As ambigüidades caminham para os possíveis entrecruzamentos. Um consenso apaziguador entre dois povos que viviam em crise e que se reerguem em um solo de natureza esplêndida. Essa visão depois se expandiria, em nossa Literatura, para os negros escravos aqui instalados por intermédio da força e,

²¹⁵ SOUZA, Octavio. **Fantasia do Brasil**: as identificações na busca da identidade nacional. São Paulo: Editora Escuta, 1994, p. 18.

contemporaneamente, para os imigrantes europeus e asiáticos que viveram aqui no final do século XIX e início do século XX.

Enquanto isso, para os biógrafos de Prestes e Olga, o problema não era de raça ou étnico, mas sim, político e econômico. O povo brasileiro só conseguirá ser independente por completo se romper com a repressão e seus repressores, sejam eles internos, Vargas, os militares e os conservadores arcaicos, ou externos, o fascismo e o mundo capitalista. Para conseguir a prosperidade da nação, os literatos, em especial, Amado, também defendem o consenso apaziguador com os “inimigos de classe” para almejar a vitória contra os inimigos de maior ordem, o fascismo e a ditadura repressiva²¹⁶.

Edgar De Decca utiliza a visão de Octávio Paz para afirmar que somos um projeto de utopia européia, o “novo mundo”. Uma terra onde o europeu considera que o nativo não construiu o presente e nem constituiu o passado, apesar dele ali estar; é um mundo com o futuro a ser elaborado, em que o europeu conquistador imaginou aqui poder construir o seu projeto histórico²¹⁷. De Decca coloca que aqui está a matriz de nossa ambigüidade em elaborar o ideário nacional - questões semelhantes vivida por Amado e Morais -, pois ora reivindica-se, para a identidade nacional, a utopia imaginada pelo europeu, ora queremos negá-la. Mas, o autor tem plena consciência de que existe um conflito constante na sociedade brasileira, que reivindica negar o cumprimento da utopia pretendida pelo europeu.

A matriz do pensamento fascista e do marxismo tem suas origens na Europa e ambos foram (são) vistos como alternativas para o Brasil emergir enquanto uma nação grande e independente. Morais, em *Olga*, não aponta o marxismo e o socialismo como alternativas para o Brasil, apesar de reivindicar o socialismo em sua vida política. Mas, o escritor deixa clara sua rejeição e seu combate ao fascismo e aos regimes ditatoriais. Enquanto isso, Amado, em *O Cavaleiro da Esperança*, não deixa dúvidas sobre sua opção de identidade marxista e a defesa do exemplo revolucionário vindos da Rússia.

Voltando a Octavio Souza, ele retoma o conhecimento de Antônio Cândido para argumentar que a Literatura brasileira, assim como a de outros países latino-americanos,

²¹⁶ No caso de Amado, faço referência ao chamado de Unidade Nacional ou da formação das Frentes Populares com a participação de liberais na luta contra o inimigo comum, o fascismo. Na biografia de Olga, Morais não deixa claro que seu texto é uma denúncia direta contra a repressão do Regime Militar, por assim, não existe nenhum chamado a qualquer setor para a construção da resistência, mas, na prática política do escritor, sabemos que o mesmo atuava em uma frente ampla contra a ditadura dos militares.

²¹⁷ DE DECCA, Edgar. Tal Pai, qual filho? Narrativas da identidade nacional. In: CHIAPPINI, Lúcia e BRESCIANI, Maria Stella (orgs.). **Literatura e Cultura no Brasil: identidades e fronteiras**. São Paulo: Cortez Editora, 2002.

cumprir um compromisso com a vida nacional²¹⁸. Fato que, segundo ele, é inexistente nas Literaturas dos nossos países colonizadores das Américas. Logo, Souza nos mostra que

[...] vale a pena notar que, no século XIX, quando se firmou a controvérsia sobre a autonomia da literatura brasileira em relação à portuguesa, várias foram as trocas de argumentos relativas a quais aspectos da tradição européia deveríamos conservar ou rejeitar, na busca da identidade²¹⁹.

Através deste contexto, pode-se deduzir que a Literatura tende a nascer dentro de uma realidade histórica, seja para lutar contra a realidade posta ou para conservar certas características. Mas, de forma alguma, nunca podemos negar que os literatos, ou outros intelectuais brasileiros, não tiveram influência de modelos estrangeiros para produzir sua narrativa ou para pensar a nossa própria identidade.

Edgar De Decca discute que essa busca pela identidade nacional é produto do século XIX e está marcada por um profundo romantismo que transformou a história brasileira numa lenda de cunho familiar, em que o mandato utópico do colonizador é transmitido de pai para filho alcançando, por último, o neto²²⁰. Ou seja, de D. João XI passa para D. Pedro I, que deixa o legado com D. Pedro II. Dessa forma, o autor nos mostra que a identidade nacional é elaborada a partir da visão do branco europeu, homem que abandonou sua terra natal em busca da terra utópica, excluindo outros personagens do processo de produção. Não se dá voz aos índios e aos negros. Estes indivíduos não serão, ou melhor, nunca foram, na história brasileira, convidados a emancipar-se como parte de elaboração dessa identidade. O contato do branco com o nativo indígena ou com o negro, posteriormente, é apenas uma consequência dos fatos ou parte do desenvolvimento do projeto utópico.

Márcia Naxara, aponta que, no século XIX, o homem perde de forma significativa o sentido de humanidade igualitária, desenvolvendo o conceito de raças superiores por meio de critérios baseados em características físicas, isto é, aos poucos, estava se constituindo as matrizes do racismo em detrimento de determinados grupos humanos²²¹.

Diante desse contexto, buscou-se uma explicação para o Brasil, destacando seus aspectos selvagens e naturais. É neste período que, possivelmente, emergem as alegorias

²¹⁸ SOUZA, Octavio. **Fantasia do Brasil**: as identificações na busca da identidade nacional. São Paulo: Editora Escuta, 1994, p. 20.

²¹⁹ Idem, p. 21.

²²⁰ DE DECCA, Edgar. Tal Pai, qual filho? Narrativas da identidade nacional. In: CHIAPPINI, Lúcia e BRESCIANI, Maria Stella (orgs.). **Literatura e Cultura no Brasil**: identidades e fronteiras. São Paulo: Cortez Editora, 2002, p. 20.

²²¹ NAXARA, Márcia Regina Capelari. **Cientificismo e Sensibilidade Romântica**: em busca de um sentido explicativo para o Brasil no século XIX. Brasília: Editora da UNB, 2004, p. 61.

entre o bem e o mal, contribuindo para a representação bipolar entre civilização e barbárie, além de ser o momento de a modernidade se expressar com o surgimento dos grandes centros urbanos, reafirmando assim, a disputa alegórica entre campo e cidade.

Entre as constantes interpretações feitas sobre o Brasil, Naxara cita três leituras²²²: a primeira, em que o Brasil foi freqüentemente encarado, a princípio, como a nação que precisava ser civilizada, local com uma natureza pura e, ao mesmo tempo, selvagem. A segunda: dada a sua natureza exótica, a nação seria lembrada como agrária e exportadora; a sustentação do país viria do campo, mas a vida civilizada da nação se exercia de forma plena nos centros urbanos. E, por último, a terceira representação, que será a dicotomia entre o sertão e o litoral, uma vez que as localidades existentes no interior serão vistas como prolongamento do campo, local que remete à imagem de atraso e provincianismo, diferentemente do litoral, onde se encontra a civilização.

Buscando conexões com a produção literária, a primeira representação apontada por Naxara - também apontada por De Decca - pode ser vista em José de Alencar, na sua fase de “romancista indianista”. Através da exaltação da pureza da natureza brasileira constituirá o palco no qual ele buscará forjar um esquecimento do passado destruidor do europeu, com o massacre da cultura dos nativos e da própria natureza local, em favor de um futuro conciliador entre índios e europeu.

Em *Iracema*, como em *O Guarani*, a superação das crises vividas pelo branco e pelo nativo da terra é garantida pela afetividade que pode existir entre esses dois povos tão distintos, mesmo que isso, a princípio, custe muito sofrimento por ambas as partes²²³. Não é por acaso que, no final dos seus enredos, Alencar aponta, como conseqüência dessa aproximação, o nascimento de alguma criança, que represente a esperança de cumprimento do legado utópico buscado pelo branco em conciliação com o nativo da terra.

José de Alencar, na peça teatral *Mãe*, realizará representação semelhante, só que voltada à relação entre o negro escravo e o branco. A mãe negra e escrava tem um filho que é branco e doutor que não a conhece e tem medo dele rejeitá-la. No final do enredo mãe e filho se conhecem não existindo mágoas ou rejeição. A questão da cor e do preconceito social

²²² Idem, pp. 28-29.

²²³ É salutar apontar a rejeição que Jorge Amado tem dos “romances indianistas”. No romance *ABC de Castro Alves*, o literato denunciará os “literatos indianistas” - inclui-se aqui José de Alencar - e valorizará o poeta Castro Alves e os negros escravos: “Aqueles que não queriam ver o problema dos escravos iam buscar no índio a imagem de raça, cantavam-no, faziam dêle o herói das suas páginas. Castro Alves não quis fugir da realidade do seu tempo. Seu canto não seria para o índio perdido no recesso da floresta. Não fugiria com êle, estaria cara a cara com a vida. Seu herói é o negro” (s/d, p. 135).

está sempre presente no contexto, mas o final “feliz” aponta para a superação, demonstrando mais uma vez o caráter apaziguador da literatura de Alencar.

Apesar das críticas iniciais à literatura de Alencar, Jorge Amado posteriormente, vai rever sua interpretação. Em seu discurso de posse na Academia Brasileira de Letras, Amado vai afirmar: “sou um rebento de Alencar”, que o mesmo é um marco em nossa história literária nacional e que sua escrita expressava “a força do povo, bravia, descontrolada, enchente e enxurrada, árvore nunca podada...”.

Amado, em seus romances de cunho social, principalmente aqueles ligados às denúncias do Estado autoritário na Era Vargas, nosso foco de trabalho, não possui enredos que terminam com o “final feliz”, mesmo porque sua intenção não era iludir o leitor, e sim, estimulá-lo à ação. Mas, de qualquer forma, ele não perde o veio da propagação da esperança a exemplo de Alencar. Tanto em *Os Subterrâneos da Liberdade*, quanto em *O Cavaleiro da Esperança*, as duas obras amadianas mais críticas ao governo Vargas, Amado conclui que seus personagens, sejam eles fictícios ou não, exercem, além do fardo de resistirem à dura ditadura, a difícil missão de serem pais. Seus filhos seriam forjados na luta de classes, filhos da classe operária, criando, assim, uma identidade que os levaria a cumprir o legado ou continuar a missão iniciada pelos pais, seguindo o exemplo moral de Luiz Carlos Prestes e Joseph Stálin.

Retornando a Naxara, sua segunda e sua terceira representações são bastante próximas. Tais representações se aproximam da Literatura crítica de Lima Barreto, em *O triste fim de Policarpo Quaresma*. Quaresma, quando quer provar para a sociedade que o Brasil tem condições de crescer enquanto nação, vai para ao campo e tenta produzir, seja na tentativa de inventar novos mecanismos de produção agrícola, seja na divisão de sua própria terra com outros trabalhadores. Mas, quando é necessário manter, depor ou sugerir mudanças no regime político, ele retorna à “civilização”, ao lugar das decisões: o centro urbano.

Essas duas representações apontadas por Naxara também podem ser vistas em *O Abolicionismo*, de Joaquim Nabuco, e em *História Econômica do Brasil*, de Caio Prado Júnior. Ambas as obras analisam os ciclos econômicos vividos pelo Brasil e apontam as discrepâncias entre o local que produz e os centros urbanos.

Nabuco, no livro citado, analisa a necessidade do fim da escravidão no Estado brasileiro, e mostra que uma das conseqüências do sistema escravocrata é a miséria do interior brasileiro em benefício do centro urbano localizado no litoral. O autor argumenta que após o senhor de escravos explorarem determinadas terras de uma região, até o ponto de esgotá-las, o escravocrata abandona a terra, com tudo que tem nela, incluindo uma massa de

escravos desgastada pelo trabalho físico, a qual terá pouca serventia para uma nova empreitada. O que resta é uma terra infértil e uma massa de miseráveis a perambular em busca de sobrevivência.

Caio Prado compartilha a mesma visão de Nabuco²²⁴, mas, vai além, denunciando que a escravidão, em todos os ciclos econômicos do Brasil, desde a sua colonização, teve essa dinâmica, no ciclo da madeira, da cana-de-açúcar, da mineração, da borracha e, por último, do café. Ao centro urbano cabia o destino de hospedar a elite nacional, além de ser o local de escoamento da produção extraída no interior do país.

As relações litoral e interior, campo e cidade, zonas de produção e centro urbano, além de outras, são frutos de um auto-conhecimento. A Literatura de Lima Barreto possui esta característica, Bernardo Guimarães, em *Índio Afonso* e em *O Garimpeiro*, também segue a mesma trilha, assim como uma vasta lista de romances regionalistas produzidas no final do século XIX. De forma especial, pode-se citar *Os Sertões*, de Euclides da Cunha, que, segundo Edgar De Decca, pode ser considerada uma das maiores obras da Literatura brasileira que demonstra o fracasso da colonização portuguesa, além de apontar as diferenças e a exclusão social, denuncia os crimes cometidos em nome da busca da identidade nacional e nos propõe a (re)pensar a mesma.

Numa abordagem mais contemporânea, esse movimento continua com o próprio Jorge Amado, em *Cacau*, com Graciliano Ramos, em *Vidas Secas* e com Bernardo Élis em *Tropas e Boiadas*. Esse modelo de Literatura, que retrata o interior brasileiro, também é mais um movimento de desenraizamento que leva ao entrecruzamento entre o campo e a cidade, mas mantendo o olhar a partir do urbano, do homem “civilizado” descendente, do branco europeu, sobre os povos interioranos.

Em *O Cavaleiro da Esperança* a relação campo/cidade estará presente na formação política que Luiz Carlos Prestes terá em relação ao Brasil. A marcha da Coluna Prestes é o pivô dessa reflexão²²⁵. Os tenentes e Prestes fogem, após os Levantes de 1924, dos centros urbanos das Regiões Sul e Sudeste para o interior do Brasil no intuito de manter viva a chama da “Revolução”. É nesse contexto que os rebeldes vão conhecer a realidade miserável do país interiorano, numa marcha que caminharia cerca de 25 mil quilômetros Brasil adentro. Apesar de manter a resistência do movimento no interior brasileiro, a Coluna almejava ocupar a cidade: adentrar a capital litorânea, o Rio de Janeiro, e fazer a “Revolução”

²²⁴ Nabuco teve um olhar mais focado na economia cafeeira e açucareira. Seu livro possuía a intenção de convencer os setores da sociedade que resistia a escravidão: os senhores de escravos e políticos.

²²⁵ VENTURI, Toni. **O Velho**: a história de Luiz Carlos Prestes. Filme documentário, 1998, (declarações feitas pelo próprio Prestes).

através de um golpe que destituiria Artur Bernardes. Com o fracasso do movimento, Prestes buscará no seu contato com a literatura marxista as respostas para as discrepâncias entre o interior e o litoral, forjando, assim, segundo Jorge Amado, o perfil do “Herói” que salvará o país. Mas, em 1935, quando Prestes e demais militares tentaram promover os levantes armados, suas ações estiveram voltadas para regiões litorâneas, sem um envolvimento preparatório com o restante do país.

Octavio Souza, baseando-se em Octávio Paz, nos dirá que a identidade americana só se tornou possível quando houve um desenraizamento original do homem americano em relação à tradição européia: o abandono de sua condição utópica²²⁶. Tudo isso graças a um sentido dialético da negação com plena repetição, em que assumimos plenamente quem somos, fundados em uma idéia européia, que depois negamos, condição esta que nos leva a superar e pensar nossa própria identidade.

Seguem exemplo semelhante ao americano os romances “indianistas” de Alencar: Num cenário de natureza exuberante, o branco forja a integração, em parceria com o nativo, e constrói, conforme seus moldes, um modelo de nação.

Interpretando a primeira metade do século XX, e alegando que o Brasil não saiu do julgo da dependência econômica e política da Europa, além de viver a nefasta ameaça do fascismo que pode assolar o mundo, Amado defende que os “escravos modernos” no mundo do capital, os trabalhadores, podem construir uma grande e nova nação, além de um novo mundo.

A perspectiva, se voltada apenas para um projeto nacional, torna-se pequena e inviável para os interesses de uma classe que é internacional. O movimento comunista, durante o período da Era Stálin, defendia a tese do socialismo em um só país, mas as seções da III IC tiveram em seu seio militantes extremamente nacionalistas. Assim, pode-se dizer que o projeto da independência dos povos e da revolução em caráter global é que era a utopia esperada pelo conjunto da militância.

Na metade da década de 1980, Moraes, em *Olga*, não postula diretamente a apresentação de um projeto de identidade nacional. O que o escritor aponta, para o leitor, é a necessidade de democracia no Brasil e a necessidade de valorização daqueles que lutaram por uma nação mais igualitária e liberta de opressores. É evidente que a representação da imagem de Olga, seus valores morais e éticos, apontam para o exemplo de indivíduo a ser seguido. Valores de uma mulher *européia*, que acredita e defende uma ideologia formulada

²²⁶ SOUZA, Octavio. **Fantasia do Brasil**: as identificações na busca da identidade nacional. São Paulo: Editora Escuta, 1994, pp. 30-31.

originalmente no “*velho mundo*”, mas um exemplo passível de ser viabilizado enquanto identidade aos brasileiros.

4.1.2. Tristeza, miséria, exploração e repressão: olhares sobre a elaboração da identidade brasileira.

Luxúria e cobiça, o fermento que aumenta com a melancolia e tristeza do povo brasileiro. Paulo Prado, em *Retratos do Brasil*, conduz o debate da identidade brasileira para esse campo.

Uma metrópole em decadência. Assim, se encontrava o Império português na época do Brasil Colônia. Para Prado, o nosso colonizador era integrante de uma nação corrompida pelo luxo e desmoralizada pelos seus costumes, o que fazia com que o europeu perdesse, aos poucos, seus valores morais.

Os senhores favoreciam os ajuntamentos para aumentarem o número de crias; os filhos de escravos até a terceira ou quarta geração, embora batizados, eram marcados na cara com um ferro em brasa para se venderem; o castigo mais comum era queimá-los com tições acesos, ou com cera, toucinho ou outras matérias derretidas [...]²²⁷

Para o autor, Portugal também vivia uma intensa miscigenação interna, o que fez desaparecer do imaginário local a figura do português heróico, existente no século XV, abrindo assim, uma crise em sua identidade e dando margem para um “propenso misticismo”²²⁸.

Essa crise apontada por Prado parece afetar a colônia brasileira num momento em que esta buscava esboçar seus princípios de formação. Isso, para o autor, se torna evidente ao se observar a sede do governo central, situada na Bahia, local que “se ligava umbilicalmente ao organismo doentio e enfraquecido da Metrópole”²²⁹.

Seguem-se, segundo o autor, duas heranças que ficaram na matriz de caráter do povo brasileiro. De um lado, uma sensualidade própria das terras dos trópicos, de uma

²²⁷ PRADO, Paulo. **Retrato do Brasil**: ensaio sobre a tristeza brasileira. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, pp. 135-137.

²²⁸ Idem, p. 137.

²²⁹ Idem, p. 138.

“terra virgem tudo incitava ao culto do vício sexual”²³⁰, e, de outro lado, a fascinação materialista, a busca pela riqueza, uma mania, uma obsessão²³¹.

Retornando às análises feitas na primeira parte deste capítulo, Prado observa que o Brasil ainda não estava totalmente maduro para separar-se do pai e rejeitar seus projetos, pois, segundo seu ponto de vista, o país possuía poucos aglomerados humanos, que não davam margem à ocupação necessária de nossas terras. Além disso, a relação entre a metrópole e o restante do país revelava a total melancolia aqui reinante. Para o autor, se o Rio de Janeiro, local onde posteriormente se instalou toda a corte portuguesa, era um local bucólico, imagina-se como deveriam ser as populações provincianas: uma plena decadência.

Paulo Prado, apropriando-se de Joaquim Nabuco, salienta que o egoísmo dos senhores de escravos provocou horrores, perturbou e envenenou a formação de nossa nacionalidade. Apesar do teor racista, tais autores “evitam explicitar” essa posição em suas narrativas, defendendo que o problema não foi a mescla do sangue negro com o branco europeu, mas, sim, o relaxamento dos costumes que levou à dissolução do caráter social, trazendo conseqüências ainda incalculáveis para a formação de nossa identidade.

O interesse do senhor pela a vida dissoluta do africano e do mestiço estimulava a dissolução ética do melhor da sociedade brasileira:

Desde crianças começavam a corromper os senhores moços dando-lhes as primeiras lições de libertinagem. Os mulatinhos e crias eram perniciosíssimos... Senhores amasiavam-se com as escravas, desprezando as esposas legítimas, e em proveito da descendência bastarda; outros não casavam, agarrados ao vício de alguma harpia que os seqüestrava²³².

Joaquim Nabuco destinou os três últimos capítulos de *O Abolicionismo*²³³ à denúncia das conseqüências trazidas pela escravidão e seus possíveis impactos, caso o sistema não fosse abolido. Entre elas, estariam a perda dos bons costumes e a ganância escravocrata, ocasionando, dessa forma, o empobrecimento e o despovoamento do território interiorano brasileiro.

Em relação aos bons costumes,

²³⁰ Idem, p. 139.

²³¹ Jorge Amado depois que abandona sua fase literária de engajamento social – militante – se aproxima do uso alegórico da sensualidade do povo brasileiro para produzir os seus romances.

²³² Idem, pp. 154-155.

²³³ NABUCO, Joaquim. **O Abolicionismo**. Brasília: Editora da UNB, 2003.

Capítulo XII – Influência da Escravidão sobre a nacionalidade, capítulo XIV – Influência sobre o território e a população do interior e capítulo XVII – Receios e Conseqüências.

O que esse regimen representa, já o sabemos: moralmente, é a destruição de todos os princípios e fundamentos da moralidade religiosa ou positiva-a família, a propriedade, a solidariedade social, a aspiração humanitária; politicamente, é o servilismo, a degradação do povo,... o fechamento dos nossos portos aos immigrants que buscam a América do Sul;... a desmoralização da auctoridade desde a mais alta até á mais baixa; a impossibilidade de surgirem individualidades dignas de dirigir o paiz para melhores destinos, [...]²³⁴

Para Nabuco, a escravidão condicionou relacionamentos “promíscuos nas senzalas”, atraso mental, instintos bárbaros, péssimas maneiras sociais, as superstições grosseiras do brasileiro, a corrupção da Língua Portuguesa e doenças. Também, segundo o autor, a escravidão impediu a formação/aparecimento da família brasileira, pois o senhor era interessado na produção do ventre escravo, isto é, na fecundidade das mulheres negras, o que o conduzia à vida mundana com a escrava.

Em relação ao interior e suas populações,

A verdade é que as vastas regiões exploradas pela escravidão colonial têm um aspecto único de tristeza e abandono: não há n’ellas o consorcio do homem com a terra, as feições da habitação permanente, os signaes do crescimento natural. O passado está ahi visível, mas não há o prenuncio do futuro: o presente é o definhamento gradual que precede a morte. A população não possui definitivamente o solo²³⁵.

Nabuco defendia a colonização gradual dos europeus sobre o território brasileiro, tendo por base o exemplo do desenvolvimento do interior dos Estados Unidos, com a Corrida para o Oeste, bem como o desenvolvimento sócio-político da Argentina. Mas, para isso, era necessário abolir a escravidão, pois esse regime não atraía o imigrante europeu. Outro problema advindo da escravidão era a manutenção da produção brasileira vinculada a um só ramo. O autor defende a diversidade da economia brasileira, que seria promovida através do incentivo à imigração.

Para Jorge Amado, essa mesma elite de senhores de escravos dirige o Brasil até o século XX. Seriam os senhores feudais aristocratas que, até hoje, exploram o povo brasileiro.

No contexto da exploração do povo brasileiro pelos escravocratas, o povo veio, paulatinamente, descobrindo seus mecanismos de luta. Para Amado, os escravos descobriram os quilombos e construíram a resistência contra a escravidão, eliminando-a,

²³⁴ Idem, p. 242.

²³⁵ Idem, p. 178.

posteriormente. Agora, era a vez dos operários descobrirem a greve e construir a luta contra a exploração, era também a hora dos soldados, cujas origens remontam ao povo, tomarem as armas e, numa ação conjunta com os trabalhadores, construírem a consciência de classe que os levaria a derrubar os fascistas e seus cúmplices, tomando assim, o poder no país.

A questão é que a elite não “aceita o seu destino” e evoca a repressão. Para o literato, isso seria o início da dor, do retrocesso, da ditadura. É nesse contexto que Getúlio Vargas nos é apresentado, em *O Cavaleiro da Esperança*, como um tirano aliado aos “assassinos fascistas”, um gerenciador do Estado brasileiro em benefício da velha aristocracia senhorial brasileira. Mas diferentemente de Paulo Prado e Joaquim Nabuco, Amado sustenta a visão de que a perda da moral e os sofrimentos oriundos da repressão não levariam o povo brasileiro à tristeza e à falta de esperança. Pelo contrário, a elite e os repressores é que perderiam a esperança de tomar/roubar a alegria do brasileiro.

Fernando Morais, quatro décadas depois de Jorge Amado, resgatará, através da biografia de Olga, as repressões sofridas pelo movimento de oposição política à Ditadura Vargas. Demonstra ao leitor que os sofrimentos vividos nos “anos de chumbo” da Ditadura Militar foram semelhantes àqueles vividos há décadas atrás. Morais evoca o dever da memória de um povo no combate à repressão em favor da “democracia”.

No final da biografia de Olga, apesar de a protagonista ter morrido em campo de concentração nazista com o apoio institucional do governo brasileiro, os “rebeldes” conseguem implementar e vencer parte de suas principais reivindicações e lutas: o nazifascismo é derrotado pelas forças liberais progressistas, terminando assim, a Segunda Guerra. O governo “odioso” de Vargas também termina, abrindo-se um período de “democracia” no Brasil, e o marido de Olga, apesar de “toda a sua dor”, é aclamado pelo país como o Senador mais bem votado em toda a nação, no ano de 1945. Assemelhando-se a Amado, Morais tem esperança e sua narrativa literária aclamará a superação.

O exemplo de superação ocorrido na década 1940 deveria servir de modelo para o contexto histórico vivido na metade dos anos de 1980. O alerta camuflado que Morais faz aos leitores é que não poderíamos deixar cair no esquecimento nenhuma vítima da repressão, problema ocorrido no fim da repressão da ditadura anterior. Segundo a visão do autor, Olga, apesar de sua importância no movimento de oposição ao regime, teria caído no limbo do esquecimento de nossa história, inclusive da própria esquerda²³⁶.

²³⁶ MORAIS, Fernando. *Olga*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004, p. 9.

Paulo Prado, Joaquim Nabuco, Jorge Amado e Fernando Morais, indicam, de uma forma ou outra, pontos negativos na formação ou situação presente da identidade do Brasil. As metodologias das análises e as sugestões para a superação são diferentes, mas todos concordam com o pesado fardo carregado pelo povo brasileiro: escravidão, tristeza, ganância, luxúria, repressão etc.

Mas, nem tudo está perdido para os autores. Todos apontam formas para (re)construir nossa identidade. Paulo Prado defendia a revolta social como um avanço de consciência da elite e, conseqüentemente, para o restante da população brasileira. Para Joaquim Nabuco, qualquer mudança que ocasionasse uma transformação social teria que ser iniciada a partir do fim do regime escravocrata, o grande mal de qualquer nação. Jorge Amado, bem sintonizado às teses do movimento comunista internacional e, em particular, com as teses do PCB, defende a “revolução proletária” através de suas “etapas necessárias”; e Fernando Morais defende que devemos lembrar do sofrimento ocorrido como arma política para consolidar, de fato, um país verdadeiramente democrático.

4.1.3. Elaboraões e disputas por uma identidade: o Brasil é o país do futuro.

O debate sobre a identidade nacional tende a ser mais presente na sociedade em momentos de crise social ou em instabilidades político-econômicas. Yves Déloyve utiliza o exemplo francês para analisar o tema. Para o autor, os debates que envolveram a ratificação do Tratado de Maastrich, em 1992²³⁷, serviram para fomentar o (re)pensar da identidade nacional francesa na contemporaneidade, emergindo assim, três modelos interpretativos que, de forma pública, ocuparam os lugares de debates institucionais, em especial, o do parlamento e a mídia, através da publicação de diversos artigos²³⁸.

O primeiro modelo seria o católico, reivindicado, segundo o autor, pelos políticos de extrema direita. Defendiam que a França pertencia não somente aos atuais franceses, mas também àqueles que ali já haviam vivido e deixado suas tradições e costumes. O segundo seria um modelo baseado no republicanismo do século XIX, em que a identidade da França seria fruto de uma experiência multissecular que, no decorrer dos anos, tomou uma consciência própria que legitimaria a sua imposição aos sujeitos hoje presentes em solo

²³⁷ Referente a consolidação da “União Européia”.

²³⁸ DÉLOYE, Yves. A nação entre identidade e alteridade: fragmentos da identidade nacional. In: SEIXAS, Jacy; BRESCIANI, Maria Stella e BREPOHL, Marion (orgs.). **Razão e paixão na política**. Brasília: Editora da Unb, 2002.

francês. E a última, um modelo ligado ao pensamento do Partido Socialista francês, que defende a concepção de identidade aberta às evoluções culturais e históricas, sem desejar, abertamente, a dissolução da identidade nacional a favor de uma possível identidade europeia, em vias de construção e definição. A identidade, nesse caso, seria um construto histórico.

Déloyre é taxativo. São os políticos e as instituições que impõem a maneira de ver a questão nacional. Nesse sentido, defende que o conceito de identidade nacional deve ser analisado em suas nuances, pois o termo é utilizado em vários sentidos e contextos. Portanto, “de trás da disputa de palavras e das lutas de classificação que mencionamos, é a capacidade da identidade nacional de acolher a alteridade que está colocada”²³⁹.

Em relação ao contexto brasileiro, pode-se observar momentos específicos em que o debate em torno da identidade nacional é (re)pensado e disputado com mais ênfase. A Proclamação da Independência, a Queda da Monarquia com a implementação da República, as idéias inovadoras no campo político-cultural em 1922, as duas ditaduras de Estado e, mais recentemente, os escândalos de corrupção no governo de um ex-operário são campos férteis para o desenvolvimento deste debate. Não queremos afirmar que, nas lacunas entre um acontecimento e outro, não haja o pensar da identidade nacional. Ela é, de forma orgânica, elaborada. Existem momentos em que os (res)sentimentos emergem em maior grau devido a determinado contexto histórico, o que leva o debate a tomar corpo e proporções mais amplas no conjunto da sociedade.

No período entreguerras e durante os conflitos da Segunda Guerra, época abordada nas biografias e de grande disputa entre os projetos dos movimentos comunista e fascista, é que situam-se os trabalhos de um dos intérpretes da identidade nacional, Oliveira Vianna, homem da base política do Governo Vargas, assessor jurídico do Ministério do Trabalho, Indústria e Comércio entre 1932 e 1940²⁴⁰. Vianna realizou estudos voltados para reflexões acerca da organização política no Brasil baseando-se nas características de nossa sociedade. Mas foi combatido, tanto no campo político como no campo das idéias. Rotulado como pensador autoritário e colaborador de primeira linha do Estado corporativista, Vianna caiu no “cárcere do esquecimento” e teve Jorge Amado como um dos principais inimigos²⁴¹.

²³⁹ Idem, p. 112.

²⁴⁰ Vianna foi um dos mentores das leis trabalhistas na Era Vargas.

²⁴¹ Amado, em *O Cavaleiro da Esperança*, profere ataques diretos a Vianna. Nos livros, *Os Subterrâneos da Liberdade*, através do personagem Hermes Rezende (sociólogo) e em *Farda Fardão Camisola de Dormir*, por intermédio do personagem Coronel Sampaio Correia (Chefe do Sistema de Segurança do Estado Novo e escritor que pleiteia vaga na Academia Brasileira de Letras), o literato representa personagens que reivindicam ser intérpretes da identidade nacional brasileira e que estão a serviço da ditadura do Estado Novo, além de serem simpatizantes do movimento fascista.

Apesar das críticas sofridas, Vianna, com suas análises sobre o modelo das instituições políticas no Brasil, ainda exerce influência nos dias atuais. O autor diz que, no Brasil, os políticos assumem, no conjunto da sociedade, uma importância excessiva em relação às outras categorias profissionais. Existe também uma confiança muito exagerada no parlamento, o qual é dirigido por partidos regionais que seguem os interesses particulares de uma elite localizada, não se preocupando dessa forma, com a unidade política do país²⁴².

O autor defende uma atitude mais sensata das elites brasileiras. Ele não as condena; afirma que os problemas existentes em nossas instituições não são frutos da ação de políticos corrompidos, mas, sim, consequência de nossa formação social reprimida nesses últimos séculos. Vianna enxerga a elite como um setor que promoverá o desenvolvimento político-social do país, sendo que o restante da sociedade, denominada povo-massa, teria seus limites nessa participação. Entre esses dois setores, o povo-elite e o povo-massa, existiria um terceiro, o Estado, que seria composto por pessoas específicas, eleitas por eleitorados determinados. Este terceiro setor teria a função de gerenciar a máquina estatal, harmonizando assim, um pacto social entre as massas e a elite.

Vianna mostra que nunca se teve um governo democrático no Brasil. O povo-massa nunca contribuiu para os rumos do país, sempre votou seguindo ordens superiores. Porém, esse homem-massa não teve uma educação democrática, ele esteve desmolecularizado da nação. Ele ainda não estaria emancipado e, por isso, não estaria preparado para exercer a democracia.

Uma das alternativas apontadas pelo autor, independente de qual seja o setor/classe, é a sindicalização que, no seu ponto de vista, integra o indivíduo enquanto uma molécula na estrutura política brasileira. Nessa estrutura, o indivíduo se inseria a partir de um interesse extrapessoal, o que o legitimaria na incorporação da estrutura democrática brasileira, tornando-se “massa-nação”.

Os setores denominados de esquerda, certamente, discordaram e ainda discordam dessa idéia de *estado corporativista* esboçada por Vianna e, em parte, aplicada durante o Estado Novo. Mas, na prática, temos que observar que as estratégias postas pela esquerda brasileira nas décadas de 1930 e 1940, presentes nos *slogans* repetidos por Amado, em *O Cavaleiro da Esperança*, não se distanciam das perspectivas de Vianna no campo da participação política dos sujeitos que compõem a sociedade brasileira.

²⁴² VIANNA, Oliveira. **Instituições Políticas Brasileiras**. Belo Horizonte: Editora Itatiaia, 1987, p. 131.

As Frentes Populares que, no Brasil, foram representada pela ANL, seriam uma organização política voltada para o combate do avanço do fascismo e ao governo ditatorial de Vargas, tendo como base social sujeitos, que, de uma forma ou outra, também estariam organizados: o “bom” burguês nacionalista, o operário de fábrica sindicalizado, profissionais liberais, militares etc. Tal movimento não visava a participação do homem interiorano ou de indivíduos desorganizados dentro da sociedade. Somente no caso de a Frente Popular assumir o poder do Estado, tais sujeitos seriam chamados a se emanciparem pela “nova democracia”.

Outra crítica comum à vida política brasileira presente nos livros de Amado, nas teses das organizações de esquerda e, inclusive, em textos de Moraes - *Transamazônica* -, também presente na interpretação de Vianna, é o poder coronelístico dos políticos regionais. Segundo Amado e as teses do PCB na época, o poder desse setor significava o resto de feudalismo existente no Brasil, o que atrasava o país a adentrar por completo na dinâmica do sistema capitalista e, conseqüentemente, no avanço das condições materiais e históricas para a Revolução Socialista.

Apesar das diversas críticas contra Oliveira Vianna, Maria S. M. Bresciani, considera que ele foi um dos principais intérpretes do Brasil ao afirmar que os problemas oriundos das primeiras décadas de República no país tinham suas raízes no começo da vida colonial²⁴³. Muitos dos críticos de Vianna concordavam em afirmar que os reais obstáculos à plena configuração do Brasil enquanto nação, próspera e independente, têm suas heranças ligadas ao colonizador português.

Suas proposta de revisar a história do Brasil, na certeza de que os problemas do presente encontravam-se em vícios de origem, foi compartilhada por vários intelectuais seus contemporâneos, autores que, como ele, se propuseram a rerepresentar esse percurso de quatrocentos anos²⁴⁴.

Bresciani constrói sua pesquisa tendo como ponto de partida a revisão do trabalho de Vianna. Para a primeira era necessário ir ao segundo com a alma desarmada, fato difícil para os demais intérpretes do Brasil que foram seus contemporâneos, pois Vianna compunha um governo que manteve relações duras com os intelectuais de oposição e, além disso, o seu discurso de construção da “democracia” andava na contra mão dos princípios construídos pela maioria da intelectualidade da época, que tinham postura anti-fascista.

²⁴³ BRESCIANI, Maria Stella Martins. **O Charme da Ciência e a Sedução da Objetividade**: Oliveira Vianna entre intérpretes do Brasil. São Paulo: Editora da UNESP, 2005.

²⁴⁴ Idem, p. 26.

A negação a Vianna, em sua essência, estava mais no campo dos ressentimentos do que das idéias. Bresciani se aproxima dessa visão e faz uma ressalva ao marxista Caio Prado Júnior que soube criticar e, ao mesmo tempo, valorizar o trabalho de Vianna como “o primeiro, e o único até agora [1933], a tentar uma análise sistemática e séria da nossa constituição econômica e social do passado”²⁴⁵.

Através de Vianna, Bresciani constrói suas análises sobre os demais intérpretes do Brasil, enfatizando principalmente aqueles consagrados pela intelectualidade e pela academia: Gilberto Freire, Sérgio Buarque de Holanda e Caio Prado Júnior. Intérpretes que, apesar da rejeição e de serem contemporâneos de Vianna, possuem suas análises interpretativas calcadas nele. E a autora vai além: retira também da tumba do ostracismo intelectual os liberais Paulo Prado e Capistrano de Abreu para construir uma “linha hereditária” do pensamento anterior a Vianna.

Com um *pano de fundo* semelhante, os intérpretes da identidade nacional, com propostas diferentes, debatem o regionalismo. Assim, temos em Gilberto Freyre um defensor da valorização da cultura regional, ao contrário de Paulo Prado e de Oliveira Vianna, que possuem uma visão anti-regionalista.

Em seu *Manifesto Regionalista*, apresentado no Primeiro Congresso Brasileiro de Regionalismo, Freyre fará uma apologia aos traços da nossa identidade herdados de Pernambuco e do Nordeste.

Talvez não haja região no Brasil que exceda o Nordeste em riqueza de tradições ilustres e em nitidez de caráter. Vários dos seus valores regionais tornaram-se nacionais depois de impostos aos outros brasileiros menos pela superioridade econômica que o açúcar deu ao Nordeste durante mais de um século do que pela sedução moral e pela fascinação estética dos mesmos valores²⁴⁶.

Para o autor, apesar da crise que viria se abater sobre a cana-de-açúcar, o Nordeste contribuiu para a cultura brasileira oferecendo a sua atual autenticidade e originalidade.

Freyre afirma que “o conjunto de regiões é que forma verdadeiramente o Brasil. Somos um conjunto de regiões antes de sermos uma coleção arbitrária de Estados”²⁴⁷. Sociologicamente, a nação só se explica pelas regiões. O autor não quer ser taxado de bairrista estadualista ou de separatista e deixa claro que o movimento regionalista não expressava a

²⁴⁵ Idem, p. 27.

²⁴⁶ FREYRE, Gilberto. **Manifesto Regionalista**. Série Cultura Geral, s/d, p. V.

²⁴⁷ Idem, p. IV.

intenção de opinar sob uma nova organização do país. Ele também deixa clara sua repulsa às disputas e às discrepâncias econômicas existentes entre os Estados brasileiros.

Num período mais contemporâneo, temos Darcy Ribeiro²⁴⁸, em *O Povo Brasileiro*, que também utilizará a proposta de Freyre para analisar o Brasil, de forma regional, em busca do perfil da identidade brasileira. Ribeiro destina as primeiras partes de seu livro para analisar o entrecruzamento das três raças: os nativos da terra - aos quais ele dá maior ênfase -, o europeu colonizador e o negro escravo. Diferenciando-se de Paulo Prado e aproximando-se de Amado, Ribeiro vê no brasileiro um povo que não perde a alegria e que se orgulha de si mesmo, apesar do sofrimento vivido.

Jorge Amado também será visto como o literato que mais contribuiu por divulgar em suas obras o pensamento de Gilberto Freyre²⁴⁹, apesar das visões distintas que ambos tinham sobre o destino político a ser tomado pelo país. Significativa parte dos escritos e pronunciamentos de Amado fazem referência à formação histórica do país e às características do brasileiro. A mestiçagem biológica e cultural é tema constante nos enredos de Amado, para ele característica determinante e diferencial de nossa nação.

Amado, contraditoriamente, é um dos grandes colaboradores, um do que reforçam o “mito” da democracia racial dentro do seio da esquerda brasileira ao longo dos seus anos de Literatura, ressaltando a possível harmonia dos encontros étnico-culturais, divorciando-os das turbulências no âmbito sócio-econômico, isto é, da luta de classes²⁵⁰.

Para concluir, retornemos às décadas de 1930 e 1940, através de Stefan Zweig, em *Brasil: País do Futuro*. Zweig era judeu e veio para Brasil no intuito de escapar das garras do nazifascismo alemão. Ele pensa que o nosso país seria desunido e o menos pacífico do mundo se tivéssemos absorvido o perfil hostil do europeu. Mas, revelamos o oposto. A fusão das três raças, índios, negros e europeus, que, para diversos intérpretes,

²⁴⁸ A introdução de *O Povo Brasileiro*, escrita pelo próprio autor, nos remete à idéia de que o livro é parte do fruto de um ressentimento do autor com as elites brasileiras que novamente realizaram um golpe de Estado - 1964 - e, conseqüentemente, uma ditadura, que barrou os avanços de possíveis Reformas de Estado em detrimento de interesses do bem comum.

²⁴⁹ Amado e Freyre iniciam suas vidas no campo da intelectualidade em momentos próximos. Seus primeiros livros foram lançados pela mesma editora e, possivelmente, houve troca de experiências e contatos no princípio das suas carreiras. Sobre as influências de Freyre na obra amadiana, faço referência à sensualidade e amabilidade de seus personagens de origem negra, além do conceito de democracia racial.

²⁵⁰ Essa polêmica se encontra de forma clara na esquerda brasileira nos dias atuais, no que tange à aprovação do “Estatuto da Igualdade Racial” e a proposta de cotas para negros nas Universidades Públicas. A oposição de esquerda ao governo, diferentemente de Amado, possui a leitura de que é impossível a igualdade racial na economia de mercado. O racismo é fruto do sistema capitalista e a solução é combatê-lo. Se o atual governo tenta amenizar as desigualdades sociais e, conseqüentemente, as raciais, ele devia calcar seu mandato nas reivindicações dos trabalhadores e populares e não aprofundar a ótica neoliberal dentro do Estado brasileiro.

incluindo Darcy Ribeiro, já não eram puras em sua origem, fez de nós um produto misto e variadíssimo, nos imprimindo um perfil diferenciado em relação aos outros povos do mundo.

Apesar das disputas pelos rumos de nossa identidade, os intérpretes são unânimes: O Brasil é o país do futuro! “Melhor, porque incorpora em si mais humanidades. Mais generosa, sempre aberta à convivência com todas as raças e todas as culturas e porque assentada na mais bela e luminosa província da Terra”²⁵¹.

Zweig considera que aqui é o paraíso humano, local perfeito para os futuros empreendimentos e investimentos de jovens europeus, além de ser um bom local para o descanso e para as reflexões dos velhos do velho continente²⁵². Certamente aqui seria um refúgio perfeito para qualquer judeu ou europeu perseguido no resto do mundo. Mas, apesar de o Brasil ser “novo e absolutamente democrático”²⁵³, ele precisava, contraditoriamente, aprender lições com a Europa.

Brasil, país do futuro. Idéia também presente na *Revista do Brasil* nas décadas de 1910 e 1920, através de seus vários colaboradores pertencentes a diversas áreas do conhecimento. Revista que, segundo Tânia R. Luca, teve diversas fases, e que, apesar de seu olhar liberal e de uma interpretação do Brasil baseada numa visão paulista, sempre propôs a ação, principalmente da elite, no âmbito do gerenciamento do Estado, para pensar e constituir o futuro promissor deste país. “Nas páginas da *Revista do Brasil* é possível acompanhar os passos dessa construção mitológica que atribuía ao Estado toda e qualquer positividade contida na idéia de Brasil”²⁵⁴.

Os intérpretes mantêm esta idéia em comum, desde os mais desanimados até os mais otimistas²⁵⁵. Amado, para não fugir à regra, aponta o caminho para o futuro promissor do Brasil:

É preciso libertar o Herói [Luiz Carlos Prestes], negra minha. As noites serão de tristeza enquanto ele estiver prisioneiro... Quando amanhã ele partir novamente no seio do povo, amiga, as noites serão doces noites de amor, nas ateias do cais os ais serão suspiros de amantes... Levanta a tua voz, amiga, clama comigo, com toda a gente do cais, com todos os povos

²⁵¹ RIBEIRO, Darcy. **O Povo Brasileiro**: a formação e o sentido do Brasil. São Paulo: Companhia das letras, 1995, p. 455.

²⁵² ZWEIG, Stefan. **Brasil país do futuro**. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1941, pp. 179-180.

²⁵³ Idem, 168.

²⁵⁴ LUCA, Tânia Regina. **A Revista do Brasil**: um diagnóstico para a (n)ação. São Paulo: Editora da UNESP, 1999, p. 78.

²⁵⁵ Nem a esquerda que não comungava com os princípios stalinistas escapa das semelhanças existentes nessa visão. Trotsky refugiado no México “correndo” dos stalinistas e fascistas europeus também analisará que a América Latina é o paraíso perfeito para luta de classes. O berço da futura revolução operária em escala internacional.

livres do mundo, clama até que teu grito seja ouvido: - LIBERDADE PARA LUIZ CARLOS PRESTES²⁵⁶.

Sendo um pouco menos eloquente, isto significaria a libertação do “líder popular” para “guiar” as massas na luta contra o fascismo e o governo de Vargas²⁵⁷, reorganizando, novamente, um organismo de Frente Popular que conseguisse assumir o poder do Estado e construir ou repensar a identidade do Brasil.

4.2. A identidade revolucionária: as nostálgicas imagens de Prestes e Olga.

De povo para povo, de época para época, as idéias de bem e de mal variaram de tal modo que, muitas vezes, se revelaram contraditórias. Mas, objectar-se-á, o bem não é o mal e o mal não é o bem; se se confunde o bem e o mal, desaparecem todas as formas de moralidade e cada um pode agir como bem entender [...] Qual é, portanto, a verdadeira [moral]? Nenhuma, no sentido de um absoluto definitivo. Mas, sem dúvida, a que contém mais elementos duradouros é aquela que, no presente, representa a destruição do presente, a que representa o futuro: a moral proletária.
Friedrich Engels. “Anti-Duhring”²⁵⁸

4.2.1. Acreditar e amar: Olga e Prestes.

Acreditar nas representações positivas construídas por Jorge Amado e Fernando Morais de seus biografados leva o leitor, possivelmente, a crer e defender um futuro próspero, cheio de felicidades, distante da realidade repressiva e ditatorial e de dependência econômica, descritas pelos escritores, do Brasil das décadas de 1930 e 1940.

²⁵⁶ AMADO, Jorge. **O Cavaleiro da Esperança**: a vida de Luiz Carlos Prestes. Rio de Janeiro: Editora Record, 1987, p. 351.

²⁵⁷ Vale ressaltar que nesse momento Vargas ainda não tinha aderido às Nações Aliadas nos conflitos da Segunda Guerra Mundial. Como já foi colocado anteriormente, a política do PCB frente a Vargas muda após a entrada do Brasil na Guerra.

²⁵⁸ MARX, Karl & ENGELS, Friedrich. **Sobre Literatura e Arte**. Lisboa - Portugal: Editora Estampa: 1974, p. 31.

Os literatos criam as figuras que simbolizam o mal e o bem, sendo os biografados, soldados do exército do bem. Hitler e Vargas, além de seus diversos cúmplices, são os inimigos que estão do outro lado da trincheira. É esse, o quadro esquemático esboçado para o leitor: o da polarização nazifascismo *versus* os “libertadores do povo”, ou melhor, os comunistas.

Para convencer o leitor a acreditar no perfil positivo de sua biografada, Moraes, na apresentação do seu livro, expõe sua própria experiência de vida e seu interesse quanto à história de Olga.

a vida de Olga Benario Prestes, uma história que me fascina e atormenta desde a adolescência, quando ouvia meu pai referir-se a Filinto Müller como o homem que tinha dado a Hitler, “de presente”, a mulher de Luís Carlos Prestes, uma judia comunista que estava grávida de sete meses [...] Perseguido por essa imagem, decidi que algum dia escreveria sobre Olga²⁵⁹.

O sofrimento e a dor de alguém que foi retirada grávida de perto de seu marido, além do clima de mistério sobre a personagem e os fatos históricos que deram o destino trágico a sua vida, são as armas de divulgação do seu livro. O autor utiliza as imagens da dor, do sofrimento, da humilhação e do ressentimento para impulsionar o amor e a crença do leitor em sua biografada. Um exemplo digno de ser lembrado daqueles “anos negros do terrorismo de Estado no Brasil”²⁶⁰, que estimula o leitor a refletir e defender uma prática sustentada na ação.

Amado é direto com seu leitor, sem rodeios ele afirma que: “Falo dele com admiração, com entusiasmo e com fé. Não falaria sobre ele se não o amasse, não confiasse nele”²⁶¹. Não existem receios do escritor em assumir seus sentimentos, já que Prestes é “aquele que nunca se dobrou, sobre quem a lama, a podridão, a baba nojenta da calúnia nunca deixaram rastro”²⁶².

Esperançoso e convicto de que o leitor se sensibilizara com a história de um homem “tão celebre e virtuoso”, Amado profetiza que “depois de ouvir a história do Herói [Prestes], os homens levantarão as mãos, altearão as vozes e clamarão, sobre os mares e as

²⁵⁹ MORAIS, Fernando. **Olga**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004, p. 09.

²⁶⁰ Idem.

²⁶¹ AMADO, Jorge. **O Cavaleiro da Esperança**: a vida de Luiz Carlos Prestes. Rio de Janeiro: Record, 1987, p. 18.

²⁶² Idem, p. 18.

montanhas, pela sua liberdade”²⁶³, isto é, os leitores partiriam para a ação contra os malfeitores: o fascismo e seu cúmplice, o governo ditatorial de Getúlio Vargas.

Existem diferenças entre a exposição das imagens de Olga e de Prestes, no que se refere às perspectivas políticas dos literatos e os momento histórico de produção dos textos. Mas, para ambos os autores, seus biografados eram sujeitos históricos conscientes de seu potencial transformador, pois acreditavam serem agentes da vanguarda revolucionária que salvaria o mundo das garras do imperialismo e do fascismo. Eram membros do movimento comunista que detinham o sentimento e o caráter revolucionário do proletariado, a classe detentora do poder de mover o motor da história a favor dos menos favorecidos.

As narrativas, a Morais e, principalmente, a de Amado, são impregnada de um messianismo revolucionário, em que seus biografados abdicam de suas próprias vidas para atender os desejos e interesses de milhões de pessoas no mundo e, especialmente, no Brasil. Para reivindicar liberdade, abolição da existência de classes, paz e justiça social para os homens, os “defensores do bem”, assim como na parábola da vida de Cristo, são presos, torturados e, até, assassinados, no caso de Olga. Por outro lado, mostram imagens dos infiéis, traidores e assassinos do povo, nas quais a imagem do movimento fascista e seu líder, Hitler, representa aquilo que é demoníaco.

Prestes e Olga seriam “os eleitos”, aqueles que, devido às suas atitudes revolucionárias e sua moral inabalável, “foram escolhidos” como exemplos, a serem seguidos pela militância e pela sociedade, na busca pela construção de um novo mundo e na (re)formulação de uma identidade humanística para os homens, sendo essa última, a justificativa mais plausível dada pelos escritores para terem feito a opção de narrarem suas vidas.

Acreditar nas palavras e ações dos biografados heróis e amar, no sentido de venerar seus exemplos de vida, são mecanismos para impulsionar o leitor que, convencido, parte para a ação.

4.2.2. As origens dos biografados.

Olga tem uma origem familiar profana, segundo a visão política dos comunistas do período *stalinista*. Filha da burguesia bávara alemã, sua mãe, Eugénie Gutmann Benario, era, segundo Morais, filha de abastada família judaica, “uma elegante

²⁶³ Idem, p. 12.

dama da alta sociedade”²⁶⁴ e, seu pai, Leo Benario, era jurista renomado e personalidade influente do Partido Social Democrata Alemão. Por essa época, a social democracia era tratada pelos comunistas como uma das grandes inimigas do Partido e da classe operária, sendo em determinados momentos acusada de serem cúmplices da burguesia e, em outros, colaboradora da ascensão do movimento fascista.

Para o biógrafo, apesar de o seu pai representar politicamente aquilo que os comunistas julgavam ser degradante e perigoso para os trabalhadores, será sob a imagem paterna que Olga vai aprender fomentar, inicialmente, seu sentimento de indignação perante as condições precárias da classe operária alemã. É época em que a Alemanha vivia uma dramática situação econômica que decompunha o país, desde o fim da Primeira Guerra Mundial, a classe média que se proletarizava e, o desemprego, principalmente, desesperava o operariado e levava milhares de pessoas à miséria.

Em tal situação, emerge a figura do pai de Olga, um “bom burguês”, liberal e democrata, que advogava gratuitamente para os infortunados. Um inimigo de sua própria classe, pois, “ao dr Benario recorriam invariavelmente os trabalhadores que pretendiam fazer demandas judiciais contra os patrões”²⁶⁵, e, para estes, ele trabalhava com mais afinco, segundo Moraes. E é nesse cotidiano que Olga se educa, emergindo dentro de si o sentimento revolucionário. Para o biógrafo:

A própria Olga diria mais tarde que havia se transformado numa comunista não pela leitura marxista, mas folheando os processos em que o pai defendia os trabalhadores de Munique.

[...]

Pelo escritório do pai passavam diariamente, e discutiam à frente da adolescente, os mais abastados e os mais miseráveis habitantes de Munique. “A luta de classes ia me visitar todos os dias em casa”, ela [Olga] brincava²⁶⁶.

Prestes também não possuía origens nas “fileiras revolucionárias” do proletariado, mas tinha uma matriz menos profana em relação à Olga. Segundo Amado, apesar dos avós terem detido determinada riqueza e prestígio social, os pais de Prestes fizeram opção por uma vida mais humilde, mas “próxima ao povo”. O pai, Antônio Pereira Prestes, era militar de baixa patente do exército e a mãe, dona Leocádia Prestes, era dona de casa e professora primária.

²⁶⁴ MORAIS, Fernando. **Olga**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004, p. 30.

²⁶⁵ Idem.

²⁶⁶ Ibidem.

No intuito de glorificar a origem mitológica de Prestes, Amado afirma que o avô paterno do biografado era juiz renomado em Porto Alegre, sendo que suas sentenças serviam de exemplo aos demais tribunais da corte, na qual diversos desembargadores se guiavam por seus pareceres²⁶⁷. Homem justo, que sempre fazia questão de cuidar pessoalmente das crianças órfãs ou delinqüentes que estavam sob sua custódia. Em relação ao avô materno, esse era um rico comerciante, mas um abolicionista que, segundo o escritor, lia livros sobre a Revolução Francesa e amava e declamava os versos libertários de Castro Alves, além de ter gastado praticamente toda a sua riqueza na compra de escravos com a intenção de libertá-los²⁶⁸. Já a avó materna do biografado merece destaque, Dona Ermelinda, que em “sua velhice interessou-se pelo marxismo e pelo seu estudo, ao saber que Luiz Carlos havia abraçado essa doutrina”²⁶⁹.

O pai de Prestes é posto como soldado fiel de Benjamin Constant, homem que lutou contra a monarquia, a reação e o passado degenerado do Brasil. Antonio Prestes e Constant, segundo Amado, eram homens que juraram “vencer ou morrer” no ideal de construir a República e a democracia futura, tendo sido, erguida pelos mesmos em 15 de novembro de 1889. Prestes é colocado como o sucessor de Constant nas lutas por um Brasil livre dos “inimigos do povo”. Afirma Amado:

Esse era um líder do povo [Constant], um que soube ver a verdade, arrancar do rosto do tirano [o Imperador] a máscara impudica de liberal e mostrá-lo ao povo na sua verdadeira e mesquinha fisionomia. Assim acontece também, amiga, com Luiz Carlos Prestes. Este soube denunciar a máscara trágica dos inimigos de hoje [Vargas e o fascismo] e mostrá-los ao Brasil na sua trágica nudez²⁷⁰.

Antônio Prestes morreu quando seu filho, Luiz Carlos Prestes, tinha apenas nove anos. Faleceu pobre, deixando mais quatro meninas e uma pequena pensão de capitão-engenheiro do Exército. E é nessa infância pobre que Prestes vai conhecer, segundo seu biógrafo, as desigualdades sociais e fazer uma opção pelos menos favorecidos. Por assim, sua escolha foi servir ao povo, como o pai, entrando, assim, para a Escola Militar. E não podia ser diferente, pois Prestes nasceu predestinado a ser “Herói”, como comprovava a empregada negra ao presenciar seu nascimento, viu o brilho forte de uma estrela prometida, que a fez lembrar dos seus deuses e vê-los:

²⁶⁷ AMADO, Jorge. **O Cavaleiro da Esperança**: a vida de Luiz Carlos Prestes. Rio de Janeiro: Record, 1987, p. 27.

²⁶⁸ Idem, p. 34.

²⁶⁹ Idem, p. 32.

²⁷⁰ Idem, p. 40.

Lembrou-se dos seus deuses e viu Oxóssi, o deus da caça nas matas, o que atravessava as florestas da África. Mas viu também Xangô, o deus do raio e do trovão, o deus vitorioso das batalhas [...] Viu Zumbi, o deus mais novo dos negros, o que levantou os escravos, fugiu para a selva dos Palmares e fez uma república de homens livres. Viu uma luz nos olhos do infante [Prestes]. Oxossi rompendo as selvas. Xangô lançando os raios na batalha, vencendo as guerras, Zumbi forjando a liberdade. Nunca, jamais vira um menino assim. Na macumba, naquela noite, dançaria em honra dele e em honra dele cantaria aquele canto de vitória:

- “Erô ójá é pará non, ê inum ójá li ô lô.”²⁷¹

Prestes, diferentemente de Olga, é louvado pelo seu biógrafo como um Herói prometido, fruto das forças divinas dos negros escravos africanos radicados em terras brasileiras, os primeiros trabalhadores a explorarem as riquezas desse chão a partir da escravidão e herdeiro do perfil liberal e progressista existente em sua família. Prestes é colocado como o libertador, aquele que veio ao mundo cumprir a tão esperada missão de fazer justiça e garantir a liberdade e a felicidade ao seu povo, tão cheio de esperanças.

Herdeiros de uma tradição ambígua dos locais onde nasceram, tanto os heróis quanto os vilões das narrativas, Prestes e Olga são vistos como soldados do bem, sujeitos que resgatam ou reafirmam a identidade positiva dos povos de suas regiões.

Alemã, Olga nasceu em terras do revolucionário Karl Marx, *pai* da teoria marxista que impulsionaria as “predestinadas” revoluções operárias pelo mundo, terra também do temível Adolf Hitler, homem de perfil demoníaco, que ameaçava o mundo com o fascismo e sua teoria de raça superior. Olga e demais “soldados da revolução” morreriam na luta contra as forças das trevas, mas eles e os povos seriam “libertos” pelos discípulos de seu conterrâneo Marx, oriundos de terras do oriente, onde o povo já havia “aprendido” e feito a Revolução esperada. Antes de o nazismo ascender ao poder, os comunistas de todo o mundo tinha a Alemanha como terra prometida, lugar aonde a Revolução cumpriria sua profecia e de onde se esparramaria para o restante do mundo. Mesmo com os apressados russos já tendo feito a revolução, esperava-se que a profecia se cumprisse, mas o algoz Hitler destruiu as expectativas dos revolucionários internacionalistas ao subir no poder.

O Rio Grande do Sul, estado onde nasceu Prestes, também é visto por Amado como região de identidade dupla. Local onde “houve uma revolução, ela se chamava de “Farrapos”. Houve uma República nessas terras, quando ainda as forças reacionárias do Império eram donas do país”²⁷². Movimento esse digno, em que lutaram a revolucionária

²⁷¹ Idem, p. 44.

²⁷² Idem, p. 21.

brasileira Anita Garibaldi e o italiano Giuseppe Garibaldi. O revolucionário Rio Grande do Sul, um dos estados pioneiros na luta contra o Império, na luta pelos ideais da Revolução Francesa e pela consolidação de uma República que abolisse os poderes monárquicos. É também dessas terras que “nasceram os tiranos. Filhos de dono de fazenda, senhores feudais, de alma escravocrata”²⁷³. Rio Grande, do “tirano” Getúlio Vargas, que um dia foi eleito Presidente desse estado da Federação e depois tomou o poder do Brasil em 1930.

Mas, com o nascimento de Prestes, marca-se o “instante em que começa o fim do tempo dos tiranos”, em que as forças heróicas do Rio Grande do Sul e do Brasil se encaminham “para o momento da luta final, o terrível e maravilhoso momento da última batalha”, na qual Prestes vai vingar o “sangue dos revolucionários do passado, o sangue de Anita Garibaldi”²⁷⁴.

4.2.3. Momentos de provação revolucionária.

Um “herói” não nasce com tal honraria, apesar de Amado colocar Prestes como um predestinado ao posto. Um “herói” precisa realizar atitudes que legitimem seu *status* e, também, precisa sensibilizar uma legião de seguidores ou admiradores que glorifiquem seu exemplo. Prestes conseguiu tal proeza em vida. Sua imagem, para seus partidários, significava esperança, boas perspectivas para o futuro. Olga, apesar de diversas proezas, só conseguiu admiração após sua morte.

Prestes e Olga não são filhos da “revolucionária classe operária”. Eles eram integrantes de setores, segundo a própria interpretação dos comunistas da época, da radicalizada porém vacilante classe média, por assim, não eram indivíduos propensos a serem qualificados como heróis.

Olga, para obter a confiança dos revolucionários e ser reconhecida como tal, teve que passar por um momento de provação. Ser a melhor em atividades denominadas secundárias, como pichação, colagem de cartazes e agitação durante os protestos, não garantia *status* dentro da organização revolucionária.

No princípio de sua militância, Olga cresceu dentro do Partido graças ao seu relacionamento afetivo com um dos componentes dos quadros profissionais da agremiação, Otto Braun, que a levou para Berlim e para o mundo da clandestinidade revolucionária.

²⁷³ Idem, p. 23.

²⁷⁴ Idem, p. 24.

Segundo Morais, “alguns meses após chegar a Berlim, ela já era a Secretária de Agitação e Propaganda da mais importante base operária do Partido Comunista alemão, o bairro vermelho de Neukölln”²⁷⁵ e, posteriormente, assumiu o mesmo cargo na Juventude Comunista Alemã, além disso, rapidamente lhe foi dado o posto de “datilógrafa da Representação Comercial Soviética, um emprego que lhe fora conseguido pelo partido”²⁷⁶.

Ao final do ano de 1926, Olga inicia sua provação. Graças às suas atividades clandestinas, ela foi presa e ficou dois meses encarcerada. Junto com ela, foi preso seu companheiro, que passou mais tempo na prisão e foi acusado de espionagem e alta traição a seu país. Para o biógrafo, o julgamento a ser realizado sobre os “crimes” de Otto tinha a pretensão de “comprometer o Partido Comunista aos olhos da opinião pública, imputando-lhe atos de traição à Alemanha e de espionagem em favor da União Soviética”²⁷⁷.

O Partido, preocupado com sua reputação e com o futuro de Otto, define destinar Olga a sua “tarefa de (a)provação”: retirar Otto, através de um assalto armado, da prisão de Moabit. Tarefa cumprida de forma esplendorosa, o casal passa a ser procurado com todo o vigor pela polícia alemã. Como único refúgio, exilam-se no “berço da revolução mundial”.

Segundo Morais, com o cumprimento da tarefa, Olga passa a ser referência no movimento revolucionário e, em seus primeiros dias em Moscou, é ovacionada por um auditório lotado de militantes da Juventude Comunista Internacional e, de acordo com o biógrafo, ela teria dito as seguintes palavras à platéia eufórica: “- Eu gostaria que soubessem que ali cumpri duas tarefas: uma do partido e outra do coração”. Olga ascende na hierarquia do movimento revolucionário; se torna-se integrante do Comitê Central da Juventude Comunista Internacional, recebe treinamento militar e cursos de línguas, para, agora, cumprir missões internacionais. Após a “(a)provação”, Olga está pronta para se tornar uma “bolchevique de aço”.

Prestes não teve que obter sua provação cumprindo tarefas revolucionárias a mando do movimento comunista. Sem ter simpatias pelo emergente Movimento Operário brasileiro, desconhecendo o recém-fundado PCB ou não tendo ciência da existência do marxismo, Prestes foi o líder do Movimento Tenentista em seu auge.

Os vinte e cinco mil quilômetros percorridos pelo interior do país, as estratégias militares que garantiram várias vitórias aos insurgentes e a liderança carismática

²⁷⁵ MORAIS, Fernando. **Olga**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004, p. 34.

²⁷⁶ Idem, p. 35.

²⁷⁷ Idem, p. 45.

de Prestes garantiram, segundo o biógrafo, que a “Grande Marcha”, realizada entre os anos de 1924-1927, recebesse o “nome do chefe do Estado-Maior, pela vontade dos soldados e do povo do Brasil”²⁷⁸: Coluna Prestes. Além disso, Prestes receberia o adjetivo de “Cavaleiro da Esperança” do “povo desesperado do sertão”²⁷⁹ e o *status* de herói das forças oposicionistas ao Governo de Washington Luiz nos centros urbanos.

Para Amado, a Coluna Prestes, apesar de ter um programa reivindicatório reduzido e de cunho liberal, e mesmo não possuindo respostas concretas para solucionar os problemas encontrados pelo interior do país, foi “o maior movimento de um Brasil em busca de si mesmo”²⁸⁰. Mesmo com as limitações, o escritor expõe que a Coluna Prestes foi fundamental para a formação de uma Frente Popular no Brasil e para que Prestes não se corrompesse, participando dos acontecimentos de 1930.

Sem a Coluna não seria possível a Aliança Nacional Libertadora em 35. Sem a Coluna possivelmente Prestes teria participado do levante de 30 e talvez fosse hoje apenas um general do exército. A Coluna dá-lhe a visão exata do drama do Brasil. A ele, a seus soldados e ao Brasil todo. Com a força dos acontecimentos homéricos a Coluna rasga caminhos para a Revolução brasileira²⁸¹.

A Coluna representa, na narrativa amadiana, os sinais de um futuro promissor. É nela que Prestes se educa percebendo a necessidade de avançar politicamente, é desse movimento que Prestes se torna o herói que reflete a esperança da mudança. Além disso, é a Coluna que forma a geração que impulsionará a “Revolução de 30” de Vargas e que, posteriormente, constitui a oposição ao fascismo/integralismo e às falsas mudanças prometidas pela própria revolução burguesa de 1930.

Para Amado, aquela era a “Coluna de fogo, do fogo da esperança. Coluna de aço, do aço da coragem [...], que na frente ia o Cavaleiro da Esperança”. É o movimento que carregava a esperança dos “homens desgraçados” do interior brasileiro e estes imaginavam que “um dia voltarão e desta vez deixarão a liberdade”. A coluna representava o amanhã promissor nas cidades e a emancipação do homem interiorano brasileiro.

A provação revolucionária de Prestes na epopéia militar da Coluna, na luta contra o Governo Federal e suas cúmplices oligarquias, leva os ditos *representantes legítimos do proletariado brasileiro*, o PCB, a procurarem a mitológica figura do “Cavaleiro da

²⁷⁸ AMADO, Jorge. **O Cavaleiro da Esperança**: a vida de Luiz Carlos Prestes. Rio de Janeiro: Record, 1987, p. 115.

²⁷⁹ Idem, p. 96.

²⁸⁰ Idem, p. 97.

²⁸¹ Idem.

Esperança”. A provação na dramática luta pelo interior do Brasil não bastava para aos comunistas, era preciso que o “Cavaleiro da Esperança” conhecesse a *verdadeira* revolução e abandonasse o ideário revolucionário *pequeno-burguês* do Movimento Tenentista.

4.2.4 O proletariado, o Partido Comunista e a construção da moral revolucionária.

É através da construção mítica das imagens representativas do caráter revolucionário do proletário e de seu Partido que Amado afirma a breve chegada de um futuro belo e promissor sob o regime socialista. A Revolução Russa e as Repúblicas Socialistas Soviéticas seriam a prova mais cabal do esgotamento do capitalismo, da superioridade do regime operário e da garantia do progresso da humanidade rumo ao socialismo.

A crença no perfil e na moral revolucionária do proletariado é uma característica legível na literatura de Amado nos anos 1930. O exemplo da vida do personagem Antonio Balduino, na obra *Jubiabá*, é o exemplo cristalizado dessa perspectiva. A condição econômica e social de Balduino é fruto dos malefícios trazidos pela colonização escravocrata ocorrida no Brasil.

Negro, pobre e sujeitado a viver perambulando pelo mundo, o personagem conhece a malandragem e desconsidera a moral operária, para ele, ser livre era viver na vadiagem, pois o trabalho significava o oposto. Levado ao trabalho sob o pretexto de ajudar o filho de Lindinalva, o grande amor da sua vida que estava à beira da morte, Balduino conhece a classe operária e todo o seu poder moral através de uma greve geral. Convencido de que estava enganado e tendo certeza do poder revolucionário dos trabalhadores, o protagonista acredita que os operários, apesar da condição de escravos, são os herdeiros diretos do legado libertador de Zumbi dos Palmares.

Nem Jubiabá [Pai de Santo e guia espiritual de Balduino] sabia que a luta verdadeira era a greve, era a revolta dos que estavam escravos. Agora o negro Antonio Balduino sabe. É por isso que vai tão sorridente, porque na greve recuperou a sua gargalhada de animal livre²⁸².

No romance *Cacau*, a negação ao amor do personagem protagonista, aponta, segundo Amado, para uma das características do *perfil* revolucionário do proletariado. O referido personagem, José Cordeiro, renega o amor de Maria, filha do carrasco fazendeiro

²⁸² AMADO, Jorge. **Jubiabá**. São Paulo: Livraria Martins Editora, s/d, p. 247.

patrão. Isso o leva a abandonar a fazenda e ir ao encontro da classe operária no centro urbano, já que aos trabalhadores do campo é desconhecido o sindicato, a mobilização, a greve.

Olhei sem saudades para a casa-grande. O amor pela minha classe, pelos trabalhadores e operários, amor humano e grande, mataria o amor mesquinho pela filha do patrão.

[...]

Eu partiria para a luta de coração limpo e feliz²⁸³.

Nas duas obras citadas de Amado, não existem citações ao *partido do proletariado*, o PCB. O que existe é um reconhecimento de si, dos personagens protagonistas, dentro da própria classe, o que gera um sentimento de classe, denominado por Amado, como aquisição da consciência de classe²⁸⁴, relação essa que constrói a moral diferenciada dos trabalhadores, que lhes dá força para a tomada do poder.

Mas, observa-se na própria literatura amadiana que, para os predestinados chegarem ao poder, é necessário sua própria organização classista. Algo que vá para além dos poderes corporativos dos sindicatos, que já possui o poder de parar a fábrica e até mesmo a cidade, como no caso da Bahia de Todos os Santos de *Jubiabá*. Um instrumento que leve os trabalhadores a tomarem o poder do Estado em suas mãos. Essa organização é o partido do proletariado, o Partido Comunista, a agremiação que aglutina o que há de mais consciente e avançado na classe operária.

O Partido é o segundo elemento essencial para que se cumpra a profecia revolucionária de um futuro feliz. É a agremiação, que através de sua vanguarda, organizará a melhor estratégia, guiando, assim, o conjunto dos trabalhadores ao poder. Para os comunistas, como para a Literatura militante de Amado, esse é um esquema infalível, pois já foi testado e aprovado com eficiência no maior país do mundo. Segundo o historiador Jorge Ferreira, “se Marx trouxe à cena política o mito do proletariado revolucionário, Lênin [líder da Revolução Russa] fundamentou um outro, a segunda pilastra do “marxismo-leninismo”, o modelo exemplar de partido”²⁸⁵. São os Bolcheviques russos e sua Revolução, a servirem de exemplo para os revolucionários brasileiros e para o restante dos trabalhadores do mundo.

A figura do Partido só surge nos romances de Amado a partir da década de 1940, sendo, *O Cavaleiro da Esperança*, o primeiro a apresentar, timidamente, essa perspectiva. É nessa obra que Prestes é apresentado como o líder dos comunistas, o mesmo

²⁸³ AMADO, Jorge. **Cacau**. São Paulo: Livraria Martins Editora, 1961, p. 283.

²⁸⁴ Idem, p. 254.

²⁸⁵ FERREIRA, Jorge. **Prisioneiros do Mito**: Cultura e imaginário político dos comunistas no Brasil (1930-1956). Niterói: EdUFF, 2002, p. 39.

herói da homérica Coluna. O foco do livro não era glorificar o Partido, pois a biografia nostálgica do líder já refletia as características morais da agremiação e dos seus militantes: o compromisso com o povo, os teóricos que compreendem a verdade, podendo assim, solucionar os problemas do Brasil, indivíduos éticos e disciplinados na luta por um futuro digno para todos.

Prestes reflete o Partido, e vice-versa. Essa fórmula é garantida graças à revisão do centralismo-democrático nos anos de influência stalinista. Prestes é o soldado exemplar dos comunistas brasileiros, como Stálin o é para os comunistas de todo o mundo. Ser do Partido Comunista é ser seguidor de Prestes, e conseqüentemente, de Stálin.

No Brasil, o demasiado uso da imagem de Prestes possuía um significado a mais: a tentativa de reorganização de uma Frente Popular no Brasil que revivesse a experiência da ANL e sua luta antifascista. O prestígio de Prestes transcendia o Movimento Comunista, chegando a influenciar setores das Forças Armadas e da classe média. A Coluna transformou Prestes em mito. É nessa perspectiva que Amado explora sua imagem na biografia, dando ênfase à trajetória, às batalhas e às vivências ocorridas durante a *Grande Marcha*.

Para reafirmar o poder do Partido como único agente transformador da sociedade a serviço do proletariado, no conjunto da obra de Amado, pode-se citar os romances *Seara Vermelha* e *Os Subterrâneos da Liberdade*. Essa Literatura estava voltada para descrever a força da agremiação em sua clandestinidade durante o regime repressor, suas teses e conspirações revolucionárias a serviço do povo e a disciplina quase militarizada de seus militantes profissionais.

Na pobreza do sertão nordestino brasileiro, narrado em *Seara Vermelha*, Amado apresenta três movimentos contestatórios: o Messianismo, o Cangaço e o Partido Comunista²⁸⁶. Esmagados pela repressão do Estado, somente o movimento comunista sobrevivia na ilegalidade, graças a sua disciplina e moral revolucionária sustentada teoricamente através dos escritos de Marx, Lênin e Stálin. Para o escritor, esse é o único movimento incapaz de ser dissolvido ou destruído pelas forças reacionárias da história, pois ele está predestinado historicamente à vitória.

Os Subterrâneos da Liberdade também parte dessa premissa. Descrevendo as dificuldades dos operários e do *seu* Partido no estado de São Paulo, graças à ditadura e

²⁸⁶ Amado faz referência ao Levante Armado de 1935, no Rio Grande do Norte, na capital Natal.

repressão do Estado Novo, Amado narra de forma detalhada as características do Partido e dos seus inimigos.

O Partido é apresentado por Amado como uma organização composta de homens dignos, sujeitos que sofrem uma transformação interior para fazer jus à moral proletária e à sua agremiação. Eles assumem uma nova identidade, abandonam os *vícios burgueses* e passam a ser indivíduos com virtudes e cheios de qualidades positivas: amam a humanidade e possuem fé inabalável no futuro próspero, além de serem bons pais, filhos, vizinhos etc. A elevada conduta dos comunistas se contrapunha à imoralidade burguesa e aos imaginários construídos pelos anticomunistas.

Na prática, esses comunistas não formularam ou tentaram inovar novos conceitos sobre a moral, apenas absorveram a essência da moral burguesa sustentada na ética puritana inglesa do princípio do sistema capitalista. É claro que novos valores foram agregados à vida do militante, o principal destaque existente nos livros de Amado é a relação vida privada e vida pública partidária do indivíduo. Percebe-se, nos personagens militantes amadianos, a supressão de suas particularidades em detrimento das necessidades do Partido, principalmente em suas relações amorosas.

O casal protagonista do romance *Os Subterrâneos da Liberdade*, João e Mariana, é um modelo digno de devotamento ao Partido. Conheceram-se no cotidiano da luta. João, jovem dirigente da agremiação no estado de São Paulo, apaixona-se pela disciplinada e disposta militante de base, Mariana. Não existiu flerte ou namoro entre ambos no princípio do relacionamento, pois, “aqueles não eram dias para se pensar em tais coisas”²⁸⁷, já que o Golpe de Estado estava sendo orquestrado por Vargas e pelos fascistas/integralistas, mas, num momento mais calmo, João propõe a Mariana: “Quer ser minha companheira? Quer casar comigo?”²⁸⁸. Ela ficou eufórica com a proposta de casamento vinda de um dirigente do Partido e a aceitação foi inevitável²⁸⁹. Amado, aponta ao leitor o modelo exemplar, ao narrar como deve ser o cotidiano do casal comunista:

Ele está cumprindo uma tarefa, esse é o cotidiano dos comunistas, e nesse amor ela deve encontrar um incentivo ainda maior para o trabalho partidário. Sua saudade e seu desejo de revê-lo não devem levá-la jamais a esperar que

²⁸⁷ AMADO, Jorge. **Os Subterrâneos da Liberdade**: Os ásperos tempos. Rio de Janeiro: Record, 1978, p. 187.

²⁸⁸ Idem, p. 295.

²⁸⁹ Fato semelhante ocorreu com Maria Prestes, a segunda *companheira* de Luiz Carlos Prestes. Segundo declarações dela própria, no documentário *O Velho*. “Não houve esse negócio de primeiro beijo, essa coisa. Não houve nada disso... [risos]. E eu fazia, dentro de casa mesmo, eu tomava conta dele. Ele aumentava o rádio, eu ia lá e abaixava. Ele abria a janela, a cortina pra olhar a rua... Então, era isso que ele viu, que eu era muito severa com ele. Foi quando ele propôs casamento, que eu era rigorosa com ele. Aí eu caí das nuvens. Eu casada com um dirigente do partido. Quem sou eu?” (VENTURI, 1997)

ele volte antes de ter realizado a tarefa que lhe confiou o partido. Em nenhum momento, em seu amor, ela desliga o homem do comunismo. Nem o poderia fazer, pois ela não pode pensar senão como comunista. Quando ele voltar, ela poderá lhe dizer:

- Tive muitas saudades, mas não deixei que elas perturbassem o meu trabalho²⁹⁰.

Seguindo a postura do casal fictício do romance amadiano, Prestes desfaz a imagem romântica do relacionamento dele com Olga, exposta nos livros de Moraes e na sua própria biografia escrita por Amado, ao afirmar: “Não tive nenhum romance, nenhuma coisa romanesca” e, frisando o lado político do relacionamento, ele coloca que, “ela era uma companheira que me deu uma dedicação muito grande”, além disso, ele cita o lado mítico da companheira: “Ela hoje é considerada uma heroína alemã”²⁹¹.

Apesar de Amado narrar que, “sobre Luiz Carlos Prestes se debruça a sombra de Olga a cercá-lo de carinho, de ânimo, a protegê-lo com seu sorriso, com a sua presença, com seu amor”, vivendo, ambos, um pleno romance, Prestes colocaria seu relacionamento afetivo em segundo plano, priorizando sempre em primeira instância os interesses de seu povo. De acordo com seu biógrafo, nem no momento em que ele descobre que vai ser pai o serviço revolucionário é interrompido: “Prestes não tem tempo sequer para um momento de alegria familiar”²⁹².

Assemelhando-se à imagem construída por Amado, Moraes mostra que Olga foi a primeira mulher de Prestes, isso em seus 37 anos de idade, e reafirma que “o rigor, a disciplina e a dedicação à causa tinham cobrado dele um preço alto: até então Luiz Carlos Prestes nunca tinha estado com uma mulher”²⁹³.

Para Moraes, sua biografada também não fugiu dos preceitos morais da disciplina partidária, suas responsabilidades adquiridas dentro da Juventude Comunista Internacional a afastaram do cotidiano de Otto, o que gerou ciúmes e brigas que culminaram no fim do relacionamento. Analisando o companheiro de Olga, o escritor coloca que “Otto era um homem adorável, sem dúvida um verdadeiro comunista, mas nas relações afetivas comportava-se como um legítimo pequeno-burguês”²⁹⁴.

²⁹⁰ Idem, p. 265.

²⁹¹ VENTURI, Toni. **O Velho**: A História de Luis Carlos Prestes. Filme documentário, 1997.

²⁹² AMADO, Jorge. **O Cavaleiro da Esperança**: a vida de Luiz Carlos Prestes. Rio de Janeiro: Record, 1987, p. 289.

²⁹³ MORAIS, Fernando. **Olga**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004, p. 61.

²⁹⁴ Idem, p. 49.

4.2.5. Os traidores.

O velho italiano Onofre, do romance *Os Subterrâneos da Liberdade*, antes de detonar os explosivos que o mataria, destruindo consigo o maquinário gráfico do PCB paulistano, gritou: “E viva il comunismo e la libertà!”²⁹⁵. A polícia havia descoberto o aparelho onde estava a gráfica clandestina do partido e, segundo Amado, para evitar que a própria polícia tirasse proveito “utilizando-a para imprimir material falso, para espalhá-lo nos meios operários, criando confusão”²⁹⁶, o comunista Orestes preferiu a morte e a destruição da gráfica.

O velho Onofre era amigo de Azeredo, pai de Mariana, ambos fundadores do Partido Comunista no estado de São Paulo e oriundos do movimento anarquista. Os amigos eram militantes devotados à causa comunista, e enxergavam em Mariana, o “próprio desenvolvimento de sua classe, o amadurecimento político, a sua marcha para diante”²⁹⁷.

O anarquismo, nos romances de Amado, é posto como movimento político superado. Os personagens amadianos que eram anarquistas, sempre são apresentados como imigrantes e pessoas idosas, que abandonaram o anarquismo em favor do Partido Comunista. A imagem que temos desses personagens, são de sujeitos *convencidos* de que a militância sustentada na espontaneidade e no individualismo não agregava forças/poderes ao proletariado e, por assim, aderiram à agremiação *do* proletário com seu caráter disciplinador e coletivo. O ex-militante anarquista amadiano é sempre posto como um comunista devotado à causa e bastante responsável com suas atividades; é colocado com bom exemplo.

Amado, ao contrário dos comunistas da década de 1920, não coloca os anarquistas como inimigos da classe, pois estes não existem mais ou não atuam no cenário político²⁹⁸. Parece que estes, de forma homogênea, aderiram ao Partido Comunista. A imagem do *grande* inimigo da classe no início do século XX e as várias divergências existentes são suprimidas, busca-se a construção do esquecimento, ocultando, assim, o significado do pensamento anarquista no início do movimento operário no Brasil. Parece que para os comunistas, através da Literatura amadiana, o *verdadeiro* movimento operário no Brasil só surge após a fundação do Partido Comunista.

²⁹⁵ AMADO, Jorge. **Os Subterrâneos da Liberdade**: Os ásperos tempos. Rio de Janeiro: Record, 1978, p. 364.

²⁹⁶ Idem, p. 360.

²⁹⁷ Idem, p. 262.

²⁹⁸ Curiosamente a única referência de alguém “anarquista” na década de 1930 é Plínio Salgado que, “em 1931 está mascarado de anarquista, fala em Prestes” (*O Cavaleiro da Esperança*, 1987, p. 251), posteriormente, um adesista do fascismo, que fundou a AIB.

Mas, a possível *adesão em bloco* dos antigos inimigos, não significa a extinção dos inimigos de classe. A partir do final da década de 1920, emerge no Brasil o *trotskismo*. Os reflexos das disputas e, posteriormente, das *depurações* internas ocorridas na URSS têm conseqüências tardias no movimento comunista brasileiro. A princípio, *trotskista* seria um adjetivo usado constantemente para os elementos expulsos através do processo de bolchevização/obreirismo ocorrido no PCB. A maioria dos *execrados* era considerada da ala dos “intelectuais”, aqueles que não aderiram por completo à moral operária, indivíduos denominados como “pequeno-burgueses”.

Nos romances de Amado, os trotskistas não atuam em organizações ou partidos próprios; eles estão dentro do próprio PCB, tentando destruí-lo, ou, atuando pelas margens, atacando o *Partido do proletariado*. Os trotskistas amadianos não dirigem sindicatos e muito menos são trabalhadores de fábrica, eles são profissionais liberais de origem *pequeno burguesa*.

Como exemplo de trotskista, Amado nos apresenta, em *Os Subterrâneos da Liberdade*, o personagem Saqüila, um jornalista que compunha a direção do Partido Comunista em São Paulo e foi expulso devido à sua *traição* por apoiar o grupo de Armando Sales numa tentativa de golpe de estado após a instauração do Estado Novo. Em uma reunião do Partido, o dirigente operário, Ruivo, expõe a seguinte lição de moral ao jornalista que desejava apoiar o governador paulista.

- Há muito tempo que não ouço tanto absurdo junto: o justo é o *putsch* e não a luta de massas, o certo é ir na balada da burguesia e não colocar a direção da luta na mão da classe operária, substituir os mineiros e os gaúchos por Flores Cunha, os operários de São Paulo por Armando Sales e assim por diante. Você, Saqüila, é um homem que leu Marx, Engels, O Capital completo, obras de Lenin e Stalin [...] É o mal de vocês, intelectuais metidos num gabinete a devorar marxismo, distante das massas. Em vez de se alimentarem de teoria para melhor agir na prática, vocês indigestam e depois só fazem besteira ...²⁹⁹

Saqüila não segue a orientação do dirigente operário. Por assim, ele será expulso do Partido e denominado de “traidor, um inimigo, um agente da polícia”³⁰⁰. O Partido é sempre posto como um agente justo, pois seguia a tradição do Partido Bolchevique Russo que *desmascarou* Trotsky e os velhos membros do Partido durante os processos de

²⁹⁹ Idem, p. 201.

³⁰⁰ Idem, p. 285.

Moscou³⁰¹. Agentes da burguesia e da polícia repressora, assim são tratados os inimigos dentro da classe. Mesmo que Saquã, durante o romance, não assumisse ser seguidor de Trotsky, ele é posto como tal, por ser colaborador das *forças reacionárias*.

Existe nos romances militantes de Amado um medo significativo dos *trotskistas*. Eles são sujeitos de bom convencimento, que conseguem atrair indivíduos de boa índole, *envenenando*, assim, o Partido. Para o escritor, como para os dirigentes do PCB da época, os discípulos de Trotsky são os *reais traidores* da classe trabalhadora, pois reivindicam o marxismo, mas o deturpam; participaram do Partido Bolchevique e da homérica Revolução Russa, mas, naqueles anos de ascensão do fascismo, atacavam o Partido e os *caminhos trilhados* pela Revolução. As citações de Amado, quanto aos trotskistas, colocam-nos como elementos *perdidos, agentes do capital*, de impossível regeneração política, diferente do anarquista, de origem não marxista, que antes de se aliar à burguesia aderiu ao *único partido* do proletariado, o PCB.

O cabo Juvêncio, personagem de *Seara Vermelha*, que participara do movimento armado em Natal, durante o princípio de sua militância no Partido, teve contato com o texto “ABC do comunismo”; mas, durante o início da leitura do mesmo, seu companheiro lhe *salvou*, evitando o *envenenamento*, rasgando o livro que seria de orientação trotskista. Com tal atitude, seu companheiro alegou: “-Pra não envenenar outro companheiro...”. Na seqüência, falou “sobre Trotsky e o mal que ele fizera à revolução. Como os trotskistas sabotavam o esforço do Partido e traíam a classe trabalhadora” e, para concluir, afirmou: “-Trotskista e policial é a mesma coisa”³⁰².

O próprio Luiz Carlos Prestes afirmou ter sido envenenado/enganado pelos *traidores* quando lançou o manifesto do LAR, alegando que alguns intelectuais brasileiros de idéias trotskistas o influenciaram e, por isso, o texto apresentava “posições esquerdistas, sectárias e inclusive tipicamente trotskistas”. Mas, após a sua aproximação do Secretariado Latino Americano da Internacional Comunista, ele conseguiu livrar-se “de influências estranhas e converter-se em soldado do único movimento revolucionário conseqüente, do movimento operário e comunista”³⁰³, o PCB.

³⁰¹ Idem, p. 286.

³⁰² AMADO, Jorge. **Seara Vermelha**. São Paulo: Livraria Martins Editora, s/d, p. 228.

³⁰³ PRESTES, Luiz Carlos. “**Como Cheguei ao Comunismo**”. In: Cultura Vozes. Petrópolis: n° 2. Março-Abril, 1998, p. 147.

4.2.6. O inimigo.

A grande força que ameaçava o amanhã próspero era o nazifascismo. Antiliberal e anticomunista, o fascismo internacional tinha em Hitler e na Alemanha o exemplo de superação econômica e moral de um povo. No Brasil, logo após a ascensão de Mussolini, na Itália, surgiam as primeiras organizações de perfil fascista, que, posteriormente, se aglutinariam em torno da AIB e de Plínio Salgado. Denominados de Integralistas e apelidados de “camisas verdes”, o movimento cresce rapidamente no princípio dos anos 1930.

Em contrapartida, surge a ANL, os “aliancistas”, sobre a orientação dos comunistas e do Movimento Tenentista. Segundo Amado, esse “não era um movimento de aventureiros e traidores”³⁰⁴, mas, sim, um movimento que possuía Luiz Carlos Prestes à frente, lançando suas palavras de ordem contra “o imperialismo, contra o latifúndio, contra a escravidão dos campos e da cidade, pela libertação do povo brasileiro”³⁰⁵.

A Revolução de 1930 seria, para Amado, uma contradição e seria nessa contradição que Getúlio Vargas sustentaria seu poder. De um lado estaria os Tenentes “que haviam compreendido perfeitamente que a Coluna despertara o país, deixara o germe da revolta no povo explorado” e, de outro, “o imperialismo. O dinheiro americano, entrando para as arcas da revolução”³⁰⁶. Isto é, o Governo Vargas, em seu princípio de gestão, detinha em seu interior forças progressistas e reacionárias, seria um *governo em disputa*, segundo Amado.

Amado coloca que, antes que às disputas de *interesses* administrativos dos dois setores, Vargas prefere atender os compromissos assumidos com o imperialismo e as oligarquias, sendo que “pouco a pouco os reacionários ganham a hegemonia no governo”³⁰⁷. Tal situação, alega o literato, *empurraria* vários tenentes para o fracassado Movimento Constitucionalista de 32, impulsionado pelos paulistas e financiado pelos ingleses, com o interesse de “ganhar terreno perdido para os ianques com o movimento de 30”³⁰⁸.

Amado denuncia: vários tenentes se venderam a Vargas e ao imperialismo norte-americano para garantir seus cargos dentro do Governo e, outros, se perderam no oportunismo das oligarquias paulistas em parceria com o imperialismo inglês. A fragmentação, a desunião e as *traições* aos princípios revolucionários enfraquecem o

³⁰⁴ AMADO, Jorge. **O Cavaleiro da Esperança**: a vida de Luiz Carlos Prestes. Rio de Janeiro: Record, 1987, p. 237.

³⁰⁵ Idem, p. 238.

³⁰⁶ Idem, p. 244.

³⁰⁷ Idem, p. 246.

³⁰⁸ Idem, p. 249.

tenentismo. A falta de coesão entre os *militares revolucionários* teve conseqüências nefastas na visão de Amado: emerge o Integralismo, que segue a política fascista, e o imperialismo alemão adentra ao Brasil com seus capitais e seus interlocutores dentro do Governo Vargas, em substituição aos tenentes. Quanto a Vargas, frente a essa situação, Amado disserta: “completara o primeiro ciclo da transformação do seu governo. Agora não mais se apoiava no povo e nos seus chefes “tenentistas”. Agora tinha como resguardo os latifundiários, os imperialistas, os fascistas”³⁰⁹.

A biografia do “Cavaleiro da Esperança” cria e afirma a seguinte imagem para os leitores: devido à delicada situação política, somente a ANL, aglutinando todos os setores *honestos e patrióticos*, tendo Prestes à sua frente, poderia *salvar* o povo brasileiro. É tal contexto que justifica a realização dos Levantes Armados de 1935.

Amado, seguindo possivelmente a visão do PCB, mostra que Vargas não aderiu às nações do Eixo na Guerra graças à rejeição do povo ao fascismo. Essa postura do povo, segundo Amado, seria um mérito da Aliança Nacional Libertadora que soube educá-lo. E profetiza: “O apoio do governo ao Eixo tê-lo-ia derrubado”³¹⁰.

Os comunistas, como a Literatura de Amado, tinham o fascismo como seus inimigos de morte, algo irreconciliável. Diferente da imagem dada a Vargas, aos Estados Unidos, à Inglaterra e às demais nações e personalidades de cunho *liberal burguês* - esses até poderiam ser aliados, desde que fossem inimigos do fascismo. Por assim, foi destituída a imagem de países capitalistas e de inimigas das URSS. Tais nações possuíam a dupla face na leitura dos comunistas: imperialistas, mas democráticas.

Enquanto isso, Vargas é apresentado na biografia de Prestes como um inimigo em *fase de regeneração*. A sua conduta de apoiar os Aliados lhe possibilita a redenção, mas, Amado adverte que, para obter o perdão e confiança do povo algumas posturas deveriam ser tomadas.

[...] terá que forçosamente que modificar os rumos da política interna do país. Desmascarar os quinta-colunistas, os elementos nazis, os advogados japoneses, os criados da Embaixada Italiana. Terá que democratizar o país, não se pode combater o fascismo tolerando-o em casa. Terá que anistiar os líderes antifascistas que estão presos exatamente porque se levantaram no Brasil contra o perigo fascista³¹¹.

³⁰⁹ Idem, p. 253.

³¹⁰ Idem, p. 345.

³¹¹ Idem, p. 346.

Com tal postura, os comunistas e aliancistas e, especialmente, Prestes são apresentados, na narrativa amadiana, como seres de uma grande bondade humana, pois souberam perdoar seu inimigo próximo por causa da derrota das *forças das trevas*, o fascismo. Os *ressentimentos*, as *humilhações* e o *ódio social* a Vargas, poderão ser esquecidos, desde que ele se arrependa e se converta plenamente como um legítimo e completo soldado das *forças do bem*.

Para Fernando Morais, a representação do inimigo se convergia nas atitudes repressivas, sendo assim, o fascismo e seus cúmplices são os grandes inimigos, um mau exemplo a ser seguido pelos governos e seus governantes. Morais, por descrever um passado que tem certa distância no tempo presente, não possui as mesmas preocupações de Amado em querer dar respostas ao leitor sobre o que fazer naquela determinada situação.

Apesar de possuir a preocupação de narrar os detalhes da tortuosa vida de Olga, Morais não ataca diretamente a pessoa de Vargas, mas o seu Governo, em que havia integrantes pró-nazismo: Filinto Müller, Chefe de Polícia; José Carlos de Macedo Soares, Ministro das Relações Exteriores e Moniz de Aragão, Embaixador do Brasil na Alemanha, dentre outros, que são apresentados pelo escritor como agentes do fascismo e da repressão no Brasil. Para impressionar o leitor, Morais expõe dados do difícil cotidiano repressivo pós-levantes de 35.

Em quatro meses a polícia realizara 3250 detenções para averiguações, 441 buscas domiciliares (eufemismo utilizado para designar as invasões de residências, em geral à noite, sem mandato judicial), e tinha levado aos xadrezes pouco mais de 3 mil pessoas, sendo 901 civis e 2146 militares. Tudo isso apenas na jurisdição oficial de Filinto, isto é, a cidade do Rio de Janeiro³¹².

Morais também não foge da descrição dupla de Vargas: num primeiro momento, cúmplice dos elementos pró-fascistas em seu Governo, no que se refere à legitimação da repressão através de Leis e da instauração da Ditadura do Estado Novo, além da entrega de Olga e de outras *judias indesejáveis* ao nazismo alemão e, em outro momento, um adesista aos Aliados na luta contra o nazismo.

Ao final do livro, Morais faz um esforço para “não tomar partido” nas polêmicas sobre a (re)afirmação de apoio do PCB a Vargas no pós-guerra. Ele descreve apenas as posições dos

³¹² MORAIS, Fernando. *Olga*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004, p. 150.

prós e contras, mas dá uma atenção significativa a tal polêmica³¹³, pois na sua narrativa existe uma expectativa sobre a postura a ser tomada por Prestes no campo político e afetivo. A biografia de Olga não termina com o seu assassinato pelos nazistas, mas com Prestes sabendo da morte da esposa, logo após um comício em São Paulo em que ele defendeu a “Unidade Nacional”, com Vargas à frente do Governo.

4.2.7. Diferenças entre os gêneros na moral do Partido operário.

Não existe a imagem da mulher dirigente partidária nos romances de Amado. A mulher pode ser comunista e pode organizar a greve em seu local de trabalho. Ela não é lesada no direito de atuar no Partido proletário, pois ela é uma proletária. Mas, antes de tudo, a mulher comunista tem que dar o exemplo de boa esposa, boa mãe, boa filha etc. às demais companheiras de gênero.

A mulher, quando é casada com um comunista, tem que ser digna desse *devotado* homem e compreender seus sacrifícios. Quando o casal é comunista, a mulher tem que ser digna de pertencer ao Partido e ao seu marido, amando e sendo fiel a ambos.

Amado coloca que o amor exemplar de Olga por Prestes é carregado de sacrifícios e privações, pois seu marido é um Herói destinado a lutar pela liberdade dos homens. Seguindo esse destino, as mulheres de dirigentes revolucionários “têm que possuir apenas instantes do esposo. A liberdade e a poesia são coisas dos homens, os prendem para sempre”. Não cabe a mulher o *status* de Herói, mas de *esposa heróica*, pois a ela cabe a compreensão e, que a mesma, “saiba viver a vida do marido”³¹⁴.

Para Amado, naqueles anos tenebrosos de ameaça fascista e de ditadura no Brasil, a mulher tinha que se preparar para as horas mais duras de sofrimento e ter “dignidade igual à do seu esposo. Como tem sabido ter Olga Benario Prestes”³¹⁵.

Olga é apresentada ao leitor como uma herdeira de Anita Garibaldi, mulher honrada que “acompanhou o italiano José Garibaldi em todos os combates”³¹⁶. Em uma colocação de cunho machista, Amado coloca o relacionamento entre Olga e Prestes como um quitar de dívida da Europa com o Brasil.

³¹³ Moraes nos coloca, que o próprio Amado liderou um grupo de intelectuais em São Paulo contra a posição do Partido em continuar apoiar o Governo Vargas (2004, p.237).

³¹⁴ AMADO, Jorge. **O Cavaleiro da Esperança**: a vida de Luiz Carlos Prestes. Rio de Janeiro: Record, 1987, p. 287.

³¹⁵ Idem, p. 243.

³¹⁶ Idem, p. 242.

Agora a Europa paga ao Brasil essa dívida antiga. Como o Herói da Itália encontrara no Brasil a sua esposa e companheira, a que defendia sua vida com a força do seu amor, assim, o Herói do Brasil encontrara na Europa a esposa e companheira, a que o protegerá nesses dias da revolução, a que, como Anita, está sempre junto dele, nos momentos mais difíceis. Anita Garibaldi. Olga Benario Prestes! Deixa que eu junte esses dois nomes, amiga! Eles soam da mesma maneira, representam um destino igual. O destino das esposas heróicas, daquelas que casaram com homens cuja vida pertence à liberdade³¹⁷.

Na biografia de Prestes, Olga não é apresentada como componente do quadro profissional treinado pela III IC. Não existem referências sobre seu passado militante na Alemanha e na URSS. Somente com o livro de Moraes e, posteriormente, com outras biografias, artigos e o filme de Jayme Monjardim é que Olga ganha uma projeção independente da figura de Prestes.

Fernando Moraes projeta a imagem de Olga e lhe dá uma identidade própria. Mas, em contrapartida, sua narrativa é sustentada no romance afetivo de duas grandes personalidades revolucionárias: Olga e Prestes. E, é assim que se inicia o livro, com um capítulo introdutório para Olga, “Berlim, Alemanha abril de 1928”, narrando a ousadia dela em tirar Otto Braun da prisão, e outro para Prestes, “Buenos Aires, Argentina, abril de 1928”, (re)afirmando o heroísmo da Coluna Prestes. A continuidade da narrativa expõe o encontro de dois seres generosos, que dedicavam suas vidas a uma causa honrosa, o sentimento e a vida amorosa do casal foram sacrificados pelo inimigo reacionário e seus cúmplices.

Utilizando várias correspondências trocadas entre ambos, durante os anos de prisão, Moraes mostra um casal extremamente amoroso, preocupado com o futuro da filha e do relacionamento. Um mundo muito distante das imagens dogmáticas do revolucionário em busca da ação e da mulher passiva e compreensiva que foram construídas por Amado.

O Cavaleiro da Esperança é o único livro de Amado em que ele destina alguma atenção especial a Olga. Nos seus outros romances militantes, as poucas referências existentes são sobre a *mulher de Prestes*, que foi entregue aos nazistas por Vargas. Nem em seu livro de memórias, *Navegação de Cabotagem*, o escritor cita Olga.

A resposta ao silêncio de Amado e do Partido em torno da imagem de Olga está explícita na própria biografia, escrita por Moraes ao final do livro: o polêmico apoio do PCB e de Prestes a Vargas, o amigo do inimigo, que entregou Olga para a morte e que torturou e assassinou vários opositores, inclusive vários correligionários de agremiação. O

³¹⁷ Ibidem.

mesmo silêncio dado a Olga é conferido à própria mãe de Prestes, Dona Leocádia, que morreu no exílio lutando pela libertação do filho e da nora³¹⁸.

Quando Amado escreveu *O Cavaleiro da Esperança*, Olga, assim como Dona Leocadia, ainda não haviam falecido. Muito menos o escritor esperava que a orientação de Moscou e do Partido fosse de continuidade/unidade com as forças anti-fascistas no pós-guerra, principalmente em relação a Vargas, que estava com seu Estado-Novo nos últimos suspiros. Por isso, se explica o porquê Olga e Leocadia só aparecem com intensidade na Literatura amadiana no livro em que Jorge Amado faz a biografia de Prestes.

4.2.8. A fracassada insurreição, o sofrimento e o futuro promissor.

Foi um fracasso o Levante Armado de 1935. Poucas guarnições se insurgiram e nenhuma greve ou brigada operária foi constituída. Não houve adesão de populares e poucos oficiais aderiram ao movimento. Foram revoltas de quartéis com impacto em apenas três capitais brasileiras. O destino promissor, da instauração de um Governo Popular Nacional Revolucionário no Brasil, foi adiado.

Prestes e os enviados da III IC não conseguem cumprir a grande missão que lhes foi destinada: a Revolução no maior país da América Latina. O projeto de uma nação socialista não cruza o Atlântico e a URSS não ganha um *irmão* latino. Mas, a culpa da *catástrofe* revolucionária não cai no “Herói” ou nos “Amigos” vindos do estrangeiro, apesar de Prestes ter assumido todas as responsabilidades dos Levantes. A culpa, no imaginário dos comunistas, é de “Miranda”, do Secretário Geral do PCB, que não soube avaliar as circunstâncias repassando informações erradas ao Partido e à III IC.

Morais reafirma essa postura, afirmando que, em conversas com Prestes e Rodolfo Ghiodi, Olga questiona a capacidade de Miranda.

Ela não entendia, por exemplo, como Miranda [...] pudera chegar a secretário-geral do partido, exercendo influência e autoridade sobre tantos intelectuais e militantes com uma longa história de lutas. E embora estivesse no partido há menos de dois anos, era ele quem dava as cartas, com poder cada dia maior³¹⁹.

³¹⁸ Segundo Anita Leocadia Prestes, Vargas proibiu a ida de Prestes ao México para o enterro da mãe, mesmo com o pedido pessoal do Ministro da Defesa do México que garantiu que Prestes voltaria à prisão no Brasil. “Getúlio Vargas sequer respondeu. Quatro dias e quatro noites o povo mexicano aguardou a resposta, em respeitosa vigília” (Luiz Carlos Prestes: patriota, revolucionário e comunista, 2006, pp. 38-39).

³¹⁹ MORAIS, Fernando. **Olga**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004, p. 85.

O biógrafo, de certa forma, assume essa postura para si e alega que Prestes não tomava decisões, cabia ao “Cavaleiro da Esperança” apenas executar, na ANL, as ordens do Partido. Segundo o escritor, a orientação “era de trabalhar com afinco para a insurreição que Miranda tanto anunciara aos dirigentes soviéticos”³²⁰.

Na biografia de Prestes, Amado mostra que o fracasso da revolta foi devido à precipitação do movimento e ao sentimento de companheirismo dos sulistas com os revoltosos do Nordeste.

[...] os aliancistas saem em defesa dos homens do nordeste que lutavam pelo governo popular-revolucionário. A precipitação do movimento revolucionário iria sem dúvida, como realmente o fez, dar, com o seu fracasso, uma nova força à reação. Porém, por outro lado, a Aliança Nacional Libertadora não podia deixar de correr em defesa do povo de armas na mão lutando no nordeste pela liberdade. Prestes não podia, sem trair a confiança que nele depositaram, deixar de acudir ao apelo que os revolucionários de Natal e Recife lhe faziam³²¹.

Para Moraes, “a revolução [insurreição no Rio de Janeiro] começou às três da madrugada e acabou à uma e meia da tarde”³²². Depois a repressão assolou o país, com milhares de prisões, torturas e, conseqüentemente, com a deportação, e o assassinato de Olga na Alemanha. Tanto para o biógrafo de Olga, como para o de Prestes, os detalhes da derrocada do Levante não são fatos de grande importância, mas, sim, os tristes dias de repressão e tortura, além do sentimento de dias melhores com a vitória das *forças progressistas* sobre o fascismo.

Nesse sentido, após os Levantes, iniciam-se os *ásperos tempos*³²³. Momento de grande sofrimento e provação revolucionária. É a situação no qual a fé do revolucionário teve que ser superior a qualquer sacrifício. A qualquer dor. Mesmo que fosse a mais bárbara tortura a ser praticada contra um homem. O comunista verdadeiro não pode abandonar o Partido nessas horas difíceis, nem delatar detalhes de revolucionários e companheiros às forças reacionárias, por mais que isso custe a sua vida e a de próximos. O Partido deve ser protegido a todo custo.

Recomeça a ilegalidade extremada. O Partido e seus militantes, como sugere o título do romance de Amado, têm que trabalhar nos “subterrâneos da liberdade” e

³²⁰ Idem.

³²¹ AMADO, Jorge. **O Cavaleiro da Esperança**: a vida de Luiz Carlos Prestes. Rio de Janeiro: Record, 1987, p. 267.

³²² MORAIS, Fernando. **Olga**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004, p. 93.

³²³ Referência ao sub-título do volume primeiro de *Os Subterrâneos da Liberdade*.

saber vencer os desafios da *agonia da noite*³²⁴ para encontrar a *luz no túnel*³²⁵ que os levassem à liberdade e, posteriormente, à vitória na luta pelo poder.

Para Amado e Moraes, seus biografados são grandes exemplos de superação das dificuldades. Apesar das torturas, da privação e da saudade, Prestes e Olga nunca se desesperam, possuindo uma fé inabalável na prosperidade do futuro. Com a prisão de ambos e com a entrega de Olga, grávida, aos nazistas, a história dos biografados se torna sagrada, sacrifício que deve ser reverenciado por toda a militância como prova de amor ao Partido, à Revolução e à luta contra o(s) fascismo(s).

Em Jorge Amado, o sacrifício teve resultados: a militância do Partido Comunista nunca se rendeu e mesmo atuando nos *subterrâneos* da ilegalidade, conseguiu guiar o povo na luta contra o fascismo, levando Vargas a declarar guerra ao Inimigo. E o escritor anuncia: “Já vem a liberdade, amiga, se aproxima o fim da noite”³²⁶. E, mesmo mantido ainda preso, Prestes aponta o caminho para o Brasil ajudar a liquidar o inimigo comum dos povos: “-Decretar a mobilização agora mesmo; alistar cem mil, duzentos mil homens; colocar toda a nação em armas”³²⁷.

Mesmo com o assassinato da sua biografada, Moraes visualiza a superação. O nazifascismo caiu. Vargas anistiou os presos políticos, restabeleceu relações diplomáticas com a URSS, sinalizava-se o processo de legalização do PCB e abriu-se o processo de redemocratização no país, prometendo uma nova Constituinte e eleições gerais e diretas. Além disso, Prestes e o PCB demonstram sua força política, através dos grandes comícios realizados no Pacaembu, São Paulo, nos quais, segundo Moraes, “calculava-se que havia mais de 100 mil pessoas”³²⁸ e, outro, “seu primeiro comício público para 80 mil pessoas no estádio do Vasco da Gama no Rio de Janeiro”³²⁹.

³²⁴ Referência ao sub-título do volume segundo de *Os Subterrâneos da Liberdade*.

³²⁵ Referência ao sub-título do volume terceiro de *Os Subterrâneos da Liberdade*.

³²⁶ AMADO, Jorge. **O Cavaleiro da Esperança**: a vida de Luiz Carlos Prestes. Rio de Janeiro: Record, 1987, p. 346.

³²⁷ Idem, p. 347.

³²⁸ MORAIS, Fernando. **Olga**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004, p. 238.

³²⁹ Idem, p. 236.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As imagens e os sentimentos, formulados por indivíduos ou grupos sociais, de Luiz Carlos Prestes e de Olga Benario possuem diversas facetas. Certamente, o trabalho exposto, não conseguiu abranger todas as construções representativas em torno dos personagens, mas, o uso da Literatura como gênero que dialoga com a História emitiu a possibilidade de rever a historiografia.

É fato: muito já se escreveu sobre o movimento comunista e, especialmente, sobre Prestes e sua vida, mas, o que se percebe, é o esquecimento pairando sobre sua imagem. A Queda do Muro de Berlim e o fim da URSS significaram, para muitos, o triunfo do sistema capitalista e o fim das ideologias que pregam uma sociedade igualitária. Mitos e poderosas organizações estão se dissolvendo nos atuais dias de *vida líquida* em que se perpetua o regime neoliberal.

O *diagnóstico* proferido por Zygmunt Bauman, apesar de cético, reflete uma realidade da contemporaneidade: o desengajamento. Não faço referência, de forma exclusiva, à atuação racionalizada na política, mas também a rejeição dos sujeitos em determinados campos das afetividades. Os sentimentos de pertencer a determinado grupo social e as escolhas identitárias visando um perfil ou permanência a longo prazo parecem atitudes obsoletas. Parece que a dinâmica do mundo contemporâneo é a *metamorfose orgânica*, na qual, aparentemente, não existem regras a serem ditadas.

A participação na disputa por modelos identitários que (re)pensem o Brasil não é uma constante na vida do brasileiro e, muito menos, é uma preocupação para a maioria dos partidos institucionalizados no país. Nem os trabalhadores, através de seus sindicatos - *os portadores da nova moral*, como alegavam os comunistas e seu Partido -, estão preocupados, em sua maioria, com a identidade da própria classe, sendo que muitas dessas organizações estão afundadas na burocracia e na corrupção.

A atual situação gera o *esquecimento histórico*, e, nele. O esquecimento das imagens de personalidades ligadas à política institucionalizada. No Brasil, personalidades com características semelhantes às de Prestes e Olga não atraem mais seus milhares de simpatizantes e seguidores para as ruas. A desconfiança e o descrédito nos ditos “heróis” nacionais se tornou um *sentimento comum*, para parte significativa do povo brasileiro.

O (re)aparecimento da(s) imagem(ns) de Olga nos últimos anos não é um fenômeno que parte do engajamento político coletivo. Não existe uma resposta clara ao fato,

mas vários fatores podem justificar, ou, iniciar uma análise sobre a simpatia das pessoas a essa personagem: o retorno do *sentimento feminista*, o *dever de memória* com as vítimas do fascismo e das ditaduras brasileiras etc.

Infelizmente, a aproximação no tempo, dificulta o historiador a dar um parecer mais preciso sobre as elaborações das imagens de Prestes e Olga na contemporaneidade, apontando, neste caso - nessa pesquisa - apenas deduções e descrições na atuação de alguns segmentos. Nesse sentido, cabe, às pesquisas futuras, agregar mais dados e análises, que nos poderão dar respostas mais qualificadas.

Apesar das críticas expostas nesse trabalho, não houve a intenção de desqualificar o engajamento político de Luiz Carlos Prestes e de Olga Benario e, muito menos, de seus biógrafos, Jorge Amado e Fernando Morais. Também não existe o intuito de colaborar no falso consenso de proclamar o fim das utopias igualitárias. Mesmo detectando o *desengajamento* nos dias atuais, os exemplos de perseverança e fé num futuro promissor, existentes em Prestes e em Olga, devem ser tomados como exemplo, caso queiramos almejar dias melhores. Nesse sentido, fica a lição, de aprender com os erros do passado, para repensar o presente e construir o nosso desejado futuro.

FONTES:

AMADO, J. **O Cavaleiro da Esperança**: a vida de Luiz Carlos Prestes. Rio de Janeiro: Editora Record, 1987.

MORAIS, Fernando. **Olga**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

FONTES SECUNDÁRIAS:

AMADO, Jorge. **ABC de Castro Alves**. São Paulo: Editora Martins, s/d.

_____. **Cacau**. São Paulo: Editora Martins, 1961.

_____. **Farda, Fardão e Camisola de Dormir**: fábula para ascender uma esperança. Rio de Janeiro: Editora Record, 1979.

_____. **Jubiabá**. São Paulo. Editora Martins, s/d.

_____. **O País do Carnaval**. São Paulo: Editora Martins, 1961.

_____. **Os Subterrâneos da Liberdade**. Rio de Janeiro: Editora Record, 1978.

_____. **Seara Vermelha**. São Paulo: Editora Martins, s/d.

_____. **Suor**. São Paulo: Martins, 1961.

CADERNOS DO TERCEIRO MUNDO. **Prestes**. O futuro do socialismo: A última entrevista. Boa Vista, Manaus. Edição n° 129. Ano XII. s/d, pp. 48-59.

PCB, CCLCP e Refundação Comunista. (Orgs). **Jornal do Fórum de Unidade dos Comunistas**. Rio de Janeiro, janeiro de 2006.

PRESTES, Anita Leocadia. Uma estratégia da direita: acabar com os “mitos” da esquerda (A propósito do filme documentário “O Velho - A História de Luiz Carlos Prestes”). In: Cultura Vozes. **Imagem, a Arte do Simulacro**. Petrópolis: n° 4. Julho-Agosto, 1997

PRESTES, Luiz Carlos. Manifesto de 1930. Diário da Noite, São Paulo, 2ª edição, 29/05/1930. In: PRESTES, Anita Leocádia. **A Coluna Prestes**. São Paulo: Brasiliense, 1991.

_____. **“Como Cheguei ao Comunismo”**. In: Cultura Vozes. Petrópolis: n° 2. Março-Abril, 1998.

_____. Manifesto de 5 de julho da Aliança Nacional Libertadora. Carta aos Comunistas. In: BOGO, Ademar (org.) **Teoria da Organização Política**. vol. II. São Paulo: Expressão Popular, 2006.

_____. **Povo de Santo Ângelo**. Manifesto dos militares rebelados em Santo Ângelo (RS), distribuído em 29/10/1924.

VENTURI, Toni. **O Velho**: a história de Luis Carlos Prestes. Filme documentário, 1997.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ANSART, P. História e memória dos ressentimentos. In: BRESCIANI, S., NAXARA, M. (Org.) **Memória e (res)sentimentos**: Indagações sobre uma questão sensível. Campinas: Editora da Unicamp, 2001.

BASTIDE, Roger. Sobre o romancista Jorge Amado. In: **Jorge Amado Povo e Terra**: 40 anos de literatura. São Paulo: Editora Martins, 1972.

BAUMAN, Zygmunt. **Identidade**. Rio de Janeiro: Jorge ZAHAR Editor, 2005.

BERGSON, Henri. **Matéria e Memória**: Ensaio sobre a relação do corpo com o espírito. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

BRESCIANI, Maria Stella Martins. **O Charme da Ciência e a Sedução da Objetividade: Oliveira Vianna entre intérpretes do Brasil**. São Paulo: Editora da UNESP, 2005.

BUZZAR, Rita de Cássia. “Olga”. In: STRAUSS, Dieter (et al). **Não Olhe nos Olhos do Inimigo**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.

Câmara dos Deputados. **Tomada de Depoimento de Fernando Gomes de Morais**. Conselho de Ética e Decoro Parlamentar. Processo nº 1373/03, em 14 de setembro de 2005.

CHARTIER, R. “Debate: Literatura e História”. In: **Topoi**, nº 01, Rio de Janeiro: UFRJ / 7 Letras, 2000. pp. 197-216.

_____. O Mundo como Representação. In: **Estudos Avançados**, 1991. pp. 173-191.

_____. “A História Hoje: dúvidas, desafios, propostas”. In: **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 7, n. 13, 1994. pp. 97 – 113.

_____. **História Cultural**: entre práticas e representações. Rio de Janeiro: Bertrand, 1990.

CERTEAU, Michel de. **A Escrita da história**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000.

DASSÚ, Marta. Frente Única e Frente Popular: O VII Congresso da Internacional Comunista. In: HOBBSAWM, Eric J. (org.). **História do Marxismo**. O Marxismo na época da Terceira Internacional: da Internacional Comunista de 1919 às Frentes Populares. Vol. VI. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

DE DECCA, Edgar. **1930. O Silêncio dos Vencidos**. São Paulo: Brasiliense, 1981.
_____. Tal Pai, qual filho? Narrativas da identidade nacional. In: CHIAPPINI, Lúgia e BRESCIANI, Maria Stella (orgs.). **Literatura e Cultura no Brasil: identidades e fronteiras**. São Paulo: Cortez Editora, 2002.

DÉLOYE, Ives. A nação entre identidade e alteridade: fragmentos da identidade nacional. In: SEIXAS, Jacy; BRESCIANI, Maria Stella e BREPOHL, Marion (orgs.). **Razão e Paixão na Política**. Brasília: Editora da Unb, 2002.

DENIS, Benoîte. **Literatura e Engajamento**. Bauru-SP: EDUSC, 2002.

DUARTE, Eduardo de Assis. **Jorge Amado: romance em tempo de utopia**. Rio de Janeiro: Record, 1996.

FERREIRA, Jorge. **Prisioneiros do Mito: Cultura e imaginário político dos comunistas no Brasil (1930 – 1956)**. Niterói-RJ: EdUFF, 2002.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. Rio de Janeiro: Graal, 2004.

FREYRE, Gilberto. **Manifesto Regionalista**. Série Cultura Geral, s/d.

GOMES, Álvaro Cardoso. (org.). **Jorge Amado: Literatura Comentada**. São Paulo: Editora Abril, 1981.

HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. São Paulo: Editora Revista dos Tribunais Ltda, 1990.

HÁJEK, Milos. A bolchevização dos Partidos Comunistas. In: HOBBSAWM, Eric J. (org.). **História do Marxismo VI: O Marxismo na época da Terceira Internacional: da Internacional Comunista de 1919 às Frentes Populares**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

HOBBSAWM, E. **Era dos Extremos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.
_____. **Era dos Impérios**. São Paulo: Paz e Terra, 2003.

JUNIOR, Caio Prado. **História Econômica do Brasil**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1990.

LEENHART, Jacques e PENSAVENTO, Sandra Jatáhy. (orgs.). **Discurso Histórico e Narrativa Literária**. Campinas, SP: Ed. UNICAMP, 1998.

LEITE, Edgar. **Luiz Carlos Prestes e Nosso Acerto com a História**. In: Cultura Vozes. Petrópolis: n° 2. Março-Abril, 1998.

LIMA, Luiz Costa. **O Controle do Imaginário: razão e imaginação no ocidente**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1984.

LUCA, Tânia Regina. **A Revista do Brasil: um diagnóstico para a (n)ação**. São Paulo: Editora da UNESP, 1999.

LUZ, G. A. “A insubordinação da História à Retórica: manifesto transdisciplinar”. In: **ArtCultura**, Uberlândia: EdUFU, 2005. pp. 10-2-110.

MAIO, M.C. e CYTRYNOWICZ, Roney. **Ação Integralista Brasileira: um movimento fascista no Brasil (1932-1938)**. In: FERREIRA, Jorge (org). **Brasil Republicano**. Vol. II. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

MORAIS, Fernando. **A Ilha: um repórter brasileiro no país de Fidel Castro**. São Paulo: Editora Alfa-Omega, 1981.

_____. GONTIJO, Ricardo; RIZUTTI, Alfredo. **Transamazônica**. São Paulo: Brasiliense, s/d.

_____. **Na Toca dos Leões**. São Paulo: Planeta, 2005.

_____. **Não às Usinas Nucleares**. São Paulo: Alfa-Omega, 1980.

MORAIS, D. & VIANA, F. **Prestes: Lutas e Autocríticas**. Petrópolis: Editora Vozes, 1982.

NABUCO, Joaquim. **O Abolicionismo**. Brasília: Editora da UNB, 2003.

NAXARA, Márcia Regina Capelari. **Cientificismo e Sensibilidade Romântica: em busca de um sentido explicativo para o Brasil no século XIX**. Brasília: Editora da UNB, 2004.

NIETZSCHE, Friedrich. **Segunda Consideração Intempestiva: Da utilidade e desvantagem da história para a vida**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2003.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História e literatura: uma velha-nova história**. In: COSTA, Cléria Botelho & MACHADO, Maria Clara Tomaz. **História & Literatura: identidades e fronteiras**. Uberlândia-MG: EDUFU, 2006.

PONTES, M.M.e. **Luiz Carlos Prestes Através do Romance “O Cavaleiro da Esperança” de Jorge Amado**. 90f. Monografia (Graduação em História) Universidade Federal de Goiás - Campus de Catalão, 2005.

_____. **Possíveis Olhares Sobre a Literatura**: produção, memória e identidade em *O Cavaleiro da Esperança* de Jorge Amado e *Olga*, de Fernando Morais. 67f. Monografia (Especialização em História do Brasil) Universidade Federal de Goiás, 2006.

PRADO, Paulo. **Retrato do Brasil**: ensaio sobre a tristeza brasileira. São Paulo: Companhia das Letras, 1998

PRESTES, Anita Leocádia. **A Coluna Prestes**. São Paulo: Brasiliense, 1990.

_____. & PRESTES, Lígia. (orgs.). **Anos Tormentosos**. Luiz Carlos Prestes: correspondência da prisão (1936-1945). Vol. 1, 2 e 3. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

_____. **Da Insurreição Armada (1935) à “União Nacional (1938-1945)**: a virada tática na política do PCB. São Paulo: Paz e Terra, 2001.

_____. **Luiz Carlos Prestes**: patriota, revolucionário e comunista. São Paulo: Expressão Popular, 2006.

_____. **Revolucionária Sem Perder a Ternura**. In: Nossa História, 2004.

RAILLARD, Alice. **Conversando com Jorge Amado**. Rio de Janeiro: Record, 1990.

REIS, José Carlos. **Escola dos Annales**. A inovação em história. São Paulo: Editora Paz e Terra, 2000.

RIBEIRO, Darcy. **O Povo Brasileiro**: a formação e o sentido do Brasil. São Paulo: Companhia das letras, 1995.

ROSE, R. S. **Uma das Coisas Esquecidas**: Getúlio Vargas e controle social no Brasil / 1930 – 1954. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

SACCOMANI, Edda. Fascismo. In: BOBBIO, Norberto (et al.) **Dicionário de Política**. Brasília: UNB, 1986.

SEGATTO, Antonio. **Breve História do PCB**. Belo Horizonte - MG: Oficina de Livros, 1989.

SEIXAS, Jacy Alves de. **Comemorar entre Memória e Esquecimento**: Reflexões sobre a memória histórica. Revista História: Questões & Debates, Curitiba: Editora da UFPR, nº32, jan-jun, 2000.

_____. **Halbwachs e a Memória-Reconstrução do Passado**, História, nº20, São Paulo: UNESP, 2001.

_____. Os campos (in)elásticos da memória: reflexões sobre a memória histórica. In: SEIXAS, Jacy A. BRESCIANI, M. Stella & BREPOHL, Marion (orgs.) **Razão e Paixão na Política**. Brasília: Ed. UNB, 2002.

_____. **Os Tempos da Memória**: (des)continuidade e projeção. Uma reflexão (in)atual para a história?, Projeção História, São Paulo: PUC/SP, 2002.

_____. Percursos de Memórias em Terras de História: Problemas atuais. In: BRESCIANI, S., NAXARA, M. (Org.) **Memória e (res)sentimentos**: Indagações sobre uma questão sensível. Campinas: Editora da Unicamp, 2001.

SILVA, Hélio. **1926. A Grande Marcha**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira S.A, 1971.

SOUZA, Octavio. **Fantasia do Brasil**: as identificações na busca da identidade nacional. São Paulo: Editora Escuta, 1994.

STRADA, Vittorio. Da “revolução cultural” ao “realismo socialista”. In: HOBBSAWM, Eric J. (org.). **História do Marxismo**. O Marxismo na época da Terceira Internacional: da Internacional Comunista de 1919 às Frentes Populares. v. 9. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

TAVARES, Paulo. **O Baiano Jorge Amado e sua Obra**. Rio de Janeiro: Record, 1982.

TRONCA, Ítalo. **Revolução de 30**: a dominação oculta. São Paulo: Brasiliense, 1982.

TROTSKY, Leon. **A Revolução Russa**. Conferência. São Paulo: Informação Editora, 1989.

_____. **Literatura e Revolução**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1989.

_____. **Programa de Transição**. São Paulo: Instituto José Luís e Rosa Sundermann. Cadernos Marxistas. 2004.

VEYNE, Paul Marie. **Como se Escreve a História**. Portugal – Lisboa: Edições 70, 1971.

_____. O indivíduo atingido no coração pelo poder público. In: Perspectivas do Homem. **Indivíduo e Poder**. Lisboa - Portugal: Edições 70, 1987.

VIANNA, Oliveira. **Instituições Políticas Brasileiras**. Belo Horizonte: Editora Itatiaia, 1987.

VIANNA, M. A. G. O PCB, a ANL e as insurreições de novembro de 1935. In: FERREIRA, Jorge (org.) **Brasil Republicano**. Vol. II. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

ZWEIG, Stefan. **Brasil País do Futuro**. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1941.

WHITE, Hayden. **Trópicos do Discurso**: Ensaio sobre a crítica a Cultura. São Paulo: EDUSP, 1994.

REFERÊNCIAS ELETRÔNICAS:

A Internacional Comunista e a Internacional Sindical Vermelha: a luta contra a Internacional Amarela de Amsterdã. Cadernos de Formação Marxista nº 3, Brasil Debates Editora, 2006, p. 02-3. Disponível em: <http://www.marxists.org/portugues/tematica/1921/07/3-cong-3-internacional/int-sindical-vermelha.htm>. Acesso em julho de 2006.

Endereço Eletrônico do PDT. <http://www.pdt.org.br> . Acesso em dezembro de 2007.

Entrevista de Edgar Rodrigues. Revista Utopia # 5 de Portugal. <http://www.nodo50.org/insurgentes/textos/brasil/11edgarentrevista.htm>. Acesso em julho de 2007.

Entrevista com Fernando Morais. http://www.cosmo.com.br/especial/cosmo_especial/conteudo/011205_espeical01.shrm Acesso em agosto de 2007.

Entrevista com Fernando Morais. <http://www.pritatininga.org/artigos2005/74/fernandomorias-bafafa.html>. Acesso em agosto de 2007.

Entrevista com Fernando Morais. www.sescsp.org.br/sesc/revistas/revistas_link.cfm?Edicao_Id=184&Artigo_ID=2800&IDCategoria=2873&reftype=2. Acesso em agosto de 2007.

História do PPS / PCB. http://www.pps.org.br/2005/index.asp?opcao=partido&inc_partido=historia&portl=. Acesso em dezembro de 2007.

Nossos Líderes. <http://pdt12.localweb.com.br/paginasmenu.asp?id=8>, em dezembro de 2007. Acesso em dezembro de 2007.